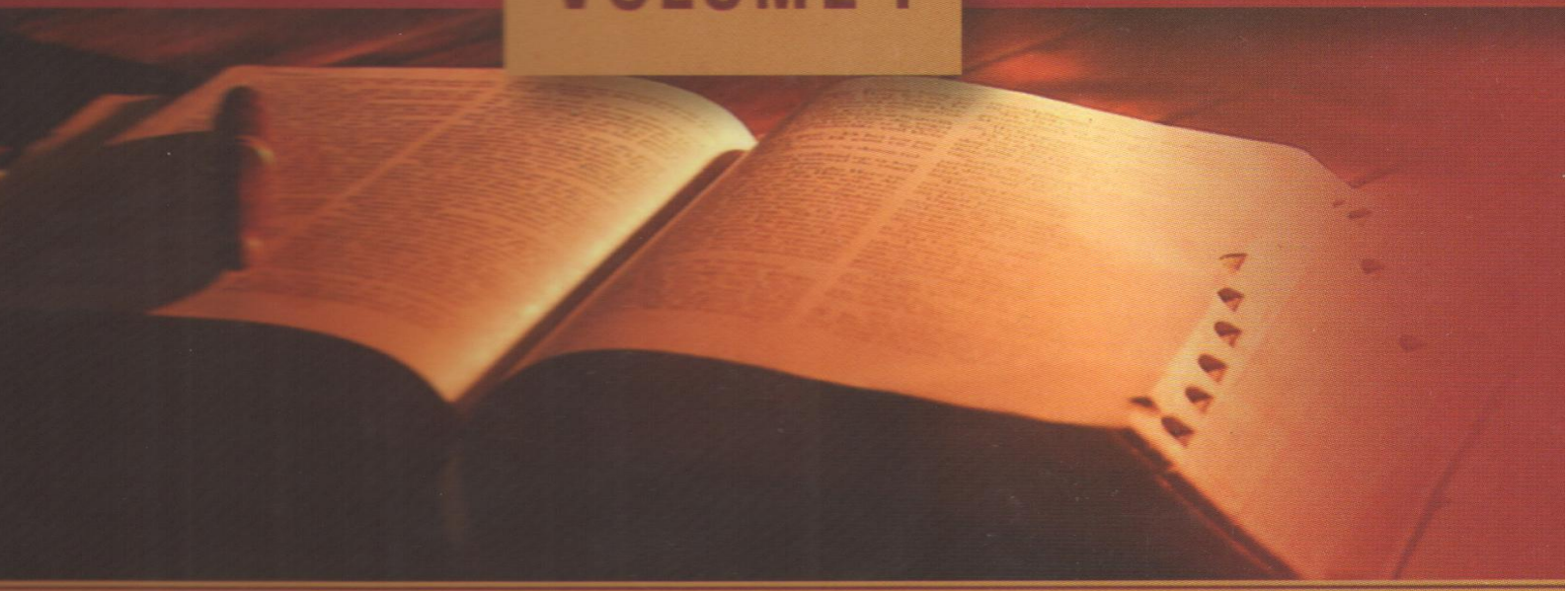
VOLUME I



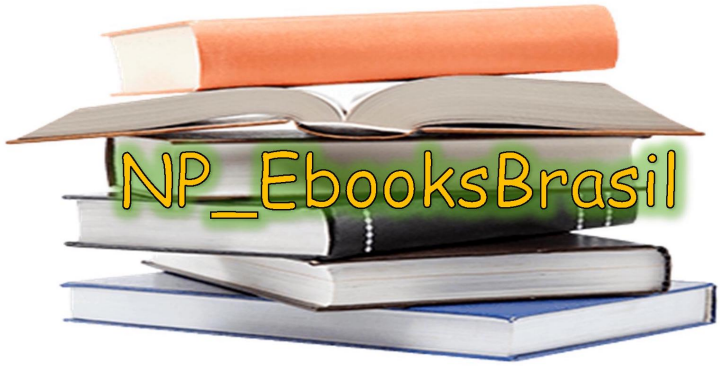
ENCICLOPÉDIA

ESTUDOS DE TEOLOGIA

AS PRINCIPAIS DOUTRINAS CRISTÃS COM
EXPLANAÇÃO DETALHADA E OBJETIVIDADE



Editora Semeie



ENCICLOPÉDIA
ESTUDOS DE TEOLOGIA

VOLUME I

ENCICLOPÉDIA
ESTUDOS DE TEOLOGIA

AS PRINCIPAIS DOUTRINAS
CRISTÃS COM EXPLANAÇÃO
DETALHADA E OBJETIVIDADE

Semeie

2013

Copyright © 2013 por Editora Semeie Ltda.

Categoria: Teologia / Bíblia / Igreja / Religião / Educação

Registro ISBN: 978-8-566804-00-3

1° Edição 2013

Diretor Geral: William A. Santos
Editor Geral: Jamierson Oliveira
Assessoria editorial: www.sotexto.com
Revisores: João Lira e Charlotte Mendez
Diagramador: Valdinei Gomes
Consultores: Waldo E. Newton, Dilma Camargo, William Santos, Jamierson Oliveira, Márcio Falcão.
Autores: Uma obra resultado de coletividade - ISETE - Instituto Semeie de Educação Teológica



NP_EbooksBrasil
Digitalizador

PREFÁCIO DA OBRA

"Por isso, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno. E isto faremos, se Deus o permitir"

(Hb 6.1-3)

Embora não seja uma preocupação dos autores bíblicos provar a existência de Deus, o ser humano, por si só, já possui uma percepção de Deus. Paulo diz, a respeito dos gentios: "Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu" (Rm 1.21).

E, aqui, está a maior lição que podemos aprender do estudo de Deus, ou do estudo teológico: conhecer o Senhor, para poder glorificá-lo. Não estudamos para sermos os melhores. Não estudamos para vencermos debates doutrinários! O próprio Deus nos capacitou de razão, para que fôssemos capazes de sondá-lo e conhecê-lo!

Inclusive, o próprio Deus se automanifesta por meio da natureza, do evangelho e da Pessoa bendita de Jesus Cristo. Tudo isso como se o Senhor mesmo insistisse em nosso contato com Ele: "Os céus declaram a glória de Deus e o

firmamento anuncia a obra das suas mãos" (Sl 9.1). Isto é, a história (a preservação do povo de Israel) e a personalidade do ser humano.

Mas, sempre haverá alguém se recusando a glorificá-lo. O Salmo 14.1 afirma o seguinte: "Disse o néscio no seu coração: Não há Deus. Têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não há ninguém que faça o bem".

Os cristãos, porém, não podem se conformar apenas com um conhecimento mediano, superficial. Como no texto acima, de Hebreus 6.1-3, somos desafiados a ir um passo além, a mergulharmos mais fundo, a escavarmos mais e mais, até gritarmos como o grande apóstolo dos gentios: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33,34)

Nesta obra, amado leitor e aluno, você é convidado a dar esse passo mais largo, a mergulhar nessas águas mais profundas! Estude-a com um espírito reverente, com um coração humilde e como se tivesse pedindo: "Fala, Senhor, que o teu servo ouve".

Tenha sempre uma Bíblia em mão. Leia todas as referências.

Os editores e os colaborares deste compêndio têm a firme convicção de que, fazendo assim, você será grandemente abençoado, terá sua vida edificada e estará mais bem capacitado para o ministério e a missão de compartilhar o evangelho com os pecadores!

Deus seja louvado!

—Jamierson Oliveira

Editor-geral

APRESENTAÇÃO GERAL

O objetivo desta obra é apresentar, ao estudioso da Bíblia, um acervo teológico com ênfase principal na exegese. ENCICLOPÉDIA ESTUDOS DE TEOLOGIA abrange vários temas importantes e contemporâneos.

Sua temática abrange assuntos da teologia sistemática e acadêmica. Apresenta ao leitor uma visão panorâmica sobre as divisões da teologia tais como:

Teologia natural

Restrita aos fatos a respeito de Deus, que se revelou no Universo ao nosso redor.

Teologia bíblica

Restrita à revelação bíblica de Deus. Sua única fonte é a Bíblia, independente de qualquer sistema filosófico ou ideias.

Teologia dogmática

Refere-se aos elementos da verdade teológica, pois são absolutamente certo.

Teologia prática

Função real da verdade na vida das pessoas. Certas crenças e doutrinas são consideradas verdadeiras se tão-somente funcionarem na vida de pessoas reais.

Teologia própria

É o estudo da pessoa de Deus, além de suas obras. Trata-se da existência de Deus e, também, da capacidade de as pessoas para conhecê-lo, de seus vários atributos e da natureza da Trindade.

São, aproximadamente, quarenta matérias, apresentadas de forma objetiva, de fácil leitura e compreensão. Em verdade, são assuntos estudados diariamente nas melhores faculdades e seminários de teologia do Brasil e do mundo.

Para os leitores primários, "leigos", ou seja, aqueles que não tiveram a oportunidade, ainda, de frequentar as salas de aula de um seminário bíblico ou de uma faculdade, ou, até mesmo, nunca tiveram contato com obras teológicas, Enciclopédia Estudos de Teologia é perfeita. Sua apresentação dos temas e abordagem dos assuntos hão de despertar nos leitores a busca pelo conhecimento mais profundo da Palavra de Deus.

Aos estudantes de teologia, professores, pastores em geral, esta obra veio para agregar e reforçar um profundo conhecimento sobre Deus e seu reino.

Queremos que, no final, o leitor, seja leigo ou intelectual, esteja disposto e encorajado a colocar em prática tudo aquilo que leu e aprendeu. Se conseguirmos alcançar esse propósito, seremos gratos a Deus e ficaremos felizes, porque este trabalho, de fato, não terá sido em vão!

— William A. Santos
Diretor-geral
Editora Semeie

DOUTRINA DA BÍBLIA

INTRODUÇÃO 25

CAPÍTULO 1
A Bíblia 27

CAPÍTULO 2
A inspiração das Escrituras 37

CAPÍTULO 3
O cânon das Escrituras 43

CAPÍTULO 4
Os idiomas originais da Bíblia 49

CAPÍTULO 5
Materiais usados 53

CAPÍTULO 6
Manuscritos 57

CAPÍTULO 7
Traduções da Bíblia 63

CAPÍTULO 8
As traduções para o português(*) 69

CAPÍTULO 9
A Bíblia no Brasil 75

DOUTRINA DE DEUS

Introdução 85

Capítulo 1
A existência de Deus 89

Capítulo 2
A natureza de Deus 93

Capítulo 3
A possibilidade de conhecer Deus 99

Capítulo 4
Teorias erradas sobre Deus 101

Capítulo 5
Nomes de Deus 107

Capítulo 6
Os atributos de Deus 119

Capítulo 7
Procedimento neste estudo sobre a Trindade 139

Capítulo 8
A base da Trindade 153

DOUTRINA DE JESUS

Capítulo 1
Doutrina de Jesus 169

Capítulo 2
Sua influência 173

Capítulo 3
Heresias contra a natureza de Jesus Cristo 179

Capítulo 4
Humanidade e divindade de Jesus 195

Capítulo 5
Nomes e natureza de Cristo 221

DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO

Capítulo 1
Definição de paracletologia 229

Capítulo 2
A natureza do Espírito Santo 231

Capítulo 3
A obra do Espírito Santo 245

Capítulo 4
Batismo com o Espírito Santo 249

Capítulo 5
Dons espirituais 269

DOUTRINA DO PECADO

Introdução 287

Capítulo 1
Definição de termos 291

Capítulo 2
A origem do pecado 293

Capítulo 3
O primeiro pecado humano 299

Capítulo 4
Consequências do pecado 303

Capítulo 5
A natureza do pecado 313

Capítulo 6
A universalidade do pecado 321

Capítulo 7
Graus de pecado 323

Capítulo 8
Remoção do pecado 329

DOUTRINA DA SALVAÇÃO

INTRODUÇÃO 339

CAPÍTULO 1
Definição de termos 343

CAPÍTULO 2
O propósito da salvação 345

CAPÍTULO 3
Consequências da morte de Cristo 349

CAPÍTULO 4
Elementos da salvação 355

CAPÍTULO 5
O lado humano da salvação 363

CAPÍTULO 6
Benefícios da salvação 369

DOUTRINA DA IGREJA

Introdução 379

Capítulo 1
Definição de termos 381

Capítulo 2
Metáforas que caracterizam a Igreja 385

Capítulo 3
Formas de governo da Igreja 389

Capítulo 4
Os oficiais da Igreja 393

Capítulo 5
Qualidades do obreiro 401

Capítulo 6
Ordenanças da igreja 417

Capítulo 7
Disciplina na igreja 427

DOUTRINA DOS ANJOS

Introdução 437

Capítulo 1
Terminologia 439

Capítulo 2
A origem dos anjos 443

Capítulo 3
A atividade dos anjos 453

Capítulo 4
Classificação dos anjos 463

Capítulo 5
Anjos caídos 473

Capítulo 6
A origem de Satanás 475

Capítulo 7
Os títulos e nomes de Satanás 479

Capítulo 8
A natureza de Satanás 487

Capítulo 9
Satanás e os demônios 491

Capítulo 10
A origem dos demônios 495

Capítulo 11
O destino de Satanás 497

GEOGRAFIA BÍBLICA

Capítulo 1
As civilizações pós-dilúvio 505

Capítulo 2
Quadro das nações 511

Capítulo 3
Nações cananeias 543

Capítulo 4
A Palestina no Novo Testamento 565

ESCATOLOGIA (DANIEL)

Introdução 571

Título 571

Capítulo 1
A grande revelação do fim (7.1-28) 575

Capítulo 2
Visão de Daniel de um carneiro e de um bode (8.1-27) 583

Capítulo 3
A oração de Daniel e as setenta semanas 593

ESCATOLOGIA (APOCALIPSE)

Capítulo 1
Introdução ao estudo de apocalipse 617

Capítulo 2
Dispensações 621

Capítulo 3
Alianças entre Deus e os homens 633

Capítulo 4
Diversos métodos de interpretação 643

Capítulo 5
Apocalipse: revelação de Jesus Cristo 649

Capítulo 6
A tribulação 659

SÍNTESE DO ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis 669
Êxodo 671
Levítico 673
Números 674
Deuteronômio 676
Josué 678
Juízes 679
Rute 680
1Samuel 681
2Samuel 683
1Reis 684
2Reis 686
1 e 2Crônicas 688
Esdras 690
Neemias 692
Ester 694
Jó 695
Salmos 697
Provérbios 699
Eclesiastes 701
Cantares de Salomão 703
Isaías 705
Jeremias 707
Lamentações 709
Ezequiel 711
Daniel 713
Oseias 715
Joel 717
Amós 719
Obadias 721

Jonas 722
Miqueias 724
Naum 725
Habacuque 726
Sofonias 728
Ageu 729
Zacarias 731
Malaquias 733

SÍNTESE DO NOVO TESTAMENTO

Mateus 739
Marcos 742
Lucas 744
João 746
Atos dos Apóstolos 749
Romanos 751
1Coríntios 753
2Coríntios 755
Gálatas 757
Efésios 760
Filipenses 762
Colossenses 765
1Tessalonicenses 767
2Tessalonicenses 769
1Timóteo 771
2Timóteo 773
Tito 775
Filemom 777
Hebreus 779
Tiago 781
1Pedro 783
2Pedro 785
1João 787
2João 789
3João 791
Judas 793
Apocalipse 795



DOUTRINA DA BÍBLIA



INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época em que a fé cristã se encontra cercada pelo ceticismo, racionalismo e materialismo, entre outros "ismos" que tentam colocar em descrédito a verdade absoluta da Palavra de Deus.

Desde longas datas, a Bíblia tem sido desafiada em sua veracidade. Há, em toda a história do cristianismo, uma luta constante do inimigo em tentar destruir a Bíblia Sagrada. Entretanto, ao que parece, as forças espirituais do mal, nesses tempos finais, estão deixando de lado suas táticas antigas e, agora, estão tentando perverter a mensagem das Escrituras.

Seitas e doutrinas falsas proliferam por toda parte e, em sua maioria, iniciadas e conduzidas por líderes que, quase sempre, se consideram inspirados por uma "divindade", ou seja, por um "espírito divino". Para muitos, a Bíblia não passa de mais um livro, como qualquer outro.

Diferente dessa concepção, os cristãos creem na Palavra de Deus de forma sólida, convicta e inalterável. Não é por acaso que a Bíblia é considerada o Livro dos livros, o maior Livro de todos os tempos. Por meio de sua leitura, o homem pode ter conhecimento das coisas importantes do passado, do presente e do futuro.

Para que a fé do leitor seja fortalecida, serão apresentadas, neste trabalho, ainda que de forma concisa, algumas provas da origem das Escrituras, as quais evidenciam a Bíblia como sendo a verdadeira Palavra de Deus.

Desejamos que, ao término desta leitura, o leitor seja edificado e chegue à conclusão de que vale a pena conhecer a Bíblia.

Capítulo 1

A Bíblia

O vocábulo "bíblia" não se acha escrito em nenhum texto das Sagradas Escrituras. Pelo contrário, consta apenas da capa da Bíblia. Etimologicamente, a palavra "bíblia", utilizada na língua portuguesa, vem do termo *biblos,* que significa "um livro".

No primeiro livro do Novo Testamento, lemos: "Livro [*biblos*] da genealogia de Jesus Cristo" (Mt 1.1). A forma diminutiva de *biblos* é *biblion*, que significa "pequeno livro", expressão que pode ser lida no texto de Lucas 4.17, que diz: "E foi-lhe dado o livro [*biblion*] do profeta Isaías; e, quando abriu o livro [*biblion*], achou o lugar em que estava escrito...".

A origem do termo *biblos* vem do nome dado à polpa interna da planta do papiro em que se escreviam os livros sagrados. O significado da palavra Bíblia é: "coleção de livros pequenos".

Com a invenção do papel, os rolos desapareceram e, então, a palavra *biblos* deu origem ao termo livro. Os doutores nesse assunto são de comum acordo de que foi João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, que usou, pela primeira vez, o nome "bíblia", no século 4°.

Outros nomes

A Bíblia é, também, chamada de Escritura (Mc 12.10; 15.28; Lc 4.21; Jo 2.22; 7.38; 10.35; Rm 4.3; Gl 4.30; 2Pe 1.20) e/ou de Escrituras (Mt 22.29; Mc 12.24; Lc 24.27; Jo 5.39; At 17.11; Rm 1.2; 1Co 15.3,4; e 2Pe 3.16).

Em verdade, a palavra Escritura (ou Escrituras) é uma derivação do vocábulo latim *scriptura*, que significa "escritos sagrados". O apóstolo Paulo usou as expressões "sagradas escrituras" (Rm 1.2), "sagradas letras" (2Tm 3.15) e "oráculos de Deus" (Rm 3.2).

Todavia, um dos nomes mais descritivos e satisfatórios da Bíblia é Palavra de Deus (Mc 7.13; Rm 10.17; 2Co 2.17; 1Ts 2.13; Hb 4.12).

A estrutura da Bíblia

A Bíblia se divide em duas partes: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. O Antigo contém 39 livros e o Novo, 27. Ao todo, são 66 livros.

Escrita num período de 1500 anos, a Bíblia teve cerca de 40 autores, das mais variadas profissões e atividades. Esses homens viveram e escreveram em épocas e lugares diferentes. Estavam distantes uns dos outros, entretanto, seus escritos formam uma harmonia perfeita. Dois deles eram reis: Davi e Salomão. Jeremias e Ezequiel, sacerdotes. Lucas, médico. Pedro e João, pescadores. Moisés e Amós, pastores. O apóstolo Paulo era fariseu. Daniel, político. Ma-

teus, cobrador de impostos. Josué, soldado. Esdras, escriba. E Neemias, mordomo.

Com isso, podemos ver que apenas um ser estava dirigindo aqueles quarenta autores no registro da revelação divina: Deus.

A palavra testamento, nas designações Antigo Testamento e Novo Testamento, tem sua origem no vocábulo latim *testamentum* e, no vocábulo grego, *diathéke*, cujo significado, na maioria de suas ocorrências na Bíblia grega, é "concerto" ou "aliança", em vez de "testamento". Em Jeremias 31.31, foi profetizado um novo concerto que iria substituir aquele que Deus fez com Israel no deserto (Êx 24.7-8). Lemos em Hebreus 8.13: "Dizendo novo concerto, envelheceu o primeiro".

Os escritores do Novo Testamento vêm o cumprimento da profecia do novo concerto na nova ordem inaugurada pela obra de Cristo. Suas próprias palavras, ao instituir esse concerto (1Co 11.25), dão autoridade a esta interpretação. Os termos Antigo Testamento e Novo Testamento, nomeados para as duas coleções de livros da Bíblia, entraram no uso geral entre os cristãos na última parte do século 2°. Tertuliano traduziu o vocábulo grego *diathéke* para o termo latim *instrumentum* (um documento legal) e, também, por *testamentum.* Infelizmente, foi a última palavra que vingou, considerando-se que as duas partes da Bíblia não são "testamentos" no sentido ordinário do termo.

O Antigo Testamento

Na Bíblia hebraica, os livros estão dispostos em três di-

visões: lei, profetas e os escritos. Ao todo, somam 24 livros, sendo que esses livros correspondem exatamente ao nosso cômputo comum de 39, visto que os judeus contam como sendo um único livro os doze profetas, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas e Esdras-Neemias.

Escrito originalmente em hebraico, com exceção de pequenos trechos em aramaico, esse vernáculo, ou seja, o Antigo Testamento, foi trazido por Israel em sua bagagem quando regressou da Babilônia. Há, também, algumas palavras persas. O historiador judeu Flávio Josefo contou 22 livros porque reuniu Rute a Juízes e Lamentações a Jeremias.[1]

Vejamos cada divisão:

A lei (*torá*): comumente chamada de Pentateuco, essa parte é composta por cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Os profetas (*nebhiim*): desdobram-se em duas subdivisões: os "primeiros profetas", compreendendo Josué, Juízes, Samuel e Reis; e os "últimos profetas", formados por Isaías, Jeremias, Ezequiel e " Livro dos doze profetas".

Os Escritos (*kethbhim*): contêm o restante dos livros; a saber: Salmos, Provérbios, Jó. Há, ainda, os "cinco rolos" (*megilloth*): Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações de Jeremias, Eclesiastes e Ester. E, finalmente, os livros históricos: Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

Esta divisão em três partes da Bíblia hebraica está de acordo com as palavras de Jesus, que disse: "São estas as palavras que vos disse, estando ainda convosco: convinha que se cum-

1. JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus* - Contra Ápion, I, 8.

prisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moises, e nos Profetas, e nos Salmos" (Lc 24.44).

Mais comumente, o Novo Testamento refere-se "à Lei e aos Profetas" (Mt 7.12) ou "a Moisés e aos Profetas" (Lc 16.29).

O Novo Testamento

O Antigo Testamento registra o que Deus falou no passado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas. Já o Novo Testamento, a palavra final que Deus falou por intermédio do seu Filho, Jesus Cristo, em quem tudo se consumou (Hb 1.1).

O Novo Testamento é composto de 27 livros e foi escrito no grego, não no grego clássico dos eruditos, mas no grego do povo comum chamado *koiné*. Seus 27 Livros estão classificados em quatro grupos, conforme o assunto a que pertencem. Vejamos:

Biográficos (*os* quatro evangelhos): Mateus, Marcos, Lucas e João. Descrevem a vida terrena do Senhor Jesus e seu glorioso ministério. Os três primeiros evangelhos são chamados "sinópticos", devido a certo paralelismo que têm entre si.

Histórico: Atos dos Apóstolos, que registra a história da Igreja primitiva, o seu modo de vida e a propagação do evangelho, e tudo sob a inspiração do Espírito Santo, conforme Jesus havia prometido.

Epístolas (21 livros): de Romanos a Judas e todas elas contêm a doutrina da Igreja. Nove dessas epístolas (ou cartas) são dirigidas às igrejas locais. Quatro a indivíduos. Uma aos he-

breus cristãos. E sete a todos os cristãos, indistintamente.

Profético: Apocalipse, ou Revelação. Trata da volta pessoal do Senhor Jesus à terra e das coisas que precederão esse glorioso evento. Em Apocalipse, temos a evidência de Jesus vindo com seus santos para as seguintes realizações:

- Destruir o poder gentílico mundial sob o reinado da besta.
- Livrar Israel, que estará no centro da grande tribulação.
- Julgar as nações.
- Estabelecer o seu reino milenar.

Os primeiros documentos do Novo Testamento a serem escritos foram as epístolas do apóstolo Paulo. E essas cartas, possivelmente, com a epístola de Tiago, foram compostas entre os anos 48 e 60 d.C., antes mesmo que o mais antigo dos evangelhos fosse redigido. Os quatro evangelhos pertencem às décadas que variam entre os 60 e 100 d.C. E é justamente a esse período que se atribui o outro escrito do Novo Testamento.

O tema central da Bíblia

Jesus é o tema central da Bíblia. E foi o próprio Jesus quem declarou isso em João 5.39, quando disse: "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam".

A mensagem central da Bíblia é a história da salvação e,

ao longo dos dois testamentos, podem ser distinguidos três elementos comuns nessa história reveladora: Aquele que traz a salvação, o meio de salvação e os herdeiros da salvação. Isso poderia ser reformulado sob o aspecto da ideia do concerto, dizendo que a mensagem central da Bíblia é o concerto de Deus com os homens e que os elementos comuns são o Mediador do concerto, a base do concerto e o povo do concerto. O próprio Deus é o Salvador de seu povo. E é justamente o Senhor Deus que confirma o seu concerto de misericórdia com o seu povo. E é, também, o próprio Deus quem envia a salvação. O Mediador do concerto é Jesus Cristo, o Filho de Deus. O meio da salvação, a base do concerto, é a graça de Deus, que exige de seu povo uma resposta de fé e obediência. Os herdeiros da salvação, o povo do concerto, são os israelitas; ou seja, o Israel de Deus, a Igreja de Deus.

Tomando o Senhor Jesus como o tema central da Bíblia, os 66 livros podem, então, ser resumidos em cinco tópicos referentes ao Senhor Jesus. Vejamos:

Preparação. Todo o Antigo Testamento trata da preparação de Deus para o advento de Cristo.

Manifestação. Pode ser vista nos evangelhos, que tratam exclusivamente desse assunto: a manifestação de Cristo.

Propagação. Atos dos Apóstolos é o livro que trata da propagação de Cristo.

Explanação. As epístolas, que são as explanações das doutrinas de Cristo.

Consumação. O livro de Apocalipse, que trata da consu-

mação de todas as coisas preditas por meio de Cristo.

A mensagem da Bíblia é a mensagem de Deus para o homem, comunicada muitas vezes e de muitas maneiras, conforme Hebreus 1.1, e, finalmente, encarnada em Jesus. Por conseguinte, "a autoridade da Santa Escritura, a qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de algum homem ou igreja, mas inteiramente de Deus, seu Autor. Portanto, essa mensagem deve ser recebida por ser a Palavra de Deus" (Confissão de Fé de Westminster – 1.4).

Fatos e particularidades da Bíblia

No início, a Bíblia não era dividida em capítulos e versículos. A divisão em capítulos foi feita em 1250, pelo cardeal Hugo de Saint Cher, abade dominicano e estudioso das Escrituras.

A divisão em versículos foi realizada em duas vezes. O Antigo Testamento, em 1445, pelo rabi Nathan. O Novo Testamento, em 1551, por Robert Stevens, um impressor de Paris.

A primeira Bíblia a ser publicada inteiramente dividida em capítulos e versículos foi a Bíblia de Genebra, em 1560.

É de suma importância que o aluno compreenda que essas divisões não faziam parte dos textos originais; ou seja, não foram inspiradas.

A Bíblia toda contém 1.189 capítulos e 31.173 versículos, estando assim distribuídos: o Antigo Testamento possui 929 capítulos e 23.214 versículos e o Novo Testamento, 260 capítulos e 7.959 versículos.

O número de palavras e letras depende do idioma e da versão. O maior capítulo é o Salmo 119 e o menor, o Salmo 117.

O maior versículo encontra-se em Ester 8.9 e o menor, em Êxodo 20.13. Isso nas versões portuguesas, com exceção da chamada Tradução Brasileira, onde o menor versículo é Lucas 20.30.

Nos livros de Ester e Cantares de Salomão não consta o nome de Deus, porém, a presença de Deus é evidenciada nos fatos que se desenrolam, principalmente em Ester.

Há, na Bíblia, 8 mil menções de Deus sob vários nomes divinos e 177 menções do diabo e seus vários nomes.

O nome de Jesus consta do primeiro e do último versículo do Novo Testamento. As traduções da Bíblia (toda ou em parte) até 1984 atingiram 1.796 idiomas. Restam, ainda, cerca de mil línguas a serem traduzidas.

Jesus e seu conceito das Escrituras

Muitas pessoas já ouviram falar de Jesus. Sabem quem Ele é. Creem que Ele operou muitos milagres. Creem em sua ressurreição e ascensão. Mas, infelizmente, não creem na Bíblia!

Qual foi a posição de Jesus sobre a Bíblia? Ele leu as Escrituras (Lc 4.16-20), ensinou as Escrituras (Lc 24.27), chamou as Escrituras de Palavra de Deus (Mc 7.13) e, por fim, cumpriu as Escrituras (Lc 24.44).

Em uma de suas últimas referências à Palavra (Lc 24.44), Jesus aprovou as Escrituras do Antigo Testamento. Quanto

ao Novo Testamento, também afirmou que as Escrituras são a Verdade (Jo 17.17). Jesus viveu e procedeu de acordo com as Escrituras (Lc 18.31). Declarou que o salmista Davi falou pelo Espírito Santo (Mc 12.35,36). Venceu o diabo no deserto com a Palavra de Deus (Mt 4.9,10). Declarou que "aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.26).

No mesmo evangelho, o Senhor Jesus ainda disse que o Espírito Santo os guiaria "em toda a verdade". Portanto, no Novo Testamento, temos a essência da revelação divina.

Jesus, nos seus ensinos, citou pelo menos quinze Livros do Antigo Testamento, e ainda fez alusão a muitos outros. Tanto no modo de falar quanto nas declarações específicas, demonstrava, com clareza, o seu zelo pelas Escrituras do Antigo Testamento como sendo a Palavra de Deus.

O Mestre da Galileia reivindicava a autoridade divina não somente em favor das Escrituras do Antigo Testamento, mas, também, em favor de seus próprios ensinos. Tanto é que chegou a afirmar que "o que ouve as suas palavras e as pratica, é sábio" (Mt 7.24), porque os seus ensinos provêm de Deus (Jo 7.15-17; 8.26-28; 12.48-50; 14.10).

Capítulo 2

A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

A inspiração das Escrituras pode ser vista no texto clássico de 2Timóteo 3.16, onde o apóstolo Paulo declara o seguinte: "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça". A palavra grega θεοπνευστος – τηεοπνευστοσ (theopneustos) —, que aqui é traduzida por "divinamente inspirada", significa que toda Escritura foi "respirada por Deus". Essa palavra grega não é usada em nenhuma outra parte da Bíblia, e nunca foi achada em nenhuma literatura grega escrita antes desse texto. É possível que essa palavra tenha sido criada pelo Espírito Santo para descrever a incomparável inspiração divina das Escrituras. Literalmente, significa "dada pelo Espírito de Deus", o que enfatiza que o produto final é assim: Deus falando diretamente à humanidade.

Por inspiração das Escrituras, entendemos ser uma influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os autores das Escrituras. E foi justamento o Espírito Santo que converteu os escritos desses autores inspirados em um registro preciso da revelação, fazendo que seus escritos sejam realmente a Pa-

lavra de Deus. É importante distinguir revelação, inspiração e iluminação.

A *revelação* é o ato de Deus mediante o qual comunica diretamente a verdade antes desconhecida para a mente humana — verdade que não poderia ser conhecida de qualquer outra maneira.

A *inspiração* está ligada à comunicação da verdade. Nem todo conteúdo da Bíblia foi diretamente revelado aos homens. A Bíblia contém registros históricos e muitas observações pessoais. Mas, estamos seguros de que esses registros são verdadeiros.

O Espírito Santo dirigiu e influenciou os escritores, a fim de que, por inspiração, não cometessem qualquer erro de verdade ou doutrina. A Bíblia registra as palavras e os atos de Deus, dos homens e do diabo. É de suma importância verificar cuidadosamente quem está falando. Alguns, por conta disso, chegam a confundir inspiração com iluminação. A iluminação se refere à influência do Espírito Santo, comum a todos os cristãos, que os ajuda a entender as coisas de Deus. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14).

O apóstolo Pedro cita um exemplo interessante em que os profetas receberam inspiração para registrar grandes verdades, mas não lhes foi outorgada iluminação para compreender o sentido exato do que profetizaram: "Da qual salvação inquiriu e tratou diligentemente os profetas que profetizaram

da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (1Pe 1.10-12).

A iluminação admite graduação, a inspiração não. As pessoas diferem muito em suas opiniões sobre a iluminação, possuindo, algumas delas, um grau maior de discernimento do que as outras. Mas, no caso de inspiração, no sentido bíblico, o individuo é ou não inspirado.

Toda Escritura foi divinamente inspirada, mas nem toda ela foi dada por revelação. Moisés, por exemplo, ora escreveu inspirado, ora escreveu por revelação os primeiros capítulos de Gênesis. Temos exemplos de registros nas Escrituras que foram dados por revelação: José, interpretando os sonhos de Faraó (Gn 40.8; 41.15,16,38,39); Daniel, declarando ao rei Nabucodonosor o sono que o monarca havia esquecido e, em seguida, interpretando o sonho (Dn 2.2-7,19,28-30); os escritos do apóstolo Paulo (Gl 1.11,12); entre outros.

"Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" (Nm 23.19).

A Bíblia não mente, porque é a Palavra de Deus, mas traz registros de mentiras proferidas por alguém. Nesses casos,

não é a mentira do registro que foi inspirada, mas, sim, o registro da mentira. A Bíblia contém o registro das declarações de Satanás, todavia, suas declarações não foram inspiradas por Deus, mas somente o seu registro (Jó 1.7; 2.1).

O que não foi revelado não pode ser conhecido, estudado ou explicado.

Falsas teorias da inspiração da Bíblia

Quanto à inspiração da Bíblia, há várias teorias falsas que o estudante não deve ignorar. Algumas são muito antigas. Outras têm surgido recentemente. E ainda outras hão de aparecer. Na sua maioria, a verdade vem junto com o erro, e muitos têm-se deixado enganar. Apresentaremos algumas das falsas teorias sobre a inspiração da Bíblia e, por fim, a teoria aceita pelos cristãos genuínos. Vejamos:

Teoria da inspiração natural humana

Essa teoria ensina que a Bíblia foi escrita por homens dotados de força intelectual especial, como, por exemplo, Sócrates, Platão, Milton e inúmeros outros. Os escritores da Bíblia afirmam que era o Senhor Deus quem falava por intermédio deles (2Sm 23.2; At 1.16; Jr 1.9; Ed 1.1; Ez 3.16,17; At 28.25).

Teoria da inspiração divina comum

Essa teoria ensina que a inspiração dos escritores da Bíblia é a mesma inspiração que hoje nos vem quando oramos, pregamos, cantamos e ensinamos.

Teoria da inspiração parcial

Essa teoria ensina que algumas partes da Bíblia são inspiradas e outras, não. Que a Bíblia não é a Palavra de Deus, apenas contém a Palavra de Deus. O perigo deste ponto de vista é colocar nas mãos do homem finito, frágil e falível o poder de determinar o quê e quando Deus está falando. Desse modo, outorga-se ao homem poder sobre a Verdade infinita, em vez de sujeitar-se a ela.

Teoria da inspiração de ideias

Essa teoria ensina que Deus inspirou as ideias da Bíblia, mas não as suas palavras, que ficaram a cargo dos escritores. Ora, essa teoria é falha, porque a expressão do pensamento é por meio da palavra e não dá para separar a palavra da ideia.

A teoria correta da inspiração da Bíblia

É chamada de "teoria da inspiração plenária ou verbal" e ensina que todas as palavras da Bíblia foram inspiradas nos seus autógrafos originais; que os escritores não funcionaram como máquinas inconscientes, mas houve uma cooperação vital entre eles e o Espírito de Deus que os capacitava. Assim, aqueles homens escreveram a Bíblia com as palavras de seu vocabulário, porém sob uma influência (inspiração) tão poderosa do Espírito Santo que o que eles escreveram foi, de fato, a Palavra de Deus.

A inspiração plenária cessou ao ser escrito o último livro do Novo Testamento. Depois disso, nenhum escritor

ou qualquer servo de Deus pode ser considerado inspirado no mesmo sentido.

Aceitar a Bíblia como sendo parcialmente inspirada não é adequado para uma interpretação correta. Devemos aceitar a Bíblia como sendo a fiel revelação de Deus e isso abrange sua totalidade, palavra por palavra. Devemos reconhecer que a Bíblia não contém nenhum erro nos registros dos fatos da história, da ciência e das questões relacionadas à fé ou à conduta cristã.

Podemos descrever o nível da inspiração das Escrituras usando quatro palavras: verbal, plenária, infalível e inerrante.

- *Verbal*: todas as palavras são inspiradas.
- *Plenária*: todas as partes são igualmente inspiradas.
- *Infalível*: todas as questões de fé e da moral são certas.
- *Inerrante*: todas as questões da ciência e da história são certas.

Capítulo 3

O CÂNON DAS ESCRITURAS

A palavra "cânon" vem do grego *kanon,* que significa "cana" ou "vara de medir", indicando uma regra, uma norma. Assim, o cânon da Bíblia consiste naqueles livros considerados divinamente inspirados. Na época de Jesus, os 39 livros do Antigo Testamento já eram plenamente aceitos pelo judaísmo como sendo divinamente inspirados. Todavia, foi somente no ano 90 d.C, em Jâmnia, perto da moderna Jope, em Israel, que os rabinos, num Concílio sob a presidência de Yohanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento. Por isso, não houve canonização de livros em Jâmnia. O trabalho desse Concílio foi somente ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através dos séculos.

Flávio Josefo, historiador judeu (37 – 100 d.C.), contemporâneo do apóstolo Paulo, em um de seus escritos, intitulado *Contra Apion*, declarou:

"Porque não temos entre nós uma quantidade enorme de livros, que discordam e se contradizem entre si (como acontece com os gregos), mas apenas vinte e dois livros, que con-

têm os registros de todos os tempos passados, que cremos justamente serem divinos [...] e quão firmemente damos crédito a esses livros de nossa própria nação fica evidente pelo que fazemos; porque, durante tantos séculos que já se passaram, ninguém teve ousadia suficiente para acrescentar nada a eles, cancelar qualquer coisa, nem fazer neles qualquer modificação; tendo-se tornado natural a todo judeu, desde o seu nascimento, a estimar esses livros como contendo doutrinas divinas e a perseverar nelas; e, caso necessário, morrer voluntariamente por elas".[2]

Antes do final do século 1°, todos os livros do Novo Testamento já estavam escritos. O que demorou foi o reconhecimento canônico, e isso devido ao cuidado que as igrejas tinham em preservar a sã doutrina.

Nesse tempo, surgiram muitos escritos heréticos e espúrios com pretensão apostólica. Muitas doutrinas heréticas eram encontradas nesses livros, como, por exemplo, as doutrinas e ensinos defendidos pelos gnósticos, que negavam a encarnação de Cristo; pelos céticos, que negavam a realidade da humanidade de Cristo; e pelos monofisistas, que rejeitavam a dualidade da natureza de Cristo.

Muitos livros, antes de serem reconhecidos como canônicos, foram duramente debatidos. Houve extrema relutância com respeito às epístolas de Pedro, João e Judas, bem como ao livro de Apocalipse. Tudo isso revela o cuidado que a Igreja tinha e a responsabilidade que envolvia a canonização. Foi justamente no ano 397 d.C., no Concílio de Cartago, que o

2. P. 1, 8, CPAD: Rio de Janeiro. RJ. 2001.

cânon do Novo Testamento foi definitivamente reconhecido e fixado na Bíblia. Antes do ano 400 d.C., todos os livros já eram aceitos, como regra de fé, para os cristãos.

Na atualidade, a Bíblia, como a temos hoje, constitui o cânon ou "vara de medir". Ou seja, a Bíblia é o meio pelo qual tudo deve ser medido ou avaliado, pelo fato de ter autoridade concedida por Deus.

Os apócrifos e deuterocanônicos

No grego clássico, a palavra *apocrypha* significava "oculto" ou "difícil de entender", isso em referência aos livros que tratavam de coisas secretas, misteriosas, ocultas. Posteriormente, tomou o sentido de esotérico, ou algo que somente os iniciados podiam entender, jamais os de fora.

Já a palavra deuterocanônico significa "segundo cânone". Os livros apócrifos ou deuterocanônicos foram escritos principalmente no tempoentre o Antigo e o Novo Testamento; ou seja, no período intertestamentário.

Nos séculos 3° e 4°, época de Irineu e Jerônimo, o vocábulo *apocrypha* veio a ser aplicado aos livros não canônicos do Antigo Testamento.

A Septuaginta (LXX), tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita entre os anos 280 a.C. e 180 a.C., foi a primeira a incluir os livros apócrifos. Jerônimo, no ano 405 d.C., incluiu em sua tradução latina do Antigo Testamento chamada Vulgata, porque lhe fora ordenado, mas recomendou que esses livros não fossem

usados como base doutrinária. Por esse motivo, os cristãos que falavam o grego usavam esses livros juntamente com o Antigo Testamento canônico.

Os reformadores foram, em parte, os grandes responsáveis pela eliminação dos apócrifos da Bíblia, por haver neles elementos inconsistentes com a doutrina protestante (por exemplo, oração aos mortos e intercessão aos santos).

Foi em 1545, no Concílio de Trento, que a Igreja Católica Romana proclamou alguns livros apócrifos como canônicos, detentores de autoridade espiritual para seus fiéis, dando a eles (aos livros apócrifos) a nomenclatura de "deuterocanônicos"; ou seja, um segundo cânon.

Os quatorzes livros apócrifos (deuterocanônicos) são: 1 e 2Esdras, Tobias, Judite, 1 e 2Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, adições ao Livro de Ester com a Epístola de Jeremias, a Canção das Três Crianças Santas, a História de Suzana, Bel e o Dragão, a Oração de Manassés e adições ao livro de Daniel.

Naquele Concílio, somente os livros 1 e 2Esdras e a Oração de Manassés foram excluídos.

Testes usados para determinar a canonicidade

Em toda a história, houve falsos livros e falsas mensagens. É de longa data que existem diferentes opiniões acerca dos livros que deveriam ser incluídos no Antigo Testamento.

Nos tempos pré-cristãos, os samaritanos rejeitavam todos os livros do Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. Por

volta do século 2° a.C. em diante, obras pseudônimas, em sua maioria de caráter apocalíptica, reivindicavam para si condição de escritura inspirada e encontravam aceitação em alguns grupos de pessoas.

Jâmnia, depois da destruição de Jerusalém (no ano 70 d.C.), tornou-se a sede do Sinédrio – o Supremo Tribunal dos judeus. Em 90 d.C., nessa cidade, perto da moderna Jope, em Israel, os rabinos, num Concílio sob a presidência de Yohanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento. À época, houve muitos debates acerca da aprovação de certos livros, especialmente dos Escritos. Note-se, porém, que o trabalho desse Concílio foi apenas ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através de séculos.

No período patrístico, havia dúvida entre os cristãos se os livros apócrifos da Bíblia grega e latina deveriam ser considerados inspirados ou não. Essa controvérsia culminou na Reforma Protestante, porque a Igreja Católica insistia em que os livros apócrifos faziam parte do Antigo Testamento, como sendo inspirado, o que era negado pelas igrejas protestantes.

O que qualifica um livro a ocupar um lugar no cânon do Antigo ou Novo Testamento não é simplesmente o fato de ele ser antigo, informativo e útil, mas, sim, que tenha autoridade de Deus para o que diz.

Como o Antigo Testamento estava estabelecido como Palavra de Deus, fez-se necessário que a Igreja de Cristo administrasse diligentemente sua coleção de livros sagrados após a morte dos apóstolos.

Os seguintes princípios foram usados para determinar a

posição de um livro no cânon sagrado:

Apostolicidade

Ou seja, o livro foi escrito por um apóstolo ou por alguém associado, de perto, com os apóstolos?

Essa questão tinha especial importância com respeito aos evangelhos de Marcos e de Lucas e dos livros de Atos e Hebreus, já que Marcos e Lucas não se encontravam entre os doze e a autoria de Hebreus era desconhecida.

Conteúdo espiritual

O livro estava sendo lido nas igrejas e o seu conteúdo era um meio de edificação espiritual?

Esse era um teste muito prático.

Exatidão doutrinária

O conteúdo do livro era doutrinariamente correto?

Qualquer livro contendo heresia ou fosse contrário aos livros canônicos já aceitos era rejeitado.

Uso

O livro foi universalmente reconhecido nas igrejas, sendo amplamente citado pelos Pais da Igreja?

Inspiração divina

O livro apresentava verdadeira evidência de inspiração divina?

Capítulo 4

OS IDIOMAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

As línguas utilizadas no registro da revelação de Deus, a Bíblia, vieram de famílias de línguas semíticas e indoeuropeias.

Da família semítica, tiveram origem as línguas básicas do Antigo Testamento: o hebraico e o aramaico (siríaco).

Além do hebraico e do aramaico, temos o latim e o grego representando a família indoeuropeia.

Essas línguas ainda continuam sendo faladas em algumas partes do mundo contemporâneo.

O hebraico é a língua oficial do Estado de Israel.

O aramaico é falado por alguns cristãos nas vizinhanças da Síria.

O grego, ainda que muito diferente dos tempos do Novo Testamento, é falado por muitas pessoas hoje.

De modo indireto, os fenícios exerceram um papel importante na transmissão da Bíblia ao inventarem o veículo básico de propagação das letras: o alfabeto.

Hebraico

Quase todos os 39 livros do Antigo Testamento foram escritos em hebraico, exceto algumas passagens de Esdras, Jeremias e Daniel, escritas em aramaico. A mais extensa encontra-se em Daniel, que vai do capítulo 2.4 ao capítulo 7.28.

A língua hebraica é chamada, no Antigo Testamento, de "língua de Canaã" (Is 19.18), "língua judaica" e/ou "judaico" (2Rs 18.26,28; Is 36.13). Como a maior parte das línguas do ramo semítico, o hebraico lê-se da direita para a esquerda.

O alfabeto compõe-se de 22 letras, todas consoantes.

Aramaico

Um idioma aparentado com o hebraico, o aramaico tornou-se a língua comum na Palestina depois do cativeiro babilônico. A influência do aramaico foi profunda sobre o hebraico, começando no cativeiro do reino de Israel, em 722 a.C., na Assíria, e tendo prosseguimento por meio do cativeiro do reino do Sul (Judá), em 587 a.C., na Babilônia.

Em 536 a.C., quando Israel começou a regressar do exílio, o povo falava o aramaico como língua nacional. É por isso que quando Esdras leu as Escrituras em hebraico foi preciso de intérprete (Ne 8.5,8).

Existem algumas palavras aramaicas preservadas no Novo Testamento, como, por exemplo:

Talitá cumi ("menina, levanta-te!"), em Marcos 5.41.

Efatá ("abre-te"), em Marcos 7.34.

Eli, Eli, lemá sabactâni ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"), em Mateus 27.46.

Em Romanos 8.15 e Gálatas 4.6, o apóstolo Paulo usou *abba* ("Pai") em aramaico.

O aramaico é, também, chamado de "siríaco", na Região Norte (2Rs 18.26; Ed 4.7; Dn 2.4 — ARC), e de "caldaico", na Região Sul (Dn 1.4).

Devido aos hebreus terem adotado o aramaico como uma língua, no Novo Testamento ele passou a ser chamado de "hebraico", conforme se lê em Lucas 23.38; João 5.2; 19.13,17,20; Atos 21.40; 26.14.

Grego

Estamos diante da língua em que, originalmente, o Novo Testamento foi escrito.

O grego do Novo Testamento não é o grego clássico dos filósofos, mas o dialeto popular do homem da rua, dos comerciantes, dos estudantes... Era o grego *koiné*, que todos podiam entender.

A mão de Deus pode ser vista nisto, porque o grego era o idioma internacional do século 1°, tornando, assim, possível a divulgação do evangelho por todo o mundo então conhecido.

O alfabeto grego tem 24 letras. A primeira chama-se Alfa e a última, Ômega.

CAPÍTULO 5

MATERIAIS USADOS

Desde os tempos mais remotos, o homem sempre usou vários materiais sobre os quais escrevia. Entre eles, destacamos:

Pedra

Foi empregada no Egito, Síria, Mesopotâmia, Israel e em outros países.

Os caracteres (cuneiformes ou hieróglifos) eram gravados. Por exemplo, temos o Código de Hamurabi, os textos da Pedra Roseta e da Pedra Moabita.

Tabuinha de barro ou argila

Material usado, desde tempos imemoriais, na região da Mesopotâmia. Os profetas Jeremias (17.13) e Ezequiel (4.1) lançaram mão desse tipo de material.

Dois tipos de cerâmica têm sido encontrados pelos arqueólogos: a seca ao sol e a seca ao forno.

Madeira

Era bastante usada pelos antigos para escrever. Alguns acreditam que esse tipo de material de escrita foi usado pelos profetas Isaías (30.8) e Habacuque (2.2) e por Zacarias, pai de João Batista (Lc 1.63).

Papiro

Era feito de folhas de uma planta, a *cyperus papyrus*, cujo talo cilíndrico alcança dois metros ou mais. E esse talo era descascado e estendido em sentido cruzado, prensado, raspado e polido.

Foi justamente esse material que o apóstolo João usou para escrever o livro de Apocalipse (Ap 5.1) e suas cartas (2Jo 12). E, até hoje, esse material continua sendo usado largamente no Egito.

Velino, pergaminho e couro

São termos que designam os vários estágios de produção de um material de escrita feito de peles de animais, que eram curtidas, raspadas e polidas.

Todavia, os termos eram usados intercambiavelmente.

O *velino* era preparado originalmente com pele de bezerros e antílopes, enquanto o *pergaminho* de pele de ovelhas e cabras.

Foi usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, no tempo do rei Eumenes II (197-158 a.C.). Devido à falta de papiro, que recebia do Egito, para formar sua biblioteca, foi-lhe necessário obter um novo material de escrita. O resultado é conhecido como velino ou pergaminho.

CAPÍTULO 6

MANUSCRITOS

Esse termo vem de duas raízes latinas: *manus* ("mão") e *scriptus* ("escrita"), cuja tradução, em português, fica assim: um "documento escrito à mão". Conforme usada hoje, essa expressão é restrita às cópias da Bíblia feitas no mesmo idioma em que foram originalmente escritas.

Os originais autênticos, escritos pelas mãos de um profeta ou apóstolo, ou de um amanuense, sempre sob a direção do homem de Deus, eram chamados de "autógrafos", os quais não existem mais e, por essa razão, precisaram ser reconstituídos a partir de manuscritos antigos das Escrituras.

Na ocasião em que a Bíblia foi impressa (em 1455 a.D.), havia mais de dois mil manuscritos nas mãos de alguns letrados, todavia, todos incompletos. Atualmente, há cerca de quatro mil manuscritos das Escrituras.

O professor Antônio Gilberto, com a maestria que lhe é peculiar, informa algumas causas do desaparecimento dos manuscritos. Vejamos:

1) O costume dos judeus de enterrar todos os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra coisa; isto para evitar mutilação ou interpolação espúria.

2) Os reis idólatras e ímpios de Israel podem ter destruído muitos deles ou contribuído para isso (ver o episódio de Jeremias 36.20-26).

3) O terrível Antíoco Epifânio, rei da Síria (175-164 a.C.), dominou sobre a Palestina durante o seu reinado. Foi extremamente cruel, sádico. Sentia prazer em aplicar torturas. Decidiu exterminar a religião judaica. Assolou Jerusalém em 168. Profanou o templo e destruiu todas as cópias que achou das Sagradas Escrituras.

4) Nos dias do feroz imperador Diocleciano (284-305 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante dez anos, Diocleciano mandou vascular o império para destruir todos os escritos sagrados. Ele chegou a julgar que tivesse destruído tudo, pois mandou cunhar uma moeda comemorando tal "vitória".[3]

Nos tratados sobre a Bíblia, a palavra manuscrito é sempre indicada pela abreviatura MS, no plural MSS ou MSs. E passaremos a utilizar essa abreviatura de agora em diante.

Classificação

Os MSs estão divididos em duas classes, segundo as letras: ***Unciais*** (do latim *uncia*, que significa "polegada"). São

3. GILBERTO, Antonio. *A Bíblia através dos séculos*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1995, p. [illegible].

chamados dessa forma porque foram escritos em letras maiúsculas e sem separação de palavras, como se escrevêssemos, por exemplo, "AMOAPRISCILA". Os unciais são os MSs mais antigos.

Cursivos. Receberam este nome por terem sido escritos com letras cursivas (à mão) e em letras minúsculas, mais comuns no grego. Também é escrito com palavras ligadas entre si. Dos 4.500 manuscritos existentes, cerca de trezentos são unciais e os restantes, cursivos.

Os grandes códices unciais

Manuscrito Sinaítico - Códice Alef

Um dos primeiros manuscritos unciais datado de 340 a.C., o Sinaítico foi descoberto em 1844 pelo dr. Constantine Tischerndorf, no convento de Santa Catarina, no monte Sinai.

Esse pesquisador descobriu as páginas do manuscrito no monastério, onde os monges as utilizavam para ascender fogo. Nesse mesmo ano, ele descobriu 43 folhas de velino contendo porções da Septuaginta: 1Crônicas, Jeremias, Neemias e Ester. Quinze anos mais tarde, ele conseguiu obter as folhas restantes, com a ajuda do Czar da Rússia, Alexandre II. Escrito em grego, contém mais da metade do Antigo Testamento (LXX) e todo o Novo Testamento (com exceção de Marcos 16.9-20 e João 7.58—8.11) e ainda todos os apócrifos do Antigo Testamento, a Epístola de Barnabé e O pastor, de Hermas. É o único que contém o Novo Testamento completo. Atualmente, se encontra no museu Britânico

Manuscrito Vaticano - Códice B

Esse uncial famoso, datado do século 4°, está escrito em grego e contém a tradução da Septuaginta do Antigo Testamento, dos apócrifos (com exceção dos livros dos Macabeus e da Oração de Manassés) e do Novo Testamento.

No Antigo Testamento, está faltando Gênesis 1.1 – 46.28, 2Reis 2.5-7, 10.13 e Salmos 106.27 – 136.6.

No Novo Testamento, faltam Marcos 16.9-20, João 7.53–8.11 e Hebreus 9.14 até o fim do Novo Testamento, incluindo as epístolas pastorais: 1 e 2Timóteo, Tito e Filemom e, também, Apocalipse, mas não as epístolas gerais: Tiago, 1 e 2Pedro, 1, 2 e 3João e Judas.

Como o nome sugere, este manuscrito se encontra, agora, na biblioteca do Vaticano, em Roma, onde foi catalogado pela primeira vez em 1481.

Manuscrito Alexandrino – Códice A

Esse manuscrito, o último dos três maiores unciais considerados aqui, data do século 5° (aproximadamente, no ano 450 a.D.), embora contenha tanto o Antigo como o Novo Testamento, algumas partes estão faltando. Em 1078, esse códice foi dado de presente ao patriarca de Alexandria, que lhe conferiu a designação que ostenta até hoje. Encontra-se na Biblioteca Nacional do Museu Britânico em Londres, na Inglaterra. Não chega a alcançar o elevado padrão dos manuscritos Vaticano e Sinaítico.

Manuscrito Efraim – Códice C

Esse manuscrito contém partes do Antigo e do Novo Testamento. Existem, agora, apenas 64 folhas do Antigo Testamento e 145 do Novo. Suspeita-se que se originou de Alexandria, no Egito, e data do século 5°.

Como foi raspado, passou a ser chamado de "palimpsesto". O texto sagrado foi apagado para que nesses pergaminhos se escrevesse sermões de Efraim (299-378), pai da Igreja do século 4°. Por essa razão, recebeu o nome de Manuscrito Efraim.

Mediante uma solução química, o dr. Tischendorf foi capaz de decifrar as escritas quase invisíveis dos pergaminhos. Esse manuscrito está guardado na Biblioteca Nacional de Paris.

Manuscrito Beza – Códice D

Também chamado de Códice de Cambridge, data do século 6° (550 a.D.). Este é o mais antigo manuscrito conhecido escrito em dois idiomas. A página esquerda é em grego, enquanto o texto correspondente em latim fica do lado oposto, à direita. Foi descoberto, em 1562, por Teodoro Beza, teólogo francês. Com algumas omissões, contém os evangelhos, 3João 11-15 e Atos.

Capítulo 7

TRADUÇÕES DA BÍBLIA

A transmissão da revelação da parte de Deus para os homens gira em torno de três fases históricas significativas:

- a invenção da escrita, antes de 3000. a.C.
- o início das traduções, antes de 200 a.C.
- o surgimento da imprensa, antes de 1600 d.C.

Depois dos manuscritos, as formas mais importantes das Escrituras, que dão testemunho de sua antiguidade, são as versões. A versão é uma tradução do idioma original de um manuscrito para outro idioma. Existem inúmeras versões, mas apenas algumas serão consideradas como exemplos para este estudo. Antes, todavia, de seguirmos em frente, é necessário entendermos, com clareza, certos termos técnicos da história da tradução da Bíblia.

Definição e distinção

Em cada ramo da ciência, existem termos técnicos usados para designar seu significado. Esses termos jamais devem ser confundidos, pois o seu uso pode causar ambígua interpretação. Assim acontece quando o assunto é tradução e, em especial, das Escrituras. Aquele que traslada de uma língua para

outra deve evitar confundir termos como: "tradução", "tradução literal" e "transliteração".

Esses três termos estão intimamente correlacionados.

Tradução é o processo de conversão de uma linguagem em outra. Por exemplo, do inglês para o francês, esse trabalho se chamaria tradução.

A tradução literal é a tentativa de expressar, com toda a fidelidade possível e o máximo de exatidão, o sentido das palavras originais do texto que está sendo traduzido. Trata-se de uma transcrição textual, palavra por palavra.

Já a transliteração é a versão das letras de um texto em certa língua para as letras correspondentes de outra língua.

Vejamos, então, as versões mais conhecidas.

A Septuaginta

O significado dessa palavra é "setenta". A abreviação dessa versão é LXX, sendo, às vezes, chamada de "Versão Alexandrina", por ter sido traduzida no reinado de Ptolomeu II Filadelfo, na cidade de Alexandria, Egito (284 – 247 a.C.). Conta-se que setenta e dois eruditos, procedentes da Palestina (seis de cada uma das doze tribos de Israel), que viajaram para a Alexandria, traduziram o Pentateuco do Antigo Testamento hebraico para o grego em setenta e dois dias.

Faz necessário salientar que, com o tempo, essa palavra viria denotar a tradução para o grego de todo o Antigo Testamento hebraico.

Essa, talvez, seja a mais importante das versões, por sua

data antiga e influência sobre outras traduções. Além dos 39 livros do Antigo Testamento, ela contém os livros conhecidos como apócrifos.

Pentateuco Samaritano

Essa obra foi, de fato, uma porção manuscrita do próprio texto hebraico, não sendo, na verdade, uma tradução, e muito menos uma versão.

Contém os cinco livros de Moisés, pois os samaritanos aceitavam apenas o Pentateuco.

Traduções Siríacas

O idioma siríaco (aramaico) era comparado ao grego *koiné* e ao latim da Vulgata. Era a língua comum do povo nas ruas.

As principais versões siríacas do Novo Testamento são as seguintes:

1) ***Siríaco Antigo***. São conhecidos dois manuscritos principais desta obra:

a) O *Síríaco Curetônio*, um pergaminho do século 5°, que se encontra no museu Britânico. Recebeu este nome em homenagem ao dr. Curretan, que o editou.

b) O *Siríaco Sinaítico*, um palimpsesto do século 4°, descoberto no monastério de Santa Catarina, no Sinai, em 1892.

2) ***Versão Peshita.*** A palavra *peshita* significa "simples" ou "comum", sendo conhecida como Vulgata Siríaca. Tem apenas 22 livros do Novo testamento, faltando-lhe 2Pedro, 2 e 3João, Judas e Apocalipse. Segundo o professor Russel Norman Champlin, "o peshitto é representado por 350 manuscritos existentes, alguns dos quais recuam até os séculos 5° e 6°".[4]

Outras versões siríacas surgiram depois dessas. Em 508, na Síria, em Hierápolis, sob a direção de Filoxeno, foram adicionados ao cânon das igrejas sírias os livros excluídos da versão Peshita; ou seja, 2 Pedro, 2 e 3João, Judas e Apocalipse. Em 616, Tomás de Heracléia, bispo de Mabugue, reeditou o texto de filoxeno, produzindo uma versão distinta, que se tornou conhecida como Siríaca heracleana.

A tradução latina (Vulgata Latina)

Por mais de mil anos, predominou, no cristianismo ocidental, uma grandiosa tradução da Bíblia, a Vulgata Latina. Vários estudiosos haviam traduzido as Escrituras para o latim, entretanto, foi na pessoa de Sofrônio Eusébio Jerônimo que a versão latina se firmou.

Por volta do século 3° d.C., o latim começou a substituir o grego como língua de ensino no vasto mundo romano. Um texto uniforme e confiável era extremamente necessário para uso teológico e litúrgico. Havia muita confusão a respeito dos textos latinos da Bíblia, considerados heréticos e controversos. É dessa época os Concílios de Nicéia (em 325),

Constantinopla I (em 381) e Éfeso (em 431).

Devido à diversidade de versões, traduções e revisões bíblicas no século 4°, Damaso, bispo de Roma (366-384), inconformado com essa situação, providenciou uma tradução do texto da antiga versão latina, encarregando Jerônimo, eminente erudito no latim, grego e hebraico, de fazer a tradução, que se denominou Vulgata Latina.

Jerônimo começou o seu trabalho com uma tradução da Septuaginta em grego. Logo desistiu de seu intento, visto que a Septuaginta era considerada, inclusive por Agostinho, verdadeiramente a Palavra de Deus inspirada e inerrante, em vez de mera tradução não inspirada baseada em originais hebraicos.

Mais tarde, sob forte oposição e saúde precária, voltou-se para o texto hebraico, que estava em uso na Palestina, como texto-base para sua tradução, concluindo assim, em 405 d.C., sua tradução latina do Antigo Testamento hebraico, que não recebeu calorosa recepção de imediato.

Após a sua morte, em 420 d.C., a tradução do Antigo Testamento por ele realizada, sobressaiu sobre as demais, servindo de base para a maioria dos tradutores da Bíblia anteriores ao século 19.

Capítulo 8

AS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS[*]

A história registra que o primeiro texto bíblico traduzido para a língua portuguesa foi produzido por Dom Diniz (1279-1325), rei de Portugal.

Exímio conhecedor do latim clássico e estudioso da Vulgata, d. Diniz deliberou enriquecer sua língua materna traduzindo as Sagradas Escrituras para o nosso idioma baseado na Vulgata Latina.

Embora lhe faltasse perseverança, traduziu do latim, do próprio punho, vinte capítulos do livro de Gênesis, antes mesmo da tradução inglesa de João Wycliffe, que somente em 1380 traduziu as Escrituras para o inglês.

Fernão Lopes afirmou, em seu curioso estilo de cronista do século 15, que d. João (1385-1433), um dos sucessores de d. Diniz ao trono português, fez grandes letrados em linguagem dos evangelhos, dos Atos dos Apóstolos e das epístolas de Paulo, para que aqueles que ouvissem fossem mais devotados a Deus. Esses "grandes letrados" eram padres que também se utilizaram da Vulgata Latina em seu trabalho de tradução.

Enquanto esses padres trabalhavam, d. João I, também conhecedor do latim, traduziu o livro de Salmos, que foi reunido aos livros do Novo Testamento traduzidos pelos padres. Seu sucessor, d. João II, outro grande defensor das traduções bíblicas, mandou gravar, no seu cetro, a parte final do versículo 31 de Romanos 8: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?", atestando, assim, o quanto os soberanos portugueses reverenciavam a Bíblia.

Como nessa época a imprensa ainda não havia sido inventada, os livros eram produzidos em forma "manuscrita" fazendo-se uso de folhas de pergaminho. Isso tornava sua circulação extremamente reduzida. Por ser um trabalho lento e caro, era necessário que ou a Igreja Romana ou alguém muito rico assumisse os custos do projeto. Ninguém mais indicado para isso que os nobres e os reis.

Outras figuras da monarquia de Portugal também realizaram traduções parciais das Escrituras. A neta do rei d. João I e filha do infante d. Pedro, a infanta d. Filipa, traduziu do francês os evangelhos. No século 15, surgiram, publicados em Lisboa, o evangelho de Mateus e trechos dos demais evangelhos, trabalho realizado pelo frei Bernardo de Alcobaça, que pertenceu à grande escola de tradutores portugueses da Real Abadia de Alcobaça. Ele baseou suas traduções na Vulgata Latina.

A primeira harmonia dos evangelhos em língua portuguesa, preparada em 1495 pelo cronista Valentim Fernandes e intitulada De Vita Christi, teve os seus custos de

publicação pagos pela rainha Leonora, esposa de d. João II. Cinco anos após o descobrimento do Brasil, a rainha Leonora mandou imprimir também o livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas universais de Tiago, Pedro, João e Judas, que haviam sido traduzidos do latim vários anos antes por frei Bernardo de Brinega.

Em 1566, foi publicada, em Lisboa, uma gramática hebraica para estudantes portugueses. Ela trazia, em português, como texto básico, o livro de Obadias.

No início do século 19, o padre Antônio Ribeiro dos Santos traduziu os evangelhos de Mateus e de Marcos, ainda hoje inéditos.

É fundamental salientar que todas essas obras sofreram, ao longo dos séculos, implacável perseguição da Igreja Romana, e de muitas delas só escaparam um ou dois exemplares, hoje raríssimos. A Igreja Romana também amaldiçoou a todos os que conservassem consigo essas "traduções da Bíblia em idioma vulgar", conforme as denominava.

Período das traduções completas

Aprouve a João Ferreira de Almeida a grandiosa tarefa de traduzir, pela primeira vez para o português, o Antigo e o Novo Testamento. Nascido em 1628, em Torre de Tavares, nas proximidades de Lisboa, João Ferreira de Almeida, quando tinha doze anos de idade, mudou-se para o sudeste da Ásia. Após viver dois anos na Batávia (atual Jacarta), na ilha de Java, Indonésia, Almeida partiu para Malaca, na

Malásia, e, por meio da leitura de um folheto em espanhol acerca das diferenças da cristandade, converteu-se do catolicismo à fé evangélica. No ano seguinte, começou a pregar o evangelho no Ceilão (atual Sri Lanka) e em muitos pontos da costa de Malabar.

Antes dos dezessete anos de idade, iniciou o trabalho de tradução da Bíblia para o português, mas, lamentavelmente, perdeu o seu manuscrito e teve de reiniciar a tradução em 1648.

Por conhecer o hebraico e o grego, Almeida pôde utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calcando sua tradução no chamado *Textus Receptus*, do grupo bizantino. Durante esse exaustivo e criterioso trabalho, ele também se serviu das traduções holandesa, francesa (tradução de Beza), italiana, espanhola e latina (Vulgata).

Em 1676, João Ferreira de Almeida concluiu a tradução do Novo Testamento e, naquele mesmo ano, remeteu o manuscrito para ser impresso na Batávia; todavia, o lento trabalho de revisão a que a tradução foi submetida levou Almeida a retomá-lo e enviá-lo para ser impressa em Amsterdã, Holanda. Finalmente, em 1681, surgiu o primeiro Novo Testamento em Português, trazendo no frontispício os seguintes dizeres, que transcrevemos literalmente:

"O Novo Testamento, isto é, Todos os Sacros Sanctos Livros e Escritos Evangélicos e Apostólicos do Novo Concerto de Nosso Fiel Salvador e Redentor Jesus Cristo, agora traduzido em português por João Ferreira de Almeida, ministro

pregador do Sancto Evangelho. Com todas as licenças necessárias. Em Amsterdã, por Viúva de J. V. Someren. Anno 1681".

Milhares de erros foram detectados nesse Novo Testamento de Almeida, muitos deles produzidos pela comissão de eruditos que tentou harmonizar o texto em português com a tradução holandesa de 1637. O próprio Almeida identificou mais de dois mil erros nessa tradução, e outro revisor, Ribeiro dos Santos, afirmou ter encontrado número bem maior.

Logo após a publicação do Novo Testamento, Almeida iniciou a tradução do Antigo Testamento e, ao falecer, em 6 de agosto de 1691, havia traduzido até Ezequiel 41.21.

Em 1748, o pastor Jacobus op den Akker, da Batávia, reiniciou o trabalho interrompido por Almeida e, cinco anos depois, mais precisamente em 1753, foi impressa a primeira Bíblia completa em português, em dois volumes. Estava, portanto, concluído o inestimável trabalho de tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida.

Apesar dos erros iniciais, ao longo dos anos, estudiosos evangélicos têm depurado a obra de João Ferreira de Almeida, tornando-a a preferida dos leitores de fala portuguesa.

Tradução de Figueiredo

Nascido em 1725, em Tomar, nas proximidades de Lisboa, o padre Antônio Pereira de Figueiredo, partindo da Vulgata Latina, traduziu integralmente o Novo Testamento, gastando dezoito anos nessa laboriosa tarefa. A primeira edição do

Novo Testamento saiu em 1778 em seis volumes. Quanto ao Antigo Testamento, os dezessete volumes de sua primeira edição foram publicados de 1783 a 1790.

Em 1819, veio à luz a Bíblia completa de Figueiredo, em sete volumes, e, em 1821, ela foi publicada pela primeira vez em um só volume.

Figueiredo incluiu em sua tradução os chamados livros apócrifos que o Concílio de Trento havia acrescentado aos livros canônicos, em 8 de abril de 1546. Esse fato tem contribuído para que sua tradução seja ainda hoje apreciada pelos católicos romanos nos países de fala portuguesa.

Na condição de exímio filólogo e latinista, Figueiredo pôde utilizar-se de um estilo sublime e grandiloquente, resultando seu trabalho em um verdadeiro monumento da prosa portuguesa. Mas, por não conhecer os idiomas originais e ter-se baseado tão-somente na Vulgata, sua tradução não tem suplantado, em preferência popular, o texto de Almeida.

[1] Este capítulo foi extraído da Bíblia de Referências Thompson, publicada pela Editora Vida, com algumas adaptações. O texto é de autoria de Jefferson Magno Costa e Abraão de Almeida.

Capítulo 9

A BÍBLIA NO BRASIL

Em 1847, foi publicado, em São Luís do Maranhão, o Novo Testamento, traduzido pelo frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, que se baseou na Vulgata. Esse foi, portanto, o primeiro texto bíblico traduzido no Brasil. Essa tradução tornou-se famosa por trazer em seu prefácio pesadas acusações contra as "bíblias protestantes", que, segundo os acusadores", estariam falsificadas" e falavam "contra Jesus Cristo e contra tudo quanto há de bom".

Em 1879, a Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro publicou o que ficou conhecida como a primeira edição brasileira do Novo Testamento de Almeida.

Essa versão foi revista por José Manoel Garcia, docente do Colégio D. Pedro II; pelo pastor M. P. B. de Carvalhosa, de Campos, Rio de Janeiro, e pelo primeiro agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, pastor Alexandre Blackford, ministro do evangelho no Rio de Janeiro.

"Harpa de Israel" foi o título que o notável hebraísta P. R.

dos Santos Saraiva deu à sua tradução dos Salmos, publicada em 1898.

Em 1909, o padre Santana publicou sua tradução do evangelho de Mateus, vertida diretamente do grego. Três anos depois, J. Basílio Teles publicou a tradução do livro de Jó, com sangrias poéticas. Em 1917, foi a vez de J. L. Assunção publicar o Novo Testamento, tradução baseada na Vulgata latina.

Em 1917, traduzido do velho idioma etíope, surgiu, isoladamente no Brasil, o livro de Amós, traduzido por Esteves Pereira. Seis anos depois, J. Basílio Pereira publicou a tradução do Novo Testamento e do livro dos Salmos, ambos baseados na Vulgata. Por essa época, surgiu no Brasil (infelizmente, sem indicação de data) a Lei de Moisés (Pentateuco), edição bilíngue (hebraico-português), preparada pelo rabino Meir Masiah Melamed.

O padre Humberto Rohden foi o primeiro católico a traduzir, no Brasil, o Novo Testamento diretamente do grego. Publicada pela instituição católica romana Cruzada Boa Esperança, em 1930, essa tradução, por estar baseada nos textos considerados inferiores, sofreu severas críticas.

Todos esses acima mencionados fizeram traduções parciais das Sagradas Escrituras. Entretanto, paralelamente, a partir de 1902, as Sociedades Bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil patrocinaram uma nova tradução das Escrituras para o português, baseada nos manuscritos melhores que os utilizados por Almeida. A comissão constituída para tal fim, composta de especialistas nos vernáculos

originais, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira, fez uso de ortografia correta e vocabulário erudito. Publicado em 1917, esse trabalho ficou conhecido como Tradução Brasileira. Apesar de ainda hoje apreciadíssima por grande número de leitores, essa Bíblia não conseguiu firmar-se no gosto do grande público.

Coube ao padre Matos Soares realizar a tradução mais popular da Bíblia entre os católicos na atualidade. Publicada em 1930 e baseada na Vulgata, essa tradução possui notas entre parênteses defendendo os dogmas da Igreja Católica Romana. Por esse motivo, recebeu apoio papal em 1932.

A primeira revisão da Bíblia em português feita pela Trinitarian Bible Society (Sociedade Bíblica Trinitária) foi iniciada no dia 16 de maio de 1837. Essa decisão foi tomada seis anos após a formação da Sociedade. O primeiro projeto escolhido para a publicação da Bíblia numa língua estrangeira pela Sociedade foi o português. O reverendo Thomas Boys, do Trinity College, Cambridge, foi encarregado de liderar o empreendimento.

Em 1969, em São Paulo, foi fundada a Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, com o objetivo de revisar e publicar a Bíblia de João Ferreira de Almeida como Edição Corrigida e Revisada fiel ao texto original.

Em 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas encomendaram a um grupo de hebraístas, helenistas e vernaculistas competentes uma revisão da tradução de Almeida. A comissão melhorou a linguagem, a grafia de nomes próprios e o estilo da Bíblia de Almeida.

Em 1948, organizou-se a Sociedade Bíblica do Brasil, destinada a "dar a Bíblia à pátria". Essa entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofundada, que deu origem à Edição Revista e Atualizada no Brasil, e uma menos aprofundada, que conservou o antigo nome "corrigida".

Em 1967, a Impresa Bíblica Brasileira, criada em 1940, publicou a sua Edição Revisada de Almeida, comparada com os textos em hebraico e grego. Essa edição foi posteriormente reeditada com ligeiras modificações.

Mais recentemente, a Sociedade Bíblica do Brasil traduziu e publicou a Bíblia na linguagem de hoje (1988). O propósito básico dessa tradução tem sido apresentar o texto bíblico numa linguagem comum e corrente.

Em 1990, a Editora Vida publicou a sua Edição Contemporânea da Bíblia de Almeida. Essa edição eliminou arcaísmo e ambiguidades do texto quase tricentenário de Almeida e preservou, sempre que possível, as excelências do texto que lhe serviu de base.

Uma comissão constituída de especialista em grego, hebraico, aramaico e português, coordenada pelo rev. Luiz Sayão, sob o patrocínio da Sociedade Bíblica Internacional, agraciou o público brasileiro com a Nova Versão Internacional, mais conhecida como NVI, no ano 2000.

Durante as duas últimas décadas, tem havido uma grande quantidade de novas traduções, numerosas demais para serem mencionadas aqui. Algumas se empenharam em ser interpretações literais dos originais, enquanto outras, definitivamente, são paráfrases.

Referências

ARCHER JR, Gleason. *Merece confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BOICE, James Montgomery. *O alicerce da autoridade bíblica*. São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova, 1997.

BRUNELLI, Walter. Curso Intensivo de Teologia, vol. 1, São Paulo: Ministério IDE, 1999.

CARSON, D.A. *A exegese e suas falácias*. São Paulo: Editora Vida Nova.

CHAMPLIN, R. N e BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.*, vol. 1, São Paulo: Candeia, 1995, p. 527.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, São Paulo: Candeia, 1995.

COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

DOCKERY, David S. Manual Bíblico Vida Nova. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

DRANE, John. A Bíblia: fato ou fantasia? São Paulo: Bom Pastor Editora, 1994.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento.* São Paulo: Editora Vida, 1999.

FEE, Gordon D. e STUART, Douglas. *Entendes o que lês?*, São Paulo: Editora Vida Nova, 2000.

GEISLER, Norman e NIX, William. *Introdução bíblica.* São Paulo: Editora Vida, 1997.

GEISLER, Norman. *A inerrância da Bíblia.* São Paulo: Editora Vida, 2003.

GILBERTO, Antonio. *A Bíblia através dos séculos.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

HOFF, Paul. *O Pentateuco.* São Paulo: Editora Vida, 1993.

_____ *Os livros históricos.* São Paulo: Editora Vida, 1996.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática.* Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

ICP. Curso Interdenominacional de Teologia, módulo 1, São Paulo: ICP Editora, 2003.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus.* Obra completa. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã.* São Paulo: Vida Nova, 1994.

MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas.* Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

MYER, Pearlman. *Através da Bíblia livro por livro.* São Paulo: Editora Vida, 1996.

_____. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia.* São Paulo: Editora Vida, 1999.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Vida Nova, 1999.

SHANKS, Hershel. *Para compreender os manuscritos do mar Morto.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

STEIN, Robert. Guia Básico para Interpretação da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de Referências Thompson. São Paulo: Editora Vida, 1990.

TONINI, Enéas e BENTES, João Marques. *Janelas para o Novo Testamento.* São Paulo: Louvores do Coração. 1992.

_____. *O período interbíblico.* 7ª edição. São Paulo: Louvores do Coração. 1992.



Doutrina de Deus



INTRODUÇÃO

Quantas vezes ouvimos alguém dizer: "Qual é a necessidade de estudar teologia? Não basta que eu simplesmente ame Jesus?".

Para muitos, a doutrina não só é desnecessária, mas, também, indesejável, podendo ser facciosa. Entretanto, apresentaremos algumas razões pelas quais o estudo das doutrinas teológicas não é opcional:

1) A crença correta é essencial e influencia o nosso relacionamento com Deus. Na carta aos hebreus, o autor disse o seguinte: "Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam" (Hb 11.6 — NVI).
2) A doutrina é importante, tendo em vista que hoje se valoriza mais a experiência do que a verdade. Quantos, hoje, estão distantes da verdade divina por crerem incondicionalmente em um líder religioso. Resistem a qualquer comentário corretivo ou cauteloso, se de-

leitando com sentimentos subjetivos produzidos por clichês ou lendas, recusando-se a submeter a exames. A característica principal aqui é o apego às tradições orais sem substâncias. Há uma enorme diferença entre ouvir falar de alguém e conhecê-lo pessoalmente. Ouvir falar de alguém é apenas saber que essa pessoa existe, entretanto, conhecer alguém pessoalmente significa muito mais.

3) Para não sermos confundidos. Em nossos dias, há muitos sistemas de pensamentos religiosos e seculares que disputam a nossa devoção. Entre as opções religiosas, há um grande número de seitas e cultos, além de uma enorme variedade de denominações cristãs.

Depois de abordamos a necessidade de se conhecer um pouco mais sobre teologia sistemática, começaremos, então, a entender o que é a doutrina de Deus. Para que possamos falar sobre teologia, devemos, antes, partir do princípio básico de que Deus existe e que Ele se revelou e tem deixado esta revelação à disposição da raça humana.

A palavra "teologia" tem origem em dois termos gregos: *theos,* que significa Deus, e *logia,* que quer dizer "estudo"; portanto, dissertação ou raciocínio sobre Deus. O termo teologia é usado de dois modos:

1) Pode descrever o estudo de toda a verdade bíblica ou;
2) Pode descrever especificamente o estudo de Deus, sua existência, natureza, nomes, atributos e obras.

Embora o cristão baseie seu conhecimento de Deus principalmente nas Escrituras Sagradas e na revelação de Deus mediante seu Filho, Jesus Cristo, também acolhe com agrado as evidências comprobatórias no Universo e na natureza. Qualquer tentativa de estudar Deus e a verdade divina irá, necessariamente, tomar alguma forma ou sistema, caso deva ser compreendida e retida.

O estudo de Deus é de máxima importância, pois o Senhor é o bem maior do homem; é a fonte de vida e sustento: "Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). O apóstolo Paulo, em seu sermão aos atenienses, afirmou: "De um só fez toda a raça humana [...] porventura, tateando, o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós" (At 17.26,27).

Em relação a esse assunto, João Calvino disse: "Quase toda sabedoria que possuímos, ou seja, a sabedoria verdadeira e sadia consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos".

É impossível conhecermos a nós mesmos e o nosso propósito na vida sem que haja em nós algum conhecimento de Deus e de sua vontade.

CAPÍTULO 1

A EXISTÊNCIA DE DEUS

A existência de Deus é uma premissa fundamental das Escrituras, que não tecem argumentos para afirmá-la ou comprová-la. O cristão aceita a verdade da existência de Deus pela fé. Mas, esta fé não é cega, antes, é baseada em provas que se encontram, em primeiro lugar, nas Escrituras e, de forma secundária, na revelação de Deus na natureza.

A Bíblia pressupõe a existência de Deus em sua declaração inicial, em Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". A Bíblia não descreve Deus apenas como Criador de todas as coisas, mas, também, como sustentador de todas as coisas. O Senhor Deus revelou, gradativamente, seu grandioso propósito de redenção por meio da escolha e direção do povo de Israel na antiga aliança, registrada no Antigo Testamento, e, também, por sua culminação inicial na pessoa e obra de Cristo, no Novo Testamento.

Em quase todas as páginas das Escrituras Sagradas, Deus se revela por meio de atos e palavras, sendo que esta revelação constitui, para todos os cristãos, em base da crença na existência de Deus, tornando a fé inteiramente razoável.

O finito não pode compreender o infinito. Só conhecemos Deus na medida em que o próprio Deus se relaciona conosco, mediante a revelação de si mesmo, e por intermédio de Jesus Cristo, principalmente.

Evidências que provam a existência de Deus

O Salmo 14.1 declara: "Disse o néscio no seu coração: Não há Deus". E, ainda: "Por causa do seu orgulho, o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: Não há Deus" (Sl 10.4).

O apóstolo Paulo lembra aos efésios que eles, anteriormente, viviam "sem Deus no mundo" (Ef 2.12). A incredulidade rejeita, sem pensar, qualquer possibilidade de haver revelação divina, pois o descrente rejeita a Bíblia como revelação divina e, como consequência, não aceita aquilo que ela revela e, com isso, recusa-se a crer no Deus da Bíblia.

Por ser o homem finito e Deus infinito, não podemos conhecer Deus, a menos que Ele se revele para nós; ou seja, a menos que Deus se manifeste aos seres humanos de tal forma que os homens possam conhecê-lo e ter comunhão com Ele.

Embora a Bíblia não apresente argumentos em favor da existência de Deus, há algumas evidências para os que desejarem ter a certeza de que há um Deus verdadeiro que se revelou ao mundo.

Na natureza

O salmista diz: "Os céus manifestam a glória de Deus" (Sl 19.1). O apóstolo Paulo declarou: "Os atributos invisíveis de Deus, assim como o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis" (Rm 1.20).

Essa e outras passagens das Escrituras dão a entender que Deus deixou provas a respeito de si mesmo no mundo que criou. O planeta Terra está inclinado em seu eixo em relação ao Sol, estabelecendo, assim, as estações e a melhor distribuição de luz e calor durante o ano.

A terra fica a uma distância ideal do Sol, a fim de evitar o calor escaldante e o frio extremo. A composição química da atmosfera se acha num equilíbrio ideal para a vida animal e vegetal. Uma das substâncias mais comum é a água. A maior parte das outras substâncias torna-se mais densa quando baixa a temperatura. A água, felizmente, se expande e se torna menos densa quando congelada. Na forma de gelo, a água flutua sobre a superfície de lagos, rios e mares. Se a água, quando em seu estado sólido, se tornasse mais densa e afundasse, muitos rios, lagos e mares jamais se descongelariam e grande parte da terra tornar-se-ia glacial e inabitável.

O Universo, em toda a parte, manifesta um movimento preciso e ordenado. "O que fez o ouvido, acaso não ouvirá? E o que formou os olhos, será que não enxerga?" (Sl 94.9).

Na história

Um exemplo da revelação de Deus na história é a preservação do povo de Israel. Essa pequena nação vem sobrevivendo, ao longo dos séculos, em ambientes basicamente hostis, muitas vezes, em face de severa oposição.

Na revelação geral

Em todas as culturas, em todos os tempos e lugares, os homens vêm crendo na existência de uma realidade superior a si mesmos e até em algo superior à raça humana. A Palavra de Deus declara que o homem foi criado à imagem de Deus: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (Gn 1.26,27).

Não devemos buscar a imagem de Deus no homem físico, pois "Deus é Espírito" (Jo 4.24). Em lugar disso, devemos procurar a imagem de Deus no homem espiritual: "E vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Cl 3.10).

Capítulo 2

A NATUREZA DE DEUS

Quem pode definir a natureza e a essência do Deus infinito? Não só os seus caminhos são "inescrutáveis" (Rm 11.33), como também sua natureza e seu ser ultrapassam a nossa compreensão. Zofar falou: "Porventura, desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até a perfeição do Todo-Poderoso?" (Jó 11.7). "Com quem compararei a Deus? Ou que cousa semelhante confrontareis com ele?" (Is 40.18). Desde que o tempo teve início, o homem tem procurado descrever ou retratar Deus por meio de figuras, pintura e palavra descritiva, mas sempre tem falhado, ficando muito distante de seu alvo. Todavia, Deus nos revelou o necessário de sua natureza essencial para que possamos servi-lo e adorá-lo. Sem a revelação, o homem nunca seria capaz de adquirir qualquer conhecimento de Deus. E, mesmo depois de Deus ter-se revelado objetivamente, não é a razão humana que descobre Deus, mas é Deus que se descerra aos olhos da fé.

Contudo, pela aplicação da razão humana santificada ao estudo da Palavra, o homem pode, sob a direção do Espíri-

to Santo, obter um sempre crescente conhecimento de Deus. Em sua Palavra, o Senhor Deus revela a si mesmo, fazendo-se conhecer ou proclamando o seu nome: "Falou Deus a Moisés e disse: Eu sou o Senhor. E eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido" (Êx 6.3).

Por ser um Deus pessoal, se apresenta às pessoas. Quando Moisés pergunta o que diria para identificar a pessoa que o enviara ao povo de Israel, o Senhor respondeu dizendo-lhe seu nome: "EU SOU O QUE SOU [EU SEREI O QUE SEREI]" (Êx 3.14).

A natureza de Deus melhor se revela por seus atributos. Precisamos ter o cuidado de não imaginá-lo como sendo abstrato, mas como meios vitais que revelam a natureza de Deus. Segundo Eurico Bergstén, "atributo é uma característica essencial de um ser, aquilo que lhe é próprio",[6] portanto, são aquelas características essenciais, permanentes e distintivas, que podem ser afirmadas a respeito de Deus.

Várias declarações sobre Deus nas Escrituras definem diversos aspectos de sua natureza, tais como: Deus é Espírito (Jo 4.24), Deus é luz (1Jo 1.5), Deus é amor (1Jo 4.8) e Deus é fogo consumidor (Hb 12.29).

Deus é Espírito

A declaração de que Deus é Espírito significa que Ele não pode ficar limitado a um corpo físico, nem às dimensões de espaço e tempo. Ele é um Deus invisível e eterno. Por ser Es-

6 BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*, 1ª ed., Rio de Janeiro: CPAD. 1999, p. 26.

pírito, Deus pode estar sempre presente (Mt 28.20). O nosso Senhor indicou que o homem deve "nascer do Espírito" a fim de entrar no reino de Deus, para que possa ter comunhão com Deus, que é Espírito (Jo 3.5).

Dois problemas surgem com respeito à afirmação de que Deus é Espírito. Primeiro, algumas passagens bíblicas representam Deus como tendo olhos, ouvidos e/ou braços (Is 52.10; Sl 34.15). Essas figuras de linguagem são chamadas de antropomorfismo, que significa "semelhante ao homem". As Escrituras condescendem com a nossa limitação, atribuem a Deus (em sentido figurado) "ouvido" para ouvir nossos gemidos ou "braços" para nos socorrer.

O segundo problema com a representação da espiritualidade de Deus é que Ele é, algumas vezes, representado aparecendo como que em forma humana (Gn 17,18,19; Js 5.13-15). Embora Deus seja em essência Espírito, Ele, que fez todos os seres e coisas, pode, para seus sábios fins, assumir qualquer forma adequada aos seus propósitos. A Bíblia apresenta vários casos em que Deus aparece visivelmente. Por exemplo, a Abraão, a fim de lhe assegurar o filho prometido, por meio de cujos descendentes todas as nações seriam abençoadas. Essas aparições são chamadas de "teofanias". Além disso, em 1Coríntios 15.38-54, o apóstolo Paulo declara que os seres espirituais podem ter corpos espirituais. Depois da ressurreição, Jesus passou a ter um corpo espiritual que não estava sujeito às limitações físicas (Jo 20.19-29) e há alguma

indicação de que Ele, talvez, leve eternamente em seu corpo espiritual marcas do sacrifício do calvário.

Deus é perfeito

É quase impossível pensar no Criador que é, ao mesmo tempo justo e amoroso, santo e misericordioso, juiz eterno e Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como sendo outra coisa além de perfeito. Jesus disse aos seus discípulos: "Sede vós, pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.48).

As Escrituras, incontestavelmente, declaram que Deus é perfeito.

Deus é pessoal

Um ser pessoal é alguém que tem consciência de si mesmo, que possui intelecto, sentimentos e vontade. Nos dias atuais, têm-se ressuscitado a crença em um Deus impessoal, distante, que criou o mundo e o deixou à própria sorte. Tal divindade não responde às orações e muito menos se desagrada com os atos indignos dos seres humanos, antes, é apenas o próprio Universo.

O Deus das Escrituras, no entanto, é um Deus pessoal, transcendente, que se mantém à parte do Universo como seu Criador, mas, ao mesmo tempo, é um Deus imanente, que habita dentro da sua criação, preservando-a e cuidando dela como Pai celestial.

Deus é único

A Bíblia Sagrada diz explicitamente que existe um único Deus (Dt 6.4; Mc 12.29-32). O apóstolo João ensinou aos seus discípulos: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo17.3). João registrou essas palavras do Senhor Jesus Cristo deixando claro que existe um único Deus verdadeiro. Nesse versículo, a expressão "Deus verdadeiro" está claramente associada à pessoa do Pai. E nosso Senhor Jesus disse ainda que o Pai celestial é o único Deus verdadeiro. Mas, o mesmo João que escreveu o evangelho que leva o seu nome escreveu também, na sua primeira epístola universal, na referência 5.20: "Também sabemos que o Filho já veio, e nos deu entendimento para conhecermos aquele que é verdadeiro. E estamos naquele que é verdadeiro, isto é, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna".

Essas palavras afirmam categoricamente a divindade de Jesus: "Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna".

Assim, o apóstolo atribui a palavra divindade tanto à pessoa do Pai como à pessoa do Filho. Esses textos são provas explícitas de que o apóstolo João cria e conhecia a unidade composta de Deus; ou seja, a unidade de essência de Deus como sendo o único e verdadeiro Deus, composto de três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Não estamos dizendo que o Pai seja o Filho, de maneira alguma, mas que o Pai e o Filho são duas pessoas distintas

como o próprio João declara: "Graça, misericórdia, paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, seja convosco em verdade e amor" (2Jo 1.3).

Capítulo 3

A POSSIBILIDADE DE CONHECER DEUS

Deus é infinito. Em certo sentido, Deus é incompreensível. Assim, como pode, então, seres finitos compreenderem o Deus infinito, ilimitado? Paulo, ao escrever aos romanos, declarou: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; a ele, pois, a glória eternamente. Amém" (11.33-36).

Não podemos, obviamente, compreender a plenitude da natureza de Deus, nem ter uma ideia completa de todos os seus planos e desígnios. Todavia, as Escrituras afirmam que se pode conhecer Deus: "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também

o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas" (Hb 1.1-3).

O apóstolo João declara em seu evangelho: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1.18). Embora o homem, sem ajuda, não possa, um dia, vir a conhecer o Deus infinito, fica claro que Deus se revelou e pode ser conhecido por meio da autorrevelação. Com efeito, é essencial que o homem conheça Deus, a fim de experimentar a redenção e ter a vida eterna: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3).

Durante esta vida, podemos e devemos conhecer Deus até o ponto necessário para salvação, confraternização, serviço e maturidade. Mas, na glória do céu, passaremos a conhecê-lo mais plenamente: "Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido" (1Co 13.12).

Capítulo 4

TEORIAS ERRADAS SOBRE DEUS

Reunimos, aqui, as mais conhecidas escolas de pensamento filosófico e suas doutrinas, no intuito de mostrar ao leitor uma síntese do esforço inútil do homem, através dos séculos, em seu propósito de adquirir a sua própria salvação.

Ateísmo

Teoria que nega a existência de um Deus pessoal. O ateu nega a existência de qualquer divindade, acreditando que o Universo surgiu por acaso ou que sempre existiu, sustentado por leis inerentes e impessoais. Existem dois tipos de ateus: (1) o ateu filosófico, que nega a existência de Deus, e (2) o ateu prático, que vive como se Deus não existisse.

Agnosticismo

O agnóstico não nega a existência de Deus, antes, nega a possibilidade de conhecimento de Deus. É o sistema que ensina que não sabemos, nem podemos saber se Deus existe ou não. O professor Huxley foi quem criou a palavra "agnóstica",

baseada em Atos 17.23, que, no idioma original grego, tinha a inscrição *agnosto Theo* ("o Deus desconhecido"). Ele interpretou de maneira errada essa inscrição, pois o que o apóstolo estava dizendo aos atenienses era que o "Deus desconhecido" era o Deus verdadeiro, superior a todas as divindades gregas.

O agnosticismo, hoje, é popular. É um refúgio cômodo para os que se julgam intelectuais, mas não desejam tomar uma posição de fé em relação ao Deus das Escrituras. Todos os que o busca, com sinceridade e humildade, mais cedo ou mais tarde encontrá-lo-á, pois "o Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; e de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós" (At 17.24-27).

Materialismo

O materialismo nega a existência do espírito ou de seres espirituais. Para eles, toda a realidade é simplesmente matéria em movimento. A mente e a alma humana não passam de funções do cérebro físico desenvolvido no decorrer de bilhões de anos pela evolução gradual simplesmente pela

matéria em movimento. Negam a vida pós-morte, o céu e o inferno, afirmando que são apenas estados terrenos de prazer ou sofrimento, sucesso ou fracasso.

Em nossos dias, tanto a Seicho-no-Ie como a Ciência Cristã têm seus ensinos baseados na doutrina materialista. Há uma identidade de ensino entre as duas entidades religiosas naquilo que é fundamental para ambas: a negação da realidade da matéria.

A Seicho-no-Ie tem a sua força de atração num sistema de cura sem remédios, alegando que toda doença só existe na mente da pessoa e que, mudada a maneira de pensar, ignorando-se os sintomas da doença, a enfermidade desaparece sem remédios. Do mesmo modo, procede a Ciência Cristã.

A Seicho-no-Ie ensina o seguinte: "O homem não é matéria, não é corpo carnal, não é cérebro, não é célula nervosa, não é glóbulo sanguíneo, nem é o conjunto de tudo isso. Ao lerdes a Seicho-no-Ie e conhecerdes a Verdade, se sois curados de doenças, é porque houve a destruição daquele sonho inicial" (As Sutras).

A Ciência Cristã tem ensino idêntico ao afirmar que "a matéria parece existir, mas não existe" (*Ciência e Saúde*, p. 123).

O primeiro livro das Escrituras começa com as seguintes palavras: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Assim, observa-se que a matéria existe, que a matéria é uma substância. A primeira declaração bíblica é uma negação do ensino dessas religiões. Em Gênesis 2.7 está escrito: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da

vida; e o homem foi feito alma vivente". Deus criou o homem com uma natureza material (o corpo) e uma natureza espiritual (alma e espírito), como se lê em 1Tessalonicenses 5.23: "E todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

Panteísmo

Do grego *pan* ("tudo") — todas as coisas — e *theos* ("Deus"). Como o próprio nome sugere, é a doutrina segundo a qual Deus e o mundo se fundem, constituindo-se em um todo indivisível. Esta é a religião do hinduísmo, que afirma "que tudo é Deus e Deus é tudo".

Spinoza e Hegel, filósofos, foram os panteístas mais conhecidos da modernidade.

A aceitação das religiões orientais por parte de muitos reavivou o panteísmo no continente americano. Sua maior esperança é o "nirvana", um estado sem desejos, sem paixões, sem alma.

Politeísmo

Derivada de dois termos gregos: *poly* ("muito"), e *theos* ("Deus"), o politeísmo é uma crença em muitos deuses. As forças e os elementos da natureza são deuses. Os hindus têm milhões de deuses, que associam à suas diversas religiões.

Deísmo

O deísta acredita em um Deus transcendente, mas ausente, pois Ele fez o Universo e tudo que nele há, mas deixou que sua criação fosse regida pelas leis naturais.

Para o deísmo, Deus é o princípio ou a causa do mundo.

Dualismo

Sistema filosófico que admite a existência de duas substâncias, de dois princípios ou de duas realidades como explicação possível do mundo e da vida, mas irredutíveis entre si, inconciliáveis, incapazes de síntese final ou de subordinação de um ao outro.

No sentido religioso, são também dualistas as religiões ou doutrinas que admitem duas divindades – uma positiva, princípio do bem, e outra, oposta, destruidora, negativa. As seitas orientais, em sua maioria, são dualistas. Creem existirem duas forças cósmicas, duas energias opostas que formam o Universo e tudo que nele há.

Essas duas energias recebem o nome de *Yin e Yang*.

A força positiva do bem, da luz e da masculinidade é o *Yang*, enquanto a essência negativa do mal, da morte e da feminilidade é o *Yin*.

Capítulo 5

NOMES DE DEUS

Os hebreus consideravam os nomes como uma revelação, encerrando algum atributo ou característica da pessoa nomeada. Por exemplo, o nome Adão significa "da terra", ou "tirado da terra vermelha"; o seu nome revela sua origem.

As Escrituras revelam vários nomes para Deus, pois nem um só nome nem uma multiplicidade de nomes podem revelar todos os seus atributos. Uma das maneiras de conhecermos Deus, no limite em que Ele se agra-de em revelá-lo, é por meio de seus diversos nomes que encontramos nas Escrituras.

O estudo dos nomes de Deus irá nos ajudar, de forma significativa, a alcançarmos este alvo.

Nomes genéricos de Deus

Ao contrário dos nomes específicos, os genéricos são assim designados por não serem exclusivos da divindade.

Os nomes genéricos tanto podem ser usados pelo Deus verdadeiro quanto por uma divindade falsa, por isso recebe

essa denominação. Assim, os nomes genéricos de Deus encontrado nas Escrituras são:

Elohim e Eloah (Deus)

Elohim é plural de *Eloah*. No singular, esse nome aparece 57 vezes no Antigo Testamento, ao passo que, no plural, 2.498 vezes. Esse substantivo vem do verbo hebraico *Alá*, que significa "ser adorado, ser excelente, temido e reverenciado".[7] O substantivo como nome, revela a plenitude das excelências divinas, aquele que é supremo. O nome *Elohim* aparece 2.555 vezes no Antigo Testamento hebraico e somente em 245 lugares não se refere ao Deus verdadeiro, o Deus de Israel. Por vinte vezes apenas, aparece relacionando-se a divindades pagãs individuais. Vejamos:

Com relação ao deus Baal, quatro vezes (Jz 6.31; 1Rs 18.22,25,26).

Com relação a Baal-Berite, uma vez (Jz 8.33).

Com relação a Quemos ou Camos, duas vezes (Jz 11.24; 1Rs 11.33).

Com relação a Malcan ou Milcom, uma vez (1Rs 11.33).

Com relação a Dagom, cinco vezes (Jz 16.23,24; 1Sm 5.7).

Com relação a Astarote, duas vezes (1Rs 11.5,33). Todavia, Astarote é um nome que já está no plural; então, gramaticamente, *Elohim* concorda com esse nome.

Com relação a Baal-Zebube, quatro vezes (2Rs 1.2,3,6,16). Com relação a Adrameleque, uma vez (2Rs

7 SILVA, Ezequias Soares da. *Como responder às testemunhas de Jeová*. 3ª. ed., vol. 1°, São Paulo: Candeia, p. 128.

17.31). Como o texto fala de dois deuses, o nome só poderia mesmo estar no plural.

Com relação a Nisroque, duas vezes (2Rs19.37; Is 37.38).

Para os pagãos, o seu deus (ou deuses) significava "a plenitude das excelências divinas". O que o Deus de Israel representava para o povo hebreu, essas divindades representavam para os pagãos.

É essa a justificativa do emprego de *Elohim* (plural) para uma divindade pagã individual.

El (Deus)

Esse nome está no singular, aparece (aproximadamente) 250 vezes na Bíblia e, ao que tudo indica, o seu significado é "aquele que vai adiante ou começa as coisas".

A palavra vem da forma *acádica illu*, um dos nomes mais antigos de Deus. Não se sabe com certeza se a termo *El* vem do verbo *'ul*, que forma a expressão "ser forte" ou de outro verbo, mas com raiz idêntica, que formula a expressão "começar" ou "ir adiante". Se a procedência desses nomes for do primeiro verbo, *El* significa "ser forte ou poderoso", mas se for do segundo, significa aquele que "vai adiante e começa todas as coisas". Tanto um como outro significado é apropriado para Deus, pois encontramos nele essas duas características. Deus é o forte e o Criador de todas as coisas. Portanto, *El* é o nome mais usado na Bíblia para mencionar as divindades pagãs, mas aparece também com relação ao Deus de Israel e seus atributos. A saber:

- *El Berit.* "Deus que faz aliança ou pacto" (Gn 31.13; 35.1-3).
- *El Olan.* "Deus eterno". Foi por esse nome que Abraão invocou o seu Deus em Berseba (Gn 21.33). É, também, com esse nome que o profeta Isaías denomina o Deus de Israel (Is 40.28).
- *El Sale'i.* "Deus é minha rocha, o meu refúgio" (Sl 42.9,10).
- *El Ro'i.* "Deus da vista". Deus foi chamado dessa maneira por Agar, o que não deixa de ser também mais um nome de Deus (Gn 16.13).
- *El Nosse.* "Deus de compaixão" (Sl 99.8).
- *EL Qana.* "Deus zeloso" (Êx 20.5; 34.14).
- *El Ne'eman.* "Deus de graça e misericórdia" (Dt 7.9).

El Elyon (Deus Altíssimo)

O vocábulo *Elyon* é um adjetivo derivado do verbo hebraico *Alá,* que significa "subir", "ser elevado", e designa Deus como Alto e Excelente, isto é, o Deus glorioso.[8]

É um dos nomes genéricos de Deus porque pode, também, ser aplicado a governantes. Todavia, quando se refere ao Deus de Israel, esse nome vem acompanhado de um artigo.

Abraão adorava o Deus *El Shaday,* o "Deus Todo-Poderoso" (Gn 17.1) e Melquisedeque, rei e sacerdote de Salém, era adorador do Deus *El Elyon* (Gn 14.19,20). Quando Abraão en-

8 Ibid., p. 128

controu-se com Melquisedeque, descobriu que o seu Deus era o mesmo Deus de Melquisedeque, apenas era conhecido por eles por nomes diferentes (Êx 6.2,3).

El Olam (Deus eterno)

Este nome não transmite apenas a eternidade de Deus, mas, também, sua fidelidade eterna, como registrado em Gênesis, quando Abraão chamou *YHWH* de "Deus Eterno", que guarda suas alianças (Gn 21.33).

Nomes específicos de Deus na Bíblia

Os nomes específicos são aqueles que, nas Escrituras, aparecem aplicados somente ao Deus verdadeiro. São eles: *El Shaday*, *Adonay* e *YHWH* dos Exércitos.

El Shaday (Deus Todo-Poderoso)

O nome hebraico *Shaday* é derivado de *Shadad*, que significa "ser poderoso, forte e potente"; mas há quem afirme que essa palavra seja derivada do verbo hebraico *Shadá*, que quer dizer "alimentar". Tanto a primeira quanto a segunda são inerentes à natureza divina: Deus é o Todo-Poderoso e, também, dá a vida, alimenta e torna frutuoso.

El Shaday é encontrado sete vezes nas Escrituras. O termo S*haday*, significando "Todo-Poderoso", é mencionado 41 vezes, 31apenas em Jó.

Adonay

Adonay é plural e *Adon*, singular. A palavra Adonay é usada no Antigo Testamento quase do mesmo modo que *Kyrios* é empregada no Novo Testamento grego.

YHWH

Nome impronunciável traduzido para SENHOR. Ocorre com mais frequência no Antigo Testamento: 5.321 vezes. É escrito pelas quatro consoantes YHWH – o tetragrama (o alfabeto hebraico não possui vogal).

Não sabemos realmente como os judeus pronunciavam esse nome, pois o mesmo tornou-se impronunciável para esse povo desde o período intertestamentário, pelo fato de os mandamentos proibirem que se tomasse o nome de *YHWH* (SENHOR) em vão. Então, por conta disso, os judeus temiam (e ainda temem) pronunciar o nome de Deus, substituindo-o na leitura pela palavra *Adonay* ou *há'Shem* ("O Nome") em hebraico.

Aqui, precisamos ser cautelosos, porque, como sabemos, Jeová é uma transliteração incorreta do nome de Deus, como podemos ver em algumas explicações:

Jeová. Leitura falsa do termo hebraico *Jahweh* (Dicionário Colegial Webster).

Jeová. É aceito como uma transliteração de *Jahweh* pelo fato de que, em alguns manuscritos hebraicos, a vogal se refere ao termo *Adonay*, que é usado como um eufemismo para *Yahweh*, indicando, asim, que *Adonay* foi substituído na lei-

tura oral por *Yahweh*. *Jehovah* é uma transliteração cristã do tetragrama, largamente assumido por muitos cristãos como uma autêntica reprodução do sagrado nome hebraico de Deus. Mas, agora, é reconhecido como sendo a última forma híbrida usada pelos judeus (O Terceiro Dicionário Internacional de Webster).

Jeová. É uma forma errônea do nome do Deus de Israel (Enciclopédia Americana).

Jeová. Forma falsa do nome divino *Yahweh* (Nova Enciclopédia Católica).

Jeová. Palavra mal pronunciada do hebraico *YHWH*, nome de Deus. Esta pronúncia é gramaticalmente impossível. A forma *Jehovah* é uma possibilidade filológica (Enciclopédia Judaica, p. 160).

Jeová. Erro de pronúncia do tetragrama. Trata-se do nome de Deus descrito pelas quatro letras em hebraico: *Yod, He, Vav, He*. Sendo assim, a palavra *Jehovah*, portanto, é erroneamente lida.Não há garantia para essa palavra, porque não faz nenhum sentido em hebraico (A Enciclopédia Judaica Universal).

Jeová. É uma forma errônea do nome divino de Deus da aliança de Israel (Nova Enciclopédia Schaff-Herzog).

Jeová. É uma forma artificial (Dicionário dos Intérpretes da Bíblia).

Jeová. As vogais de uma palavra com as consoantes das outras foram lidas erradamente como *Jehovah* (Enciclopédia Internacional).

Jeová. É uma reconstrução incorreta do nome de Deus do Antigo Testamento (Enciclopédia de Mérito para Estudantes).

Jeová. Quando os eruditos cristãos da Europa iniciaram o estudo do hebraico, não compreendiam o que isso realmente significava, então, introduziram o nome híbrido *Jehovah*. A verdadeira pronúncia do nome *YHWH* nunca foi perdida. Vários escritores do grego, no início da Igreja cristã, afirmavam que o nome era pronunciado da seguinte forma: *YAHWEH*, o que é confirmado, ao menos, pelas vogais da primeira sílaba do nome, a forma curta de *Yah*, que é, algumas vezes, usada em poesia (Êx 15.2,3). "O nome pessoal do Deus de Israel escreve-se na Bíblia hebraica com as quatro consoantes *YHWH* e refere-se a ele como o tetragrama. Ao menos até a destruição do primeiro templo, em 586 a.C., este nome era regularmente pronunciado com suas próprias vogais, como se vê claramente nas cartas de *lachish*, escritas pouco tempo antes dessa data" (Enciclopédia Judaica, vol. 7, Jerusalém, p. 680).

Alguns esclarecimentos importantes: não acusamos ninguém por utilizar o nome Jeová e considerá-lo um dos nomes de Deus, porém, temos de saber que essa não é uma pronúncia correta, sendo que, somente a partir de 1520, os reformadores difundiram o nome Jeová. Assim sendo, não podemos fazer desse nome uma doutrina vital, assim como fazem as testemunhas de Jeová, que declaram que os cristãos são pagãos ou adoradores de um falso deus pelo simples fato de não usarem o nome Jeová com exclusividade, como se esse

fosse o único nome para identificar os verdadeiros adoradores de Deus.

Para a Sociedade Torre de Vigia, todas as vezes que a palavra *YHWH* aparece na Bíblia, no Antigo Testamento, e a palavra *Kyrios,* no Novo, uma vez que os escritores do Novo Testamento usaram a palavra *Kyrios* no lugar do tetragrama, tem de ser substituída por Jeová. E todos os demais cristãos estão errados por não utilizarem, com frequência, esse nome.

Essa atitude das testemunhas de Jeová revela apenas uma das peculiaridades existentes nas seitas pseudocristãs que defendem tenazmente um ponto de vista, mesmo com fartas provas históricas e religiosas contrárias às suas doutrinas.

Assim, o problema não está em fazer uso de uma denominação para Deus, mas, sim, em fazer de uma simples teoria humana e incorreta um instrumento de batalha e uma doutrina capital, como fazem as testemunhas de Jeová com o nome Jeová.

Bem disse o Senhor Jesus: "Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus" (Mt 22.29).[9]

Nomes compostos de *YHWH*

YHWH enfatiza a natureza de Deus e o seu relacionamento com as várias alianças estabelecidas com o seu povo. É natural que o seu nome fosse ligado a outros termos que identifiquem e tornem específicas essas relações. A Bíblia nos

9 Para uma melhor compreensão do assunto, sugerimos que consulte o livro de Ezequias Soares da Silva, intitulado *Como responder às testemunhas de Jeová*, 3ª. ed., vol. 1, São Paulo: Candeia.

mostra com clareza que Deus se deu a conhecer, nos tempos do Antigo Testamento, por vários nomes inerentes à sua natureza e à circunstância de sua revelação.

Para Abraão, o Senhor Deus apareceu, como provisão para o sacrifício em lugar de Isaque, filho do patriarca, com o nome de *YHWH Yireh*, que significa "O Senhor proverá" (Gn 22.14). Com a promessa de livrar os israelitas das pragas e enfermidades que sobrevieram aos egípcios, o Senhor se manifestou como *YHWH Rafá*, que quer dizer: "O Senhor que sara" (Êx 15.26). Numa época de angústia, nos dias difíceis dos juízes de Israel, o Senhor apareceu a Gideão como *YHWH Shalom*, que traduzido quer dizer: "O Senhor é paz" (Jz 6.24).

Para todos os que peregrinam sobre a terra, o Senhor se apresenta como *YHWH Ra'ah*, que significa: "O Senhor é o meu pastor" (Sl 23.1). Na justificação do pecador, Deus aparece como *YHWH Tsidkenu*, que quer dizer:"O Senhor justiça nossa" (Jr 23.6).

Na batalha contra o mal e o vil pecador, Deus se apresenta como *YHWH Nissi*, o mesmo que "O Senhor é a minha bandeira" (Êx 17.15). No milênio, O Senhor será chamado de *YHWH Shammah*, cuja tradução é: "O Senhor está ali" (Ez 48.35).

Nomes de Deus no Novo Testamento

O Novo Testamento foi escrito em grego. Assim, é de fundamental importância analisar os nomes de Deus usados nesse

idioma, comparando-os com a língua materna de nosso Senhor e Salvador Jesus, pois há várias versões gregas do texto hebraico do Antigo Testamento, como, por exemplo, a Septuaginta.

Com a maestria que lhe é peculiar, Ezequias Soares esclarece o assunto, dizendo:

"O Novo Testamento original, grego, traduziu o tetragrama *YHWH* pela palavra grega *kyrios*, que quer dizer 'Senhor', e, por essa razão, as nossas versões traduziram o tetragrama pelo nome 'Senhor', o que se enquadra perfeitamente no modelo bíblico. O nome *Yahweh* não aparece uma vez sequer no Novo Testamento grego. Portanto, se faz necessário saber quais são os equivalentes gregos dos nomes usados para Deus no Antigo Testamento, como, por exemplo *El, Elohim, Elyon e YHWH*".

Theos

Dos nomes aplicados a Deus, *theos* é o mais comum (Jo 1.1). Tanto *theos* como *Elohim* podem significar "Deus" ou "deuses", e, às vezes, é empregado com referência a deuses pagãos, embora, estritamente falando, expresse divindade essencial.

Kyrios

A Septuaginta traduziu *Adonay* e *YHWH* pela palavra grega *Kyrios,* que é "Senhor", nome divino (Fp 2.11). *Kyrios* designa Deus como Poderoso, Senhor, Possuidor, Governador, aquele que tem poder e autoridade legal. E esse nome

não é empregado somente como uma referência a Deus Pai, mas, também, a Cristo.

Pater

Foi utilizado, repetidamente, no Antigo Testamento para designar a relação de Deus com Israel (Dt 32.6; Sl 103.13; Is 63.16; 64.8; Jr 3.4,19; 31.9; Ml 1.6; 2.10), sendo que Israel é chamado, ainda, de filho de Deus (Êx 4.22; Dt 14.1, 32.19; Is 1.2; Jr 31.20; Os 11.1). Nestes casos, o nome expressa a relação especial que Deus mantém com o seu povo escolhido, os judeus.

Capítulo 6

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Estudar os atributos de Deus é uma tarefa séria, haja vista que a palavra "atributo" não é ideal, porque pode transmitir a noção de acrescentar ou consignar alguma coisa a alguém e, por isso mesmo, pode criar a impressão de que alguma coisa é acrescentada ao Ser divino.

Uma vez que o Eterno é um ser infinito, fica impossível a qualquer criatura conhecê-lo exatamente como Ele é. Todavia, Deus revelou as perfeições e excelências da sua natureza que considera essenciais para a nossa redenção, adoração e comunhão. E todos esses atributos divinos estão nas Escrituras inspiradas, onde temos a revelação de Deus para nós.

O homem não pode extrair conhecimento de Deus como faz com outros objetos de estudo, mas Deus, bondosamente, transmite conhecimento de si mesmo ao homem. E ao homem cabe aceitar aceitar e assimilar esse conhecimento.

Os atributos de Deus são aquelas características essenciais, permanentes e distintivas que podem ser afirmadas a respeito

do Senhor. Esses atributos são suas próprias perfeições, inseparáveis de sua natureza e condicionam seu caráter.

As várias divisões dos atributos

Várias classificações têm sido sugeridas, a maioria das quais distingue duas classes gerais. Em classes são designados por diferentes nomes e representam diferentes pontos de vista, mas, substancialmente, são as mesmas.

Desejamos salientar que o objetivo da classificação é a ordem. E o objetivo da ordem é a clareza.

Entre as divisões, as mais importantes são:

- Atributos naturais e atributos morais.
- Atributos absolutos ou incomunicáveis e atributos relativos ou comunicáveis.

Atributos absolutos ou incomunicáveis

Os atributos incomunicáveis são aquelas características qualitativas do supremo Deus que não são compartilhadas com nenhuma de suas criaturas.

Autoexistência

"Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo" (Jo 5.26).

Devemos nos manter ensinos das Escrituras e recusar-nos a subordinar a autoridade das Escrituras e as convicções intuitivas de nossa natureza moral e religiosa às definições arbitrárias de algum sistema filosófico. A Bíblia ensina que

Deus é absoluto (por existir em si mesmo), independente, imutável, eterno, sem limitação e relação necessária com algo fora dele mesmo.

O ser humano, em toda a história, tem procurado perpetuar sua existência. No decurso da humanidade, alguns homens excluíram Deus de suas vidas, a ponto de afirmarem que Deus não existe (Sl 14.2). Em tempos recentes, "os intelectuais da modernidade profetizaram: aposentaremos Deus num canto desnecessário do Universo, condenaremos a divindade ao ostracismo. Sartre falava do silêncio de Deus e Jasper, da ausência divina. Buber gostava de mencionar o eclipse de Deus. Hamilton propôs a teologia da morte de Deus".[10]

Ao contrário do que previam os filósofos da modernidade, Deus não morreu. Debaixo do sol morrem os sonhos, o estado, a arte, a família, a filosofia, o ecossistema, os santos, a música... Entretanto, Deus é a fonte absoluta de toda a vida e ser, a Causa sem causa. Na qualidade de Ser infinito, absolutamente independente e eterno, Deus está acima da possibilidade de mudanças. Deus, em verdade, não depende de nada que lhe seja alheio, mas faz todas as coisas dependerem dele, pois é autoexistente, tem existência própria.

10 GONDIM, Ricardo. *Artesãos da história*. São Paulo: Editora Candeia, p. 93.

Imutabilidade

"Eu, o Senhor, não mudo" (Ml 3.6).

"Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tg 1.17).

Na qualidade de Ser infinito, absolutamente independente e eterno, Deus está acima da possibilidade de mudança. Mudam as criaturas e tudo que é da terra, Deus, porém, não muda, porque é e há de ser eternamente o mesmo. Afinal, Ele é infinitamente perfeito e a perfeição infinita impede e elimina toda e qualquer alteração.

Assim, Deus é absolutamente imutável em sua essência e atributos. Não pode aumentar nem diminuir. Seu conhecimento e poder nunca podem ser maiores nem menores. Ele nunca pode ser mais sábio ou mais santo, nem mais justo ou mais misericordioso do que sempre foi e sempre será.

Ele é "o Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação" (Tg 1.17).

"Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" (Nm 23.19).

"Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Ml 3.6). "O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do seu coração, de geração em geração" (Sl 33.11).

"O SENHOR dos Exércitos jurou, dizendo: Como pensei, as-

sim sucederá; e, como determinei, assim se efetuará" (Is 14.24).

"Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e o homem do meu conselho, desde terras remotas; porque assim o disse, e assim acontecerá; eu o determinei e também o farei" (Is 46.9-11).

Eternidade

"Assim, ao rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém" (1Tm 1.17).

Deus não teve princípio e não terá fim. O Senhor conhece os acontecimentos em toda a sua sucessão no tempo, mas não está limitado, de nenhum modo, pelo tempo. A forma em que a Bíblia apresenta a eternidade de Deus é de duração pelos séculos sem fim (Sl 90.2; 102.12; Ef 3.21).

Onipresença

"Sou apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? — diz o Senhor. Porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o Senhor" (Jr 23.23,24).

A palavra onipresença deriva de dois vocábulos latinos: *omnis*, que significa "tudo", e *praesum*, que quer dizer "estar próximo ou presente". Deus está presente em todos os luga-

res. Ele age em todos os lugares e possui pleno conhecimento de tudo quanto ocorre em todos os lugares. Isso não significa, contudo, que Deus esteja presente em todos os lugares em sentido corporal. Sua presença é espiritual e não material, ainda que seja uma real presença pessoal.

Onisciência

"Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento, quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra não me chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda" (Sl 139.1-4).

Onisciência é uma palavra derivada de dois vocábulos latinos: *omnis*, que significa "tudo", e *scientia*, cuja tradução é "conhecimento". As Escrituras ensinam que Deus é onisciente. Sua compreensão é infinita. Sua inteligência é perfeita. Há os que perguntam, por exemplo, como Deus pode saber quem há de se perder e, ainda assim, permitir que os tais se percam. O conhecimento prévio de Deus, porém, não predetermina as escolhas individuais, porquanto Deus respeita o nosso livre-arbítrio.

Em Efésios 1.3-14, temos o esboço da história predeterminada do mundo. Mas, esse vislumbre da predestinação do Universo não elimina a liberdade que Deus nos reservou, porque nos fez indivíduos e livres.

Por conta do livre-arbítrio, Deus permite que as pessoas escolham o seu próprio destino após a morte: céu ou inferno!

Onipotência

"Ah, Senhor Deus! Tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com teu braço estendido. Nada há que te seja demasiadamente difícil" (Jr 32.17).

A palavra onipotência deriva de dois termos latinos: *omnis* e *potentia*, que, juntas, significam "todo o poder". Esse atributo significa que seu poder é ilimitado, que o Senhor Deus tem o poder de fazer qualquer coisa que queira, portanto, Ele é o Todo-Poderoso.

Disse Deus: "Haja luz", e houve luz. O profeta Jeremias exclama: "Ah! Senhor Deus, eis que tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; não te é maravilhosa demais coisa alguma" (Jr 32.17).

O nosso Senhor Jesus disse: "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mt 19.26). O salmista, muito antes, dissera: "Mas o nosso Deus está nos céus e faz tudo o que lhe apraz" (Sl 115.3). Outra vez: "Tudo o que o SENHOR quis, ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos" (Sl 135.6).

O Senhor Deus onipotente reina e age segundo o seu beneplácito entre os exércitos dos céus e os habitantes da terra.

Atributos morais ou comunicáveis

Se os atributos incomunicáveis salientam o absoluto ser de Deus, os demais acentuam a sua natureza pessoal. É nos atributos comunicáveis que Deus se posiciona como ser moral, consciente, inteligente e livre, como ser pessoal no mais alto

sentido da palavra. Chamaremos alguns atributos de morais por terem sido compartilhados, até certo ponto, com o homem remido e por se referirem ao caráter e à conduta. Todos eles falam da bondade de Deus.

Santidade

"Porque eu sou o SENHOR, vosso Deus; portanto, vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.44).

O termo hebraico para santo é *quadosh*. Segundo a definição da obra *Old Testament Word Studies*, esse termo é "atribuído a todas as coisas que, de qualquer forma, pertençam a Deus ou à sua adoração; sagrado, livre de contaminação ou vício, idolatria e outras coisas impuras e profanas".

Já no grego, a palavra para santo é *hagios*, definida como segue pelo *Greek Lexicon*: "Dedicado a Deus, santo, sagrado; reservado para Deus e seu serviço; puro, perfeito, digno de Deus, consagrado".

As Escrituras declaram a santidade de Deus em altos e solenes tons: "Santo e tremendo é o seu nome". A perfeição da santidade de Deus é o motivo supremo da adoração que lhe é devida. Por cerca de trinta vezes, o profeta Isaías se refere a *Yahweh*, chamando-o de "o Santo".

Nos dias do Novo Testamento, a ênfase mudou mais para a pureza da vida interior e a separação do mundo (Rm 6.19,22; 12.1,2; 2Co 7.1; Ef 4.24; 1Ts 3.13; 4.7; Tt 2.3; Hb 12.10,14; 1Pe 1.15,16; 2Pe 3.11). Um Deus santo terá um povo santo: "Mas como é santo aquele que vos chamou, sede vós também

santos em todo o vosso procedimento; pois está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (1Pe 1.15,16).

Amor (incluindo a misericórdia e a graça)

"Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos. Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros" (1Jo 4.8-11).

Na sua santidade, Deus é inacessível. No seu amor, se aproxima de nós. O Antigo Testamento não revela o amor de Deus em palavras até o livro de Deuteronômio. É possível que fosse necessário estabelecer primeiro a santidade de Deus antes da revelação de seu amor. O amor é o atributo por meio do qual o Senhor deseja um relacionamento pessoal com aqueles que possuem sua imagem e semelhança. E, especialmente, com aqueles que foram purificados pelo sangue de Jesus.

Justiça (retidão)

"Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti seja.

Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25).

A palavra hebraica para reto é *tsedek*, cuja definição é como segue: "retidão, correção, integridade, justiça de um juiz, de um rei, de Deus, demonstrada em castigar o perverso, ou em vingar, livrar, recompensar o justo".

O termo grego para reto é *dikaios*. Vejamos sua definição:

a) Em relação ao Senhor Deus: justo, reto, com referência ao seu juízo dos homens e das nações, como um juiz justo.
b) Em relação aos homens: direito, justo, reto, conforme as leis de Deus e dos homens, vivendo de acordo com elas.

Deus é um Deus reto, porque age sempre em absoluta conformidade com sua santa natureza e vontade. Nesse atributo, vemos revelado, seu ódio contra o pecado, uma indignação tal que, livre de toda paixão ou capricho, sempre o impele a ser justo e a exigir o que é justo.

Fidelidade

"Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa. Porventura, tendo ele dito não o fará, ou tendo falado não o realizará?" (Nm 23.19).

Sabemos que todas as suas promessas são cumpridas, porque:

Deus não irá prometer o que não pretender cumprir.

Mais ainda, sendo onipotente, Deus é capaz de cumprir o que promete. Devemos compreender que certas promessas

são condicionais à obediência; se desobedecermos, Deus não será infiel a uma promessa, ainda que demore a cumpri-la. Se demorar, é sempre em nosso favor. Em seu tempo ditado pela sua sabedoria, cumprirá fielmente sua promessa (Hb 10.23; 2Co 1.20; 2Pe 3.4; 1Rs 8.56; 2Pe 1.4).

Trindade

Em continuação à doutrina de Deus, estudada no módulo 1 do curso de Teologia, iniciaremos este volume com um tema de fundamental importância para a sobrevivência do cristianismo: a Trindade. Aproximamo-nos do estudo da Trindade com um profundo sentimento de reverência.

A doutrina da Trindade sempre enfrentou dificuldades e, portanto, não é de se admirar que a Igreja, em seus esforços para formulá-la, tenha sido, repetidamente, tentada a racionalizá-la, sofrendo, com isso, ataques dos mais diversos.

Todo estudo da natureza de Deus desafia a nossa inteira compreensão, porém, a triunidade de Deus é o maior de todos os mistérios divinos.

No século 2°, erguendo o lema *Monarchiam tenemus* ("Temos monarquia"), surgiu a doutrina da existência de um só Deus com exclusão das diferentes Pessoas. Para uma facção dos monarquinianistas, Cristo era um simples homem, e representava apenas o dinamismo de Deus (dinamistas); para outra, Ele era tão-somente o Filho de Deus pela graça (adocionistas).

Os monarquianos modalistas asseguravam a divindade de Cristo, mas somente como um rosto diferente de Deus.

Os patripassionistas não viam diferença entre o Pai e o Filho e receberam essa denominação pela doutrina que defendiam, ou seja, atribuíam ao Pai os sofrimentos de Cristo.

O sabelianismo se insurgiu contra a fé em três Pessoas, as quais seriam apenas denominações diferentes para uma essência divina.

O adocionismo considerava o Verbo encarnado como Filho natural de Deus na natureza divina, e Filho adotivo na natureza humana. Negando a primeira parte da heresia anterior, o arianismo excluía o Filho da esfera da divindade e o considerava apenas Filho adotivo de Deus.

Com relação à Pessoa divina do Espírito Santo, levantaram-se, principalmente, os pneumáticos, que lhe negavam a divindade e, consequentemente, apregoavam sua inferioridade com relação ao Pai e o Filho.

As vozes dos defensores da ortodoxia levantaram-se, em todos os momentos, em favor da autenticidade da fé com base na própria Escritura e, também, com argumentos de razão.

Irineu notabilizou-se nesse campo com sua obra *Adversus haereses*, título em latim que significa *Contra os hereges*. Na juventude, foi instruído na fé pelo bispo de Esmirna, Policarpo, que aprendeu a tradições do apóstolo João, discípulo de Jesus.

Irineu também escreveu um pequeno manual de doutrina cristã, chamado *Demonstração da pregação apostólica*, também

conhecido por *Epideixis*, um resumo de sua obra mais completa: *Adversus haereses.* Em latim, esse tipo de livro era chamado de *enchiridion*, termo que podia significar tanto "manual" como "punhal". Esses pequenos livros de ensinamento cristãos eram considerados armas de guerra espiritual.

Ainda no século 2°, Tertuliano de Cartago colocou seu talento principalmente contra os modalistas, com a obra *Adversus Práxeas* (*Contra Práxeas*). O legado escrito por Tertuliano, que ainda existe, inclui cerca de trinta obras. Na maioria, são tratados anti-heréticos, cujo objetivo é desmascarar os erros de vários mestres cristãos de Roma. *Contra Marción,* sua obra maior, que, em muitos aspectos, é a mais importante, consiste em cinco tomos.

Marción foi um mestre entre os cristãos de Roma no século 2° que tentou forçar uma separação permanente entre o cristianismo e tudo quanto era hebraico, inclusive o Deus de Israel (*Yahweh*) e o Pai de Jesus Cristo.

Marción também tentou definir um cânon de Escrituras cristãs, limitando a escritos gentios. Alguns dos seus pensamentos a respeito da humanidade e da criação tinham uma pitada de gnosticismo e Tertuliano nada poupou no seu ataque fulminante contra os ensinos de Marción.

Outro objeto da ira anti-herética de Tertuliano foi o mestre cristão romano Práxeas. Talvez, tenha sido ele o primeiro teólogo cristão que tentou explicar a doutrina da Trindade com detalhes sistemáticos. Ao fazê-lo, porém, parece que obliterou, com suas explicações, a verdade ontológica da Trindade das pessoas divina.

Práxeas negou que os cristãos cressem em três identidades, ou Pessoas distintas, dentro do único ser divino. Afirmava que o próprio Pai desceu para dentro da virgem, que Ele próprio nasceu dela, que Ele próprio sofreu e que, realmente, era o próprio Jesus Cristo. Tertuliano "cunhou o rótulo de patripassianismo para essa heresia, que significa o sofrimento (e a morte) do Pai".[1]

Tempos depois, essa teoria de Práxeas veio a ser chamada de "modalismo" e foi revivificada por outro mestre posterior do cristianismo em Roma chamado Sabélio. Por isso, o modalismo também é conhecido, às vezes, pelo nome de sabelianismo.

Sua contribuição mais importante para o pensamento cristão acha-se na descrição cuidadosa e bastante exata da doutrina da Trindade. Com poucas exceções, suas exposições, tanto da doutrina da Trindade como da humanidade e divindade de Cristo, formaram os alicerces da ortodoxia eclesiástica no Oriente e no Ocidente.

Cipriano, Clemente de Alexandria, Orígines e Basílio foram, também, propugnadores impertérritos da fé, sem esquecer Dionísio de Alexandria, em seu empenho em refutar a argumentação dos sabelianos, e Novaciano, notável pelo método e elegância na exposição do símbolo da fé, assim como Ambrósio.

O arianismo perturbou o cristianismo por muitos anos, o que foi muito perigoso. Seu fundador foi Ário, cujos pormenores de sua vida são desconhecidos. Talvez, ele tenha

nascido na região da África do Norte, onde, atualmente, está a Líbia.

A controvérsia surgiu na cidade de Alexandria, quando Licínio ainda governava na Região Leste e Constantino, na Região Oeste. Tudo começou com uma série de desacordos teológicos entre Alexandre, bispo de Alexandria, e Ário, um dos presbíteros de mais prestígio e popularidade na cidade.

Ário rejeitava todo e qualquer ensinamento contrário ao princípio monoteísta. Arrazoava a existência de um só Deus eterno não criado, não gerado, não originado. Argumentava que o logos[2] era uma espécie de energia divina que encarnara no homem Jesus, e esse *logos* teve um princípio, um começo, uma criação. Afirmava que Jesus não tinha essência divina, pois o *logos* encarnara no homem Jesus, que era uma criatura, sendo a primeira criatura feita por Deus Pai e, portanto, uma criatura não poderia ter a mesma essência/substância do Criador.

Para Ário, Jesus era um ser mutável e foi declarado Filho de Deus devido à sua glória futura, para a qual foi escolhido. Altercava que o Filho não tinha como ser igual ao Pai, mas estava acima de todas as outras criaturas, inclusive do homem, portanto, não era errado venerar o Filho. Enxergava em Jesus um ser intermediário entre Deus e os homens, afirmando a existência de um único Deus, o Pai, eterno, absoluto, imutável, incorruptível. Este ser Supremo e Absoluto não poderia comunicar segundo sua concepção, seu Ser, nem parcelas dele, nem por criação, nem por geração.

E, dessa forma, abalou aquela época com suas ideias, mas não usou argumentos vazios, antes, procurou fundamentar sua doutrina nas Escrituras, utilizando-se, de modo especial, dos textos do Novo Testamento que, aparentemente, indicam subordinação de Jesus ao Pai.

Depois de várias advertências por parte do bispo de Alexandria, Ário foi convocado em um sínodo, onde expôs suas ideias. Seus adversários não aceitaram seus argumentos e insistiram na eternidade e na consubstancialidade do *logos* com o Pai. Alexandre, após ouvir os argumentos das partes, condenou Ário, que se refugiou em Cesareia, na Palestina, junto ao bispo Eusébio de Nicomédia, antigo discípulo de Luciano de Antioquia.

A doutrina de Ário seduzia e atraía grande número de fiéis simples. Para se ter uma ideia da extensão da contaminação causada pela sua doutrina, a Palestina, a Síria, a Ásia Menor e o Egito estavam tomados por suas ideias, o que fez surgir uma comunidade ariana ao lado da Igreja ortodoxa.

Bispos reunidos em Cesareia da Palestina posicionaram-se em favor de Ário e o autorizaram a reassumir suas funções sacerdotais em Alexandria. Alexandre, bispo de Alexandria, recusava-se a aceitá-lo novamente em sua diocese. Estimulado por seus adeptos, Ário desembarcou em Alexandria. Sua chegada causou grande agitação na cidade, pois marinheiros, viajantes, mercadores, camponeses e o povo comum marchavam pelas ruas cantando as máximas teológicas de Ário.

Essa luta que se travava reclamava da Igreja uma procla-

mação oficial que viesse pôr ponto final nas discussões que se alongavam, tumultuando o ambiente e confundindo os espíritos.

O imperador Constantino resolveu intervir enviando o bispo Ósio de Córdoba, seu conselheiro em assuntos eclesiásticos, para que tentasse reconciliar esse conflito. Ósio constatou que as raízes teológicas do conflito eram profundas e que a questão não poderia ser resolvida individualmente.

Diante desse fato, o imperador ordenou que todos os bispos cristãos comparecessem para deliberar a respeito da Pessoa de Cristo e da Trindade, em uma reunião que ele presidiria em Niceia, em 325 d.C. A grande assembleia foi realizada com a presença de 318 bispos católicos, sendo que somente 22 eram declaradamente arianos desde o início.[3]

O próprio Ário não obteve licença para participar do concílio por não ser bispo. Foi representado por Eusébio, de Nicomédia, e Teogno, de Niceia. Alexandre, de Alexandria, dirigiu o processo jurídico contra Ário e o arianismo, sendo auxiliado por seu jovem assistente Atanásio, que viria a sucedê-lo no bispado de Alexandria poucos anos depois.

Além de condenar Ário, o sínodo de Nicéia definiu a total divindade do Filho, que não é criatura, mas gerado, desde toda a eternidade, da mesma natureza do Pai, idêntico a Ele na condição divina. Chegou-se à seguinte fórmula, conhecida como "Credo de Niceia":

"Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo,

o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, sendo da mesma substância[4] do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado, não feito, de uma só substância[5] com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem, [6] e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo...". [7]

Foi acrescentado, ao fim do próprio credo, um "anátema", uma breve declaração de heresia que estava sendo repudiada: "E a todos que dizem: Ele era quando não era"; e: "Antes de nascer, Ele não era"; ou que "foi feito do não existente",[8] bem como aqueles que alegam que o Filho de Deus é "de outra substância ou essência", ou "feito", ou "mutável",[9] ou "alterável" [10] , a todos esses a Igreja Católica e Apostólica anatematiza.[11]

O assunto não estava finalizado com a formulação desse credo. Pelo contrário. Abriu-se a porta para outra heresia: o sabelianismo. A condenação final e definitiva do arianismo aconteceu no Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., que esclareceu o pensamento cristão com o acréscimo de expressões que elucidavam a questão. O símbolo da fé, elaborado no primeiro concílio e completado no segundo, chamou-se Credo Niceno-Constantinopolitano, tornando-se conhecido simplesmente por Credo de Niceia, que afirma:

"Cremos em um Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu

e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o Unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne do Espírito Santo e da Virgem Maria, e tornou-se homem, e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos, e padeceu, e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus, e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim; e no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai,[12] que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou pelos profetas; e na Igreja una, santa, católica e apostólica; confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida no século vindouro".[13]

O Credo de Niceia tornou-se a declaração universal de fé para muitos cristãos, sendo reafirmado pelo quarto Concílio ecumênico em Calcedônia, em 451 d.C.

Capítulo 7

PROCEDIMENTO NESTE ESTUDO SOBRE A TRINDADE

Em primeiro lugar, é preciso demonstrar, pela autoridade das Santas Escrituras, conhecimento exato da doutrina aqui exposta. Todo aquele que ler estas explanações, quando tiver certeza do que afirmamos, caminhe ao nosso lado; quando duvidar, como nós, investigue conosco; quando reconhecer que foi seu o erro, venha ter conosco; se o erro for nosso, chame a nossa atenção. Assim, haveremos de palmilhar, juntos, o caminho da caridade em direção àquele de quem está dito: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tg 4.6).

Não nos cansaremos de investigar, se tivermos alguma dúvida; e não nos envergonharemos de aprender, se cairmos em algum erro, tendo, por certo, a confiança de que nenhuma outra questão existe que ofereça mais risco de erros, mais trabalho na investigação e mais fruto na descoberta do que esta: a unidade da Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Santíssima Trindade

A palavra "trindade" não se encontra na Bíblia. E, como bem disse o professor Stanley Rosenthal: "A palavra trindade foi cunhada a fim de se referir à pluralidade que há em Deus, ao mesmo tempo em que manteria o pensamento da unidade divina. Foi uma escolha bem intencionada, mas infeliz".[14]

A teologia cristã tem usado essa palavra para designar a tríplice manifestação do único Deus. Foi empregada pela primeira vez por Tertuliano,[15] já no final do século 2° d.C. Todavia, isso não quer dizer que essa doutrina não exista, e muito menos que não seja bíblica.

Há outras palavras não bíblicas as quais usamos amplamente, pois, expressam revelações bíblicas sobre Deus, tais como: onisciência, onipotência e onipresença. Não restam dúvidas de que estas palavras exprimem atributos importantíssimos de Deus, mesmo que não se encontrem nas Escrituras.

A maioria dos comentadores bíblicos das Escrituras que possuímos hoje (excluindo a literatura herética), as quais temos a oportunidade de manusear, discorre sobre a Trindade, que é Deus, expôs sua doutrina conforme as Escrituras nestes termos: "O Pai, o Filho e o Espírito Santo perfazem a unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância. Não são, portanto três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Filho não é o que é o Pai. O Filho foi gerado pelo Pai, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho".

O termo "gerado" é uma palavra bíblica de máxima impor-

tância, relacionado com o Filho de Deus, encontrado, com frequência, no evangelho segundo João. Se o Filho de Deus é "feito" ou "criado", não é verdadeiramente Deus. As Escrituras afirmam que Ele é divino e que, para a salvação, é necessário que Ele seja divino.

A unidade composta de Deus

A triunidade de Deus é ensinada nas páginas do Antigo Testamento e, principalmente, nas do Novo. Inúmeras passagens, na lei e nos profetas, podem nos prover uma irrefutável evidência de pluralidade na unidade de Deus.

Provas no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não desvenda com tanta clareza a doutrina da Trindade. O Criador não quis mostrar sua triunidade para um povo rodeado de nações politeístas, decidindo revelar-se gradualmente.

Nenhuma doutrina, principalmente a da Trindade, pode ser adequadamente demonstrada por meio de uma única citação bíblica. Alguns de seus elementos constitutivos estão expostos em um lugar, alguns em outro. Portanto, a unidade do ser divino, a consubstancialidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, não se apresenta numa fórmula doutrinal na Palavra de Deus, senão que os vários elementos indispensáveis da doutrina são declarados, ou supostos, uma vez e outra, do início ao fim da Bíblia.

No Antigo Testamento, existem nomes no plural utilizados em referência a Deus. Por exemplo: *Elohim* é o plural de *Eloah*. Esse nome, no singular, ocorre 57 vezes no Antigo Testamento, enquanto que no plural, 2.498.

Deus é apresentado pela primeira vez nas Escrituras com esse nome em Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus [*Elohim*] os céus e a terra". Aqui, o verbo apresenta-se no singular (criou) e o sujeito, no plural (Deus), que, no original hebraico, está no plural (*Elohim*), revelando, assim, a unidade composta de Deus na triunidade. A pluralidade do nome é justificada por uma corrente judaica como sendo "plural de majestade".

Na criação do homem, a Trindade estava presente: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26).

As três pessoas da Trindade estão presentes na criação. O Filho criou todas as coisas (Jo 1.1-3; Cl 1.16) e, da mesma maneira, o Espírito Santo (Jó 33.4; Sl 104.30) e o Pai (Pv 8.22-30).

Ainda em Gênesis, lemos: "Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal" (3.22). E, ainda, em Gênesis 11.7, lemos: "Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro".

Essas passagens demonstram a unidade composta de Deus, portanto, rejeitá-las é rejeitar a revelação de Deus.

Em Deuteronômio 6.4, *Yahweh* é declarado único: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR". Ao ler essa passagem no seu idioma original, "*Shemá Is-*

*rael Adonai Elohenu Adonai echa*d", *shemá* é o primeiro vocábulo hebraico desse texto e significa: "ouve". Inferido nesse texto, o povo judaico, frequentemente, faz objeção à doutrina da Trindade por causa daquilo que acreditam ser-lhes ensinado no *shemá.*

Para o judaísmo, o *shemá* é o seu coração, portanto, negar o sentido desse vocábulo é renunciar a sua fé, pois, entre os israelitas, essa declaração ensina que Deus é indivisível e uno. Entretanto, um exame esmerado do trecho de Deuteronômio 6.4 evidenciará a pluralidade na unidade.

A palavra "único", no texto em apreço, no vernáculo hebraico, é אחד (*echad*), um substantivo coletivo que demonstra unidade, usado somente quando se trata de uma unidade em sentido composto, absoluto. Vejamos alguns exemplos.

Em Gênesis 1.5, Moisés empregou essa palavra ao descrever o primeiro dia da criação: "E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro". A palavra traduzida nesse texto por "primeiro" é o termo hebraico *echad.*

Em Gênesis 2.24, Deus instruiu marido e mulher a tornarem-se "dois numa só carne". Aqui, novamente, a palavra hebraica é *echad.*

Em Esdras 2.64, lemos que "toda esta congregação, junta, foi de quarenta e dois mil trezentos e sessenta". A palavra aqui traduzida por "toda" é *echad.* Evidentemente, *echad* é sempre usada para indicar unidade coletiva, uma unidade em sentido composto.

O profeta Jeremias fez uso da mesma palavra para denotar uma unidade composta. Em Jeremias 32.38,39, lemos: "Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos".

Depois de examinar o tema com atenção e minúcia, chama-nos a atenção o fato de existir outra palavra hebraica com o mesmo teor de "unidade absoluta". E essa outra palavra hebraica é *yahid*,[16] a mesma usada em Gênesis 22. 2: "Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá". Segundo Bancroft, "essa palavra não é usada nunca no hebraico para expressar a unidade da divindade. Pelo contrário. Emprega-se *echad*, que indica unidade composta".[17]

Assim, vemos que os escritores sagrados dispunham de duas palavras hebraicas à sua disposição que podiam escolher quando desejavam comunicar a verdade sobre a natureza de Deus.

Indicações mais claras dessas distinções pessoais podem ser lidas nas passagens que se referem a *Yahweh* e ao Anjo de *Yahweh*, sendo Ele mesmo Deus, a quem lhe atribui títulos divinos e a quem se rende adoração divina.

Esse mensageiro aparece inúmeras vezes no Antigo Testamento. Em tais eventos, quando este ser aparece como um anjo ou homem, no estudo em apreço denominaremos de "teofania", dos termos gregos *theos* ("Deus") e *phanio* ("aparecer").

Vale lembrar que a palavra hebraica *malak*, traduzida por "anjo", significa simplesmente "mensageiro". Se trocarmos a

palavra anjo nos textos em que o "Anjo do SENHOR" se manifesta como mensageiro, entenderemos que este enviado não é simplesmente um anjo qualquer, antes, é o próprio *Yahweh*.

Se ele fosse apenas um mensageiro do Senhor, seria, então, distinto do próprio Senhor. Entretanto, encontramos várias passagens nas Escrituras em que o Anjo do Senhor é chamado de Deus ou Senhor. Vejamos:

Abraão recebe ordens de Deus para sacrificar seu filho, Isaque, no lugar em que o Senhor iria mostrar. Em obediência, Abraão foi "ao lugar que Deus lhes dissera, e edificou Abraão ali um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão e tomou o cutelo para imolar o seu filho. Mas o Anjo do SENHOR lhe bradou desde os céus e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. Então, disse: Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único" (Gn 22.1-19).

Jacó lutou com um anjo e prevaleceu. Ao final, "Jacó lhe perguntou e disse: Dá-me, peço-te, a saber, o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali. E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva" (Gn 32.30).

Moisés, ao se encontrar inesperadamente com esse mensageiro de Deus no monte Sinai, é surpreendido: "E apareceu-lhe o Anjo do SENHOR em uma chama de fogo, no meio

de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá e verei esta grande visão, porque a sarça se não queima. E, vendo o SENHOR que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça e disse: Moisés! Moisés! E ele disse: Eis-me aqui" (Êx 3.2-4).

Em muitas passagens, o Anjo do SENHOR é chamado de Senhor Jeová: "E o Anjo do SENHOR estendeu a ponta do cajado que estava na sua mão e tocou a carne e os bolos asmos; então, subiu fogo da penha e consumiu a carne e os bolos asmos; e o Anjo do SENHOR desapareceu de seus olhos. Então, viu Gideão que era o Anjo do SENHOR; e disse Gideão: Ah! Senhor JEOVÁ, que eu vi o Anjo do SENHOR face a face. Mas o SENHOR lhe disse: Paz seja contigo; não temas, não morrerás. Então, Gideão edificou ali um altar ao SENHOR e lhe chamou SENHOR é Paz; e ainda até o dia de hoje está em Ofra dos abiezritas" (Jz 6.21-24).

Também é chamado de maravilhoso: "Mas o Anjo do SENHOR disse a Manoá: Ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e, se fizeres holocausto, o oferecerás ao SENHOR. Porque não sabia Manoá que fosse o Anjo do SENHOR. E disse Manoá ao Anjo do SENHOR: Qual é o teu nome? Para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos. E o Anjo do SENHOR lhe disse: Por que perguntas assim pelo meu nome, visto que é maravilhoso? Então, Manoá tomou um cabrito e uma oferta de manjares e os ofereceu sobre uma penha ao SENHOR; e agiu o Anjo maravilhosamente, vendo-o Manoá e

sua mulher. E sucedeu que, subindo a chama do altar para o céu, o Anjo do SENHOR subiu na chama do altar; o que vendo Manoá e sua mulher caíram em terra sobre seu rosto. E nunca mais apareceu o Anjo do SENHOR a Manoá, nem à sua mulher; então, conheceu Manoá que era o Anjo do SENHOR. E disse Manoá à sua mulher: Certamente morreremos, porquanto temos visto Deus" (Jz 13.16-22).

Nesse texto, o anjo declara o seu nome secreto. Tdavia, a palavra "maravilhoso" que aqui está oculta se revela em Isaías 9.6 como sendo o Filho de Deus: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz".

A revelação progressiva de Deus vai-se tornando inteligível conforme sua vinda à terra. Pelo profeta Malaquias, Deus anuncia: "Eis que eu envio o meu mensageiro [João Batista], que preparará o caminho diante de mim; e, de repente, virá ao seu templo o Senhor [Jesus Cristo], a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos [Deus Pai]" (3.1).

Analisando essa passagem das Escrituras, uma das principais autoridades nos Estados Unidos sobre história dos judeus, línguas e costumes do Antigo Testamento, Charles L. Feinberg afirma que "o mensageiro é, sem sombra de dúvidas, João Batista" (Mt 3.3; 11.10; Mc 1.2,3; Lc 1.76; 3.4; 7.26,27; Jo 1.23). [18]

Esse mesmo autor, que cresceu em um lar judeu ortodoxo

e estudou hebraico e assuntos afins durante quatorze anos como matérias preparatórias para o rabinato, admitiu que esse anjo do concerto (aliança) é a autorrevelação de Deus. Ele é o Senhor em pessoa, o Anjo do Senhor da história do Antigo Testamento, o Cristo pré-encarnado das muitas teofanias (aparições de Deus em forma humana) nos livros do Antigo Testamento".[19]

No Antigo Testamento, o que evidenciamos é o caráter progressivo da revelação divina em relação à unidade composta do Deus de Israel.

Provas no Novo Testamento

Inicialmente, precisamos esclarecer que o nome Deus é uma "polissemia", ou seja, "que tem muitas significações". Nas Escrituras, é aplicado ao Pai (Gl 1.1; Ef 6.23; Fp 2.11; Cl 3.17; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2; Tt 1.4; 1Pe 1.2; 2Pe 1.17; 2Jo 1.3; Jd 1.1), da mesma forma como é aplicado ao Filho (1Jo 5.20), ao Espírito Santo (At 5.3,4) e, também, ao diabo (2Co 4.4). Dessa mesma forma, ocorre com relação ao nome *Yahweh*, que pode ser aplicado ao Pai (Sl 110.1), ao Filho (Is 40.3 com Mt 3.3), e ao Espírito Santo (Ez 8.1-3; 2Co 3.17,18).

É no Novo Testamento que temos a revelação mais completa da Trindade. As pessoas da unidade composta da divindade surgem separadas, sendo exposta com maior clareza aos fiéis na plenitude dos tempos (Gl 4.4). O mistério daquilo que era implícito se torna explícito. O Pai, o Filho e o

Espírito Santo surgem no Novo Testamento como o Deus universalmente reconhecido entre os crentes.

Há várias passagens na Palavra de Deus que ensinam que há somente um Deus (2Rs 19.15; Ne 9.6; Sl 83.18; 86.10; Is 43.11; 1Co 8.6; Gl 3.20; Ef 4.6). Entretanto, pela revelação bíblica, o único Deus existente se revela como uma unidade composta de três pessoas distintas.

O Novo Testamento deixa evidente aquilo que era um grande mistério: a Trindade. Conhecemos Deus segundo o que Ele se fez conhecer, pois não há como o homem, em sua humanidade, conhecê-lo, a menos que Ele se revele às suas criaturas. Reconhecemos que a Trindade vai além da razão, mas não contra a razão. Não há contradição, embora não tenhamos compreensão total.

Nosso intuito, aqui, é simplesmente demonstrar como estão reveladas nas Escrituras as declarações e demonstrações da doutrina da Trindade no Novo Testamento, como segue:

No batismo de Jesus

"E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.16,17).

O Deus Pai fala do céu, o Deus Filho é batizado e o Deus Espírito Santo desce do céu para pousar em Jesus.

Na Grande Comissão

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém!" (Mt 28.19,20).

Nessas instruções de despedida, fornecidas por Jesus deu aos seus discípulos, na fórmula batismal, temos seu testemunho definido sobre a Trindade.

Na bênção apostólica

"A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!" (2Co 13.13).

A bênção apostólica demonstra o pensamento trinitariano da Igreja primitiva.

Wayne Grudem faz uma distinção merecedora de apreciação ao expor que "os autores do Novo Testamento geralmente usam o nome 'Deus' [gr.: *theos*] para se referir ao Deus Pai e o nome 'Senhor' [gr.: k*yrios*], para referir-se a Deus Filho". [20]

Sendo assim, em 1Coríntios 12.4-6 temos evidências da doutrina da Trindade: "Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos".

Semelhantemente, em Efésios 4.4-6 se evidencia a distinção das três Pessoas da divindade: "Há um só corpo e um

só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos".

CAPÍTULO 8

A BASE DA TRINDADE

Segundo o Novo Testamento, há três Pessoas distintas reconhecidas como Deus, portanto, podemos resumir o ensino das Escrituras em duas afirmações:

- Há um só Deus.
- Há três Pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Segundo as Escrituras, há somente um Deus, todos os demais são falsos (Êx 20.3; 1Co 8.5,6). E servir a esses deuses falsos é o mesmo que servir os demônios: "Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus..." (Dt 32.17; Sl 106.37; 1Co 10.20). A idolatria também é condenada (Êx 20.3-5).

Uma das passagens mais significativas sobre a unidade divina no judaísmo monoteísta se chama *shemá*, como foi elucidado acima. Jesus, ao ser inquirido sobre "qual é o primeiro de todos os mandamentos?", Ele respondeu citando o *shemá* (Mc 12.28,29). Com isso, o mestre da Galileia ensinou que há somente um Deus, deixando evidente que o cristianismo é monoteísta.

Diante do exposto, e de acordo com a revelação bíblica, é incontestável a existência de um único Deus. Entretanto, prosseguiremos, com a ajuda do Espírito Santo, demonstrando que essa unidade é composta de três Pessoas; ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo!

Deus Pai

Existem, nas Escrituras, várias passagens em que o Pai é chamado Deus. São em tão grande número que já não deixam dúvida alguma sobre a deidade do Pai. Não obstante, citaremos algumas dessas passagens.

Jesus ensinou seus discípulos a orar: "Pai nosso, que estás nos céus..." (Mt 6.9). Deus é "Pai celestial" (Mt 6.32) e o "Pai dos espíritos" (Hb 12.9).

O nome Pai, às vezes, se aplica ao Deus triúno (1Cos 8.6; Ef 3.15; Hb 12.9; Tg 1.17). Em outras vezes, é aplicado para expressar seu relacionamento com Israel como seu povo no Antigo Testamento (Dt 32.6; Is 63.16; 64.8; Jr 3.4; Ml 1.6; 2.10). E, ainda, para expressar sua relação com seus filhos espirituais (Mt 5.45; 6.6-15; Rm 8.16; 1Jo 3.1). E, para concluir, o nome Pai é usado para manifestar sua relação com Jesus Cristo, seu Filho (Jo 1.14-18; 5.17-26; 8.54; 14.12,13). Como uma Pessoa distinta na Trindade, o Deus Pai é definido como Deus em inúmeras passagens (Sl 72.18; Os 13.4; Jo 17.3; 1Co 8.4-6; Ef 4.6).

Como Deus poderoso, Ele é:

Onipotente (Gn 1.1; 17.1; 18.14; Êx 15.7; Dt 3.24;

32.39; 1Cr 16.25; Jó 40.2; Is 40.12-15; Jr 32.17; Ez 10.5; Dn 3.17; 4.35; Am 4.13; 5.8; Zc 12.1; Mt 19.26; Ap 15.3; 19.6).

Onipresente, isto é, não está limitado ao espaço material (Gn 28.15,16; Dt 4.39; Js 2.11; Sl 139.7-10; Pv 15.3,11; Is 66.1; Jr 23.23,24; Am 9.2-4,6; At 7.48,49; Ef 1.23). Bem sintetizou Myer Pearlman ao afirmar o seguinte: "Embora Deus esteja em todo lugar, Ele não habita em todo lugar. Somente ao entrar em relação pessoal com um grupo ou com um indivíduo se diz que Ele habita com eles". [21]

Onisciente, porque sabe de todas as coisas (Gn 18.18; 19.2; 2Rs8.10,13; 1Cr 28.9; Sl 94.9; 139.1-16; 147. 4,5; Pv 15.3; Is 29.15,16; 40.28; Jr 1.4,5; Ez 11.5; Dn 2.22,28; Am 4.13; Lc 16.15; At 15.8,18; Rm 8.27,29; 1Co 3.20; 2Tm 2.19; Hb 4.13; 1Pe 1.2; 1Jo 3.20).

Deus Filho

Nos primeiros séculos do cristianismo, a maior parte da discussão e controvérsia girava em torno da natureza de Jesus Cristo.

Quem é Cristo?

Poderia Deus tornar-se humano?

Alguém pode crer que Jesus Cristo é uma mistura de humanidade e deidade?

Durantes séculos subsequentes, várias dessas perguntas surgiram com nova roupagem, fazendo que a Igreja se posicionasse frente a esses novos confrontos. Muitos livros foram

escritos e coletâneas de volumes foram publicadas por teólogos sobre a pessoa de Jesus Cristo. Qualquer boa biblioteca teológica possui estantes repletas desses tomos.

Traremos, aqui, uma exposição sucinta da pessoa de Cristo revelada nas Escrituras. Todavia, os estudantes que desejarem se aprofundar nesse assunto devem procurar um volume sobre cristologia (área da reflexão teológica que trata da pessoa de Cristo).

Deus Espírito Santo

A Bíblia tem muito a dizer sobre a personalidade e a divindade do Espírito Santo. É essencial que os crentes reconheçam a importância do Espírito Santo em suas vidas, porque Ele nos convence do pecado (Jo 16.7,8), nos revela a verdade a respeito de Jesus (Jo 14.16,26), realiza o novo nascimento (Jo 3.3-6) e nos torna membros do Corpo de Cristo (1Co 12.13).

Na conversão, os cristãos recebem o Espírito Santo (Jo 3.3-6; 20.22) e se torna coparticipante da natureza divina (2Pe 1.4). Em verdade, o Espírito Santo passa a habitar no crente, influenciando totalmente a sua vida, a fim de tenha uma vida piedosa (Rm 8.9; 1Co 6.19), longe do pecado (Rm 8.2-4; Gl 5.16,17; 2Ts 2.13).

O Espírito Santo testifica que somos filhos de Deus (Rm 8.16), ajuda-nos em nossa adoração a Deus (At 10.45,46; Rm 8.26,27) e na nossa vida de oração, além de interceder por nós quando clamamos a Deus (Rm 8.26,27). Guia-nos

em toda a verdade (Jo 16.13; 14.26; 1Co 2.10-16), nos consola e ajuda (Jo 14.16; 1Ts 1.6).

Alguns ensinamentos bíblicos a respeito da Pessoa do Espírito Santo.

Ao atribuir-lhe personalidade, constata-se que Ele não é uma energia impessoal, mas um ser pessoal, inteligente, com vontade e determinação próprias.

Que o Espírito Santo é uma pessoa fica evidente pelas atribuições que a Palavra de Deus faz a Ele, como lemos:

1. Ele *sonda* as coisas profundas de Deus Pai (1Co 2.10).
2. Ele *fala* (Mt 10.20; At 8.39; 10.19,20; 13.2; Ap 2.7).
3. Ele *ensina* (Lc 12.12; Jo 14.26; 1Co 2.13).
4. Ele *conduz e guia* (Jo 16.13; Rm 8.14)
5. Ele *intercede* (Rm 8.26-28).
6. Ele *dispensa dons* (1Co 12.7-11)
7. Ele *chama homens para o seu serviço* (At 13.2; 20.28).
8. *Ele se entristece* (Ef 4.30).
9. *Ele dá ordens* (At 16.6,7).
10. *Ele ama* (Rm 15.30).
11. *Ele pode ser resistido* (At 7.51).

A palavra hebraica para Espírito é *ruach*, que pode ser traduzida por "Espírito de Deus", "Espírito de *YAHWEH*", "teu Espírito", "Espírito Santo", "espírito do homem", "vento", "sopro" e "respiração". A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, traduziu *ruach* para a palavra grega *pneuma*, que é um substantivo neutro. O Espírito Santo é revelado

com sua própria individualidade (2Co 3.17,18; Hb 9.14; 1Pe 1.2).

O Espírito Santo é uma pessoa divina como o Pai e o Filho, conforme afirmam as Escrituras: "Para que mentiste ao Espírito Santo, retendo parte do preço da propriedade? [...] Porque formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4). Não é mera influência ou poder.

Por sua vez, as Escrituras conferem a Jesus e ao Espírito Santo alguns dos principais nomes, atributos e títulos de Deus.

Cada uma das três Pessoas é chamada de Deus

Deus

As Escrituras ensinam que há somente um Deus (Êx 20.3; 1Co 8.5,6). Todavia, a Bíblia declara que, na Trindade, cada uma destas Pessoas é Deus.

O Pai é Deus	Jo 17.3; 1Co 8.4,6; Ef 4.6
O Filho é Deus	Jo 1.1; Rm 9.5; Hb 1.8,9; Sl 45.6,7; 1 Jo 5.20
O Espírito Santo é Deus	At 5.3,4; 7.51; Sl 78.18,19

Yahweh

Embora a Bíblia afirme que somente um é chamado de *Yahweh* (Dt 6.4; Sl 83.18; Is 45.5,6,18), quando analisamos a unidade composta divina, vemos que as três Pessoas da Trindade são também chamadas de *Yahweh*.

O Pai é *Yahweh*	1Sm 2.2; 1Cr 17.20; Is 37.20
O Filho é *Yahweh*	Is 40.3; Mt 3.3; Jr 23.5,6
O Espírito Santo é *Yahweh*	Jz 15.14; 16.20; Êx 17.7; Hb 3.7-9

Senhor

As Escrituras ensinam que somente um é chamado de Senhor (Mc 12.29). No entanto, explana que cada uma das três Pessoas da Trindade é o Senhor.

O Pai é Senhor	Is 45.23,24; Ap 11.15
O Filho é Senhor	At 10.36; Rm 10.12; 1Co12.3; Ef 4.5; Fp 2.11
O Espírito Santo é Senhor	Is 6.8-10; At. 28.25-27; 2Co. 3.16,17

Deus de Israel

A Bíblia diz que somente um é chamado de Deus de Israel (Dt 5.1,6,7), mas, cada uma dessas Pessoas, é Deus de Israel.

O Pai é Deus de Israel	Sl 72.18
O Filho é Deus de Israel	Ez 44.2; Lc 1.16,17
O Espírito Santo é Deus de Israel	2Sm 23.2,3

Existem, ainda, nomes, títulos e atributos que demonstram que Jesus Cristo e *Yahweh* são um:

DESIGNAÇÃO	DEUS PAI	DEUS FILHO
Alfa e Ômega	Is 41.4; 48.12. Ap1.8.	Jo 8.24; 8.58; 18.4-6; Ap 1.8; 1.17.
Salvador	43.3,11; 63.8; Lc 1.47; 1Tm 4.10; Jd 25.	At 5.31; Fp 3.20; Tt 2.13. 2Tm 1.10; 1Jo 4.14.
Juiz	Gn 18.25; Sl 50.4, 6; 96.13; 75.7; Rm 14.10.	Jo 5.22; 2 Co 5.10; 2 Tm 4.1. Tg 5.9.
Redentor	Sl 130.7-8; Is 48.17; 54.5; 63.16	Rm 3.24; Ef 1.7; Hb9.12; Cl 1.14-15; 1Pe 1.18-19
Justiça Nossa 3.21-22.	Is 45.24	Jr 23.6; Rm
Pastor 13.20;	Gn 49.24; Sl 23.1; 80.1.	Jo 10.11, 16; Hb 1Pe 2.25; 5.4.
Criador	Gn 1.1; Jó 33.4; Sl 95.5-6; 102.25.	Jo 1.2-3, 10; Cl 1.15-18; Hb 1.1-3, 10.

Perdoador de pecados	**Ex 34.6-7; Ne 9.17; Dn 9.9; Jn 4.2**	**Mc 2.5-10; At 26.18; Cl 2.13; 3.13.**
Onipresente	Sl 139.7-12; Pv 15.3.	Mt 18.20; Ef 3.17; 4.10.
Onisciente	**1 Re 8.39; Jr 17.9-10, 16; Hb 4.13; Is 46.10.**	**Mt 11.27; Jo 2.25; 16.30; 21.17; At 1.24.**
Onipotente	Is 40.10- 31; 45.5-13,18	Mt 28.18; Mc 1.29-34; Jo 10.18; Jd 24.
Imutável	**Is 46 4,9; Ml 3.6; Tg**	**Hb 13.8. 1.17.**
Recebe adoração	Mt 4.10; Jo 4.24; Ap 5.14; 7.11.	Mt 14.33; 28.9; Jo 9.38; Fl 2.10; Hb 1.6.

Ainda são registradas outras passagens no Antigo Testamento em que o nome *Yahweh* é mencionado e aplicado pelos escritores do Novo Testamento.

Vejamos alguns exemplos.

Para Jesus:

Salmo 102.25-26	**Comparado com**	**Hebreus 1.10-12.**
Isaías 8.12,13	**Comparado com**	**1Pedro 3.14,15.**
Isaías 40.3	**Comparado com**	**Mateus 3.1-3.**
Isaías 44.6	**Comparado com**	**Apocalipse 1.17; 2.8; 22.13.**
Isaías 45.23	**Comparado com**	**Filipenses 2.9-10.**
Joel 2.32	**Comparado com**	**Romanos 10.13.**

Diante de tantas evidências bíblicas, concluímos que Jesus era verdadeiramente Deus e, também, verdadeiramente homem (V. tb. o módulo Heresiologia I). O apóstolo Paulo inferiu o seguinte, a respeito de Jesus: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9).

Ao tornar-se humano, o Filho de Deus decidiu, voluntariamente, colocar-se sob a autoridade do Pai. Não fez isso por necessidade, mas por escolha, como parte do plano divino. O apóstolo Paulo entendeu o sacrifício de Jesus e nos exorta a que " haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz" (Fp 2.5-8).

Nesse texto, o apóstolo corrobora que Jesus possuía duas naturezas: divina (v. 6) e humana (v.7), "fazendo-se semelhante aos homens"; ou seja, Deus tornou-se homem.

Referências

ANDERS, Maxs. *Jesus em 12 lições.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *Deus em 12 lições.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *O Espírito Santo em 12 lições.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *Defesa da Fé em 12 lições.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

BANCROFT, E.H. *Teologia elementar.* São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática.* Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática.* Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: ASTE, 1998.

CHAMPLIN, R. N e BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.* Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995.

CURTIS, A. Kenneth. LANG J. Stephen e PETERSEN, Randy. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo.* São Paulo: Editora Vida, 2003.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal.* Vol. 1. São Paulo: Editora

Publicadora Quadrangular, 1991.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico teológico da Igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

FEINBERG, Charles L. *Os Profetas Menores*. São Paulo: Editora Vida, 1996.

FISCH, Harold. *Torá*. Israel: Koren Publishers Jerusalém Ltd, 1997.

GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HEXHAM, Irving. *Dicionário de Religiões e Crenças Modernas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

IPC *Curso básico em teologia por correspondência*. São Paulo: Mogi Mirim, 2004.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo:

Vida Nova, 1994.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

MCDOWELL, Josh e LARSON, Bart. *Jesus uma defesa bíblica de sua divindade*. São Paulo: Candeia, 1994.

MENEZES, Aldo. *As testemunhas de Jeová e a Trindade*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

_____. *As testemunhas de Jeová e Jesus Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

_____. *As testemunhas de Jeová e o Espírito Santo*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

_____. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1996.

OLSON, Roger. *História das controvérsias na teologia cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

_____. *História da teologia cristã*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

PRATNEY, Winkie A. *A natureza e o caráter de Deus*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

ROSENTHAL, Stanley. *A triunidade de Deus*. São Paulo: Editora Fiel.

SILVA, Esequias Soares da. *Como responder às testemunhas de Jeová*. Vol. 1. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

SILVA, Severino Pedro da. *Os Anjos, sua natureza e ofício.* Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

STAMPS, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

WOLF, Hebert. *Ageu e Malaquias.* São Paulo: Editora Vida, 1986.

Doutrina de Jesus

Capítulo 1

DOUTRINA DE JESUS

A grandeza de Jesus, sua subsequente e vastíssima influência e o nosso conhecimento relativamente exíguo de sua vida, ministério e ensinos, de pronto nos colocam em um dilema. Porquanto, qualquer esforço terá de ficar muito aquém do alvo de uma caracterização adequada da pessoa de Cristo.

Jesus Cristo é o cerne de toda a realidade cristã. É o personagem central da história do mundo. O estudo da pessoa de Jesus Cristo se reveste de grande importância por causa da relação que Ele sustém com o cristianismo; relação esta que nenhum outro fundador de religião tem para com suas religiões. O cristianismo é Cristo e Cristo é o cristianismo. Assim, como líder espiritual do cristianismo, Jesus é objeto do conhecimento e, também, da fé. Omiti-lo seria como omitir da astronomia as estrelas e da botânica, as flores.

A história dos seres humanos, desde sua concepção, tem sido a história da preparação para a vinda de Jesus Cristo. O Antigo Testamento prediz essa vinda por meio de tipos, sím-

bolos e profecias diretas. A preservação de seu povo, Israel, é uma história de expectativa, de anseio e de preparação.

Com brilho, E. H. Bancroft concluiu que "a pessoa de Jesus Cristo não somente está firmemente engastada na história humana e gravada nas páginas abertas das Escrituras Sagradas, como também está experimentalmente materializada na vida de milhões de crentes e entrelaçada no tecido de toda a civilização digna desse nome".[1]

As Escrituras apresentam a pessoa de Cristo como o tema central da mensagem transmitida aos homens através dos tempos. Vejamos:

Tema da mensagem dos patriarcas

"Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados" (At 10.43).

Tema da mensagem dos apóstolos

"Chamando os apóstolos, açoitaram-nos e, ordenando-lhes que não falassem em nome de Jesus, os soltaram. E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo" (At 5.40-42).

[1] BANCROFT, E. H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995, p. 97.

Tema apresentado aos judeus

"Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio" (At 17.1-3).

Tema da mensagem aos gentios

"Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue" (Gl 1.15,16).

Tema da mensagem da Igreja no tempo e no espaço

"E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15).

Diante do exposto, o estudo da pessoa de Cristo se reveste de importância por causa de sua relação vital com o cristianismo. Como foi mencionado no módulo 1: "Durante esta vida podemos e devemos conhecer Deus até o ponto necessário para a salvação, confraternização, serviço e maturidade, mas, na glória do céu, passaremos a conhecê-lo mais plenamente".[2]

Assim, pois, de forma bem real, o estudo da vida de Jesus Cristo e sua importância é, ao mesmo tempo, uma sondagem na significação da nossa existência e uma previsão do nosso destino. Por certo, todos nós deveríamos nos interessar por essa inquirição.

---

[2]Curso Básico de Teologia por Correspondência. Vol. 1, IPC, 2004.

Capítulo 2

SUA INFLUÊNCIA

O mestre da Galileia, pelo que sabemos, nada escreveu, embora existam milhares de livros a seu a respeito.

Ele viveu na Palestina durante todo o seu ministério terreno, retirando-se apenas quando esteve nas regiões de Tiro e Sidom. Entretanto, seu nome é conhecido em toda parte do mundo.

Impérios surgiram e se foram. Civilizações inteiras desapareceram. Revoluções militares, convulsões sociais e políticas mudaram a própria ordem do nosso mundo. Mas, aquela pequena comunidade de pescadores, fundada pelo judeu Jesus, da aldeia de Nazaré, a sua Igreja, permanece em pé até hoje, como um rochedo firme em meio a um mar em contínuo movimento.

Em cada época, o homem descobriu veios inesgotáveis de criatividade no Novo Testamento e, se os primeiros seguidores de Jesus Cristo eram simples pescadores galileus, depois, prostraram-se diante de sua cruz os espíritos mais elevados de todos os povos. A sua revelação iluminou o pensamento

de Agostinho e de Pascal. O amor devotado a Cristo fez que surgissem os maciços das catedrais levantados pelas mãos do homem, guiou o estro criativo de poetas e artistas, suscitou as harmonias de sinfonias e corais. A imagem do Filho do homem inspirou as obras de um Andrei Rublev, de Michelangelo, de Rembrandt. No alvorecer do terceiro milênio, o evangelho, que narra a vida terrena de Cristo, está traduzido para mais de mil e quinhentos idiomas e lido em todo o mundo.

Em contraste a tudo isso, o ser humano, no desenrolar da história, tem procurado perpetuar sua existência. No decurso da humanidade, alguns homens excluíram Deus de suas vidas, chegando até mesmo a afirmarem que Deus não existe (Sl 14.1). Alguns têm passado a vida inteira na tentativa de anular e desacreditar sua influência e diminuir sua importância. Em tempos recentes, "os intelectuais da modernidade profetizaram: aposentaremos Deus num canto desnecessário do Universo, condenaremos a divindade ao ostracismo. Sartre falava do silêncio de Deus. Jasper da ausência divina. Buber gostava de mencionar o eclipse de Deus. Hamilton propôs a teologia da morte de Deus".[3]

Essa oposição é apenas um testemunho involuntário acerca da grandeza de Deus e de seu Filho, Jesus Cristo.

Fora das Escrituras

Não contamos com muito testemunho ou material que nos forneça informações sobre Jesus. Ele é mencionado pe-

los historiadores romanos: Tácito (Anais XV44), Suetônio (Cláudio, 25; Nero 16) e Plínio, o jovem (Epístolas X.96). E, ainda, pelo famoso historiador judeu Flávio Josefo, em uma passagem altamente interpolada (Ant. XVIII. 3.3), além de muitos outros que foram tocados por suas palavras.

Cornélio Tácito

Historiador romano, governador da Ásia em 112 a.D., genro de Júlio Agrícola, que foi governador da Grã-Bretanha em 80-84 a.D., ao escrever sobre o reinado de Nero, Tácito refere-se à morte de Cristo e à existência de cristãos em Roma, dizendo:

"Mas nem todo o socorro que uma pessoa poderia ter prestado, nem todas as recompensas que um príncipe poderia ter dado, nem todos os sacrifícios que puderam ser feitos aos deuses, permitiriam que Nero se visse livre da infâmia da suspeita de ter ordenado o grande incêndio de Roma. De modo que, para acabar com os rumores, acusou falsamente as pessoas comumente chamadas cristãs, que eram odiadas por suas atrocidades, e as puniu com as mais terríveis torturas. *Christus*, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à morte por Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério. Mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não apenas em toda a Judeia, onde o problema teve início, mas, também, em toda a cidade de Roma" (*Anais* XV.44).

[1] GONDIM, Ricardo. Artesãos da História. São Paulo: Editora Candeia, p.93.

Flávio Josefo

Historiador judeu, Josefo tornou-se fariseu aos 19 anos de idade. Em 66, estava comandando as forças judaicas na Galileia. Num texto de autenticidade bastante questionada, afirma: "Por essa época, surgiu Jesus, um homem sábio, se é que é correto chamá-lo de homem, pois operava obras maravilhosas e era um mestre que fazia as pessoas receberem a verdade com prazer. Ele congregou junto a si muitos judeus e muitos gentios. Ele era o Cristo, e quando Pilatos, por sugestão dos principais líderes entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que desde o início o amavam não o largaram; pois tornou a aparecer-lhes vivo ao terceiro dia, tal como os profetas de Deus haviam predito essas e mais dez mil outras coisas a seu respeito. E a tribo dos cristãos, que tem esse nome devido a ele, existe até hoje" (*Antiguidades* XVIII. 33).

Esse mesmo escritor faz alusão a Tiago, irmão de Jesus:

"Mas o jovem Anano, que, como já dissemos, assumia a função de sumo sacerdote, uma pessoa de grande coragem e excepcional ousadia, era seguidor do partido dos saduceus, os quais, como já demonstramos, eram rígidos no julgamento de todos os judeus. Com esse temperamento, Anano concluiu que o momento lhe oferecia uma boa oportunidade, pois Festo havia morrido e Albino ainda estava a caminho. Assim, reuniu um conselho de juízes, perante o qual trouxe Tiago, irmão de Jesus, chamado Cristo, junto com alguns outros, e, tendo-os acusado de infração à lei, entregou-os para que fossem apedrejados" (*Antiguidades* XX 9:1).

Suetônio

Oficial da corte de Adriano, escritor dos anais da casa imperial, registrou: "Como os judeus, por instigação de *Chrestus* [outra forma de escrever *Christus*], estivessem constantemente provocando distúrbios, ele os expulsou de Roma" (*Vida de Cláudio*, 25.4).

Escreveu ainda: "Nero infligiu castigo aos cristãos, um grupo de pessoas dadas a uma superstição nova e maléfica" (*Vida dos césares*, 26.2).

Teríamos, ainda, que citar os pais da Igreja: Clemente de Roma, Orígenes, Tertuliano, Inácio de Antioquia, Policarpo, Clemente de Alexandria e Justino Mártir. A todos esses, se podem acrescentar, ainda, os nomes de Agostinho, Crisóstomo, Jerônimo, Atanásio, Ambrósio de Milão, Cirilo de Alexandria, Gregório de Nissa, entre outros.

Se alguém rejeitar a Bíblia, alegando não poder confiar nela, terá, então, que rejeitar quase toda a literatura da antiguidade e as descobertas recentes da arqueologia. Também, existem numerosas referências indiretas a Jesus na literatura judaica posterior, em sua maioria, adversa. De modo geral, só nos resta pesquisar as páginas do Novo Testamento, para que encontremos informações fidedignas sobre Jesus.

Napoleão

Napoleão, que durante o exílio refletiu longamente sobre os percursos da história, declarou:

"Eu conheço homens, e lhes afirmo que Jesus Cristo não é um homem. Mentes superficiais veem uma semelhança entre Cristo e os fundadores de impérios e, também, os deuses de outras religiões. Essa semelhança não existe. Entre o cristianismo e qualquer outra religião existe uma distância infinita [...] Todas as coisas que existem em Cristo me surpreendem. Seu Espírito me enche de admiração e respeito, e sua vontade me confunde. Entre Ele e qualquer outra pessoa no mundo não existe termo de comparação. Ele é um ser que, verdadeiramente, existe por si próprio. Suas ideias e sentimentos, a verdade que Ele anuncia, sua maneira de convencer as pessoas, nada disso se explica pela organização humana nem pela natureza das coisas. Quanto mais me aproximo, quanto mais cuidadosamente examino, eis que tudo está acima de mim, tudo permanece imponente, tendo um esplendor avassalador. Sua religião é uma revelação vinda de uma inteligência que, certamente, não é humana [...] Só nele, e absolutamente em mais ninguém, é possível encontrar a imitação ou o exemplo de sua vida. Na história, busco em vão encontrar alguém semelhante a Jesus Cristo, ou algo que possa se aproximar do evangelho. Nem a história, nem a humanidade, nem as eras, nem a natureza me oferecem algo com que eu possa comparar ou explicar o evangelho. Aqui, todas as coisas são extraordinárias".[4]

[4]MCDOWELL, Josh. *Evidências que exige um veredicto*, 2ª Ed. São Paulo: Editora Candeia, 1996, p. 135.

Capítulo 3

HERESIAS CONTRA A NATUREZA DE JESUS CRISTO

A cristologia tem ocupado um lugar de destaque na teologia cristã e, desde os primeiros séculos de nossa era, houve diversos esforços que objetivaram esclarecer uma pergunta. "Quem é Jesus Cristo?".

Nos primeiros séculos, não era discutido se Jesus existiu ou não, muito menos ainda se Ele era louro ou moreno, alto ou baixo. As discussões eram mais profundas do que hoje, pois discutiam e pensavam sobre a essência de Jesus. Os cristãos do segundo e terceiro séculos lutaram não só contra as perseguições do mundo pagão, mas, também, contra as heresias e doutrinas corrompidas no próprio rebanho.

A doutrina de Cristo foi a que mais sofreu ataques em toda história do cristianismo. Cada fase do seu messiado foi sendo desafiada, continuamente: seu nascimento, sua vida, seus milagres, sua morte, sua ressurreição... tudo foi questionado. Desde o movimento Nova Era até o último filme infame, intitulado "A última tentação de Cristo", surge esta pergunta: Jesus existe?

Uma leitura desses esforços nos ajudará a compreender

um pouco mais como tem sido a compreensão da humanidade sobre a pessoa de Jesus Cristo. Para tanto, tem sido sugerida uma divisão da cristologia histórica em etapas, como segue:

Cristologia estabelecida até 500 d.C.

Até o Concílio de Niceia (100-325).

Esse período foi marcado pela controvérsia sobre a divindade de Jesus: "Se Ele é Deus, como isto se relaciona com o monoteísmo do Antigo Testamento? Em que sentido Jesus é igual ao Pai, e em que sentido Ele é diferente?". Algumas respostas apresentadas nesse período constituíram-se em heresias que chegaram aos nossos dias como: ebionismo, docetismo, adocianismo, modalismo e arianismo.

Ebionismo

O termo grego *ebionaioi* é a transliteração do vocábulo hebraico *ebionim*, que significa "pobre". Os ebionitas eram judeus cristãos. Essa seita tinha um ensino exagerado sobre pobreza. Rejeitava os escritos do apóstolo Paulo, porque, nessas epístolas, Paulo reconhecia os gentios convertidos como cristãos. Negavam a divindade de Jesus e o nascimento virginal. Para eles, Jesus foi um simples homem, filho de José e Maria, que observou a lei de forma especial, sendo, assim, escolhido por Deus para ser o Messias. Em seu batismo, com a descida do Espírito Santo, Jesus teria sido capacitado pelo Espírito Santo para ser o Messias. Com isso, logicamente,

Jesus não era eterno, logo, não era Deus. Havia outros na Igreja primitiva cuja doutrina de Cristo foi elaborada sobre linhas semelhantes. Os *alogi* (álogos ou alogianos), que rejeitavam os escritos de João porque entendiam que sua doutrina do Logos estava em conflito com o restante do Novo Testamento, também consideravam Jesus um homem como outro qualquer, conquanto miraculosamente nascido de uma virgem, e ensinavam que Cristo desceu sobre Ele no batismo, conferindo-lhe poderes sobrenaturais. Essencialmente, essa era também a posição dos monarquistas dinâmicos, tendo Paulo de Samosata seu principal representante, distinguindo entre Jesus e o Logos. Sacrificavam a divindade pela defesa da humanidade de Cristo.

Nenhum concílio condenou oficialmente o ebionismo, mas Tertuliano, Irineu, Eusébio e Orígenes foram opositores de grande peso.

Docetismo

O docetismo, como podemos ver, tem uma grande ligação com o gnosticismo, que já havia aparecido desde a época apostólica. Docetismo é uma palavra que vem do grego Δοχεω, que significa "parecer". Essa referência grega, dizia respeito ao corpo aprisionado pelo *aeon* (poder angelical), em que esse corpo é um fantasma ou uma sombra, não um corpo verdadeiro e real como de um ser humano qualquer. Para os gnósticos, a matéria é ruim e o *logos*, que é o tal do *aeon*, não se envolveria com a matéria, que é o princípio do pecado, por

isso Cristo parecia estar numa matéria carnal, mas, na verdade, Ele era diferente. Cristo era bom e a matéria é essencialmente má, não havendo possibilidade de união entre o *logos* e um corpo terreno.[5] Os docetas, crendo assim, negavam a humanidade de Jesus, dizendo que Ele parecia ser humano, mas era divino.

Não houve uma condenação oficial a esse pensamento, mas Irineu e Hipólito foram os opositores dessa ideia filosófica grega e pagã da época, introduzida na Igreja daqueles tempos.

Monarquianismo

Essa designação foi dada, pela primeira vez, por Tertuliano. O que aconteceu foi que a defesa doutrinária dos apologetas, dos pais antignósticos e dos pais alexandrinos do *logos* não satisfez as dúvidas teológicas de todos na época. A teologia cristológica ainda era nova e estava sem consistência, surgindo, assim, novos pensamentos.

O monarquianismo surgiu no século 3° e a grande dificuldade era combinar a fé no Deus único (monoteísta) com a nova fé cristã, no qual Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Essa dificuldade era complicada de resolver, pois, de um lado, tinha aqueles que criam que o *logos* era uma pessoa divina, parecendo ferir a ideia monoteísta; de outro, havia os que defendiam a ideia de que o *logos* era subordinado ao Pai, isso feria a deidade de Cristo. Nesse conflito teológico, originaram-se dois tipos de pensamentos: o monarquianismo dinâmico,

conhecido também como adocionismo, e o monarquianismo modalista.

Monarquianismo dinâmico

Foi uma tentativa de resguardar a unicidade de Deus. Essa ideia tinha traços do ebionismo, que pregava que Jesus era apenas homem. Diz-se que Teodoto de Bizâncio, homem culto que comerciava couro, foi quem teria dado origem ao monarquianismo dinâmico. Ele era contra a cristologia do *logos*. Negava a afirmação de que Jesus Cristo é Deus. Achava mais seguro afirmar que Jesus era um mero homem. Não negava o nascimento virginal, mas esse nascimento não divinizava Jesus, que continuava sendo um simples homem, apesar de ser justo.

Teodoto separou a vida de Jesus em tempos; ou seja, até seu batismo, Jesus viveu como todo homem vive o seu dia a dia, com a diferença de ter sido extremamente virtuoso. Em seu batismo, o Espírito ou Cristo, desceu sobre Ele, e, a partir daquele momento, passou a operar milagres, sem, contudo, tornar-se divino. Essa ideia recebeu o nome de "dinamismo". Jesus, então, era um profeta e não Deus, e um profeta com unção divina (assim como Elias e Eliseu, entre outros). Somente após a ressurreição, Jesus Cristo uniu-se a Deus.

Teodoto, para fazer apologia à unicidade do Pai, teve de ter um bom argumento. E, para isso, precisou de, pelo menos, negar a deidade de Jesus se igualando aos ebionitas.

O papa Vítor, de Roma, excomungou Teodoto, mas a ideia

deixada por ele não teve como ser banida, tanto que Paulo de Samosata, que foi bispo de Antioquia por volta de 260 d.C., defendeu essa forma dinâmica do monarquianismo. Paulo de Samosata foi um pouco mais longe que Teodoto, e afirmou que o *logos* é identificado com razão ou sabedoria, e que essas igualdades não são peculiares ao Cristo encarnado, mas, sim, um adjetivo que qualquer homem pode ter. Ou seja, diminuiu ainda mais a deidade de Jesus Cristo. O que aconteceu, então, foi que a sabedoria divina habitou no homem Jesus, e isso não significa que Ele seja uma pessoa divina. As doutrinas de Tertuliano sobre o *logos*, como sendo uma pessoa, e a de Orígenes, como sendo uma hipóstase independente, foram rejeitadas por Paulo de Samosata.

Em 268 d.C., Paulo de Samosata, no sínodo de Antioquia, foi declarado herege, mas suas ideias apareceram mais tarde, de alguma forma, em determinados ramos da teologia liberal.

Monarquianismo modalista

Negavam a humanidade de Cristo como fizera os gnósticos. Viam em Cristo apenas um modo ou manifestação do Deus único, porque não reconheciam nenhuma distinção de pessoas. Qualquer sugestão de que a Palavra ou o Filho era outro que não o Pai, ou, então, uma pessoa distinta dele, parecia levar inexoravelmente à blasfêmia de existirem dois deuses.

Essa é a outra forma de monarquianismo, ou seja, o outro

modo de apologizar o unitarismo divino: o modalismo. Já o adocionismo dizia que Jesus era adotado por Deus. Pregava que Jesus era Deus, mas que se manifestara como criador do mundo (Pai). Depois, essa mesma pessoa viera à terra se encarnando em Jesus para salvar o homem (Filho) e hoje ele se manifesta na pessoa do Espírito Santo. Mas, para o modalismo, há uma só pessoa, que se manifestou de forma diferente, e com nomes diferentes: o Pai. A ideia do monoteísmo judaico não fora ferida.

O primeiro teólogo a declarar formalmente a posição monárquica foi Noeto de Esmirna, que, nos últimos anos do segundo século, foi duas vezes convocado pelos presbíteros daquela cidade, a fim de prestar esclarecimentos. O cerne da pregação de Noeto era a enérgica afirmação de que havia apenas um Deus, o Pai.

No Ocidente, seus discípulos ficaram sendo conhecidos como patripassionistas, isto é, a ideia de que foi o Pai que sofreu e vivenciou as outras experiências humanas de Cristo.[6] Portanto, teria sido o próprio Pai que entrou no ventre da virgem, tornando-se, por assim dizer, seu próprio Filho, o qual sofreu, morreu e ressuscitou. Desse modo, essa pessoa singular unia em si mesma atributos mutuamente incompatíveis, sendo invisível e, também, visível, impassível e passível.

Já no Oriente, esse modalismo mais refinado tornou-se conhecido como sabelianismo, em função de seu autor, que se chamava Sabélio. Recebendo uma estrutura mais sistemática e filosófica por parte de Sabélio, foi levada para Roma

perto do final do pontificado de Zeferino, sendo veementemente atacada por Hipólito.

Sabélio negou a Trindade ao afirmar que não há três pessoas, mas apenas uma, que se manifesta de maneiras diferentes. Ele empregou a analogia do sol, um objeto único que irradia tanto calor quanto luz. O Pai era, por assim dizer, a forma ou essência, sendo o Filho e o Espírito Santo os modos de autoexpressão do Pai.

Em 261 d.C., as doutrinas de Sabélio foram rejeitadas e condenadas heréticas por negar a distinção das pessoas divinas na tentativa de resgatar uma teologia unicista para o cristianismo.

Arianismo

O fim do século 3° marcou o encerramento da primeira grande fase de desenvolvimento doutrinário. Com o início da segunda fase, devido a uma controvérsia em Alexandria, que, em retrospecto, veremos ter sido especialmente decisiva para a fé cristã por ter gerado a regra de fé dos cristãos primitivos. Essa questão foi o debate acirrado que, provocado pela erupção do arianismo, iria culminar na formulação da ortodoxia trinitariana.

Tudo começou por causa da doutrina da Trindade, especialmente em relação ao Pai e ao Filho. Ário, que era presbítero de Alexandria, mais ou menos no ano 318 d.C., defendeu a doutrina que considerava Jesus Cristo superior à natureza humana, porém, inferior a Deus; não admitia a exis-

tência eterna de Cristo; ensinava que o *logos* (Cristo),[7] um dia, foi criado, ou seja, não era preexistente, não era igual ao Pai em substância e muito menos era coeterno com Ele.

Em 318 d.C. Ário foi censurado, mas persistiu em suas ideias, até que, em 321 d.C., fora excluído. Mas, o problema não era tão fácil. Eusébio de Cesareia e outros simpatizavam com a doutrina proposta por Ário, dividindo a Igreja oriental. Como o problema era sério, o imperador Constantino convocou o Concílio de Niceia para resolver a situação.[8]

Naquele concílio, foi elaborada a regra de fé dos cristãos (um credo). Mas Ário, ainda assim, criou um outro credo para sua apologia. Constantino, então, ficou impressionado com o credo de Ário e o recebeu de novo, em 331 d.C. E ainda ordenou ao bispo de Constantinopla que o recebesse em comunhão de novo. Mas, no dia da cerimônia, Ário faleceu.

O pensamento dominante de Ário era o princípio monoteísta de que há um só Deus eterno não criado, não gerado, não originado. Para Ário, o *logos* era uma espécie de energia divina que encarnou no homem Jesus, e esse *logos* teve um princípio, um começo, uma criação. O verbo, em certa altura da história, foi criado para um devido propósito, fora uma criação do nada, tal como fora a criação do mundo. Jesus não tinha essência divina, pois o *logos* que estava encarnado no homem Jesus é uma criatura, a primeira criatura feita por Deus Pai. Uma criatura não pode ter a mesma essência e substância do Criador.

A criação de Jesus foi importante nessa doutrina, pois o

surgimento do *logos* ajudou o Pai eterno na criação do mundo. Jesus é um ser mutável e foi chamado Filho de Deus devido à sua glória futura, a qual foi escolhida. O Filho não tem como ser igual ao Pai, mas está acima de outras criaturas, inclusive do homem, por isso não é errado venerar o Filho.

Ário via em Jesus um ser intermediário entre Deus e os homens, mas Deus é somente o Pai, que é uno e indivisível. Ele abalou a época com suas ideias, porém, não com argumentos vazios, antes, usou as Escrituras para apoiar as suas ideias. O Concílio de Niceia, realizado em 325 d.C., condenou oficialmente o arianismo.

O principal opositor dessa doutrina foi Atanásio, também de Alexandria, que defendia tenazmente a unidade do Filho com o Pai, a divindade de Cristo e sua existência eterna.

O período pós-niceno (325-600)

A Igreja, agora convicta de que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, tentou resolver como a divindade e a humanidade de Jesus se relacionavam, surgindo novas heresias no seio da cristandade, que são: o apolinarianismo, o nestorianismo, o eutiquianismo e o elquesaítas, entre outros, cujos ensinos são basicamente o seguinte:

Apolinarianismo

Esse nome se deriva de Apolinário, que era bispo de Laodiceia da Síria, no final do quarto século. Ele se opôs ao arianismo, demasiadamente. Apolinário dizia que a natureza

divina tomou lugar da natureza humana de Cristo ao assumir corpo físico pela encarnação. A questão da mutabilidade do l*ogos*, pregada pelos arianos, era condenada por Apolinário, pois, para ele, o divino, ao se encarnar, não deixou de ser divino nem compartilhou sua divindade ou energia com a humanidade de Cristo, mas continuou com característica sacra divina, porque algo espiritual não pode misturar com a carne, visto ser o l*ogos* perfeito e a carne, pecaminosa.

Para Apolinário, a natureza humana de Jesus tinha qualidades divinas, pois o l*ogos* é da mesma substância do Pai e não tem como haver uma espécie de simbiose entre duas naturezas totalmente opostas. Jesus Cristo não teria, então, herança genética de Maria, pois, se assim fosse, sua carne seria como a dos homens comuns, mas Ele trouxe do céu uma, "vamos assim dizer", carne celestial; o ventre de Maria seria apenas um lugar para o desenvolvimento do feto.

Essa doutrina tem um pouco dos ensinos do docetismo, pois os dois veem Cristo como algo "metafísico". O papa Dâmaso despertou para as implicações da posição de Apolinário e promoveu em Roma um Concílio que o condenou abertamente. Sua sentença foi confirmada pelos sínodos realizados em 378, em Alexandria, em 379, em Antioquia, e pelo Concílio de Constantinopla, em 381. Basílio, Teodósio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa foram os principais opositores dessa doutrina, ou seja, a oposição a Apolinário partiu particularmente dos capadocianos e da escola de Antioquia.

Nestorianismo

Surgiu no ano 431 d.C. Na realidade, essa teoria foi recheada de desejos pelo poder eclesiástico, ou seja, Nestório era da "escola" de Antioquia e Cirilo, da de Alexandria, e ambos lutavam pelo poder de dominar o Oriente eclesiasticamente, mas essa disputa envolveu questões teológicas.

Nestório via o divino e o humano como antítese, e ele, na verdade, foi defensor da teologia de Antioquia, que ensinava que as naturezas divina e humana, presentes na pessoa de Cristo, não podem ser confundidas, pois não se fundem, acontecendo que, na realidade, Cristo tinha duas partes ou divisões, uma humana e outra divina. Essa teoria explica que quando Cristo tinha fome, era a parte humana que estava em ação, mas quando Jesus andou por sobre as águas ou fez milagres, o que estava em ação era a parte divina. Jesus, então, era uma pessoa dividida em duas partes com operações parceladas. A ideia de que Cristo agia com toda sua personalidade era inaceitável para Nestório.

Outra questão envolvendo Nestório e o seu opositor, Cirilo de Alexandria, dizia respeito à expressão *theotókos*. Pois, para Nestório, Maria deu à luz ao descendente de Davi, no qual o l*ogos* residiu, por isso seria errado dizer que Maria é mãe de Deus, ou seja, Maria foi mãe da parte humana de Jesus, sendo, assim, impossível ela ser mãe da parte divina em que está a divindade de Jesus. Nestório preferia a expressão *xristótokos*.

O sínodo de Éfeso, realizado em 431 d.C., apoiou a teo-

logia alexandrina, declarando Nestório herege, o que o levou a ser condenado ao exílio. Mas, mesmo assim, os nestorianos organizaram uma Igreja independente na Pérsia. E, apesar de não terem crescido tanto, há igrejas nestorianas até hoje, como, por exemplo, a Igreja de São Tomé, na Índia.

Eutiquianismo

Essa expressão é derivada do nome Eutiques, que era abade ou arquimandrita[9] de um mosteiro fora de Constantinopla, no quinto século. Eutiques era discípulo de Cirilo de Alexandria, o opositor a Nestório.

Essa teoria ensinava que, devido à encarnação do *logos*, a natureza humana de Jesus fora absorvida pela divina, tornando Jesus Cristo um homem especial; ou seja, a humanidade de Cristo era diferente de um homem comum, isso em essência.

Por ensinar essa teoria, Eutiques fora excomungado de Constantinopla. O papa Leão I convocou, então, um sínodo em Éfeso, em 449 d.C., mas o partido alexandrino defendeu Eutiques (eram amigos) e esse voltou ao seu ministério. Aliás, esse sínodo foi uma bagunça. Serviu apenas para informar que o papa Leão I tinha exposto sua ideia numa carta ao bispo Flaviano de Constantinopla, mas a ideia não foi discutida. O tumulto desse sínodo lhe deu o nome de "Sínodo dos ladrões" e não é reconhecido como Concílio ecumênico.

Leão I não ficou satisfeito com tais resultados e, em 451 d.C., houve outro concílio, agora em Calcedônia. Nessa as-

sembleia, realizada com mais organização, a ideia de Eutiques, que era alexandrina, foi rejeitada e a posição do papa Leão I, aceita.

Elquesaítas

Eram os seguidores de Elquesai, que dizia ter tido uma visão de um anjo que lhe trouxera revelações. Quem aceitasse os ensinamentos de Elquesai alcançaria perdão dos pecados. Os elquesaítas rejeitavam o nascimento virginal de Cristo. Criam que Jesus teria nascido como outro qualquer. Entretanto, Jesus era considerado um anjo superior, o mais elevado arcanjo.

Essa seita era de natureza judaica, porém, sincretista, porque, além de observarem a lei, praticavam a mágica e a astrologia.

Monofisismo

Essa palavra é derivada de outros dois vocábulos gregos: *logos* = único e *logos* = natureza. A morfologia da palavra já explica o que essa teoria ensina: Cristo tem uma só natureza, que é composta.

Uma das formulações dessa ideia diz que uma energia única uniu as duas naturezas tão perfeitamente que não restou distinção entre as duas. Outra formulação explica que a humanidade de Cristo foi transformada pela divina, havendo uma espécie de simbiose, fazendo de Jesus um homem impecável e divino; ou seja, a parte físico-huma-

na de Jesus foi transformada numa natureza divina.

Na realidade, o que houve foi grupos que não aceitaram a posição do Concílio de Calcedônia, alegando que tal concílio negou a unidade de Cristo. Severo de Antioquia, que era defensor da teoria, dizia que o *logos* só tem uma natureza: a que se fez carne. Ele defendia que "uma natureza" é equivalente a uma "hipóstase ou uma pessoa".

Os monofisistas achavam impossível dizer que Cristo tem duas naturezas e, ao mesmo tempo, tem um corpo ou é uma pessoa apenas. Em 451 d.C., o monofisismo foi condenado e o Concílio de Constantinopla, de 680 d.C., também rejeitou o monofisismo. Mas os jacobitas, os sírios, as igrejas cópticas e países como Abissínia (outro nome dado à Etiópia) e Armênia adotaram a ideia monofisista.

Monotelismo

Tal palavra também advém do grego μονος = único e θελησις = vontade. Assim sendo, essa seita, que surgiu entre os monofisistas, indagava o seguinte: a vontade pertence à pessoa ou à natureza? Isso em Cristo, é claro! A resposta dada pelos monotelitas era que Cristo tinha apenas uma vontade, negando outras vontades. Com isso, surgiram então, em apologia aos monotelitas, os duotelitas, que pregavam que Cristo tinha duas vontades e, também, duas naturezas.

O sexto Concílio Ecumênico de Constantinopla, realizado em 680 d.C., adotou o ensino das duas vontades como doutrina ortodoxa, porém, a vontade humana é subordinada

à divina, não havendo diminuição da humana nem absorção de uma natureza na outra, e ainda as duas se unem agindo em perfeita harmonia.

Capítulo 4

HUMANIDADE E DIVINDADE DE JESUS

Jesus homem

A figura de Cristo perturbou tanto os judeus quanto os gregos. Para enquadrá-lo nas suas categorias usuais, os primeiros acreditavam que Jesus não passava de um comum mortal inspirado por Deus; os outros, ao contrário, sustentavam que Ele tinha um corpo só aparente, mas, na realidade, continuava um ser inteiramente divino.

Os evangelhos descrevem-no como um homem real, que comia e bebia, que conheceu a alegria e a dor, a tentação e a morte, e, ao mesmo tempo, embora nunca tenha caído no pecado, perdoava os pecadores, como só Deus pode perdoar. É por isso que a Igreja reconhece em Jesus de Nazaré o Filho de Deus, a Palavra do Eterno. Deus mesmo que desce ao íntimo da criação.

Portanto, não é de se admirar que Cristo continue, ainda hoje, um mistério incompreensível para tantas pessoas. É até possível entender aqueles que procuravam ver nele um mito. Na realidade, é difícil imaginar que, em Israel, um homem tivesse a ousadia de afirmar: "Eu e o Pai somos um". Ao con-

trário, é decididamente mais fácil supor que os gregos e os sírios tenham tramado a lenda do filho de Deus recorrendo a vagas crenças orientais, pois os pagãos acreditavam que, às vezes, os deuses assumiam aparências humanas e vinha visitar os mortais no mundo. Para chegar a esta verdade, o povo escolhido pagou um preço alto demais, lutou muito tempo contra o paganismo para poder inventar depois um profeta que dizia: "Eu estou no Pai e o Pai está em mim".

Jesus Cristo, o homem mais importante que já viveu, transformou praticamente cada aspecto da vida humana. Tudo o que Ele tocou foi transformado. Ele disse, em Apocalipse 21.5: "Eis que faço nova todas as coisas" (RA). "Eis que" ([ιδου, em grego]): "prestem atenção", "observem bem", "examinem cuidadosamente". Ele tocou no tempo quando nasceu neste mundo; a data do seu nascimento alterou completamente o nosso calendário.[10]

A pergunta que fez a seus discípulos: "Quem o povo acha que eu sou?", ainda ressoa aos nossos ouvidos (Lc 9.18). Também hoje, como há dois mil anos, muitos veem em Jesus de Nazaré só um profeta ou um mestre defensor de uma doutrina moral e perguntam por que milhões de pessoas reconhecem precisamente nele e não em Isaías ou em Moisés o "filho da mesma natureza do Pai".

Em que consiste, de fato, a atração exclusiva exercida por Jesus? Apenas na sua doutrina moral? Mas Buda, Jeremias, Sócrates, Sêneca também propunham uma ética elevada. Portanto, como o cristianismo poderia ultrapassar tanto as-

sim estas doutrinas "concorrentes"? Além disso, o mais importante é que o evangelho não se assemelha a uma simples pregação moralizadora.

Com esta pergunta, penetramos em um campo que toca o que de mais misterioso e difícil existe na nova aliança. Aqui se escancara diante de nós de improviso o abismo que separa o Filho do homem dos filósofos, moralistas e fundadores de religiões de todas as épocas.

Ainda que a vida de Jesus não diferenciasse muito da vida de vários profetas, o que Ele declarou sobre si nos impede de colocá-lo no mesmo patamar dos outros mestres da humanidade. Todos se professaram simples mortais, homens como os outros que, em certo momento, conheceram a verdade e se sentiram chamados a anunciá-la; isto é, viam claramente a distância que os separava do ser supremo. E Jesus? Quando Filipe lhe pediu timidamente que lhes mostrasse o Pai, Jesus respondeu com palavras que nem Moisés, nem Confúcio, nem Platão jamais poderiam proferir: "Há quanto tempo estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe? [...] Quem me vê, viu o Pai" (Jo14.9). Com tranquila convicção, Jesus claramente proclamou-se Filho único de Deus; Ele não falava mais como profeta em nome do eterno, falava como o próprio Deus.

Se Jesus não é um mito, nem um simples reformador religioso, quem é o Homem de Nazaré? Talvez, em nossa busca de uma resposta para esta pergunta crucial, devamos prestar atenção naqueles que percorriam com Ele os caminhos da Palestina, naqueles que sempre lhe estavam próximos; na-

queles com os quais Ele compartilhava as experiências mais íntimas. Foi justamente neles que a pergunta: "Quem sou eu na vossa opinião" encontrou uma declaração de fé: "És o Cristo, o filho do Deus vivo.

Testemunho das Escrituras sobre a humanidade de Jesus

Houve um tempo em que a realidade (gnosticismo) e a integridade natural (docetismo, apolinarismo) da natureza humana de Cristo eram negadas, mas, hodiernamente, são poucos que questionam seriamente a verdadeira humanidade de Jesus Cristo.

É nas Escrituras que encontramos evidências de que Jesus era uma pessoa plenamente humana, sujeito a todas as limitações comuns à raça humana. Nasceu como todo ser humano nasce, todavia, sem pecado. Embora sua concepção tivesse sido excepcional, todos os outros estágios de sua vida foram idênticos ao de qualquer ser humano normal, tanto físico como intelectual e emocional. Também, no sentido psicológico, era genuinamente humano, pois pensava, raciocinava, emocionava-se, como todo ser humano normal.

Era necessário que Cristo assumisse a natureza humana, não somente com todas as suas propriedades essenciais, mas também com todas as debilidades a que está sujeita, depois da queda, e, assim, devia descer às profundezas da degradação em que o homem tinha caído. Ele precisava participar da natureza daqueles a quem veio redimir; ter poder para

subjugar todo mal e dignidade de valorizar sua obediência e sofrimento. Portanto, do princípio ao fim do sagrado volume, de Gênesis ao Apocalipse, um redentor Deus e homem é apresentado como objeto de suprema reverência, amor e confiança aos filhos dos homens que pereciam.

Estabeleceremos, como metodologia nesta tarefa, um roteiro de textos desde o Antigo até o Novo Testamento, onde destacaremos os ensinos sobre a humanidade de Jesus.

Jesus Cristo, o Messias prometido no Antigo Testamento

O Antigo Testamento, escrito durante um período de mais de mil anos, contém centenas de referências ao Messias que viria. Colocamos, lado a lado, algumas promessas a respeito do Messias no Antigo Testamento e seus cumprimentos no Novo.

1) Ele seria um ser humano, nascido de uma mulher:
Em Gênesis 3.15, falando ao tentador que seduzira Adão e Eva, induzindo-os ao pecado, disse Deus: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar".
No Novo Testamento, em Lucas 2.6,7 diz o seguinte a respeito de Maria, mãe de Jesus: "Chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz seu primogênito".

Jesus nasceu conforme o processo humano normal.

2) Ele seria descendente de Abraão: Em Gênesis 12.3, Deus prometeu a Abraão: "Por meio de sua vida, todos os povos da terra serão abençoados".
No Novo Testamento, a árvore genealógica de Jesus, em Mateus, remonta até Abraão.

3) Ele viria da tribo de Judá: Em Gênesis 49.10, Jacó, no seu leito de morte, foi inspirado a proferir esta profecia acerca de Judá, um dos seus doze filhos: "O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão".
No Novo Testamento, na mesma árvore genealógica, apenas um dos filhos de Jacó é mencionado: Judá (Mt 1.2).

4) Ele viria da casa de Davi: Em 2Samuel 7.13, o profeta Natã diz a Davi que da família de Davi surgiria um grande rei, acerca de quem Deus prometera: "Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino".
No Novo Testamento, de novo, na mesma árvore genealógica é incluído, e com exatidão, o "rei Davi" (Mt 1.6).

5) Ele nasceria de uma virgem: Em Isaías 7.13,14, Deus aparece prometendo ao rei Acaz: "Ouçam agora, des-

cendentes de Davi, o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [nome que significa 'Deus conosco']".
No Novo Testamento, a virgem Maria recebeu a mensagem de um anjo, que disse que ela daria à luz um filho: "E lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai, Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim" (Lc 1.31-33).
Quando José, o noivo de Maria, ficou sabendo da gravidez dela, e consciente de não ser ele mesmo o responsável, quis romper o noivado, mas Deus lhe falou em sonho, dizendo: "José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mt 1.21,22).
E Mateus explicou, nos versos 22 e 23, tratar-se do cumprimento da profecia em referência (Is 7.14).

6) Ele nasceria em Belém: Em Miqueias 5.2, Deus prometeu: "Mas tu, Belém Efrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, desde os dias da eternidade".

No Novo Testamento, Maria e José moravam na cidade de Nazaré, mas, nos dias em que Jesus estava para nascer, as autoridades romanas levantaram um censo, no qual cada família tinha que se alistar em sua cidade ancestral: "E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho. Enquanto estavam lá, chegou o momento de o bebê nascer, e ela deu à luz seu primogênito" (Lc 2.3-7).

Existem muitíssimas outras profecias no Antigo Testamento a respeito do Messias, Jesus Cristo, que podem ser encontradas tanto no Manual Bíblico Halley quanto no livro de Josh McDowell, onde são citadas por extenso com breves comentários.[11] É leitura fácil e proveitosa, e faz parte da doutrina de Cristo como divino Salvador.

A divindade de Cristo no Novo Testamento

Quando caminhamos na direção do Novo Testamento, as informações sobre a humanidade e divindade de Jesus Cristo se tornam evidentes em muitos textos. Sua vida, ensinos e obras são narrados nos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Dos quatro evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas são chamados de "sinóticos" (i.e. adotam a mesma vista histórica). Os três, juntos, oferecem uma vista "tridimensional", "estereoscópica" de Jesus Cristo, das suas ações

e doutrinas. Marcos é o mais breve e direto e tanto Mateus quanto Lucas contêm (nunca em linguagem exatamente idêntica, nem na mesma ordem) a maior parte dessa matéria, mas cada um destes contribui com muitos relatos e ensinos para completar o quadro.

No texto original, escrito em grego, se percebe que os três sinóticos usam linguagem e vocabulário diferentes em textos paralelos, mas as línguas modernas não refletem essas diferenças. De qualquer forma, João se diferencia por conter muitos discursos de Jesus que revelam a sua pessoa.

Jesus, com os títulos "Filho de Deus" e "Filho do Homem" estava afirmando a sua divindade, e muitos dos seus atributos são exclusivamente privativos do próprio Deus. Os próprios judeus que o ouviam entendiam isso muito bem: "Por isso, os judeus ainda mais, procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.18).

Quando Jesus disse: "Eu o Pai somos um", a reação dos judeus foi: "Não é por boa obra que te apedrejamos, e, sim, por causa da blasfêmia, pois sendo tu homem, te faz Deus a si mesmo" (Jo 10.30-33).

Quando Jesus curou um paralítico, dizendo: "Filho, os teus pecados estão perdoados", os escribas judeus disseram: "Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?". E Jesus confirmou ter autoridade para perdoar pecados (Mc 2.7-11).

Quando Jesus foi interrogado diante do Sinédrio judaico,

o sumo sacerdote lhe perguntou: "Você é o Cristo, o Filho do Deus bendito?". Jesus respondeu: "Sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso, vindo com as nuvens do céu" (Mc 14.61-64).

Tão íntima era sua relação com Deus, que Jesus declarou que conhecer a Ele era o mesmo que conhecer a Deus (Jo 8.19; 14.9-11); vê-lo era o mesmo que ver a Deus (Jo 12.45; 14.9); crer nele era o mesmo que crer em Deus (Jo 12.44; 14.1); recebê-lo era, também, receber a Deus (Mcs 9.37); odiá-lo era odiar a Deus (Jo 15.23); e honrá-lo era o mesmo que honrar o próprio Deus (Jo 5.23).

Cristo revelou um poder sobre as forças da natureza que somente Deus, autor destas forças, poderia possuir. Acalmou uma furiosa tempestade de vento e vagalhões no mar da Galileia. E, ao agir dessa forma, arrancou dos que estavam no barco a seguinte pergunta, cheia de reverência: "Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" (Mc 4.41).

Transformou a água em vinho. Alimentou cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes. Devolveu a uma viúva aflita seu único filho, levantando-o dos mortos e trouxe à vida a filha morta de um pai esmagado pela dor. A um antigo amigo morto e sepultado, Jesus disse: "Lázaro, vem para fora!", e, de forma dramática, o levantou dentre os mortos. Seus inimigos não podiam negar esse milagre, e procuravam matá-lo, para evitar que todos cressem em Jesus (Jo 11.48).

Jesus revelou possuir o poder do Criador sobre as enfermidades e as doenças. Fez os coxos andarem, os mudos fala-

rem e os cegos verem, inclusive um caso de cegueira congênita em João 9. O homem curado, submetido a interrogatório sobre a cura que recebera de Jesus, reafirmava: "Eu era cego, e agora vejo", e confirmou: "Ninguém jamais ouviu que os olhos de um cego de nascença tivessem sido abertos. Se esse homem não fosse de Deus, não poderia fazer coisa alguma" (v. 32,33).

A suprema credencial de Jesus para autenticar a sua divindade foi a sua ressurreição dentre os mortos. Conforme profetizara aos seus discípulos, foi morto e, em três dias, ressuscitou, e apareceu de novo diante deles. Os quatro evangelhos narram com pormenores a história do sofrimento e morte de Jesus a partir de Mateus 26.47, Marcos 14.43, Lucas 22.47-53 e João 18.2, indo até o fim de cada um deles.

É só reconhecendo a divindade de Cristo que o Novo Testamento e a própria fé cristã fazem sentido. Todos os grupos e seitas que alegam ser cristãos, mas que negam a divindade de Cristo, são classificados como hereges.

Jesus em Atos dos Apóstolos

A importância especial de Atos na cristologia é que, o mesmo Lucas que escreveu o evangelho é, também, autor de Atos, como continuação do mesmo; seria como se fosse um quinto evangelho, ou o evangelho de Jesus, demonstrado e pregado pelos seus seguidores (At 1.1-11. Esse texto bíblico em referência reafirma a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo). Aqui, também, Jesus Cristo reafirma

a promessa da vinda do Espírito Santo sobre os seus seguidores (Jo 14.16-26; 16.5-16).

O cumprimento dessa promessa, em Atos 2.1-13, revestiu de poder os apóstolos, e Pedro pregou, com autoridade, um resumo do evangelho, enxergado à luz da ascensão e da vinda do Espírito Santo: "Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmo sabem. Este homem foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse" (At 2.22-24).

Trata-se de um resumo do conteúdo dos evangelhos, com a conclusão pós-pentecostal: "Portanto, que todo o Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo" (v. 36). E a aplicação: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados e receberão o dom do Espírito Santo" (v.38). Esses versículos denotam a pregação do evangelho, as boas novas da salvação, mediante a obra completada de Jesus Cristo.

No capítulo 3 de Atos, após uma cura em público em nome de Jesus Cristo, Pedro disse diante do povo: "Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós somos testemunhas disso. Pela fé, em o nome de Jesus, esse mesmo nome fortaleceu a este homem que vocês veem

e conhecem" (v.15,16). E depois, o convite: "Arrependam-se, pois, e volte-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados, para que venham tempos de descanso da parte do Senhor, e ele mande o Cristo, que lhes foi designado, Jesus" (v, 19,20).

No capítulo seguinte, interrogados diante do Sinédrio, os apóstolos explicaram: "Saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores" (v. 10). A conclusão: "Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos" (v. 12).

No capítulo 7, Estêvão fez sua defesa, ou apologia de Jesus Cristo diante do Sinédrio, demonstrando que a totalidade da história de Israel e das Escrituras do Antigo Testamento tinha o Salvador como seu alvo, propósito e cumprimento. Foi apedrejado à morte por isso, estando presente Saulo, que, posteriormente, passou a ser conhecido como apóstolo Paulo. O ponto de partida de Paulo nas suas viagens missionárias era pregar dessa mesma maneira nas sinagogas judaicas em Chipre (13.4), em Antioquia da Pisídia (13.13-51), em Icônio (14.1-7), em Tessalônica (17.1-5), em Bereia (17.10-15), em Atenas (17.16), em Corinto (18.1-8) e em Éfeso (19.1), baseando-se em exegese do Antigo Testamento, com fartos detalhes e ricos em analogias.

Na sequência, capítulo 8, o evangelista Filipe explica para

o tesoureiro da rainha da Etiópia o significado de Isaías 53.7-8, e o leva a Cristo. Quando o eunuco (título do oficial com livre acesso aos aposentos reais) perguntou: "O que me impede de ser batizado?", Filipe respondeu: "Você pode, se crê de todo o coração". Ao que ele respondeu: "Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus" (8.26-40). Esta pode ser considerada a primeira e mais breve confissão de fé que as igrejas exigem para alguém ser recebido como cristão.

Em Atos 9.1-19, Paulo teve uma visão de Jesus Cristo, que o encaminhou a quem o instruísse na fé, lhe impusesse as mãos para curar a cegueira provocada pela forte visão, lhe transmitisse a plenitude do Espírito Santo e fosse batizado (v. 18). Em seguida, Paulo passou a ser considerado evangelista e apologista de Jesus entre os judeus (v. 20-22).

No capítulo subsequente, como resultado de visões recebidas, tanto pelo centurião romano como também pelo apóstolo Pedro, houve um encontro entre um judeu cristão e uma autoridade romana (gentia). Quando os gentios, que aceitaram a pregação de Pedro, receberam o Espírito Santo no Dia do Pentecostes (10.44-46), foi-lhes concedido o batismo como membros plenários da Igreja. Isto deu ímpeto à evangelização dos gentios (a referência 13.1-3 é o ponto de partida).

Nas viagens missionárias, Paulo buscava, em primeiro lugar, os judeus nas sinagogas, dando-lhes a oportunidade de aceitar a Cristo como Salvador. O padrão normal era o repúdio pelos judeus à pregação bíblica a respeito do Messias

de Israel, impelindo o apóstolo Paulo a levar as boas-novas aos gentios. Assim foi em Antioquia da Pisídia, onde Paulo concluiu: "Era necessário anunciar primeiro a vocês a palavra de Deus; uma vez que a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, agora nos voltamos para os gentios" (13.46). E o resultado foi imediato: "Ouvindo isso, os gentios alegraram-se, bendisseram a palavra do Senhor; e creram os que todos haviam sido designados para a vida eterna" (v. 48).

No capítulo 16, Paulo e Silas pregaram na colônia romana de Filipos, sendo encarcerados por isso, e o bom testemunho deles, em meio às torturas e um terremoto, levou à conversão do carcereiro, que perguntou: "Senhores, que devo fazer para ser salvo?". Ao que eles responderam: "Creia no Senhor Jesus, e serão salvos você e os da sua casa" (16.30-31). Após a pregação da Palavra de Deus, houve o batismo daqueles que creram em Deus (16.32-34).

Em Bereia, os membros da sinagoga foram elogiados porque "examinaram todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo" (17.11). O padrão é crer no Senhor Jesus da mesma forma que se crê em Deus, e isso em total consonância com as Escrituras, a Palavra de Deus.

Em Atenas, Paulo anunciou Jesus na praça de uma grande cidade intelectual, tendo como ponto de partida um altar "ao Deus desconhecido" e alusões aos pensadores gregos. O Deus que fez o mundo, disse, agora (i.e. com a vinda de Cristo), ordena que todos, em todo lugar, se arrependam (17.24-31).

No capítulo 20.10-21, Paulo, encerrando sua terceira via-

gem missionária, despediu-se dos presbíteros em Éfeso, elucidando a obra de Cristo (passado e futuro) junto aos seus: "Servi ao Senhor [Jesus] com toda a humildade [...] não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso [...] Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus".

No mesmo capítulo, versículos 22 a 24, lemos: "Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali. Só sei que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que pressões e sofrimentos me esperam. Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar o evangelho da graça de Deus".

Jesus Cristo recebe total dedicação dos seus convertidos, e estes recebem a ajuda do Espírito Santo para testemunhar o evangelho da graça de Deus. Este trecho prenuncia a obra missionária de Paulo como encarcerado por causa da sua fé em Cristo, tanto em suas apologias de Cristo, diante de várias autoridades, quanto nas epístolas que continuava escrevendo na cadeia: Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom, 1 e 2Timóteo e Tito.

No capítulo 22, Paulo, preso por causa de um tumulto provocado pelos judeus contra ele no templo, recebeu do oficial romano licença para fazer sua defesa. Ressaltou seus sólidos fundamentos judaicos e deu testemunho da sua conversão a Jesus, mas não queriam escutar mais nada depois de ele de-

clarar que Jesus o mandou evangelizar os gentios.

Diante do governador Félix e do rei Agripa, Paulo confirmou que toda a sua pregação de Cristo estava dentro daquilo que a Escritura do Antigo Testamento profetizava, prenunciava e ensinava: "Creio em tudo o que concorda com a lei e no que está escrito nos profetas" (24.14). E ainda: "Não estou dizendo nada além do que os profetas e Moisés disseram que haveria de acontecer: que o Cristo haveria de sofrer e, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, proclamaria luz para o seu próprio povo e para os gentios" (26.22,23).

Depois da pregação histórica da doutrina de Jesus Cristo em Atos dos Apóstolos, fundamentada nos evangelhos e em plena consonância com o conteúdo das Escrituras do Antigo Testamento, passamos para a continuação e aplicação dessa mesma doutrina nas epístolas.

A doutrina de Jesus Cristo nas epístolas

As epístolas têm como tema central a pessoa e a obra de Jesus Cristo, conforme são reveladas nos evangelhos, confirmadas para os fiéis pelo Espírito Santo e pregadas por eles, historicamente, em Atos dos Apóstolos. Tudo isso é tomado, por certo, como fundamento pelos autores das epístolas, sendo que todas estas cartas foram escritas às igrejas e às comunidades daqueles que já de antemão tinham crido em Cristo como Salvador e sido batizados, conforme vimos acima, no capítulo sobre Atos dos Apóstolos.

Repassando a narrativa cronológica da vida de Jesus Cris-

to nos evangelhos, podemos ver repetidas alusões a ela nas epístolas:

Jesus nasceu como judeu: "Mas, quando chegou à plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, a fim de redimir os que estavam sob a lei" (Gl 4.4,5).

Jesus é descendente de Davi: "Acerca de seu Filho, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o Espírito da santidade foi declarado Filho de Deus, com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos" (Rm 1.3,4).

As qualidades de Jesus:

- *Manso*: "Pela mansidão e pela bondade de Cristo" (2Co 10.1);
- *Sem pecado*: "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2Co 5.21);
- *Humilde*: "Cristo Jesus, que, embora sendo Deus [...] esvaziou-se a si mesmo [...] humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Fp 2.5-8).

Já nessas primeiras citações, vimos que os fatos históricos singelos passam a ser, depois da ressurreição, ascensão e derramamento do Espírito Santo, esclarecidos como cristologia, soteriologia (a doutrina da salvação) e eclesiologia (a doutrina da Igreja). Além de ser aplicados à vida devocional e ao andar na fé. É assim que as epístolas fazem a cada passo.

Continuemos a nossa lista:

- ***Jesus foi tentado***: "Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados" (Hb 2.18); "Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas, sim, alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado" (Hb 4.15).
- ***Jesus foi transfigurado***: "Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: Este é o meu filho amado, em quem me agrado. Nós mesmos ouvimos essa voz vinda dos céus, quando estávamos com ele no monte santo" (2Pe 1.17,18).
- ***Jesus foi traído***: "O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim" (1Cos 11.23,24).
- ***Jesus foi crucificado***: "Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1Co 1.23).
- ***Jesus ressuscitou***: "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia e apareceu a Pedro, e depois aos doze" (1Co 15.3-5).
- ***Jesus subiu aos céus***: "Quando ele subiu em triunfo às

> alturas, levou cativos muitos prisioneiros, e deu dons aos homens. Que significa ele subiu, senão que também havia descido às profundezas da terra?"Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de cumprir todas as coisas" (Ef 4.8-10).

Podemos continuar percebendo, nesses textos, e em muitíssimos outros, que os fatos históricos de Jesus Cristo passam a ser doutrina: cristologia, o conteúdo da fé cristã.

O que também fica claro nas epístolas (em acréscimo ao título "Filho de Deus" nos evangelhos) é a divindade de Jesus Cristo, nos seus vários aspectos. Vejamos:

A Jesus são dirigidas orações como a Deus: "Aos santificados em Cristo Jesus e chamados para serem santos, juntamente com todos os que, em toda parte, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1Co 1.2).

Jesus é colocado em igualdade com Deus Pai nas saudações de algumas epístolas: "A vocês, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo" (1Co 1.3).

Jesus é Deus revelado a nós: "O Deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus [...] pois Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2Co 4.4,6). "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (Cl 1.15).

Devemos entender a palavra "imagem" como "expressão exata", "manifestação perfeita" e subentender "primogênito do Pai, de quem surgiu toda a criação". "O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa" (Hb 1.3).

Jesus Cristo é referido, muitas vezes, como Senhor nas epístolas do Novo Testamento; e SENHOR é a transliteração do tetragrama *YHWH* (erroneamente transcrito como Jeová), que é Deus Pai onipotente. As testemunhas de Jeová, que negam a divindade de Cristo, querem que Senhor, no Novo Testamento, seja Deus Pai, mas os crentes entendem que seja título de Cristo, com sua plena divindade, dentro da doutrina da Trindade.

Em 1Coríntios 7.10,12, 25, Senhor é uma alusão histórica a Jesus Cristo e seus ensinos (no contexto do casamento); no versículo 17, o Senhor (Jesus Cristo) é equiparado a Deus Pai e, no versículo 22, a palavra Senhor se refere claramente ao próprio Jesus Cristo. Temos a mesma definição em Efésios 6.6-9. "O Senhor Jesus" (2Ts 1.7) é um conceito ensinado pelo Espírito Santo àqueles que se convertem, conforme temos em 1Coríntios 12.3, que diz: "Ninguém pode dizer: Jesus é Senhor, a não ser pelo Espírito Santo". Como crentes, entendemos a palavra Senhor, dirigida tão frequentemente a Jesus Cristo, no seu pleno significado divino.

Jesus Cristo confessado como Deus: "Não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até àque-

le dia" (2Tm 1.12). "Grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória" (1Tm 3.16). "Aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo" (Tt 2.13).

Jesus Cristo, nosso divino Salvador. Pedro escreveu: "Áqueles que, mediante a justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, receberam conosco uma fé igualmente valiosa: graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo pleno conhecimento de Deus e de Jesus, o nosso Senhor" (2Pe 1.1,2).

Doutrina de Jesus Cristo no Apocalipse

O próprio livro é intitulado "Revelação de Jesus Cristo" (Ap 1.1.). Jesus Cristo, o ser sobrenatural, "semelhante a um filho de homem" (1.13), manifestou-se ao apóstolo João, dizendo: "Escreva, pois, as coisas que vê, tanto as presentes como as que acontecerão" (1.19). É a história de Jesus Cristo, aplicável aos tempos neotestamentários, à história da Igreja no mundo durante pelo menos dois mil anos e à segunda vinda de Jesus.

Um breve resumo do Apocalipse acha-se neste módulo, cuja matéria intitula-se "Síntese do Novo Testamento". Por outro lado, no módulo 4, estudaremos sobre a matéria "Escatologia II – Apocalipse", no qual se enfatizará eventos dos tempos do fim, à luz do Apocalipse.

O senhorio ou soberania de Jesus Cristo se ressalta do

começo até o fim do livro de Apocalipse. Quando Jesus se manifesta, andando entre sete candelabros de ouro, e segurando sete estrelas na mão direita, passa a explicar que os candelabros são as sete grandes igrejas da Ásia Menor (onde João estava) e as estrelas, os anjos dessas igrejas. Jesus está pessoalmente vigiando as igrejas, desde aqueles tempos até hoje, manifestando sua presença.

As cartas que Jesus mandou escrever àquelas igrejas têm aplicação imediata a cada uma delas, naquele momento histórico, mas, também, são consideradas admoestações a vários tipos de igrejas durante toda a história da Igreja, e é muito comum identificar cada uma delas, na ordem em que aqui aparece como profecia do que se sucederia à cristandade no decurso dos séculos.

Neste contexto, temos duas declarações paralelas, que, juntas, nos revelam a plena divindade de Cristo: "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-Poderoso" (1.8). E Jesus disse a João: "Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades" (1.17,18). É Jesus Cristo reinando como Deus.

Nas cartas às sete igrejas, Jesus Cristo está ditando, mas cada uma delas termina com a exortação: "Quem que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas" (2.7, etc.). Aquilo que Cristo diz fica em pé de igualdade com aquilo que o Espírito diz. Já nos evangelhos, estamos acostumados com

essa exortação de Jesus: "Aquele que tem ouvidos, ouça!" (Mt 11.15), com referência aos seus ensinos, e há muitas expressões paralelas.

A soberania divina de Jesus Cristo, tema que percorre o Apocalipse, já é anunciado na referência 1.5: "Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra". Em plena harmonia com a declaração de Jesus nos evangelhos, que diz: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18), temos o cântico de milhões de anjos no Apocalipse: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graça" (5.12). E, da mesma forma, todas as criaturas existentes no Universo diziam: "Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam dadas ações de graça, e honra, e glória, e poder para todo o sempre" (5.13).

Os títulos messiânicos do Antigo Testamento, retomados por Jesus nos evangelhos, reaparecem no Apocalipse: "Eis aqui o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos" (5.5). E Jesus disse, no último capítulo: "Eu sou a Raiz e o Geração de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã" (22.16).

A segunda vinda de Cristo, referida nos evangelhos e declarada de maneira mais detalhada nas epístolas de 1 e 2Tessalonicenses, é declarada já no início do livro de Apocalipse: "Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram" (1.7).

Na linguagem da parábola do servo vigilante, em Lu-

cas 12.35-48, temos a referência cruzada com Apocalipse 16.15: "Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha".

No decurso dos eventos narrados no livro de Apocalipse, Jesus Cristo é sempre enaltecido como o Senhor ressurrecto e glorificado, soberano, operante em favor do seu povo: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap 11.15). "Agora veio a salvação, o poder e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, pois foi lançado fora o acusador dos nossos irmãos, que os acusa diante do nosso Deus, dia e noite. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram; diante da morte, não amaram a própria vida" (Ap 12.10,11). Aqui, temos os fiéis vencendo com Cristo.

Em Apocalipse 19, Jesus Cristo aparece como vencedor, chamado "Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça [...] Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus [...] Ele as governará com cetro de ferro. Ele pisa o lagar do vinho da ira do Deus Todo-Poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores" (v. 11-16). Aqui, temos alusão a várias expressões proféticas messiânicas do Antigo Testamento e, voltamos ao "Princípio" com João, onde Cristo já era a "Palavra" (ou "Verbo" em João 1.1).

No último capítulo de Apocalipse, após revelar os eventos tumultuosos profetizados a João, Jesus volta a prometer a sua

segunda vinda, mas em linguagem de consolo e encorajamento para os seus fiéis: "Eis que venho em breve! Feliz é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (22.7). "Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez" (22.12). "Sim, venho em breve! Amém. Vem Senhor Jesus!" (v. 20).

Capítulo 5

NOMES E NATUREZA DE CRISTO

Os títulos atribuídos a Jesus nas Escrituras ajudam-nos a compreendê-lo, especialmente os seus nomes, pois descrevem, em parte, sua natureza, sua posição oficial e a obra para a qual Ele veio ao mundo.

Jesus

O nome Jesus (*Iesous)* é a forma grega do antigo nome hebraico *Yesua* (Js 1.1; Zc 3.1). *Yesua* (Josué) segundo parece, veio a ter uso geral perto dos tempos do exílio na Babilônia, substituindo a forma mais antiga *Yehosua*. A Septuaginta traduziu a forma mais antiga como a mais recente, de modo uniforme, como *Iesous*. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Jesus "é o nome mais antigo que se forma com o nome divino Javé, e significa 'Javé é socorro' ou 'Javé é salvação'".[12]

Jesus foi o nome dado ao Filho de Deus (Mt 1.21; Lc 1.31) determinado por instruções celestiais dadas ao pai (Mt) ou à mãe (Lc). Neste contexto, Mateus também dá uma

interpretação do nome Jesus e, ao mesmo tempo, descreve a tarefa futura do filho de Maria: "Ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21).

Portanto, temos, diante de nós, uma cristologia bem antiga, com uma abordagem teológica semelhante àquela de Filipenses 2.9. Então, fica evidente que o nome Jesus, desde sempre, já continha uma promessa.

Cristo

É derivado do latim *Christus,* do grego *Christos*, que, na LXX e no Novo Testamento, é o equivalente grego do aramaico *Mesiha.* Esta palavra, por sua vez, corresponde ao hebraico *maschiach.* Denota uma pessoa que foi cerimonialmente ungida para um cargo. Habitualmente, os reis e os sacerdotes eram ungidos, durante a antiga dispensação (Êx 29.7; Lv 4.3; Jz 9.8; 1Sm 9.16; 10.1; 2Sm 19.10). Ciro, instrumento usado por Deus para uma missão particular, é chamado de "messias", o mesmo que "ungido", em Isaías 45.1.

No período monárquico, o rei era conhecido como "ungido de *Yahweh*" (1Sm 24.10). O óleo utilizado para a unção desses oficiais simbolizava o Espírito Santo (Is 61.1; Zc 4.1-6) e a unção representava a transferência do Espírito para a pessoa consagrada.

[2]COENEN, Lothar e BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1075.

No Novo Testamento, os escritores dos evangelhos se referiram, por várias vezes, a Jesus como "Cristo", tradução grega para o hebraico "Messias" ou "Ungido". Ainda mais alarmante para a mente judaica é o fato de os escritores dos evangelhos se referirem a Jesus como Filho de Deus (Mc 1.1; Mt 16.16).

Cristo é o Deus dos apóstolos e dos cristãos primitivos, no sentido de que é objeto de todos os seus afetos religiosos. Eles o consideravam a pessoa a quem especialmente pertenciam; diante de quem eram responsáveis por sua conduta moral; a quem tinha de prestar contas de seus pecados, do emprego de seu tempo e talentos; aquele que estava sempre presente, habitando neles, controlando seu íntimo, como fazia com sua vida externa; cujo amor era o princípio motivador de seu ser; em quem regozijavam como sua presente alegria e como sua porção eterna. A verdadeira religião não consiste no amor ou na reverência a Deus apenas como Espírito infinito, criador e preservador de todas as coisas, mas no conhecimento e amor a Cristo. Todos quantos creem que Jesus é o Filho de Deus, ou seja, todos quantos creem que Jesus de Nazaré é Deus manifestado em carne, o amam e lhe obedecem como tal, e são declarados nascidos de Deus.

Filho do homem

Esta é a única denominação que, segundo os evangelhos sinópticos, Jesus aplicou a si mesmo. Era a maneira mais comum de Jesus tratar-se a si próprio. E a aplicação desse nome

pelo próprio Jesus aparece em mais de quarenta ocasiões, ao passo que os outros evitavam empregá-lo.

Filho de Deus

A expressão "filhos de Deus" era designada em Israel aos seres espirituais, como, por exemplo, aos anjos (Jó 1.6; 2.1; 38.7; Sl 29.1; 82.6), mas, às vezes, tratava-se de uma referência aos justos do povo de Deus (Gn 6.2; Sl 73.15; Pv 14.26) ou aos monarcas ungidos no momento de subir ao trono, especialmente ao rei prometido da casa de Davi (2Sm 7.14; Sl 89.27). Por isso, era comum atribuir esse apelativo, inclusive, ao Messias.

Ser filho de Deus significa, em Cristo, ser homem-Deus. Indiscutivelmente, este título caracteriza, de maneira particular e totalmente ímpar, a relação entre o Pai e o filho. Cristo se autodefinia "Filho do Pai dos céus". Pelas suas palavras, fica evidente que o seu relacionamento com o Pai era substancialmente diferente de qualquer outro. Com efeito, Ele dizia: "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhecem ao Pai, senão o filho" (Mt 11.27). Pelo Messias, o mundo descobriu que o ser Supremo é "amor", que Ele é um Pai para cada homem. Os filhos dispersos na terra são chamados à casa desse Pai para reencontrar a dignidade perdida.

Referências

ANDERS, Max. *Jesus em 12 lições*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.

CHAMPLIN, R. N e BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995, p. 527.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. Vol. 1. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HEXHAM, Irving. *Dicionário de religiões e crenças modernas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

MCDOWELL, Josh e WILSON, Bill. *Ele andou entre nós*. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

MCDOWELL, Josh. *Evidências que exige um veredito*. São Paulo: Editora Candeia, 1996.

MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.

MIEN, Aleksandr. *Jesus, mestre de Nazaré*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1998. BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

MYER, Pearlman. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999

SILVA, Esequias Soares da. *Como responder às testemunhas de Jeová*. Vol. 1. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

Doutrina do Espírito Santo

Capítulo 1

DEFINIÇÃO DE PARACLETOLOGIA

Para o estudo de determinado tema, deve-se iniciar a análise de sua denominação, que poderá ajudar a compreender aquilo que se pretende aprender.

Paracletologia é uma palavra formada por dois vocábulos gregos: παρακλητος *(parakletos)* que significa: "alguém que pleiteia a causa de outro diante de um juiz", "intercessor", "conselheiro de defesa", "assistente legal", "advogado"; e *Logia*, cujo significado é: "estudo", "doutrina".[11] A paracletologia estuda, de forma sistemática, tudo o que se refere à pessoa do Espírito Santo, chamado por Jesus de "Consolador". Esse ramo da teologia também é denominado de "pneumatologia".

No Antigo Testamento, as atividades e manifestações do Espírito Santo eram esporádicas, específicas e em tempos distintos, visando um fim especial — a libertação do povo

---

11 *Parakleto* também foi utilizado para se referir ao Espírito Santo. Assim sendo, *Parakleto* é alguém destinado a tomar o lugar de Cristo com os apóstolos depois de sua ascensão ao Pai, a fim de conduzi-los a um conhecimento mais profundo da verdade evangélica e dar-lhes a força divina necessária para capacitá-los a sofrer tentações e perseguições como representantes do reino divino.

de Deus em tempos de crise (Jz 7.14; 11.29; 14.19; 15.14).

Já no Novo Testamento, no período da dispensação da graça, as atividades do Espírito Santo se concretizam de maneira direta e contínua por meio da Igreja.

Como vimos, no Antigo Testamento o Espírito Santo se manifestava em circunstâncias especiais, mas, no Novo Testamento, Ele veio para fazer morada no coração dos crentes e enchê-los do seu poder. Sobre isso, escreveu o apóstolo Paulo: "Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?" (1Co 6.19).

Infelizmente, o estudo desta doutrina é um dos mais negligenciados, não obstante ser ela uma das mais importantes em toda a teologia. Existem, nos dias atuais, muitos erros e confusão no tocante à personalidade, às operações e às manifestações do Espírito Santo; eruditos conscientes, mas equivocados, têm sustentado pontos de vistas errôneos a respeito dessa doutrina. Embora de forma concisa, é vital, para a fé de todo crente, estudar o que ensina a Bíblia sobre o Espírito Santo e a sua obra, conforme reveladas nas Escrituras e experimentadas na vida da Igreja hoje. A questão não é, portanto, saber como podemos possuir mais do Espírito Santo para fazermos o nosso trabalho, antes, é saber como o Espírito Santo pode possuir mais de nós para realizar a sua obra de transformação do mundo.

Capítulo 2

A NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é identificado nas Escrituras como a terceira pessoa da Trindade, igual ao Pai e ao Filho. Ele é eterno, onipotente, onisciente e onipresente (Mt 28.19). Várias referências ao Espírito Santo são intercambiáveis com referências a Deus. No Antigo Testamento, a palavra hebraica para "espírito" é ξωρ – *ruach*, que significa, essencialmente, "vento", "hálito", "respiração", e aparece 376 vezes nas páginas Sagradas. Foi traduzida cerca de cem vezes como "Espírito de Deus", "Espírito de Javé", "teu Espírito" e "Espírito Santo". A Septuaginta (versão grega dos Setenta) traduziu *ruach* para *pneuma*, palavra grega. A raiz *pneu* refere-se ao "ar". O sufixo *ma* fala de ação, do movimento do ar.

Considerando o que a Bíblia expõe quanto à personalidade do Espírito Santo, fica evidente que Ele não é simplesmente uma influência, como alguns creem e ensinam erroneamente. O Espírito Santo é uma Pessoa divina como demonstraremos.

Atributos do Espírito Santo

Os atributos de Deus são aquelas características essenciais, permanentes e distintivas que podem ser afirmadas a respeito do seu Ser. Seus atributos são suas perfeições, inseparáveis de sua natureza, que condicionam seu caráter.

Há certos atributos que pertencem somente ao Senhor Deus. E esses atributos divinos são conferidos também ao Espírito Santo. Assim como Deus Pai e Deus Filho, o Espírito Santo também é membro da divindade. Historicamente, os arianos, os sabelianos e os socianos consideravam o Espírito Santo como uma ***força*** que vem do Deus eterno, mas esses grupos sempre foram condenados pela Igreja primitiva. Mais recentemente, Schleiermacher, Ritschl, os unitários, os modernistas e todos os sabelianos modernos rejeitam a personalidade do Espírito Santo. Vejamos os atributos da divindade do Espírito Santo revelados nas Escrituras:

- É *onipotente* (Zc 4.6; Rm 15.19);
- É *onipresente* (Sl 139.7,8);
- É *onisciente* (1Co 2.10,11);
- É *eterno* (Hb 9.14);
- É *criador* (Jó 26.13; 33.4; Sl 104.30);
- É a *verdade* (1Jo 5.6);
- É o *Senhor* da Igreja (At 20.28);
- É chamado de *Yahweh* (Jz 15.14; 16.20; Êx 17.7; Hb 3.7-9);
- Concede a *vida eterna* (Gl 6.8);
- É o *santificador* dos fiéis (Rm 15.16; 1Pe 1.2);

- H*abita nos fiéis* (Jo 14.17; Rm 8.11; 1Co 3.16; 6.19; 2Tm 1.14).

Ao atribuir-lhe personalidade, verificamos que o Espírito Santo não é uma força ou influência exercida por Deus, mas, sim, um Ser pessoal, inteligente, com vontade e determinação próprias. Esses atributos não se referem às mãos, pés ou olhos, pois essas coisas denotam corporeidade. Entretanto, Deus é Espírito, sem necessidade de corpo material. Identifica-se como pessoa alguém que manifeste qualidades, como, por exemplo, conhecimento, sentimento e vontade, que indicam personalidade. Que o Espírito Santo é uma Pessoa fica evidente pelas atribuições que a Palavra de Deus faz a Ele, como lemos:

- *Ele sonda as coisas profundas de Deus Pai*: "O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus" (1Co 2.10).
- *Ele fala*: "Pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai de vocês falará por intermédio de vocês" (Mt 10.20; At 8.39; 10.19,20; 13.2; Ap 2.7).
- *Ele ensina*: "Quando vocês forem levados às sinagogas e diante dos governantes e das autoridades, não se preocupem com a forma pela qual se defenderão, ou com o que dirão, pois, naquela hora, o Espírito Santo lhes ensinará o que deverão dizer" (Lc 12.12; Jo 14.26; 1Co 2.13).

- *Ele conduz e guia*: "Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir" (Jo 16.13; Rm 8.14).
- *Ele intercede*: "Da mesma forma, o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus" (Rm 8.26,27).
- *Ele dispensa dons*: "A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer" (1Co 12.7-11).
- *Ele chama homens para o seu serviço*: "Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (At 13.2; 20.28).

- ***Ele se entristece***: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (Ef 4.30).
- ***Ele dá ordens***: "Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia. Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu" (At 16.6,7).
- ***Ele ama***: "Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor" (Rm 15.30).
- ***Ele pode ser resistido***: "Povo rebelde, obstinado! De coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: sempre resistem ao Espírito Santo!" (At 7.51).

Todas essas considerações levam a uma única conclusão: O Espírito Santo é uma pessoa e não uma força, e essa Pessoa é Deus, na mesma dimensão e da mesma forma que são o Pai e o Filho.

Os nomes do Espírito de Deus

Os nomes de Deus não eram simples designações ou identificações, antes, revelam algo da natureza, dos atributos ou das obras de Deus. O mesmo raciocínio aplica-se aos no-

mes conferidos ao Espírito Santo, que nos revelam muita coisa a respeito de quem é a terceira pessoa da Trindade. Algumas vezes, Ele é mencionado de um modo que enfatiza sua personalidade e caráter ("o Santo Espírito"); outras vezes, enfatizando seu trabalho e poder ("o Espírito da Verdade"), porém, nunca mencionado como uma força despersonalizada.

Existem, aproximadamente, 350 passagens nas Escrituras que mencionam o Espírito Santo, nas quais mais de cinquenta nomes ou títulos podem ser discernidos. Não nos é possível mencionar todos os títulos atribuídos ao Espírito Santo. Comentaremos apenas aqueles títulos que acrescentam alguma coisa ao conhecimento total da natureza ou atividade do Espírito de Deus. Os principais nomes dado ao Espírito Santo são:

Espírito Santo

No hebraico: קדש רוח – ***ruach qodesh***; no grego: "πνευμα αγιοω ***pneuma hagios***. "E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo" (At 19.1,2). Este é o nome mais conhecido e usado, principalmente, pela Igreja, desde a sua fundação, para designar a terceira pessoa da Trindade. Ele é o agente da santificação, sendo, por isso, chamado de "Santo". Consequentemente, manifesta-se contra tudo o que é abominável

aos olhos de Deus. Por isso, é chamado, também, de "Espírito de santificação" (Rm 1.4).

Espírito de Deus

No hebraico: רוח אלהים– ***ruach Elohim***; no grego: "πνευμα θεος – ***pneuma theos***. "Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?" (1Co 3.16). Com esses dois nomes, Espírito e Deus, obtemos conhecimento de quem é e o que faz o Espírito Santo. O primeiro identifica a terceira pessoa da Trindade. O segundo´, revela sua deidade.

Espírito de YHWH

No hebraico: רוח יהוה – ***ruach YHWH***; no grego: "πνευμα κυριος – ***pneuma kyrios***. "O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados" (Is 61.1). Escreve-se, no original em hebraico, ***ruach YHWH***, sendo transliterado para as Bíblias em português como "Espírito do Senhor". *Yahweh* significa "aquele que cria", ou "faz existir". O Espírito de *Yahweh* estava ativo na criação, conforme revela Gênesis 1.2, com referência ao Espírito de Deus.

Espírito do Deus vivo

No grego: "πνευμα θεος ζαω – ***pneuma theos zao***. "Vo-

cês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos" (2Co 3.3). O Espírito é, aqui, apresentado como alguém que escreve ou esboça a imagem de Cristo na vida dos cristãos.

O Espírito de Cristo

No grego:"πνευμα Ξριστος – *pneuma Christos*". "Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo" (Rm 8.9). Ter o Espírito de Cristo é ser coparticipante de seus sofrimentos. Ele atua na qualidade de emissário de Cristo, infundindo a vida do Salvador na existência do pecador por meio da regeneração (Rm 8.2; 2Co 5.17). A presença do Espírito de Cristo na vida do homem é percebida pela sua conduta diária.

Espírito de vida

No grego: "πνευμα ζωη - *pneuma zoe*". "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque, por meio de Cristo Jesus, a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.1,2). O Espírito de vida dá a cada crente, ao nascer de novo, vida nova e eterna. Ele substitui a lei reinante do pecado e da morte com a lei da vida. O que estava morto em ofensas e pecados (Ef 2.1; 2Co 5.17), o Espírito de vida vivifica no novo nascimento.

Espírito de adoção

No grego: "πνευμα υιοθεσια – ***pneuma huiothesia.*** "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8.15). Adoção "é aceitação voluntária e legal de uma criança como filho".[12] Éramos escravos do pecado e vivíamos sob o "espírito de servidão". Todavia, Cristo Jesus nos resgatou, tornando-nos filhos de Deus (Jo 1.12).

Espírito da graça

No hebraico: חן רוח – ***ruach chen***; no grego: "πνευμα χαρις – ***pneuma charis.*** "De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça?" (Hb 10.29). A Bíblia qualifica como apóstatas obstinados aqueles que pisam com os pés o Espírito da graça. Pelo Espírito da graça, é oferecida livremente a todos os homens a dádiva do favor divino. Por isso, qualquer acréscimo humano, justiça por obras e melhoramentos adâmicos são abominações ao Espírito Santo.

Espírito da glória

No grego: "πνευμα δοξα – ***pneuma doxa.*** "Se, pelo nome de Cristo, sois vituperados, bem-aventurados sois, porque

12. Novo Dicionario Aurelio. Verbete adoção. Positivo Informática. 2004.

sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus" (1Pe 4.14). Glória, neste caso, tem a ver com caráter. Não é simples resplendor, brilho, fama, celebridade, renome, reputação, típicos da raça humana. Jesus considerou seu sofrimento na crucificação como sendo a hora de sua glória (Jo 12.23-33).

Teríamos, ainda, que falar do: Espírito de santidade (Rm 1.4; 2Ts 2.13), Espírito de purificação (Mt 3.11,12), Espírito da verdade (Jo 14.17; 15.26; 16.13), Espírito eterno (Hb 9.14), Espírito Santo da promessa (Ef 1.13), entre outros títulos mais relacionados ao Espírito Santo. Entretanto, o que até aqui descrevemos nos é suficiente.

Os símbolos do Espírito Santo

Além dos nomes e títulos atribuídos ao Espírito Santo, vários símbolos são empregados nas Escrituras para revelar as características do Espírito Santo. Seus símbolos refletem suas múltiplas operações e, de maneira alguma, comprometem sua personalidade e divindade. Agora que já vimos quem Ele é e como é chamado, podemos estudar as características das metáforas empregadas para descrevê-lo.

Água

"Jesus respondeu e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.13,14).

A água, assim como o fôlego, é indispensável à preservação da vida. Um ser humano é composto de 60 % de água. A água refresca, limpa, dessedenta, fertiliza, etc. De modo similar, o Espírito Santo é indispensável à nossa vida física. Ele nos refrigera (Sl 23.2), nos limpa (Tt 3.5), nos renova e produz frutos em nossas vidas (Gl 5.22; Sl 104.30). Sem o fôlego vivificante e as águas vivas do Espírito Santo, a nossa vida espiritual não demoraria a murchar e a ficar sufocada.

Vento

"O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (Jo 3.8).

A palavra hebraica *ruach* pode significar "sopro", "vento" ou "espírito". Então, traduzindo livremente, o Espírito Santo seria o "Vento Santo". Jesus usou o vento como símbolo do Espírito Santo. O vento é invisível, porém, é real, penetrando em todo lugar da terra. Não podemos tocá-lo, nem o compreendê-lo, mas podemos senti-lo. A sua ação independe da atuação humana, ninguém pode monopolizá-lo. Assim também é o Espírito Santo.

Fogo

"E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias [ou calçado]; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11).

O fogo fala do "poder" e da "purificação" que o Espírito Santo opera na vida do cristão, corrigindo sua natureza decaída e conduzindo-o à perfeição (Mt 5.48). Várias são as finalidades do fogo: queimar, consumir, limpar, amolecer, endurecer, esquentar e iluminar.

Óleo

"E tornou o anjo que falava comigo, e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono, e me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E falei e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? Então, respondeu o anjo que falava comigo e me disse: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, Senhor meu. E respondeu e me falou, dizendo: Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zc 4.1-6).

Outro símbolo do Espírito Santo que aparece nas Escrituras é o óleo (azeite). Era utilizado nas solenidades de unção e consagração de sacerdotes, profetas e reis (Êx 30.30; Lv 8.12; 1Sm 10.1; 16.13; 1Rs 1.39). Na atual dispensação, o azeite é o símbolo da consagração divina do crente para o serviço no reino de Deus.

Pomba

"E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido" (Lc 3.22).

Enquanto que sobre os discípulos no cenáculo o Espírito Santo desceu em forma de fogo (havia o que queimar), sobre Jesus, veio em forma corpórea, como uma pomba, simbolizando as qualidades de mansidão, pureza, amor, inocência e beleza.

Segundo Esequias Soares, a expressão "em forma", usada nesse texto, "revela que o Espírito Santo desceu sobre Jesus numa aparência ou na figura de uma pomba, e não que Ele seja uma pomba. A palavra grega aqui é *eidei* e não *morfe*, como aparece em Filipenses 2.6,7, que revela a essência e a natureza da divindade de Cristo. A primeira palavra significa mera aparência e a segunda, a sua própria natureza e essência".[13]

Selo

"Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13).

---

13 *Como responder às testemunhas de Jeová*, **vol. 1, São Paulo: Editora Candeia, 1995, p. 257.**

Nos dias bíblicos, usava-se um selo como sinal de garantia de propriedade, de possessão. Como "selo", o Espírito Santo é dado ao crente como marca ou evidência de propriedade de Deus. Ao conceder o Espírito Santo, Deus nos "sela" como seus (2Co 1.22). Portanto, todo cristão tem a convicção de que é Filho de Deus (Jo 1.12), pois o Espírito Santo habita em sua vida (Gl 4.6), regenerando-o (Jo 3.3-6), libertando-o (Rm 8.1-17), conscientizando-o de sua filiação (Rm 8.15; Gl 4.6).

Capítulo 3

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

O Antigo Testamento anunciou Deus Pai e o Filho de maneira obscura. Já o Novo Testamento, revelou o Filho e deixou entrever a divindade do Espírito Santo. Agora, o Espírito Santo habita entre nós e manifesta-se mais claramente. Quando a divindade do Pai ainda não era reconhecida, teria sido imprudente anunciar abertamente a divindade do Filho; e quando a divindade do Filho não era ainda admitida, não se devia desvelar a divindade do Espírito Santo. Era, pois, necessário proceder, por aperfeiçoamentos sucessivos, avançar de claridade em claridade, por progressos e impulsos, até que a Trindade fosse firmemente estabelecida.

O Espírito Santo é, antes de tudo, ação, personificação de Deus, manifestando sua vida racional e seus sentimentos na vida do fiel.[14] No Antigo Testamento, podemos estudar a obra do Espírito Santo por meio de sua ação de visitar pesso-

14 . Dicionário Aurélio, verbete "ação" [Do lat. actione.].
1 Ato ou efeito de agir, de atuar; atuação, ato, feito, obra.
2 Maneira como um corpo, um agente, atua sobre outro; efeito;

as. Ora, essas visitações eram curtas, momentâneas e visavam um objetivo especial – a libertação do povo de Deus em tempos de crise (Jz 6.34; 11.29; 14.19; 15.14).

Os autores inspirados do Antigo Testamento registraram que *Yahweh* tem um Espírito que age (Gn 1.2). Espírito que Ele (o próprio Deus) transmite ao homem, ou seja, o sopro de vida que o torna semelhante a Deus (Gn 2.7). E retira-o, porém, quando lhe apraz (Gn 6.3).

Atribuíram ao Espírito de Deus fenômenos misteriosos acima das forças humanas: potência para guerra (Jz 3.10; 6.34; 11.29); arrebatamento pelos ares (1Rs 18.12); inspiração para profetizar (Nm 24.1,2; 1Sm 10.10).

Já no Novo Testamento, o Espírito Santo revela seu desejo de permanecer no homem, revestindo-o e habitando em seu íntimo. Na dispensação da graça, a atuação do Espírito Santo é mais intensa. Sobre Ele pesa a responsabilidade de convencer o pecador de suas transgressões, de sua natureza pecaminosa, de sua culpa perante Deus, do padrão divino de justiça e do julgamento futuro. O Espírito Santo trabalha por meio da mente, da consciência e das emoções do pecador, enfatizando a necessidade da misericórdia e do perdão de Deus.

Longe do Espírito Santo, ninguém percebe a grandeza de seu pecado ou que se trata de abominação aos olhos de Deus. Entretanto, por meio da iluminação e da revelação, o Espírito Santo derrama a luz de Deus no coração do pecador, que passa a enxergar sua necessidade espiritual.

Mesmo não sendo muito usada nas Escrituras, a convicção pelo Espírito é um dos temas centrais da Bíblia. Para corroborar com essa afirmação, vemos Faraó sendo repetidamente convencido de seu tratamento pecaminoso para com Israel, mas continuou a endurecer seu coração (Êx 9.27, 34). Arão e Miriam foram convencidos de seus pecados pelo julgamento de Deus sobre ela (Nm 12.11). Balaão foi convencido (Nm 22.34). O rei Saul confessou sua convicção (1Sm 26.21; 28.15), assim com Davi (2Sm 12.13; 24.10,17; Sl 51.4). Judas, por sua vez, demonstrou convicção, mas não se arrependeu (Mt 27.4).

É essencial que os crentes reconheçam a importância do Espírito Santo em suas vidas, porque o Espírito Santo nos convence do pecado (Jo 16.7,8), revela-nos a verdade a respeito de Jesus (Jo 14.16,26), realiza o novo nascimento (Jo 3.3-6) e nos torna membros do Corpo de Cristo (1Co 12.13).

Na conversão, os cristãos recebem o Espírito Santo (Jo 3.3-6; 20.22) e se tornam coparticipantes da natureza divina (2Pe 1.4). O Espírito Santo passa a habitar no crente, influenciando sua vida, de modo que passam a viver uma vida piedosa (Rm 8.9; 1Co 6.19), longe do pecado (Rm 8.2-4; Gl 5.16,17; 2Ts 2.13). Ele testifica que somos filhos de Deus (Rm 8.16), ajuda-nos na adoração a Deus (At 10.45,46; Rm 8.26,27) e na nossa vida de oração, intercedendo por nós quando clamamos a Deus (Rm 8.26,27). Guia-nos em toda a verdade (Jo 16.13; 14.26; 1Co 2.10-

16), nos consola e ajuda (Jo 14.16; 1Ts 1.6).[15]

Portanto, o Espírito Santo não é meramente um poder ou uma influência divina, mas uma Pessoa que pensa, fala, deseja, atua e revela as coisas inescrutáveis de Deus.

15 Ver mais sobre este assunto no Volume 2, p. 33-8.

Capítulo 4

BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

A maioria das obras de teologia sistemática pátria não apresenta um capítulo específico sobre o batismo com o Espírito Santo. Há apenas a história de uma ou outra igreja ou de um movimento isolado. Muito embora a literatura nacional seja escassa sobre o tema, o assunto mereceu profundas investigações científicas de autores diversos, que nos servirão de guias. Não se pode pensar, contudo, que o trabalho, que ora oferecemos, contenha um resumo de todas as teorias concernentes ao batismo com o Espírito Santo. Está bem longe de ser um tratado completo e exaustivo.

Há de se confessar que não é fácil se pronunciar sobre o tema. Escrever sobre o batismo com o Espírito Santo é, deveras, um empreendimento ousado, impõe certo risco, uma vez que a própria noção de batismo é imprecisa e a abordagem desse tema requer o estabelecimento de premissas que, em si mesmas, são bastante discutíveis. Por isso, não se surpreenda o leitor em não encontrar, nestas páginas, respostas definitivas ao problema.

Terminologia

A expressão "batismo com o Espírito Santo" foi utilizada por João Batista ao se referir a Jesus: "E, estando o povo em expectação e pensando todos de João, em seu coração, se, porventura, seria o Cristo, respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias; este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lc 3.15,16).

Lucas retoma a terminologia em Atos 1.5, ao descrever as palavras de Jesus aos seus seguidores: "Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias".

Posteriormente, pela terceira vez, registra as palavras do mestre da Galileia quando falou sobre a experiência de Pedro na casa de Cornélio: "João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo" (At 11.16).

Histórico

O início do século 1° da Era Cristã foi um desafio e um prejuízo para as religiões pagãs do Império Romano. Um movimento oposto às crendices e às formas de religiões arcaicas e infrutíferas começou a desenvolver-se no seio de uma pequena comunidade. A história nos empolga, pois nos é contada em termos dramáticos e desafiantes. Esse movimento, cujo surgimento e desenvolvimento está narrado em

Atos dos Apóstolos, foi fruto do mover do Espírito Santo por meio do (e nos) discípulos de Jesus. E, até a nossa geração, esse mesmo Espírito continua se movendo no mundo.

A descida do Espírito Santo

Essa experiência ficou sendo conhecida porque aconteceu por ocasião da Festa de Pentecostes. O nome Pentecostes tem sua origem no intervalo de cinquenta dias que separa a Festa da Colheita da Festa da Páscoa, de acordo com a tradição judaica.[16] A descida do Espírito Santo sobre a Igreja reunida em Jerusalém naquela ocasião nos é relatada em Atos 2, capítulo de abertura e de impacto da história da Igreja cristã primitiva. O livro mostra o impacto que uma comunidade pode causar quando vive e age no poder do Espírito Santo.

A promessa da vinda do Espírito

Pentecostes prova ser um tempo em que as profecias se cumpriram desde o Antigo Testamento até as gloriosas promessas dos lábios do divino Mestre, que disse: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Eles permaneceram, e as promessas de Deus se cumpriram, porque elas jamais falham!

Volvendo os olhos ao passado distante, encontramos o profeta Ezequiel falando da restauração do povo de Deus: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo..."

(Ez 36.26). E, de uma maneira muito especial, profetizou Joel: "E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça" (Jl 2.28-30).

O próprio apóstolo Pedro identifica a experiência do Pentecostes com o derramamento do Espírito de que fala o profeta Joel. Temos, aqui, um exemplo de cumprimento de profecia. Joel, porta-voz de Deus, afirmou: "Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne". Sobre todos os cristãos verdadeiros, indistintamente de serem judeus ou gentios. No Antigo Testamento, o Espírito vinha sobre algumas pessoas distintas, e seus carismas (no grego: ***charisma*** – "dom") eram dados a algumas pessoas com missão específica e em caráter provisório. Eram carismas especiais, que podiam ser, inclusive, retirados, caso o ungido se desviasse das promessas de Deus.

Já no Novo Testamento, o Espírito Santo, juntamente com seus dons, é dado a todos os que creem. A promessa de Jesus foi: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (Jo 14.16). Agora, o Espírito é dado a todos os que creem, e para sempre!

O cumprimento da promessa no dia de Pentecostes

Não muito tempo depois da promessa feita por Jesus, "estavam todos os apóstolos com alguns irmãos reunidos em Jerusalém quando, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.2-4).

Todos foram cheios do Espírito Santo para comunicar as grandezas de Deus e viver o evangelho de Cristo, num testemunho encarnado que se estenderia por toda a Jerusalém, Judeia, Samaria, e até os confins da terra, como testemunhamos hoje.

Pode-se concluir que a Igreja neotestamentária nasceu com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Desde então, a Igreja e os cristãos agem no mundo como força transformadora no poder do Espírito Santo, para implantação do reino de Deus entre os homens.

A Reforma Protestante[17]

A ignorância espiritual e bíblica que o catolicismo apostólico romano infundiu no povo impediu o florescimento dos dons espirituais desde os anos 400 até a Reforma. As questões espirituais, inclusive o destino eterno das pessoas, eram

17 Ver mais sobre este assunto no Volume 6.

consideradas assunto exclusivo do clérigo profissional. Esperava-se dos leigos que obedecessem à liderança eclesiástica e observassem os sacramentos, pois estes eram os meios de obterem a graça de Deus. A educação religiosa, até mesmo na forma de um sermão edificante, era quase desconhecida.

As pessoas davam à Igreja muito dinheiro e vastas propriedades rurais, esperando que Deus se agradasse delas por assim fazerem. E assim, a Igreja se tornou muito rica. Poderíamos até mesmo dizer, com o emprego da terminologia moderna, que a Igreja Católica era a maior latifundiária, a companhia mais rica e a organização mais poderosa de toda a Europa.

Na Holanda, Geert Groote (1340-1384) deu início ao movimento reavivalista mais notável no seio da Igreja Católica chamado "Devotio Moderna". Enfatizavam uma rígida devoção pessoal e o envolvimento social, especialmente na área da educação. Pregava e escrevia tratados contra a simonia[18] e a imoralidade do clero.

Seu exemplo atraiu muitas pessoas, surgindo uma comunidade chamada "Os irmãos da vida comum". Os membros não tinham a obrigação de fazer votos vitalícios; podiam deixar a comunidade a qualquer momento. Ensinavam que a verdadeira religião consiste em amar a Deus e servi-lo. Esse "novo" conceito contrastava-se nitidamente com a atitude prevalecente de que ser espiritual importava fazer votos e separar-se do mundo para viver isolado num mosteiro.

Outro holandês que influenciou toda a Europa foi Erasmo (1466-1536). Nascido em Rotterdan, convicto de que o cristianismo necessitava de um reavivamento que o libertasse da ignorância e da superstição, bem como das abstrações teológicas, viajava conclamando o povo à verdadeira piedade.

Para Erasmo, o cristianismo importava em seguir o exemplo de Cristo. Mas, como alguém poderia seguir a Cristo quando Ele parecia estar escondido por detrás da corrupção, da imoralidade e das nuanças da teologia filosófica. Erasmo declarava que era necessário penetrar atrás de todas as externalidades e aparências para se chegar à essência real da fé. Ensinava que devemos olhar além dos sacramentos para o significado deles, além da letra da lei para a caridade, além do cristianismo para Cristo.

Sua realização mais importante, no entanto, foi preparar uma edição impressa do Novo Testamento grego. Embora criticasse fortemente as práticas religiosas dos seus dias, nunca se separou da Igreja estabelecida. Mas, essa crítica seria continuada por Martinho Lutero, que também se utilizaria da tradução grega, preparada por Erasmo, para sua própria tradução do Novo Testamento para o alemão.

Martinho Lutero

Erasmo já havia estabelecido sua reputação de estudioso mais notável da Europa antes de 31 de outubro de 1517, quando, então, um monge agostiniano, chamado Martinho Lutero (1483-1546), pregou suas teses à porta da Igreja do

Castelo em Wittenberg, na Alemanha.

Em Wittenberg, adquiriu doutorado em filosofia e teologia. Sua ordem enviou-o numa viagem a Roma, onde observou, em primeira mão, a decadência moral da cidade e viu a indiferença entre os líderes eclesiásticos.

Ao retornar a Wittenberg, Lutero ouviu pessoas jactando-se de terem obtido o perdão divino para si mesmas e para seus parentes já falecidos, mediante a compra de indulgências. Tratava-se de um certificado especial, aprovado por Roma, que atestava o perdão divino. Vender indulgência não passava de maquinação para levantar fundos financeiros para novos edifícios em Roma. O papa estava muito desejoso de completar uma Igreja especial em homenagem a São Pedro.[19]

A Igreja havia, também, ensinado que, mediante certos atos religiosos, tais como participar de uma romaria para ver uma relíquia famosa, o tempo no purgatório poderia ser abreviado. Todas essas coisas faziam parte do clima religioso daqueles dias, o que fez com que Lutero ficasse muito desgostoso.

Entretanto, o que realmente deixou Lutero, na sua obra pastoral, muito perturbado, era escutar de seus paroquianos que, em virtude das indulgências, eram perdoados todos os pecados deles, até mesmo aqueles que ainda não haviam cometidos e ainda que, por meio das indulgências compradas, tinham também poder para libertar seus parentes do purgatório, conduzindo-os diretamente ao céu.

19 Essa estrutura, a Basílica de S. Pedro, é, hoje, a maior estrutura eclesiástica no mundo, e usada para aparições especiais do papa.

Lutero tinha a convicção de que a venda de indulgências era um grave erro doutrinário que precisava ser reparado. Como professor universitário, propôs debates acadêmicos. Para anunciar esse debate, fixou suas noventa e cinco teses, em latim, na porta da Igreja em Wittenberg, em 31 de outubro de 1517.

Não demorou para que suas teses fossem traduzidas para o vernáculo, impressas, e circuladas muito além da universidade, além de Wittenberg, e, pouco depois, além da Alemanha.

Suas declarações foram prontamente rejeitadas por outros teólogos. Tanto João Eck (1486-1543) quanto o cardeal Tomás Cajetan (1469-1534) atacaram as teses de Lutero. Publicaram muitos livros, procurando comprovar que Lutero estava enganado. Alegavam insubmissão do monge agostiniano ao papa.

Lutero apresentou contrarrazões, alegando que tanto os papas quanto os concílios eclesiásticos haviam errado. Seus adversários passaram imediatamente a associar as opiniões dele com a opinião de João Hus, que havia sido executado por heresias no Concílio de Constança, em 1415.

Nesse ínterim, publicou três obras importantíssimas, que foram lidas em toda a Europa. A primeira, chamada de "Um discurso à nobreza cristã da nação alemã", em que argumentou que todos os cristãos são sacerdotes. Além disso, rejeitou as alegações de que somente o papa tinha a capacidade de interpretar as Escrituras ou convocar um concílio ge-

ral. Lutero fez um apelo para reformas que eliminassem as romarias, o abuso da missa, o celibato dos clérigos e as extorsões financeiras de Roma.

Na obra ***O cativeiro babilônico da Igreja***, Lutero declarou que os únicos sacramentos verdadeiros são a ceia do Senhor e o batismo. Todos os sacramentos, assim chamados, era apenas uma maneira de manter os cristãos no cativeiro.

Na última de suas obras, ***A liberdade do homem cristão***, Lutero descreveu a natureza da liberdade cristã. Explanou que o cristão é livre, é senhor de todas as coisas e não está sujeito a nenhuma delas, mas, ao mesmo tempo, é um escravo e súdito de todas as pessoas.

Enquanto esses escritos estavam sendo preparados, o papa Leão X (1475-1521) emitiu uma "bula" (declaração papal) que condenava Lutero como herege e exigia sua retratação. O reformador respondeu queimando publicamente a bula papal.

Em uma reunião especial dos dirigentes da Igreja e do governo, chamada "Dieta de Worms"[20], Lutero foi convidado a repudiar aquilo que havia escrito. Convicto de sua posição teológica, Lutero explanou, em um discurso poderoso, sua submissão às Sagradas Escrituras, concluindo com as célebres palavras: "Aqui tomo posição; que Deus me ajude. Amém".

O concílio, então, declarou que as opiniões de Lutero eram errôneas e que ele estava fora da lei. Embora houvesse salvaguardas, Lutero corria grande perigo de morte. Alguns

20 Dieta significa "assembleia", e a reunião foi realizada na cidade de Worms, na Alemanha.

de seus amigos, diante do perigo iminente, "sequestraram" Lutero e o levaram a um castelo forte chamado Wartburg, onde permaneceu em segurança. Foi lá que ele aproveitou esse período de reclusão para traduzir o Novo Testamento em alemão.

Lutero era, certamente, um reformador muito influente, mas não era o único. Mesmo em Wittenberg, havia outros que o ajudavam. Philip Melanchthon (1497-1560) estava entre aqueles que cooperavam mais estreitamente com Lutero. Aos 21 anos de idade, era professor de grego em Wittenberg.

Melanchthon apoiava Lutero publicamente, e, por muitas vezes, defendia sua teologia. Como assistente de Lutero, foi corresponsável pela "Confissão de Augsburg", que, até os dias atuais, é considerada a principal declaração de fé entre as Igrejas luteranas. O livro mais famoso de Melanchthon, *Lugares comuns*, foi o primeiro a expor uma teologia sistemática protestante. Contribui e muito à dogmática protestante, pela sua consistência lógica e pelo seu amplo domínio da história. Depois da morte de Lutero, Melanchthon veio a ser o líder teológico em Wittenberg.

Huldreich Zuínglio (1484-1531)

Aproximadamente na mesma ocasião em que Lutero fez sua grande descoberta a respeito da justificação pela fé, algo semelhante acontecia na Suíça com Huldreich Zuínglio.

Educado em Basileia e Viena, segundo a tradição huma-

nista cristã, esse jovem sacerdote foi alocado na cidade de Glaro. Naqueles dias, era comum os governantes europeus contratarem jovens da Suíça para lutarem em seus exércitos. Zuínglio acompanhava, ocasionalmente, as tropas suíças como capelão. Horrorizado com o que presenciou, pregava contra esse desperdício dos seus compatriotas.

Em 1518, o ministério de Zuínglio se tornara prolixo, o que levou a ser nomeado para servir na Grande Igreja, em Zurique. Assim como Lutero, convocou uma série de debates públicos, a fim de que todos os cidadãos pudessem ouvir as discussões. O bispo conservador católico em Constância procurou impedir os esforços que o sacerdote fazia em prol da reforma, porém, não obtendo êxito.

Tanto Lutero quanto Zuínglio negavam que o vinho e o pão fossem transformados em corpo e sangue de Cristo, porém discordavam entre si quanto ao significado da celebração da eucaristia. Ao passo que Lutero insistia em que Cristo estava realmente presente na eucaristia, Zuínglio argumentava que a ceia do Senhor era um memorial para relembrar aos participantes que Cristo morrera por eles.

Em 1531, Zuínglio retornou aos campos de batalha, onde foi encontrado morto por seus amigos.

João Calvino (1509-1564)

Nasceu na cidade de Noyon, no Norte da França, próximo da fronteira com a Bélgica. Seu pai, com o desejo de que seu

filho fosse advogado, fez com que o jovem João convivesse com os filhos da nobreza e obtivesse a melhor educação. Estudou a cultura renascentista em Orleans, Bourges e Paris.

Ao se converter, não teve que deixar somente a Igreja Católica, mas, também, sua pátria, a fim de viver no exílio. Em 1536, publicou uma obra denominada *Institutas da religião cristã*. Ao ser reeditado, às vezes em francês e, às vezes, em latim, o livro ia crescendo à medida que ele lidava com novas questões que surgiam.

Entrementes, na cidade de Genebra, um evangelista de nome Guillaume Farel (1498-1565) estava procurando estabelecer a reforma. Ao saber da presença de Calvino na cidade, procurou a ajuda dele, que assim o fez de bom grado.

Quando apelaram aos cidadãos para declararem o seu apoio às mudanças propostas, tanto Calvino quanto Farel tiveram que deixar a cidade.

Agora refugiado de novo, foi até Strasbourg. Ali, ministrava aos refugiados que falavam francês naquela cidade de língua alemã. Ali também, se casou com uma viúva de antecedentes anabatistas. Durante esse período, Calvino revisou as *Institutas* e publicou o primeiro de seus comentários bíblicos. Antes de sua morte, Calvino concluiu quarenta e sete exposições bíblicas.

Calvino foi o grande sistematizador da teologia protestante. Segundo ele, tudo quanto o homem pode saber a respeito de Deus acha-se na sua Palavra, e o homem só pode

saber o tanto quanto Deus quer revelar. Além disso, Calvino declarou que Deus, embora tenha criado o mundo inteiro, escolheu algumas pessoas para a salvação e outras para a destruição. Esse conceito se tornou conhecido como doutrina da predestinação.

Entre os cooperadores mais importantes de Calvino, havia o estudioso da língua grega, Teodoro Beza (1519-1605).

O movimento pentecostal

Lutero enfatizava a justificação pela fé. Algum tempo depois, surgiu John Wesley pregando a santificação pela obra do Espírito Santo. Mais tarde, esta experiência ficou sendo conhecida como "segunda obra da graça" ou "batismo no Espírito". Entretanto, no final do século 19, surgiu um entendimento do batismo no Espírito Santo como sendo um revestimento de poder para evangelizar o mundo, conforme profetizado nas Escrituras (At 1.8). Eles criam e ensinavam que o poder, outrora concedido aos apóstolos e discípulos de Jesus, era, agora, uma necessidade vital disponível a todos os crentes. Assim se estabeleceu que a natureza do batismo no Espírito Santo era um revestimento de poder após a conversão.

Rua Azusa

Em outubro de 1900, Charles Parham alugou uma mansão em Topeka, Kansas, para fundar uma escola bíblica denominada Betel. Nessa escola, nenhuma taxa era cobrada para moradia e alimentação. Assim como os primeiros discípulos,

"tinham tudo em comum" (At 2.44). Desejosos de serem usados por Deus, todos os que quisessem participar tinham que "se entregar ao ministério da Palavra e da oração". Assim, cada estudante deveria manter um período de oração de três horas cada um; todavia, alguns passavam noites inteiras em intercessão.

Seus alunos, ao estudarem os textos bíblicos concernentes ao batismo no Espírito Santo, concluíram que a prova irrefutável, em cada ocasião, era que eles falavam em outras línguas. Então, a glossolalia era a evidência ou sinal do batismo no Espírito nos tempos apostólicos. Assim, por meio dessa, se iniciava o movimento pentecostal do século 20.

Em 1905, Parham mudou-se para Houston, Texas, onde iniciou outra escola bíblica. Nessa escola, estudava William J. Seymour, negro e cego de um olho. Havia muito preconceito racial no Sul, mas Seymour manteve-se firme em seus propósitos. Foi lá que ele aprendeu sobre a "evidência inicial do batismo no Espírito Santo". Convicto, Seymour ministrava sobre isso em outras denominações, embora ele mesmo não fosse batizado no Espírito Santo. Sua experiência pentecostal ocorreria pouco tempo depois, em 12 de abril de 1906.

Seymour alugara um velho galpão na Rua Azusa e, então, o fogo do Espírito se alastrou. Frank Bartleman, evangelista holiness, relata as experiências da Rua Azusa: "Todas as forças do inferno estavam combinadas contra nós no princípio. Nem tudo era bênção. Na realidade, a luta foi tremenda. Satanás procurava espíritos imperfeitos como sempre para destruir o

trabalho, se possível. Mas o fogo não podia ser apagado. Irmãos fortes haviam se reunido com a ajuda do Senhor. Aos poucos, levantou-se uma onda de vitória. Mas tudo isso veio de um pequeno começo, uma pequena chama".[21]

A ênfase do movimento pentecostal eram as línguas como evidência do batismo no Espírito Santo. A. B. Simpson, líder da Aliança Cristã e Missionária, ao descobrir que o novo movimento ensinava que o batismo no Espírito Santo era sempre acompanhado de línguas, tomou posição contrária, afirmando que essa era apenas uma das evidências do batismo no Espírito. Algumas denominações, mais tarde, adotariam essa posição.

Muitos missionários foram à Rua Azusa e experimentaram do Pentecostes e levaram o avivamento para seus países. Daniel Berg e Gunnar Vingren participaram, em Chicago, de uma reunião de oração e "lá receberam uma profecia de que seriam enviados para algum lugar no mundo chamado de Pará. Após pesquisarem e descobrirem que se tratava de um Estado do Brasil, foram enviados, miraculosamente, em 1910, onde fundaram a Igreja Assembleia de Deus, quatro anos antes de as igrejas assembleias de Deus dos Estados Unidos serem organizadas".[22]

Nos anos seguintes, o movimento pentecostal começou a enfraquecer, mas surgiram novos ministérios que começaram a operar miraculosamente. Entre eles, estão Aimee Semple

21 **BARTLEMAN, Frank.** *A história do avivamento* **Azusa. São Paulo: Worship, 2001, p. 35.**
22 **WALKER, John.** *A história que não foi contada.* **São Paulo: Worship, 2001, p. 27.**

MacPherson (fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular) e Smith Wigglesworth (o "apóstolo da fé").

Protestantismo no Brasil

A colonização portuguesa implantou o catolicismo no Brasil. Nenhuma outra religião era permitida no Brasil colonial, embora os índios e os escravos africanos mantivessem suas crenças, muitas vezes, fundidas ao catolicismo (é o que se chama "sincretismo").

Depois da Independência (1822), durante o império (que duraria até 1889), o catolicismo era a religião oficial. Mas, seguidores de outras correntes do cristianismo eram tolerados com limitações.

No final do século 19, os imigrantes europeus, inevitavelmente, mudaram o panorama. Por exemplo, muitos alemães que vieram para o Brasil permaneceram luteranos. No século 20, missionários americanos fundaram templos batistas e metodistas. Os missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundaram as igrejas assembleias de Deus.

Evidências do batismo no Espírito Santo

Não há unanimidade entre os cristãos em relação ao batismo no Espírito Santo com evidências, o falar em outras línguas. Entretanto, no que diz respeito às línguas como evidência inicial do batismo no Espírito Santo, as posições podem assim serem divididas:

- Falar em outras línguas não é evidência do batismo no Espírito Santo;
- O batismo no Espírito Santo, às vezes, é evidenciado pelo falar em novas línguas;
- O batismo no Espírito Santo é sempre acompanhado pela evidência inicial do falar em outras línguas.

A primeira posição afirma que as línguas não são uma evidência do batismo no Espírito Santo. Estamos diante de uma posição evangélica tradicional, adotada pelas igrejas batistas pentecostais, da Convenção Batista Nacional.

A segunda posição é adotada pelos representantes do movimento carismático, que reconhecem a glossolalia (o falar em outras línguas) como uma das evidências do batismo no Espírito Santo. Chamamos de carismáticos quaisquer grupos (ou pessoas) que remotam sua origem histórica ao movimento da renovação carismática das décadas de 1960 e 1970 e procuram praticar todos os dons espirituais mencionados no Novo Testamento (profecia, cura, milagres, línguas, interpretação e discernimento de espíritos).

A terceira posição é adotada pelos pentecostais e neopentecostais, que sustentam que, para ser batizado no Espírito Santo, o ato deve ser confirmado pelo sinal físico inicial de falar em línguas, corrente adotada pela Igreja Assembleia de Deus. Entendemos por pentecostais qualquer denominação ou grupo que remonta sua origem ao reavivamento pentecostal que começou nos Estados Unidos, em 1901, e sustenta as seguintes doutrinas:

- Todos os dons do Espírito Santo mencionados no Novo Testamento continuam operantes hoje;
- O batismo no Espírito Santo é uma experiência de revestimento de poder subsequente à conversão, e deve ser buscado pelos crentes hoje;
- Quando ocorre o batismo no Espírito Santo, as pessoas falam em línguas como "sinal" de que receberam essa experiência.

Capítulo 5

DONS ESPIRITUAIS

Além da questão do batismo no Espírito Santo não ser unânime, existem muitas diferenças no tocante aos dons espirituais específicos. Dúvidas inundam a mente e o coração dos fiéis que fazem o seguinte questionamento: "Ainda hoje, as pessoas poderiam receber o dom de profecia, de modo que Deus realmente lhes revele algo para transmitir a outras pessoas, ou esse dom foi confinado aos tempos, quando o Novo Testamento ainda estava sendo formado, no século I d.C.?".

E o que dizer da cura? Menos consenso ainda existe a respeito do dom de falar em outras línguas. Alguns cristãos dizem que é uma ajuda valiosa em sua vida de oração; outros dizem que é sinal de ter sido batizado no Espírito; e há os que dizem que esse dom não existe atualmente, pois se trata de uma forma de revelação verbal da parte de Deus, que findou quando o Novo Testamento acabou de ser escrito.

É esse terreno que iremos investigar, porém, antes, analisaremos alguns princípios essenciais encontrados em 1Coríntios 12.

O princípio da graça de Deus

No início de 1Coríntios 12, o apóstolo Paulo trata de questões pertinentes aos dons espirituais levantadas pelos membros da igreja de Corinto em uma carta que recebera deles (7.1). Não foi por menos que o Espírito Santo, inspirando Paulo, selecionou a palavra grega πνευματικος/ *pneumatikos* para dons espirituais. Esse vocábulo é construído da raiz *pneuma*, palavra grega para "espírito".[23] O termo *pneumatikos*, literalmente, refere-se a "alguém que está cheio e é governado pelo Espírito de Deus". Assim, fica evidente a associação entre o Espírito Santo e os dons espirituais. Os coríntios viam os dons — em especial o de falar em línguas — como marca de espiritualidade, de maturidade espiritual. Entretanto, o Espírito Santo, para que não houvesse na interpretação, por meio do apóstolo Paulo, rapidamente muda o termo da linguagem para "carisma" – *charisma*. Essa palavra é formada de ***charis***, termo grego para "graça". Com essa mudança de vocabulário, Paulo, habilmente, enfatiza que os dons espirituais, acima de tudo, são dons da graça.

A mudança sutil na terminologia reflete um aspecto importante da perspectiva de Paulo. Os dons do Espírito não são um emblema de maturidade espiritual. Em vez de distintivo da "elite cultural", os dons espirituais são reflexos da graça de Deus para a Igreja e estavam disponíveis para todos os crentes. É exatamente esse entendimento elitista dos dons que Paulo procura corrigir frente aos imaturos coríntios, pois, na igreja a qual pertenciam não faltava nenhum dom (1Co 1.7).

23 Veja no capítulo 2 dessa mesma disciplina outros significados da palavra grega *pneuma*.

O princípio da edificação

Assim como a igreja de Corinto, muitas denominações, até os dias de hoje, também perderam de vista a verdadeira finalidade dos dons espirituais. Assim sendo, a correção do apóstolo Paulo, tanto para os coríntios quanto para os dias atuais, inclui o esclarecimento desse ponto importante. Ele mesmo se encarrega de dizer que finalidade é essa: "A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso" (1Co 12.7). Os dons espirituais são concedidos para que o Corpo de Cristo seja edificado; ou seja, eram para a edificação da Igreja de Cristo.

O princípio da participação

Em 1Coríntios 12.11, Paulo declara: "Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente".

Aqui, o apóstolo lembra que todos têm um papel a exercer no Corpo de Cristo. Ninguém é excluído da participação dinâmica produzida pelo Espírito que edifica a Igreja.

Dons espirituais

A cidade de Corinto era uma verdadeira ponte transcultural. Tudo transitava por ela: os peregrinos, os mercadores e os diferentes tipos de pregadores. Era uma cidade cheia de novidades e, também, de muito pecado.

Na Grécia antiga, ao lado das célebres lendas de heróis, semideuses e deuses pagãos, existiam as religiões de mistério.[24] Corinto era um dos centros dessas religiões de mistério com suas manifestações estranhas, entidades que entravam em pessoas, mudando-lhes o hábito; adivinhações, etc.

Foi nesse ambiente e contexto socioeconômico, cultural e religioso que viveu a igreja de Corinto e pregou o apóstolo Paulo. Foi nesse ambiente sincrético que Paulo bradou: "A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes" (1Co 12.1). "Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar" (1Co 14.1).

O capítulo 10 de 1Coríntios mostra que o povo nem sempre retribuiu com obediência aos favores e aos milagres recebidos de Deus, o que pode levar o Senhor a rejeitá-los. No capítulo 11, o crente encontra ali instruções sobre o comportamento que ele deve manter durante o culto público.

Os dons do Espírito Santo são descritos no capítulo 12, enquanto o capítulo 13 adverte de que o amor é uma qualidade indispensável à eficácia dos dons. Finalmente, o capítulo 14 apresenta as regras para o exercício desses dons em culto público.

24 A religião era um fator de unidade entre os gregos. Mas, não havia livros sagrados, nada parecido com a Torá dos hebreus. Também, não havia sacerdotes, como no Egito, na Pérsia ou na Babilônia. As crenças eram baseadas em tradições orais (contada de pai para filho) e nos poemas de autores notáveis, como, por exemplo, Homero e Hesíodo. Os deuses gregos viviam no monte Olimpo. Zeus era uma espécie de rei dos deuses. Casado com Hera, protetora do casamento, que, ironicamente, volta e meia é traída por Zeus com alguma mortal (teve inúmeros filhos assim). Posêidon, irmão de Zeus, era o deus dos mares. O outro irmão de Zeus, Hades, era o responsável pelo mundo subterrâneo. Os filhos de Zeus e Hera também eram deuses destacados. Palas Atenas era a deusa da inteligência, protetora dos sábios e, claro, da cidade de Atenas. Apolo era o deus do equilíbrio. Sua irmã gêmea, Ártemis, era a protetora dos caçadores e das mulheres virgens. Afrodite era a deusa do amor. O deus da guerra era o terrível Ares. Hermes era o deus mensageiro, protetor dos comerciantes e dos ladrões. Dionísio era o deus da loucura, das paixões desenfreadas, do prazer.

Dito isso, podemos passar à descrição dos elementos dinâmicos, mediante os quais o Espírito Santo quer preparar a Igreja para servir a Cristo e aos homens.

O texto bíblico que mencionaremos a seguir representa uma lista dos dons do Espírito Santo que, aqui, neste caso, destacaremos em itálico:

Com certeza, essa lista de dons não é suficiente, trata-se, antes, de uma simples amostra de dons "retirada de um suprimento infinito".[25]

Classificação dos dons

Quanto à classificação dos dons, a doutrina não é pacífica. Stanley Horton os classifica em: dons de ensino e pregação, dons de curar e dons de adoração.[26] Para David Paul Yonggi Cho, são divididos em: dons de revelação, dons de poder e dons vocais.[27] E, para Gordon Chown, dividem-se em: dons de revelação, dons de poder e dons de inspiração.[28]

Para este estudo, a classificação é como a que segue:

- *Dons de ensino e pregação*: palavra de sabedoria, palavra da ciência.
- *Dons de poder*: cura, operação de milagres, fé, profecia e discernimento de espíritos.
- *Dons de adoração*: variedades de línguas e interpretação de línguas.

25 HORTON, Stanley. O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

26 HORTON, Stanley.Teologia sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 472-3.

27 CHO, David Paul Yonggi. *Espírito Santo, meu companheiro*. 5ª ed. São Paulo: Editora Vida, 1995, p. 115.

28 **CHOWN, Gordon.** *Os dons do Espírito Santo*. **São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 21.**

Deve ser enfatizado, porém, que os dons do Espírito, ativos hoje na Igreja, não visam fornecer novas doutrinas, nem sequer ensinar novos critérios para a vida. Pelo contrário, devem aplicar a Palavra de Deus às novas circunstâncias na Igreja. Seus propósitos são: fortalecer, encorajar e confortar, mas nunca revelar novas doutrinas.

Dons de ensino e pregação

Dom da palavra de sabedoria

Sabedoria é o meio pelo qual podemos, de maneira eficaz, usar o conhecimento. Não se trata, aqui, da sabedoria comum, para o viver diário, que se obtém pelo diligente estudo e meditação. Este dom diz respeito, mais especificamente, a um fragmento da sabedoria de Deus, que nos é transmitida por meios sobrenaturais.

Exemplo desse dom se encontra em 2Reis 6.12: "Mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que tu falas na tua câmara de dormir".

Dom da palavra da ciência

Consiste na revelação sobrenatural de algum fato conhecido apenas por Deus. Não se trata, aqui, da sabedoria comum, para o viver diário, que se obtém pelo diligente estudo e meditação nas coisas de Deus e na sua Palavra, e, também, pela oração. Seu teor excede às limitações do conhecimento ou da imaginação do homem.

Exemplo desse dom se encontra nas Escrituras justamen-

te quando o povo consultava o Senhor Deus para saber quem seria o rei de Israel: "Tendo Samuel feito chegar todas as tribos, foi indicada por sorte a de Benjamim. Tendo feito chegar à tribo de Benjamim pelas suas famílias, foi indicada a família de Matri; e dela foi indicado Saul, filho de Quis. Mas, quando o procuraram, não podia ser encontrado. Então, tornaram a perguntar ao SENHOR se aquele homem viera ali. Respondeu o SENHOR: Está aí escondido entre a bagagem" (1Sm 10.20-22).

Dons de poder

Dom de cura

Esse dom é concedido a qualquer cristão, para a restauração da saúde física, por meios divinos e sobrenaturais. Há os que creem que os apóstolos possuíam, de fato, dotes especiais, mas que, depois deles, os dons de curar cessaram. Mas, o que dizer de Filipe, nomeado para servir à mesa enquanto os apóstolos se dedicavam à oração e ao ministério da Palavra? (At 6.1-5). A cura faz parte do evangelho da graça remidora, consumado por Jesus Cristo na cruz do calvário.

Há curas que se realizam imediatamente, como no caso do cego de Jericó, e há curas que se realizam gradualmente, como no caso do cego de Betsaida (Mc 8.22-25). E, também, no caso dos leprosos (Lc 17.14). A ordem do Mestre da Galileia foi: "Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10.8).

Dom de operação de milagres

Trata-se de atos sobrenaturais de poder que intervêm nas leis da natureza, suspendendo, temporariamente, a ordem habitual observada pelos homens. Incluem atos divinos em que se manifesta o reino de Deus contra Satanás e os espíritos malignos. Vários são os exemplos de milagres nas Escrituras. Transformar água em vinho (Jo 2), a tempestade em bonança (Mt 8.23-27), a figueira em galhos ressequidos (Mt 21.19), são alguns exemplos de milagres registrados.

Dom da fé

Não se trata da fé para salvação, mas de uma fé sobrenatural, especial, comunicada pelo Espírito Santo, que capacita o crente à realização de coisas extraordinárias e milagrosas. É a fé que remove montanhas (Mc 11.22-24) e que, frequentemente, opera em conjunto com outras manifestações do Espírito Santo, tais como: curas e milagres. O crente não a possui. Somente se manifesta quando surge uma necessidade, de acordo com hora e lugar que o Espírito Santo determinar.

Dom de profecia

É preciso distinguir a profecia aqui como uma manifestação momentânea do Espírito da profecia como dom ministerial na Igreja, mencionado em Efésios 4.11. Como dom de

ministério, a profecia é concedida a apenas alguns crentes, os quais servem na igreja como ministros profetas. Como manifestação do Espírito, a profecia está potencialmente disponível a todo cristão cheio do Espírito (At 2.16-18). Quanto à profecia como manifestação do Espírito, trata-se de um dom que capacita o crente a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo (1Co 14.24,25,29-31).

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, profetizar não é, primariamente, predizer o futuro, mas proclamar a vontade de Deus e exortar e levar o seu povo à retidão, à fidelidade e à paciência. A mensagem profética pode desmascarar a condição do coração de uma pessoa: "tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração" (1Co 14.25), ou prover edificação, exortação e consolo (1Co 14.3).

Vejamos, com detalhes, cada um desses itens.

Edificar (εποικοδομεω – *epoikodomeo*) significa: "terminar a estrutura da qual a fundação já foi colocada". Paulo diz que "ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1Co 3.11). Assim, os cristãos têm o dever de construir algo firme e útil sobre o fundamento, para que "se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão" (1Co 3.14).

Exortar (do grego παρακαλεω – *parakaleo*) significa: "chamar alguém de lado", "consolar, encorajar e fortalecer pela consolação, confortar", "instruir, ensinar". Desse verbo

grego, origina-se a palavra *parakleto*, título conferido ao Espírito Santo, que consola e intercede pelo povo de Deus.

Tanto exortar quanto consolar provêm da mesma palavra grega, *parakaleō*.

Portanto, a Igreja não deve ter como infalível toda e qualquer profecia, porque muitos falsos profetas aparecerão no seio da Igreja (1Jo 4.1). Daí, a necessidade de que toda profecia seja julgada quanto à sua autenticidade e conteúdo, conforme recomendação do apóstolo Paulo: "Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom" (1Ts 5.20,21).

Dom de discernimento de espíritos

Por meio desse dom, o Espírito Santo revela a fonte de qualquer demonstração de poder e sabedoria sobrenatural. Assim, nesse mundo cheio de imitações e falsidades, este dom visa aclarar o que está por trás das coisas, sejam heresias, más intenções ou motivações ruins. Por várias vezes, esse dom se manifestou na vida dos discípulos de Jesus. No desmascaramento de Ananias, por intermédio de Pedro (At 5.1-5); na repreensão de Pedro a Simão, o mágico (At 8.18-22) e na repreensão de Paulo ao espírito de adivinhação que atuava numa jovem na cidade de Filipos (At 16.16-18).

Dons de adoração

Variedades de línguas ou glossolalia

No tocante a este dom, no grego γλωσσα - *glossa*, que significa "língua", como manifestação sobrenatural do Espírito, devemos observar os seguintes fatos:

Essas línguas podem ser humanas, como as que os discípulos falaram no dia de Pentecostes (At 2.4-6) ou serem línguas desconhecidas na terra, entendida somente por Deus, conforme declaração do apóstolo Paulo: "Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios" (1Co 14.2).

A língua falada por meio desse dom não é aprendida, apesar de ser compreensível. Parece que, na maioria dos casos, elas são ininteligíveis. Paulo diz a respeito da inteligibilidade das línguas: "Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente. E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes; porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado" (1Co 14.14-17).

O falar em outras línguas, como dom, abrange o espírito do homem e o Espírito de Deus, que, entrando em mútua comunhão, faculta ao crente a comunicação direta com Deus (i.e., na oração, no louvor, no bendizer, na ação de graças e na oração).

Línguas estranhas faladas no culto devem ser seguidas de interpretação, também pelo Espírito, para que a congregação conheça o conteúdo e o significado da mensagem. Paulo recomenda que, "no caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus" (1Co 14.27,28).

Dom de interpretação de línguas

Trata-se da capacidade concedida pelo Espírito Santo para que o portador deste dom compreenda e transmita o significado de uma mensagem dada em línguas. Tal mensagem, interpretada para a igreja reunida, pode conter ensino sobre adoração e oração, ou pode ser uma profecia. Assim, toda a congregação pode desfrutar dessa revelação vinda do Espírito Santo. A interpretação de uma mensagem em línguas pode ser um meio de edificação de toda a congregação, pois todos recebem a mensagem. A interpretação pode vir por aquele que orou em línguas ou por outra pessoa. Quem fala em línguas deve orar para que possa interpretá-las, conforme ensina as Escrituras (1Co 14.13).

Referências

BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BARTLEMAN, Frank. *A história do avivamento Azusa*. São Paulo: Worship, 2001.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.

BETTENSON. H. *Documentos da Igreja Cristã*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 1998.

CHO, David Paul Yonggi. *Espírito Santo, meu companheiro*. 5ª ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

CHOWN, Gordon. *Os dons do Espírito Santo*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. Vol. 1. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São

Paulo: Vida Nova, 1994.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento.* 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática.* São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1997.

_____. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo.* Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã.* São Paulo: Vida Nova, 1994.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática.* Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.

MYER, Pearlman. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia.* São Paulo: Editora Vida, 1999.

Novo Dicionário Aurélio. Positivo Informática, 2004.

SILVA, Esequias Soares da. *Como responder às testemunhas de Jeová*. Vol. 1. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

WALKER, John. *A história que não foi contada*. São Paulo: Worship, 2001.



DOUTRINA DO PECADO



INTRODUÇÃO

Há algo errado no homem e com o homem. Testemunhamos o ser humano realizando os mais sublimes heroísmos e os mais horrendos atos. Ele tem capacidade de conceber as coisas mais puras e belas e, ao mesmo tempo, praticar as ações mais sórdidas. É como uma máquina que, tendo sido construída para trabalhar com perfeição, foi danificada a tal ponto que todo o seu funcionamento ficou comprometido.

Desde cedo, o homem pode perceber sua dicotomia entre discurso e prática, entre o que deseja e o que faz. Às vezes, até tem plena consciência de onde quer chegar, mas erra o alvo de forma escandalosa. Os melhores homens já foram flagrados nos mais grosseiros erros. E isto tudo em escala universal, independente de raça, cor, posição social, cultura ou formação. A história humana é a história da degradação humana. Muitas vezes, tem sido questionado se o homem é realmente um ser racional. Este abismo entre o que se espera dele e o que efetivamente se tem, é causa de grande espanto.

Dos brutos se espera a selvageria, do ser humano se espera a humanidade. O que nem sempre ocorre.

É justamente nesta grande incógnita que entra a revelação da Palavra de Deus. É ela quem vai explicar a origem, a extensão e as consequências da degradação humana. Ela nos possibilita entender porque o homem é assim, porque não deve continuar assim e o que Deus fez para reverter essa situação. As filosofias humanas apenas detectam o fato. Somente a revelação divina é capaz, de fato, de esclarecer o problema.

A existência do pecado, de uma forma ou de outra, sempre perturbou a vida humana. Os homens têm que conviver com esta deficiência, têm que se amoldar a ela, criar inúmeros dispositivos para inibir seus efeitos. Anseia por uma solução definitiva que possa resolver a questão de uma vez por todas. É uma guerra sem tréguas, para a qual não existe descanso.

Na maioria das vezes, porém, o homem se rende a esta força e se torna seu refém. Torna-se um prisioneiro de seus próprios vícios. Sua vida toma uma proporção tal que o escraviza e o obriga a atitudes que ele mesmo não entende. Esses vícios são de várias espécies que, quando alguém escapa de algum tipo de corrupção, sempre acaba caindo em outra. De modo que, mesmo sendo virtuoso em determinada área, é, às vezes, completamente depravado em outras. Quando, por educação e formação, se vê resguardado de pecados mais grosseiros, termina por cair nos mais sutis.

Não se pode entender esta situação sem a Bíblia. Não se pode ter alguma esperança, a não ser que se conheça o que

ela diz sobre o assunto. A hamartiologia bíblica é a área da teologia que se ocupa desse assunto e procura responder a esses impasses de forma sistemática e clara. O máximo que as ciências humanas, como a psicologia e a sociologia, têm conseguido é identificar o problema, aceitá-lo como sendo natural e incentivar o homem a conviver com ele da forma mais pacífica possível. A Bíblia, todavia, mostra esta situação da perspectiva de Deus.

CAPÍTULO 1

DEFINIÇÃO DE TERMOS

Hamartiologia é a união de duas palavras gregas: *hamartia* "pecado" e *logia* "conhecimento, estudo, doutrina"; assim, hamartiologia significa o conhecimento ou doutrina do pecado. Pecado é deixar de se conformar à lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza. Para o nosso estudo, o pecado é definido em relação a Deus e à sua lei moral. Inclui não só atos individuais, como roubar, mentir ou cometer homicídio, mas também atitudes contrárias àquilo que Deus exige de nós.

Essa concepção está implícita nos dez mandamentos, que não só proíbem ações pecaminosas, mas também atitudes errôneas, como se observa: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem cousa alguma que pertença ao teu próximo" (Êx 20.17).

Aqui, Deus especifica que o desejo de roubar ou cometer adultério é também pecado aos olhos dele.

Capítulo 2

A ORIGEM DO PECADO

Uma das perguntas mais difíceis feita pela mente humana se relaciona com a presença e origem do pecado: De onde veio o pecado? Como ele penetrou no Universo? Primeiro, precisamos afirmar claramente que Deus não pecou e não deve ser culpado pelo pecado. O pecado se achava no mundo muito antes de a Bíblia ser escrita. Se a Bíblia jamais tivesse sido escrita, ou se não fosse verdadeira, mesmo assim sua presença entre nós seria notada.

As Escrituras Sagradas, veredicto final em questão doutrinária e espiritual, nos informam que o pecado não ocorreu na terra, mas, sim, no céu. O céu foi manchado antes de a terra ter sido maculada pela sua odiosa presença.

A existência pré-adâmica do mal

Quando o mal ocorreu nas esferas materiais, ele já havia, antes, ocorrido no Universo. O mal apenas "entrou no mun-

do" (Rm 5.12) e, com ele, a morte, mas não surgiu naquele momento. Seus efeitos apenas se fizeram sentir agora em outra esfera, a física. Adão foi apenas uma porta e não uma fonte. A fonte antecedia a sua existência.

As Escrituras falam, pelo menos em duas passagens, sobre a rebelião de um querubim ungido que teria almejado o lugar de Deus nas regiões celestes. As duas passagens retratam detalhadamente a mesma coisa: uma revolta contra Deus por causa de um desejo de poder e uma consequente punição por tal atitude. Vejamos tais textos:

"Ó sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem" (Ezl 28.12-17).

Outro profeta complementa a revelação de Deus, expondo os motivos que levaram este ser exaltado a cometer tal aspiração.

"Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo" (Is 14.12-15).

Deus nos permitiu saber a verdadeira origem do mal: rebelião, revolta, iniquidade, soberba. Os primeiros pecados do Universo foram realizados por um ser perfeito que estava na presença de Deus antes mesmo de o homem ser criado. Sabemos que, durante a criação da terra, os anjos já estavam presentes, como se deduz do texto que segue:

"Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38.4-7).

A Bíblia fala muito pouco sobre as consequências do pecado ocorrido no reino espiritual, exceto as consequências geradas para o próprio autor do pecado e seus legionários.

A origem do pecado na raça humana

De acordo com as Escrituras, o homem é, agora, repugnante para Deus e para si mesmo, além de uma criatura mal adaptada ao Universo, não porque Deus o tenha criado assim, mas porque ele próprio se fez assim por abusar do livre-arbítrio.

O terceiro capítulo de Gênesis oferece os pontos fundamentais para se entender a origem do pecado na terra: a tentação, a culpa, o juízo e a redenção. Muito tem sido feito para retirar qualquer sentido literal desse acontecimento. Poucos são aqueles que acreditam em um sentido literal da narrativa, antes, atribuem à mesma um valor mitológico. Se o fazem, porém, é sem qualquer respaldo bíblico, pois a Bíblia entende ser Adão um ser concreto, um indivíduo com existência real e único. Adão possui uma genealogia, como qualquer outro. Sua descendência é desenvolvida e seu nome se liga a outros indivíduos dos quais jamais se questiona a existência real. O Novo Testamento assume tal posição e toda a referência a Adão é a um personagem histórico, como os demais.

Algumas dificuldades, como o fato do diálogo entre Eva e a serpente, ou a localização do jardim do Éden, são alegações comuns. Geralmente, não é levado em consideração que este tempo longevo se perde na história e não há nenhum outro registro que se encaixe melhor com os dilemas da existência humana. A ciência histórica, com todo o seu avanço, não consegue ir além de um três milhares de anos antes de Cristo.

Para quem crê na Bíblia e faz uma interpretação adequada da mesma, Adão faz todo o sentido.

O acontecimento é rico em verdades espirituais. A origem da morte, o primeiro ato de desobediência, a entrada do pecado e suas consequências e a desordem universal resultante.

Por todos esses motivos, nos capítulos iniciais de Gênesis encontramos a base teológica para a origem do pecado na terra, bem como a doutrina da redenção.

Capítulo 3

O PRIMEIRO PECADO HUMANO

Deus fizera o homem perfeito, à sua própria imagem. E colocou o homem em um ambiente perfeito, suprindo cada uma de suas necessidades, além de lhe dar uma companheira. Recebeu, ainda, o livre-arbítrio, pelo qual pudesse, amorosa e livremente, escolher servir a Deus e, dessa maneira, desenvolver e confirmar sua retidão de caráter.

Sem vontade livre, o homem teria sido meramente uma máquina. O caráter é a soma de todas as escolhas humanas e, dessa forma, só pode ser obtido por meio das decisões. Assim, a possibilidade da queda já existia, bem como a possibilidade de resistência a ela.

A origem da tentação

As Escrituras dizem que Satanás lançou dúvidas sobre a Palavra de Deus e seu amor nos seguintes dizeres: "Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo

que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: Certamente, não morrereis" (Gn 3.1-4). Ardilosamente, Satanás usou de sua tática preferida, pondo incerteza à veracidade da Palavra de Deus.

Com grande astúcia, o tentador oferece sugestões, as quais, ao serem abraçadas, abrem caminho aos desejos e atos pecaminosos. Ele, então, começa falando com a mulher, o vaso mais frágil, que, além dessa circunstância, não tinha ouvido diretamente a proibição divina (Gn 2.16,17). Satanás espera até que Eva esteja só. Percebe-se a astúcia na aproximação, quando o diabo torce as palavras de Deus. Dessa maneira, astutamente, semeia dúvidas e suspeitas no coração da ingênua mulher e, ao mesmo tempo, insinua que ela está bem qualificada para julgar a justiça em tal proibição.

É bem provável que jamais acontecesse a queda se não acontecesse a tentação. Não podemos afirmar com certeza isto, mas as circunstâncias nos levam a crer dessa forma. Como não havia outros seres humanos para servirem de instrumentos a este propósito, o tentador se utilizou de um animal muito sagaz. A sutileza do diálogo e a ingenuidade natural da mulher e do homem (lembrando que não conheciam a maldade, nem em teoria, nem em prática) foram os pontos

que inclinaram o primeiro casal a cometer o ato de rebeldia e desobediência que afetou, também, toda a raça humana.

O apóstolo João fez uma síntese do processo da tentação com a seguinte afirmação: "Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo" (1Jo 2.16). Todo e qualquer pecado tem origem em pelo menos em uma dessas características.

Capítulo 4

CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

As consequências trazidas pelo pecado produziram prejuízos incalculáveis em todas as dimensões da existência. A queda de Satanás e de seus subordinados trouxe grande ruína tanto no universo físico como no mundo espiritual. O pecado e a queda desse querubim ungido afetaram os céus, causando sérios danos, primeiro, nas regiões celestes e, depois, na terra. Com a queda desse terrível ser, ele passa a persuadir "um terço" dos anjos de Deus, que os seguem. Quando, então, passam a fazer oposição a Deus e aos homens.

Em relação ao pecado de Adão, o homem deixou de ter comunhão com Deus e passou a ser o recipiente de uma natureza depravada, expressa em seu caráter e conduta. Por conseguinte, o pecado afetou completamente a constituição do homem: espírito, alma e corpo.

Perda da comunhão com Deus

Notemos as evidências de uma consciência culpada: "Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que

estavam nus". Expressão usada para indicar esclarecimento milagroso ou repentino (Gn 21.19; 2Rs 6.17.) As palavras da serpente (v. 5) cumpriram-se, porém, o "conhecimento" adquirido foi diferente do que eles esperavam. Em vez de fazê-los semelhantes a Deus, experimentaram um miserável sentimento de culpa que os fez ter medo de Deus e, quando ouvem a voz do Senhor no jardim, eles se escondem.

O termo "religião" demonstra claramente este sentido de perda de comunhão com Deus. Religião vem do latim *religare,* isto é, "religar". Ou seja, a religião busca religar o homem com Deus. Logo, concluímos que o homem perdeu esta ligação, este elo, por causa do pecado. Restaurar o ser humano é, em parte, restaurar a sua comunhão com Deus.

Diz o seguinte, o texto Sagrado: "E coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais". Assim como a nudez física é sinal de uma consciência culpada, da mesma maneira, a tentativa de cobrir a nudez significa que o homem procurou cobrir a sua culpa com a indumentária do esquecimento ou o traje das desculpas. Mas, somente uma veste feita pelo próprio Deus poderia satisfazer aquele que foi ofendido. O instinto do homem culpado é fugir de Deus. E, assim como Adão e Eva procuravam esconder-se entre as árvores, da mesma forma as pessoas, hoje em dia, procuram também esconder-se nos prazeres e em outras atividades.

Dualidade carne e espírito

É imperativo que todo crente saiba que tem um espírito, visto que é nesta esfera que ocorre toda a comunicação de Deus com o homem. O homem que Deus criou não era uma máquina dirigida por Deus. Pelo contrário, o homem possuía perfeita liberdade de escolha. Se ele escolhesse obedecer a Deus, assim seria, mas, se decidisse rebelar-se contra Deus, poderia fazer isso também. O homem tinha em sua posse uma soberania pela qual poderia exercitar sua vontade, escolhendo obedecer ou não.

O espírito do homem era, originalmente, a parte mais elevada de todo o seu ser, ao qual alma e corpo deviam se submeter. Quando Deus falou com Adão, no princípio, disse: "No dia em que dela comeres [o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal] certamente morrerás" (Gn 2.17). Entretanto, Adão e Eva continuaram a viver por centenas de anos depois de comerem do fruto proibido. Obviamente, isto indica que a morte predita não era física. A morte de Adão começou no seu espírito.

Quando Adão e Eva pecaram, a comunhão com Deus foi interrompida, trazendo consigo outros agravantes. A alma venceu o espírito, e ali começou o domínio da alma sobre todo ser humano. Essa natureza corrompida e predominante é chamada, no Novo Testamento, de "carne". Isso criou, no interior do ser humano, um conflito extremo, onde sua natureza espiritual deseja uma coisa e sua natureza carnal corrompida deseja outra, como escreveu o apóstolo Paulo:

"Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.

"Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho, então, esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.14-24).

Uma vez que o homem esteja totalmente sob o domínio da carne, ele não tem possibilidade de liberar-se. A lama tomou o lugar de autoridade do espírito. Tudo é feito independentemente e segundo as ordens de sua mente. A alma não está apenas independente do espírito; adicionalmente, ela está sob o controle do corpo. Ela é solicitada a obedecer, a executar e a cumprir as cobiças, as paixões e as exigências do corpo. Cada filho de Adão não está apenas morto em seu espírito, antes, é, também, "da terra, é terreno" (2Co 15.47). Os homens caídos são completamente governados pela car-

ne, satisfazendo os desejos da sua alma e das paixões físicas. Sem impedimento, a carne está em rígido controle sobre o homem, totalmente.

Isso é o que está esclarecido em Judas, que diz: "... escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões. Estes são os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito" (Jd 18,19).

Deformação da imagem divina

De todas as criaturas que Deus fez, apenas uma delas, o homem, diz-se ter sido feita "à imagem de Deus". O que isso significa? Podemos usar a seguinte definição: o fato de o homem ser a imagem de Deus significa que ele é semelhante a Deus e o representa.

Depois de desobedecer ao Senhor Deus, o que podemos verificar nas Escrituras é que, de fato, esta imagem foi corrompida, de modo que, quando olhamos para o ser humano em todo o seu caminhar pela história, tanto nos admiramos da grandeza de seus feitos e da nobreza de suas atitudes como nos envergonhamos de seus atos violentos e animalescos. Ele consegue abrigar em si tanto a grandeza quanto a corrupção.

Imaginemos, portanto, um espelho, onde um homem observa a sua imagem. Se este espelho quebrar ou for manchado, ou ficar embaçado, a imagem ali refletida continuará sendo a daquele homem, mas não será reconhecida como tal. Foi justamento isso que aconteceu com o homem. A imagem

de Deus continua nele refletida, mas não pode ser discernida, porque foi manchada e embaçada pelo pecado. O evangelho é justamente o único caminho que restaura a imagem de Deus no homem, como escreveu o apóstolo Paulo: "Pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Cl 3.9,10).

A corrupção de toda a criação

É importante frisar que o poder corruptor que atingiu os seres humanos e suas relações também afetou o restante da criação. O ensino das Escrituras é que os efeitos do pecado não atingiram somente o homem, mas os demais seres e as demais criações também. Não se pode falar apenas da "corrupção de todo gênero humano", mas, sim, da corrupção de tudo o que foi criado.

A Bíblia revela que o Universo inteiro está aguardando a completa redenção do homem, pois, então, até ela mesma (toda a criação) será redimida. Vejamos isso:

"Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" (Rm 8.19-22).

As Escrituras Sagradas declaram que todo o Universo foi atingido e, consequentemente, sofre os efeitos do pecado. Os cientistas já comprovaram o que a Bíblia diz há séculos: que a terra (mundo) está envelhecendo. Essa informação já estava registrada nas Escrituras: "E Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e como um manto, os enrolará, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão" (Hb 1.10-12).

Domínio de Satanás

Outra consequência do pecado é a legalidade de Satanás governar sobre o homem. Toda desobediência funciona como uma brecha, como um ponto sobre o qual o diabo pode reivindicar seus direitos. Quando o homem escolheu desobedecer a Deus e ouvir a voz do inimigo, o diabo ganhou direitos sobre ele e, por isso, exerce sua influência e considera-o sua propriedade. A expressão "filhos do diabo", que aparece nos textos joaninos, demonstra muito bem este aspecto do pecado:

"Quem comete o pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus" (1Jo 3.8-10).

A morte

O que é a morte realmente? Segundo a definição científica, morte é: "a suspensão da comunicação com o ambiente". A morte do espírito é a suspensão da comunicação com Deus. A morte do corpo é a interrupção da comunicação entre o próprio corpo e o espírito.

Devemos, todavia, entender que a morte está muito além do seu contexto de mera cessação das funções de um organismo. Isto é apenas um sintoma da existência da morte. O termo "morte" é muito abrangente. Observando as Escrituras, somente no sentido de separação, encontramos três sentidos da palavra morte. Vejamos:

Morte espiritual

Perda da comunhão com Deus, o que torna inutilizadas as capacidades espirituais do homem, que não pode agradar a Deus nem fazer nada de valor real para Ele, porque o relacionamento vital entre Deus e o homem foi interrompido.

Morte física

No sentido comum que conhecemos, é a separação entre o espírito e o corpo. O sopro vital que Deus colocou no homem não pode mais permanecer neste organismo decadente, que, por sua fraqueza, não pode mais retê-lo.

Morte eterna

Esta é a segunda morte, uma separação eterna e definitiva do homem para com Deus. Este é o aspecto mais sombrio das consequências do pecado, pois, uma vez neste estágio, o homem não tem retorno.

Entendo a morte de uma maneira mais profunda. Podemos dizer que ela é a força que busca levar tudo à destruição. Pensemos em uma maçã. Você faz um pequeno furo nela com um alfinete e, dali algum tempo, ela apodreceu completamente, até ser jogada no lixo.

A morte começou no momento do furo, quando teve início um processo de decomposição no interior na maçã que terminou por ser jogada ao lixo por sua inutilidade. É assim que a morte age no mundo, corrompendo o homem.

Capítulo 5

A NATUREZA DO PECADO

Não é preciso dizer que as ideias modernas de pecado não recebem nenhum apoio das Escrituras, que jamais falam sobre o pecado como "uma necessidade determinada pela hereditariedade e ambiente", como "uma invenção da mente humana", mas sempre como o livre ato de um ser inteligente, moral e responsável.

Devido à contaminação que o termo adquiriu, precisamos resgatar o sentido bíblico da natureza do pecado. Para isso, perguntemos as Escrituras: "O que é pecado?". A própria Bíblia responde, mas usa uma variedade de termos para expressar o mal de ordem moral e explicar algo de sua natureza, do pecado.

Um estudo desses termos, nos idiomas originais, hebraico e grego, proporcionará ao aluno a definição bíblica do pecado.

No Antigo Testamento

As diferentes palavras hebraicas descrevem o pecado operando nas seguintes esferas:

Na esfera moral

São três as palavras usadas para expressar o pecado nesta esfera, e a mais comum delas, usada para se referir ao pecado é: ηαςξ (*chata'ah*), que significa "errar o alvo", e reúne as seguintes ideias: (1) errar o alvo, como um arqueiro que atira, mas erra, do mesmo modo, o pecador erra o alvo final da vida; (2) errar o caminho, como um viajante que sai do caminho certo; (3) ser achado em falta ao ser pesado na balança de Deus.

Em Gênesis 4.7, onde a palavra é mencionada pela primeira vez, o pecado é personificado como uma besta feroz pronta para lançar-se sobre quem lhe der ocasião.

Outra palavra, εαπ (*pesha*), que significa, literalmente, "transgressão", usada no sentido de "afastamento de Deus" e, portanto, uma violação de seus mandamentos.

Por fim, a palavra hebraica νωε *('avon)*, com o sentido de "desvio do caminho reto, resultando, daí, a perversidade, a depravação e a desigualdade". É, pois, o contrário de retidão, que significa, literalmente, "o que é reto" ou "conforme um ideal reto".

Todos estes termos dão a ideia de que as coisas não estão funcionando como deveriam, de fato, funcionar. O Universo se tornou uma máquina estragada. Quando atentamos para os povos antigos e buscamos conhecer seus escritos, percebemos que, de alguma forma, eles tinham certo conhecimento desse fato. Alguma coisa estava errada. Por não possuírem a revelação bíblica, esta percepção era quase universal. Como um homem que possui um aparelho que não está funcio-

nando corretamente, do mesmo modo o ser humano sabe que, dentro dele e do restante da criação, as coisas não estão funcionando devidamente.

Na esfera da conduta fraternal

A palavra usada para determinar o pecado nesta esfera é ομξ (*chamac)*, que significa "violência ou conduta injuriosa" (Gn 6.11; Ez 7.23; Pv 16.29). Ao excluir a restrição da lei, o homem maltrata e oprime seus semelhantes.

Ao invés da relação harmoniosa entre todos os seres criados, o que se percebe, desde o princípio do mundo, é um desajuste. O fratricídio de Caim foi a primeira demonstração da força do pecado na esfera social. A partir desse momento, a existência do homem em sociedade tem sido um tumulto sem igual. Exploradores e explorados, pais e filhos, maridos e esposas, nações e nações, todo relacionamento humano foi atingido nessa esfera. A convivência boa e pacífica tornou-se exceção, não regra. O poder do pecado também tem este aspecto.

Quando Karl Marx disse que a luta de classes era o grande problema da humanidade, ele estava simplificando a questão. Na verdade, a luta de classes não é o problema central, mas, sim, um sintoma. O homem é incapaz de conviver com seus semelhantes porque é incapaz de conviver consigo mesmo.

Essa incapacidade é fruto da desobediência de Adão à ordem de Deus.

Na esfera da santidade

As palavras usadas para descrever o pecado nesta área implicam em que o ofensor já usufruiu da relação com Deus. Toda a nação israelita foi constituída em "um reino de sacerdotes", cada membro considerado como estando em contato com Deus e seu santo tabernáculo. Portanto, cada israelita era santo, isto é, separado para Deus, e toda a atividade e esfera de sua vida estavam reguladas pela lei da santidade. As coisas fora dessa lei eram "profanas" (o contrário de santas), e o que participava delas se tornava imundo ou contaminado (Lv 11.24,27,31,33,39). Se persistisse na profanação, era considerada uma pessoa irreligiosa ou profana (Lv 21.14; Hb 12.16). Se acaso, se rebelasse e, deliberadamente, repudiasse a jurisdição da lei da santidade, era considerada "transgressora" (Sl 37.38; 51.13; Is 53.12), e, caso prosseguisse neste último caminho, o transgressor era julgado como criminoso.

Na verdade, a diferenciação entre o que é santo e o que é profano foi resultado do pecado. A música é um bom exemplo disso. Antes do pecado, jamais se poderia conceber algo como uma "música profana", porque a música tinha finalidade adoradora, era um louvor ao Criador. Profano é aquilo que perdeu o seu valor diante do Criador, que se tornou um fim em si mesmo.

Na esfera da verdade

As palavras que descrevem o pecado nesta esfera dão ênfase ao inútil e fraudulento elemento do pecado. Os pecadores

falam e tratam falsamente (Sl 58.3; Is 28.15), representam falsamente e dão falso testemunho (Êx 20.16; Sl 119.128; Pv 19.5, 9). O primeiro pecador foi um mentiroso (Jo 8.44); induziu os primeiros seres humanos com uma mentira (Gn 3.4); a conclusão a que chegamos é a de que todo pecado contém o elemento do engano (Hb 3.13).

Essa é uma das esferas do pecado mais difundidas e de suma importância, que requer uma análise mais aprofundada. Não esquecendo que o pecado de Satanás, para com Eva, foi: iludir, mentir e enganar, a fim de induzi-la a cometer um ato que era contra Deus. Devemos ter em mente que a verdade, no conceito hebraico, tem muito a ver com fidelidade. Deus é verdadeiro porque é fiel. O que Ele diz corresponde aos fatos. O Senhor cumpre aquilo que promete.

O ensino do Novo Testamento

As palavras empregadas no Novo Testamento para designar o pecado não são muito diferentes quanto ao significado, se é que existe diferença. O Novo Testamento emprega cinco palavras gregas principais para o pecado, as quais, juntas, retratam o seu aspecto variado, tanto passivo quanto ativo. A mais comum dessas palavras é αμαρτια (gr. *hamartia*), que descreve o pecado como um ato de "não atingir do alvo", ou "fracasso em alcançar um objetivo". A outra é αδικια (gr. *Adikia*), que significa "iniquidade, uma profunda violação da lei e da justiça". Já a expressão grega *poneria* é o mal de um tipo vicioso ou degenerado. Os dois termos parecem falar de uma corrupção

ou perversão de caráter. As palavras mais frequentes são παραβασιᾳ (gr. *parabasis*), com a qual podemos associar παραπτωμα (gr. *paraptoma)*, que significa "transgressão", "ir além do limite estabelecido", e ανομια (gr. *anomia*), que quer dizer: "falta de lei", ou seja, desprezo e violação da lei, iniquidade, maldade.

O apóstolo Paulo usou um vasto vocabulário em suas epístolas para descrever o pecado ou os pecados. Na carta aos Romanos, em que elabora sua doutrina do pecado, usa dez termos gerais para pecado:

- *Hamartia* – cinquenta e oito vezes ao todo, quarenta e três em Romanos, como o significado de errar o alvo.
- *Hamarteema* – duas vezes, o pecado como uma ação.
- *Parabasis* – cinco vezes, com o significado de transgressão, literalmente andar ao longo de uma linha, mas não exatamente como ela.
- *Paraptoma* – quinze vezes, com o significado de fracasso, falha, desvio da verdade e da retidão.
- *Adikia* – doze vezes, com o significado de injustiça.
- *Asebeia* – quatro vezes, com o significado de impiedade, falta de reverência.
- *Anomia* – seis vezes, com o significado de ilegalidade.
- *Akatharsia* – nove vezes, com o significado de impureza, falta de pureza.
- *Parokoee* – quatro vezes, com o significado de desobediência.

- *Planee* – quatro vezes, como significado de errar, vagar.[37]

Como se pode averiguar, trata-se de um conceito que, por causa de sua riqueza, não pode ser expresso com um único termo. As diferentes denominações que aparecem na Palavra de Deus são um claro indício dos múltiplos aspectos que o pecado encerra em seu interior

Capítulo 6

A UNIVERSALIDADE DO PECADO

As Escrituras dão testemunho da pecaminosidade de toda a raça humana. É fato que o pecado de Adão afetou não somente a ele, mas, também, a todos os seus descendentes, logo, todos os seres humanos são pecadores; todos são depravados, culpados e condenáveis.

O pecado é uma característica peculiar da raça humana. É algo que nasce com o homem. Existe em cada criança nascida de mulher. E não meramente em tempos isolados, mas em todos os tempos, em cada estágio da vida, embora nem sempre se manifeste na mesma forma.

O Antigo Testamento afirma que "porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (Sl 143.2); e mais: "Quem pode dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?" (Pv 20.9).

Já no Novo Testamento, Paulo é enfático ao declarar que todo homem é pecador e culpado, e que a transgressão dos nossos primeiros pais constituiu em pecadora a sua posteridade ao dizer que "pela desobediência de um só homem,

muitos se tornaram pecadores" (Rm 5.19). Assim, o pecado de Adão é imputado a toda a raça humana, logo, "todos morrem em Adão" (1Co 15.22). Na epístola aos Romanos, o apóstolo argúi que, tanto os gentios quanto os judeus, encontram-se "destituídos da glória de Deus", por haverem, todos, se rebelado contra o Senhor, tornando-se igualmente culpáveis diante de Deus (Rm 3.23). Os primeiros, por se entregarem às mais vis abominações; os segundos, por imitarem os primeiros.

A conclusão a que chegamos é a de que "o homem é primária e essencialmente um pecador, não devido ao que faz, mas em razão do que é".[38] No Catecismo maior de Westminster, lemos: "Caiu todo o gênero humano na primeira transgressão? O pacto, sendo feito em Adão, como representante, não para si somente, mas para toda a sua posteridade, todo o gênero humano, descendendo dele por geração ordinária, pecou nele e caiu com ele na primeira transgressão".

Capítulo 7

GRAUS DE PECADO

Na teologia evangélica popular, geralmente se diz que "não existe pecadinho e pecadão". Isso é verdade, pois um só pecado retirou Adão do paraíso e apenas um pecado nos impedirá de entrar no reino dos céus. Um homem pode morrer tanto por ter sido picado por um mosquito da dengue como por ter sido devorado por um animal feroz. Da mesma maneira, os pecados pequenos farão um homem entrar no inferno tão depressa quanto os grandes.

Na verdade, não há pecados pequenos, uma vez que estamos ofendendo a santidade de Deus. Os crimes podem ser grandes ou pequenos, mas os pecados não têm dimensões. Os crimes são contra nossos semelhantes, mas o pecado é sempre contra Deus. Sendo assim, toda e qualquer rebeldia contra Deus é muito séria. Davi entendeu bem isso ao declarar sua falta perante Deus: "Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares" (Sl 51.4).

Todo e qualquer pecado é contra Deus, e o conceito de

pecado grande ou pequeno é mera interpretação de pecador. Não podemos perder de vista que todo pecado é condenável e que todos serão julgados, ninguém passará impune aos olhos de Deus. O pecado é um assunto muito grave. E podemos verificar a gravidade do assunto pelas dimensões das medidas tomadas.

Pecado para a morte

Normalmente, quando se fala neste pecado, ficam muitas dúvidas quando sabemos que a promessa de Deus é perdoar aqueles que se arrependeram. Mas, no texto da primeira epístola de João, ele fala de um "pecado para morte", quando não se deve nem mesmo orar por quem cometeu tal falta: "Se alguém vir pecar seu irmão, pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda iniquidade é pecado, e há pecado que não é para morte" (1Jo 5.16,17).

Esse "pecado sem perdão" está ligado ao pecado deliberado de rebeldia. É diferente quando alguém que não teve uma experiência salvadora com Deus peca. Como também é diferente quando alguém conhece a Deus e, não resistindo às tentações, sucumbe e comete uma falta, pela qual se sente culpado e ferido diante de Deus. Entretanto, quando se conhece a Deus e deliberadamente peca, tendo pleno poder de escolha e assim permanece por pura opção, então não pode ser considerada uma mera fraqueza diante das provas, mas,

sim, uma escolha de se voltar contra o Criador. Para este caso, as Escrituras dizem:

"Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério" (Hb 6.4-6).

"Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia. Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas certa expectação horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. Rejeitando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue da aliança com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.25-31).

Blasfêmia contra o espírito santo

Este não é o único pecado possível contra o Espírito San-

to, mas, com certeza, é o mais grave. A Bíblia fala em resistir ao Espírito Santo (At 7.51); em mentir para o Espírito Santo (At 5.3); e em entristecer o Espírito Santo (Ef 4.30). Em nenhum desses casos, porém, se fala tão severamente como no caso da referência à blasfêmia contra o Espírito Santo, onde se diz que não há perdão:

"Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios. Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam, então, os vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes. Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o reino de Deus. Ou como pode alguém entrar em casa do homem valente e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando, então, a sua casa? Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro" (Mt 12.22-32).

Para entendermos o que Jesus quis dizer com "blasfemar contra o Espírito Santo", é importante conhecer o contexto em que Ele usou essa expressão. Jesus havia expulsado demônios de um homem e os fariseus atribuíram este poder a Satanás. Mas, a verdadeira fonte do seu poder era o Espírito Santo. Os fariseus, portanto, conheciam a vida de Jesus e sabiam que o poder que em Cristo operava era o poder de Deus. A inveja os impedia de admitir tal coisa diante do povo.

Já haviam feito muitas acusações contra Jesus, mas, aqui, se tratava de falar contra a origem do poder dele. Sendo a origem o Espírito, os fariseus cometiam uma blasfêmia ao dizer que se tratava do príncipe dos demônios. Para esta atitude, não haveria perdão, de forma alguma. Muitos cristãos, infelizmente, por causa de alguma dúvida em sua mente sobre as operações de Deus, creem que, com esse pensamento, estão blasfemado contra o Espírito Santo. Não é este o caso. Não se trata de um ato deliberado e, muitas vezes, consciente. Em muitos casos, chega mesmo a ser uma dúvida legítima, ou seja, um cuidado que o servo de Deus tem para receber somente o que é de Deus.

Quem blasfema não tem perdão. Portanto, se um cristão que pensa daquela forma, mas ainda ama o Senhor Deus de todo o seu coração e o teme, com certeza não blasfemou.

Capítulo 8

REMOÇÃO DO PECADO

O pecado é a causa de uma inimizade figadal entre uma humanidade rebelde e um Deus santo. A santidade e o pecado são hostis por essência. A luz e as trevas são opostas. O bem e o mal são indispostos. O pecado e a santidade são desavindos e não há acordos diplomáticos entre eles. A mentalidade moderna não convive muito bem com este dualismo intransigente.

Contudo, o pecado desencadeou um desentendimento fundo e radical entre a criatura e o Criador; por isso, não há benquerença neste relacionamento. É certo que Deus continua amando o homem com seu amor eterno, mas não o seu pecado. E o homem não consegue amar a Deus vivendo no pecado.

O perdão do pecado é a mensagem central do cristianismo. É anunciado desde o livro de Gênesis até o Apocalipse. Embora Deus seja santo e justo (o que nos distancia dele), Ele também é misericordioso e gracioso (Êx 34.6). Na Bíblia, é anunciado que Deus, pela sua infinita misericórdia, fez ple-

na provisão para harmonizar as reivindicações de clemência e justiça em seu próprio caráter, ao enviar ao mundo seu único Filho gerado, sobre quem Ele lançou a iniquidade de todos nós, conforme predissera o profeta: "O SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53.6), para que uma vez por todas, como Cordeiro de Deus, tirar o pecado do mundo (Jo 1.29). Assim, toda obra necessária para reconciliar os homens pecadores foi realizada pela morte e ressurreição de Cristo, e, desse modo, o mundo foi reconciliado com Deus (2Co 5.19). Por meio de Jesus Cristo, podemos subjugar não apenas o pecado, mas, também, os efeitos por ele causados.

A cruz é a única maneira de Deus lidar com o pecado do homem. Por meio de Cristo crucificado, Deus perdoa perfeitamente os nossos pecados de tal forma como se jamais tivéssemos cometido. Pelo sangue da sua cruz, Ele apaga as transgressões e cancela a culpa, retira a condenação e transfere a santidade.

Só o homem poderia expiar o mal causado à majestade divina. Só Deus poderia expiar o pecado da raça humana. Cristo Jesus é Deus-homem. Ele é o Sumo Pontífice que interliga os dois lados, como escreveu o apóstolo Paulo: "Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo" (1Tm 2.5,6).

A reconciliação é alcançada pela cruz. Sobre isso, escreveu John Stott : "O amor divino triunfou sobre a ira divina me-

diante o divino autossacrifício. A cruz foi um ato simultâneo de castigo e anistia, severidade e graça, justiça e misericórdia". [39]

Os homens, em toda a parte, são convidados a se arrepender e converter, para que seus pecados possam ser apagados (At 3.19). Nada mais é requerido dos homens, para que se tornem livres e completamente justificados de todas as suas transgressões, do que a fé na propiciação da cruz (Rm 3.25).

Por intermédio de Cristo, tornando-nos agradáveis a Deus, que, mediante a adoção, concedeu-nos todos os benefícios de filhos. Antes, criaturas; agora, filhos *mui* amados e com franco acesso ao trono da graça.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Editora Paulus. Vol. 7, 1995.

ANDRADE, Claudionor de. *As verdades centrais da fé cristã*. Rio de janeiro: CPAD, 2006.

AQUINO, Tomás de. *Sobre o ensino* (De Magistro) e os *Sete pecados capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2006.

AZPITARTE, Eduardo López. *Culpa e pecado*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BATISTA, Paulo Sérgio. *Manual de respostas bíblicas*. São Paulo: Betesda, 2006.

BENTHO, Esdras Costa. *Hermenêutica fácil e descomplicada*: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.

BETTENSON. H. *Documentos da Igreja cristã*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 1998.

BRUNELLI, Walter. *Curso intensivo de teologia*. São Paulo: Ministério IDE, Vol. 1, 1999.

CHAMPLIN, R. N e BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bí-*

blia, teologia e filosofia. São Paulo: Candeia, 1995, p. 527.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995.

DIDAQUÊ. Catecismo dos Primeiros Cristãos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

FALCAO, Márcio. *Como conhecer uma seita*. São Paulo: Editora O Arado, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética*: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GILBERTO, Antonio. *Verdades pentecostais*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

GRUNDEM, Wayne. *Teologia sistemática*: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 2006.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2002.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo*

Testamento. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HODGE, Charles. Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

KEESING, Félix. *Antropologia cultural*: a ciência dos costumes. Rio de janeiro: Fundo de Cultura, vol. 1, 1972.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KENNY, Anthony. *História concisa da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Síntese Teológica do Novo Testamento*. 4ª ed. São Paulo: Teológica, 2003.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural*: iniciação, teoria e temas. 12ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MENZIES, William W; HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

MOSER, Antônio. *O pecado*: do descrédito ao aprofundamento. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MYER, Pearlman. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

OLIVEIRA, Raimundo de. *As grandes doutrinas da Bíblia*. 9ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia filosófica*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SILVA, Severino Pedro da. *O homem*: a natureza humana explicada pela Bíblia. 7ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

_____. *A doutrina da predestinação*. 6ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *O pecado*: sua origem e manifestação. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SILVA, De Plácido e. Vocabulário Jurídico. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

STOTT, John. *A cruz de Cristo*. 11ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2006.

STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, Vol. 2, 2003.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em teologia sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2006.

TORREY, R. A. et al. *Os fundamentos*: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005.

VINE, W.E; UNGER, Merril F; WHITE JR, William. Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.



DOUTRINA DA SALVAÇÃO



INTRODUÇÃO

A doutrina da salvação, na mente de muitos, não é de fácil entendimento. Para outros, é contraditória. A confusão que existe sobre esta doutrina é muito grande. Não pretendemos ser o dono da verdade, apenas buscaremos, fundamentados na Bíblia, discorrer sobre esse assunto, tão elevado para nosso entendimento.

O termo teológico usado pelos estudiosos para este assunto da teologia sistemática é soteriologia, palavra formada por dois termos gregos: σωτηρια (*soteria*) e λογοϛ *logos*. O primeiro significa "salvação" e o último, "palavra", "discurso" ou "doutrina". Assim sendo, soteriologia é a doutrina da salvação. Essa doutrina abrange as doutrinas da justiça de Deus, da fé, da graça, da regeneração, da eleição, da conversão, da justificação, da santificação, entre outras.

Também, envolve a necessidade de pregação, de arrependimento e de fé. Inclui até as boas obras e a perseverança dos santos. A salvação não é uma doutrina fácil de entender pelo

homem. É uma atividade divina em que participam as três pessoas da Trindade agindo no homem. Por tratar da obra de Deus, que resulta no eterno bem do homem para a glória de Deus, somos incentivados a avançar neste assunto com temor e oração, para entendê-lo na forma que é do agrado de Deus.

A doutrina da salvação é, ao mesmo tempo, simples e complexa. Por um lado, a maioria dos crentes pode dizer João 3.16 de cor ou citar a resposta de Paulo ao carcereiro de Filipos sobre o que é necessário para a salvação (At 16.31).

Por outro lado, quem pode explicar como um Deus-homem totalmente santo poderia se tornar pecado e morrer em benefício de homens pecadores e rebeldes?

É extremamente importante entender corretamente a salvação. A Bíblia coloca um anátema (maldição) sobre qualquer pessoa (incluindo anjos e pregadores) que venha a ensinar um evangelho de salvação diferente daquele ensinado nas Escrituras (Gl 1.8).

O que, então, é a verdadeira salvação?

Como é oferecida?

Como se pode obtê-la?

Quais são seus benefícios e bênçãos?

A verdadeira salvação é aquela oferecida pelo próprio Deus, pela morte sacrifical de seu Filho, Jesus Cristo. Não há outro meio pelo qual alguém possa ser salvo da condenação eterna e receber a vida eterna (At 4.12).

Que Deus nos ajude, abrindo o nosso entendimento espiritual ao adentrarmos nos seus desígnios e propósitos revelados nas Santas Escrituras, gerando em nós a convicção verdadeira e, por fim, nos leve a um conhecimento pessoal e íntimo com Jesus Cristo, "autor e consumador de nossa fé" (Hb 12.2).

Capítulo 1

DEFINIÇÃO DE TERMOS

O conceito de salvação é bastante complexo, visto não estar necessariamente ligado a um significado especificamente cristão. O termo pode tomar o sentido de emancipação política, como ocorreu na União Soviética, quando diziam que Lênin era um "salvador"; ou, ainda, no sentido de liberdade humana.

Assim sendo, nesta disciplina estudaremos o plano de Deus para a salvação do homem na esfera espiritual. Deus previu tudo o que teria lugar na queda do homem e planejou exatamente a salvação necessária antes da fundação do mundo, como escreveu o apóstolo João: "No livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8).

A salvação só tem significado quando o ser humano reconhece sua situação espiritual, ou seja, sua alienação de seu Criador. Para acabar com esse abismo criado pelo primeiro pecado cometido no Universo, o Senhor planejou e proveu um meio de fuga das garras e condenação

do pecado. Logo, a singularidade do cristianismo não se encontra no fato de que ele atribui importância à ideia de salvação, mas, sim, que o evangelho de Jesus Cristo é a boas-novas de salvação.

Capítulo 2

O PROPÓSITO DA SALVAÇÃO

Antes de falarmos do propósito da salvação, devemos entender quem é que necessita de salvação e porque necessita dela. A Palavra de Deus nos diz que o homem, depois de haver pecado, se tornou um ser totalmente depravado, alienado da glória de Deus e destinado ao castigo eterno.

Dessa forma, a raiz do problema espiritual do homem se encontra na sua própria natureza caída. Desde o nascimento até a morte, o homem se encontra em inimizade com seu Criador.

Não há homem algum que, por seu próprio mérito, consiga se salvar, uma vez que todos são inescusáveis diante de Deus, como escreveu o apóstolo Paulo: "Não há um justo, nem um sequer" (Rm 3.10). Por melhor que seja o ser humano, as Escrituras dizem que "todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas, como um vento, nos arrebatam" (Is 64.6).

Portanto, o propósito de Deus é salvar todos os homens,

porém, muitos não querem se submeter aos conselhos de Deus. Dessa forma, temos duas classes de pessoas: a que obedece e a que não obedece. A obediência é abençoada, pois glorifica Deus (Rm 4.20,21). A obediência desejada é entendida tanto antes do pecado (Gn 2.16,17) quanto depois (Dt 10.12,13). Pela obediência à sua Palavra, Deus é glorificado. Essa observação contínua é o dever de todo homem (Ec 12.13).

A desobediência à lei de Deus é pecado (1Jo 3.4; 5.17) e é o que provoca a separação eterna da presença de Deus (Gn 2.17; Rm 6.23). O pecado é uma abominação tamanha justamente por não intentar dar glória ao único Deus (Nm 20.12,13; 27.14; Dt 32.51).

Desde o começo da sua obra com os homens, Deus requer uma obediência explícita. Essa obediência desejada tem o fim de glorificá-lo. A maldição no jardim do Éden (Gn 3.14-19, 22-24) foi expressa pelo fato de o homem não colocar o desejo de Deus em primeiro lugar (Gn 2.17; 3.6). A destruição da terra pela água nos dias de Noé (Gn 6.5-7) foi anunciada sobre todos os homens por eles servirem à carne e, por isso, não glorificaram a Deus (Mt 24.38). A história bíblica mostra o povo de Deus sendo castigado repetidas vezes, um castigo que continua até hoje, por uma razão maior: adorar outros deuses (Jr 44.1-10). A condição natural do homem é abominável diante de Deus justamente por ele não ter o temor de Deus diante de seus olhos (Rm 3.18). A condenação final do homem ímpio será simplesmente pelo fato de ele

não ter Deus nas suas cogitações (Sl 10.4), desprezar toda a sua repreensão (Pv 1.30) e por não se arrepender, para dar glória a Deus (Ap 16.9). Deus nunca dará a glória devida a Ele a outro (Is 42.8). Ao Deus da glória (At 7.2), ao Pai da glória (Ef 1.17), é devida toda a glória para todo o sempre (Fp 4.20; 1Tm 1.17).

Alcance da salvação

A salvação de Jesus é para todo mundo. Ele convida qualquer um que estiver espiritualmente sedento a aproximar-se e a receber a salvação, como está escrito: "E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida" (Ap 22.17).

A Bíblia é clara ao nos dizer que o sacrifício perfeito de Jesus Cristo alcançou todos os habitantes da terra, como se pode observar: "E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1Jo 2.2). Apesar de Jesus ter sido morto pelos pecados do mundo inteiro, nem todos aceitam o sacrifício vicário realizado na cruz. Desse modo, apesar de a salvação estar à disposição de toda a humanidade, de forma experimental ela se aplica exclusivamente àqueles que creem.

Foi pela descrença que o primeiro homem se afastou de Deus; portanto, é muito lógico que o retorno a Deus seja pela fé. Cristo abriu o reino de Deus para todos os crentes; o caminho para Deus está livre, e quem quiser pode vir.

Capítulo 3

CONSEQUÊNCIAS DA MORTE DE CRISTO

A salvação está ligada à vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Assim sendo, várias foram as consequências que a morte de Cristo gerou, das quais passaremos a estudar algumas delas, que, entendemos, são as mais essenciais para o estudo ora proposto.

A morte de Cristo foi uma substituição pelo pecado

Há muitas facetas no significado da morte de Cristo, mas, a principal – sem a qual as demais não teriam qualquer significado eterno – é a substituição. Isto significa simplesmente que Cristo morreu no lugar dos pecadores. O uso da preposição grega *anti* claramente ensina isto, pois significa "em lugar de". Esta preposição é usada numa passagem que oferece a interpretação do próprio Senhor Jesus Cristo sobre a sua morte: "Bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mt 20.28; Mc 10.45).

Segundo o próprio Jesus, sua morte seria um pagamento

em lugar de muitos. Outra preposição grega, *huper*, é usada também no Novo Testamento, e possui dois significados. Às vezes, significa "em benefício de", em outras, "em lugar de". É claro que a morte de Cristo foi, ao mesmo tempo, em nosso lugar e em nosso benefício, e não há razão pela qual *huper* não possa incluir ambas as ideias ao ser usada em relação à morte de Cristo (veja, por exemplo, 2Co 5.21 e 1Pe 3.18).

A expiação de Cristo é o cerne do cristianismo; é a marca distintiva da religião cristã. Assim, podemos dizer que o cristianismo é, exclusivamente, uma religião de redenção.

A morte de Cristo ofereceu redenção do pecado

A doutrina da redenção é edificada sobre três palavras do Novo Testamento. A primeira é uma palavra simples, que significa "comprar ou adquirir, ou pagar um preço por alguma coisa". É usada, por exemplo, com este sentido cotidiano, comum, na parábola do tesouro escondido num campo, que motivou o homem a comprar (redimir) o campo (Mt 13.44).

Em relação à nossa salvação, a palavra significa pagar o preço que o nosso pecado exigiu para que pudéssemos ser redimidos.

A segunda palavra é da mesma raiz do termo mencionado acima, prefixada por uma preposição que intensifica o seu sentido. Em português, a palavra ganharia o sentido de "pagar o preço para tirar do mercado". Assim, a ideia dessa segunda palavra é que a morte de Cristo, além de pagar o preço do pecado, retirou-nos do mercado de escravos do pecado

para nos dar plena certeza de que jamais seremos novamente submetidos à escravidão e às penas do pecado.

A terceira palavra para redenção é totalmente diferente. Seu sentido básico é "soltar", e isso significa que a pessoa resgatada é libertada no sentido mais completo da palavra. O meio pelo qual essa libertação é obtida é a substituição realizada por Cristo (1Tm 2.6, onde esta terceira palavra é prefixada pela preposição *anti*); sua base é o sangue de Cristo (Hb 9.12); o seu resultado é a purificação de um povo zeloso de boas obras (Tt 2.14). Assim, a doutrina da redenção significa que, devido ao derramamento do sangue de Cristo, os crentes foram comprados, libertos da escravidão e postos em plena liberdade.

A morte de Cristo efetuou reconciliação

A palavra reconciliar significa "estabelecer a paz entre; tornar amigo; restituir a graça de Deus". A reconciliação efetuada pela morte de Cristo significa que o estado de alienação em relação a Deus em que o homem vive foi mudado, de modo que ele, agora, pode ser reconciliado com Deus, como escreveu o apóstolo Paulo: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação" (2Co 5.19). Quando o homem crê, seu antigo estado de alienação de Deus é mudado e o homem se torna membro da família de Deus.

A morte de Cristo oferece propiciação

Propiciar significa "apaziguar; satisfazer; tornar propício; favorável". Isso, naturalmente, levanta a seguinte questão: "Por que a divindade precisa ser apaziguada?". A resposta bíblica a esta pergunta é, simplesmente: porque o verdadeiro Deus está irado contra a humanidade por causa de seu pecado. O tema da ira de Deus aparece, frequentemente, na Bíblia. Ira não é apenas o desdobramento impessoal e inevitável da lei da causa e efeito, mas, também, a intervenção pessoal de Deus na vida da humanidade (Rm 1.18; Ef 5.6).

Deus propiciou a morte de Cristo, extinguindo sua ira e permitindo que o próprio Deus receba em sua família todos que colocam sua fé naquele que o satisfez: Jesus Cristo. A extensão da obra propiciatória de Cristo é universal e a base da propiciação é o seu sangue derramado (Rm 3.25).

Pelo fato de Cristo ter morrido pelo pecado, Deus está satisfeito. Portanto, não devemos nem precisamos pedir a alguém que faça alguma coisa para satisfazê-lo. Isso significaria tentar apaziguar alguém que já está apaziguado, algo totalmente desnecessário. Antes da cruz, o indivíduo não podia ter a certeza de que Deus ficaria satisfeito com a oferta que lhe trouxera. É por isso que o publicano orou: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Lc 18.13).

Hoje, tal oração seria desnecessária, pois Deus já foi propiciado pela morte de seu Filho, Jesus Cristo. Por isso, a nossa mensagem aos homens, hoje, não deveria, de modo algum, sugerir-lhes que podem agradar ou satisfazer a Deus

praticando alguma ação, antes, que podem ficar satisfeitos e descansados com o sacrifício de Cristo, que satisfez completamente a ira de Deus.

A morte de Cristo julgou a natureza pecaminosa

A morte de Cristo trouxe-nos outro benefício importantíssimo ao tornar inoperante o poder dominador de nossa natureza pecaminosa, como disse o apóstolo Paulo:

"Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado" (Rm 6.1-7).

Embora esse conceito não seja fácil de entender, Paulo diz que a nossa união com Cristo pelo batismo envolve participar de sua morte, de modo que estamos mortos para o pecado. A ideia de morte, tão proeminente nessa passagem,

não significa extinguir ou cessar, mas, como sempre na Bíblia, separar, afastar.

A crucificação do cristão com Cristo significa separação do domínio do pecado sobre sua vida. A pergunta "permaneceremos no pecado?" é respondida com um enfático não, com base em nossa morte com Cristo. Isso "destruiu" o corpo do pecado. "Destruir" não significa aniquilar, pois, se o fizesse, a natureza pecaminosa seria erradicada, um fato que a nossa experiência dificilmente comprovaria! Significa isto sim, tornar ineficaz a natureza pecaminosa. O cristão está livre, portanto, para viver uma vida agradável a Deus. Embora ainda seja possível ouvir e seguir as sugestões do pecado, nunca será possível ao pecado reconquistar o domínio e o controle que possuía antes da conversão.

A morte de Cristo oferece a base para a purificação do pecado do crente

O sangue (a morte) de Cristo é a base da nossa purificação cotidiana do pecado, como disse o apóstolo João: "Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1Jo 1.7). Significa que o sacrifício definitivo de nosso Senhor oferece purificação constante ao crente quando pecar. A nossa posição de membros da família de Deus é mantida por sua morte; a nossa comunhão familiar é restaurada pela confissão do pecado.

Capítulo 4

ELEMENTOS DA SALVAÇÃO

O homem é primária e essencialmente um pecador, não devido ao que faz, mas em razão do que é. Sendo assim, por mais alto que seja o seu padrão de moralidade, jamais conseguiria obter o favor de Deus. O homem, por natureza, está alienado da vida de Deus e a sua primeira necessidade é reconciliar-se com o Senhor. Para que isso ocorresse, somente Deus, por meio de elementos constitutivos de seu ser poderia realizar tal feito.

E foi o que aconteceu!

Faremos menção de apenas alguns desses elementos característicos que nos garantem a certeza e a segurança de salvação.

O amor de Deus

Uma das principais causas da nossa salvação é o amor de Deus, como disse João: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele

que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

Esse amor exclusivo de Deus faz com que os pecadores aceitem seu plano de salvação.

O salvo deve sempre combater os desejos da carne e mortificar o seu corpo, buscando sempre a perfeição, como ensinou Jesus: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48). Não é nada fácil, pois o pecado que habita na carne cobiça contra o novo homem, aquele homem espiritual que tem prazer na lei de Deus, que nasceu de novo por meio do Espírito Santo.

Foi por meio desse amor incondicional que Deus planejou a salvação. Dessa forma, seu amor é instrumental na preservação dos salvos até o fim, pois não há a possibilidade de existir nada mais poderoso do que o seu amor. Somos vencedores por Aquele que nos amou!

Devemos lembrar que o amor de Deus é eterno e invariável, como é todo o seu ser. Sendo eterno, não tem começo nem tem fim! Nessa verdade, podemos entender que o amor de Deus é um meio que Deus usa para garantir e efetuar a preservação dos seus. O amor de Deus pode ser manifesto em um menor grau por um determinado período que Ele é revelado em outras ocasiões, mas isso não quer dizer que a natureza do próprio amor ou a sua perpetuidade são diminuídas. Este amor continua eterno apesar das fraquezas dos salvos. Nisso entendemos que o amor de Deus é um meio pelo qual o cristão é provocado a perseverar até o fim e pelo qual ele é preservado na fé.

A graça de Deus

Graça é uma palavra usada no Novo Testamento para traduzir o vocábulo grego χαριᾳ (*charis*), que significa: "favor sem recompensa".

O dicionário Webster amplia esse conceito e diz que graça é: "Favor, boa vontade, misericórdia, tolerância dada para o pagamento de um débito; amor e favor de Deus para com o homem". O mesmo dicionário também dá o significado do termo misericórdia: "deixar de fazer mal a um ofensor, a um inimigo [...] a disposição de perdoar uma ofensa, ser gentil".

Assim sendo, a graça é o favor divino manifestado a quem não merece. Com essa palavra, os escritores inspirados demonstram que ninguém é merecedor do favor divino, que pelo pecado herdado de Adão todos, sem exceção, são merecedores de condenação. Mas, Deus não nos retribuiu conforme nossos merecimentos, mas nos trata de forma oposta, como disse o apóstolo Paulo: "Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz" (Cl 2.14).

O apóstolo Paulo, ao escrever à igreja que se encontrava em Roma, disse: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23). Esse é o resultado do pecado que entrou na humanidade por intermédio de Adão. O versículo 24, porém, revela que somos libertos dessa situação mediante a graça: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus".

Fomos criados à imagem e semelhança de Deus, a fim de manifestar sua glória, mas, por causa do pecado, tornamo-nos carentes dessa glória e incapazes de manifestarmos Deus.

Mas, Deus não muda sua vontade. Em seu desígnio eterno, Ele havia determinado que a redenção do homem seria realizada por meio do Cordeiro de Deus. O homem que se encontra sob a graça de Deus é um homem que tem sido absolvido da pena e do poder do pecado, um vencedor do mal em todas as suas formas. É um homem cujos presente e futuro se acham sob o poder e a direção do Espírito Santo de Deus.

É um homem que tem passado da morte para a vida, da potestade das trevas para o reino do Filho do seu amor, deste século para o século vindouro.

O apóstolo Paulo caracteriza a condição do homem que se encontra "sob a graça" com as seguintes palavras: "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito" (Rm 8.1). Depois de liberto do poder do pecado, Deus nos concede a oportunidade de sermos repletos de dons da graça, porém, nos adverte para que não recebamos em vão a graça vinda dele: "E nós, cooperando também com ele, vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão" (2Co 6.1).

A imutabilidade de deus

A imutabilidade de Deus é intimamente ligada aos seus outros atributos pessoais. A sua perfeição e eternidade fazem

com que a imutabilidade seja tanto uma necessidade quanto uma realidade. Se Deus é perfeito, Ele não pode mudar para melhor. Se Deus é eternamente perfeito, é certo que não pode mudar para o pior. Não somente o ser de Deus não muda como também não muda o seu decreto, como disse o Senhor Jesus: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar" (Mt 24.35).

Aplicando essa perfeição de Deus à salvação, faz a doutrina da salvação ter valor e conforto. Deus não só planejou salvar o pecador arrependido como também é firme e constante nesse propósito. Esse plano é reforçado pelo fato que nem o desejo nem o poder de Deus podem mudar. Deus sempre terá o seu amor para com os seus e o seu poder será sempre exercitado para o eterno bem deles. O homem muda os seus valores, o seu amor enfraquece, a sua fidelidade falha, mas Deus não muda. Por causa da sua imutabilidade, Deus não muda o seu amor e o seu plano para com os seus, mesmo que os objetos do seu amor falhem.

As promessas de Deus

As promessas de Deus são asseguradas pela verdade e firmeza de seu caráter. A verdade e a firmeza andam juntos nas Escrituras, como disse o profeta Isaías: "Ó SENHOR, tu és o meu Deus; exaltar-te-ei e louvarei o teu nome, porque fizeste maravilhas; os teus conselhos antigos são verdade e firmeza" (Is 25.1).

Quando Deus promete algo, sua verdade gera a confiança de que essa promessa será cumprida. Portanto, "retenhamos

firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu" (Rm 4.20,21).

As promessas de Deus nos são conhecidas pela Palavra de Deus, para que o cristão saiba das suas responsabilidades para com a sua perseverança. As promessas, também, são o meio pelo qual sabemos que a preservação divina não falhará. Essas promessas são tidas como "grandíssimas e preciosas", pelas quais somos feitos participantes da natureza divina (2Pe 1.4).

A Bíblia, além de ser um livro profético por natureza, é o livro dos livros em questão de promessas. Nela, encontramos Deus prometendo, o homem prometendo, portanto, poderíamos dizer que, promessas nas Escrituras não faltam, desde Gênesis até o Apocalipse.

Dessa forma, o importante não é a promessa, mas sim quem prometeu. Conhecer Deus é a necessidade de todo obreiro, pois aquele que prometeu é fiel para cumprir seu desígnio, como escreveu o autor aos hebreus: "Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu" (Hb 10.23).

O cristianismo só existe hoje porque Deus cumpriu suas promessas na vida de seus servos que creram nelas. Da mesma forma, elas nos animam a obedecer a Ele, sabendo de antemão dos efeitos que elas geram na vida espiritual, dando segurança e paz no presente, como esperança em relação ao futuro, pois aquele que prometeu disse: "Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, mas

regam a terra e a fazem produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia; antes, fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a enviei" (Is 55.10,11).

As Escrituras Sagradas são o nosso porto seguro, pois, constantemente, nos relembram que Deus sustentou e continua sustentando o seu povo com muitas promessas encorajadoras em meio às situações mais difíceis, por meio de sua graça.

A observância das promessas de Deus encherá o nosso coração de vigor renovado das maravilhas do Deus que promete e cumpre, aquecendo-o com a determinação de refletir a glória de Deus, expandir o seu reino e consolar todos os que se encontram necessitados de uma palavra de ânimo, coragem e consolo.

Capítulo 5

O LADO HUMANO DA SALVAÇÃO

O conceito de salvação se baseia na palavra hebraica *shub* ("retornar", "virar"), que implica num movimento em determinada direção e nas palavras gregas do Novo Testamento *strepho* ("virar") e *epistrepho* ("voltar-se", "virar-se em direção a"). A conversão, então, é a mudança de direção da alma, do pecado para Deus.

A salvação é obra de Deus em favor do homem e não ao contrário. Portanto, o ser humano é totalmente incapaz de agradar a Deus, pois carrega sobre si a sentença de "morte espiritual". Por esse motivo, o próprio Deus tomou a iniciativa de prover a salvação independente dos méritos e possibilidades do homem. Mesmo diante de tamanha precisão em tal projeto, tem uma coisa que Deus não faz, no que diz respeito à salvação do homem, não o obriga a aceitá-la. O homem precisa tomar essa decisão por si mesmo. Quando o homem aceita o plano redentor de Cristo, automaticamente ocorrem algumas mudanças no mundo espiritual. São essas alterações que passaremos a analisar.

Conversão

A palavra conversão tem o sentido de "mudar de direção". De acordo com as Escrituras Sagradas, é o ato pelo qual o pecador se volta de sua vida pecaminosa para Jesus Cristo, tanto para obter perdão dos pecados como para ser livre dele.

Podemos definir conversão da seguinte maneira: é a nossa resposta espontânea ao chamado do evangelho de Jesus Cristo, pela qual voluntária e sinceramente nos arrependemos dos nossos pecados e colocamos nossa confiança em Cristo, para recebermos a salvação.

Não basta conhecer os fatos e aprová-los ou concordar que eles são verdadeiros. Nicodemos sabia que Jesus tinha vindo de Deus, porque disse: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3.2). Nicodemos havia avaliado os fatos da situação, incluindo os ensinos de Jesus e seus milagres notáveis, e chegado a uma conclusão correta a partir desses fatos: Jesus era um mestre vindo de Deus. Mas, isso somente não significa que Nicodemos tinha fé salvífica, porque ele ainda tinha de depositar sua confiança em Cristo para receber a salvação; ele ainda tinha de "crer nele".

A verdadeira conversão envolve pelo menos dois atos da parte do pecador. Vejamos:

1) Despojar o velho homem, como escreveu o apóstolo Paulo: "Quanto ao trato passado, vos despojeis do velho ho-

mem, que se corrompe pelas concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade" (4.22-24).

2) Crer em Jesus, entregando-se a Ele e abraçando a vida eterna (Jo 3.15).

Arrependimento

É uma mudança de pensamento sobre o pecado, por isso está intimamente relacionado com a conversão, visto que se voltar do pecado para Deus é parte do arrependimento.

Duas palavras hebraicas são usadas no Antigo Testamento para apontar o arrependimento. A primeira é *naham*, cujo significado é "ansiar, suspirar ou gemer", que tomou o sentido de "lamentar, sofrer, lamentar amargamente, arrepender-se" (Jó 42.6; Jr 8.6). A segunda é *shub*, que, comumente, expressa o tipo de arrependimento que Deus deseja do pecador.

No Novo Testamento, a palavra grega *metanoia* ("mudança de mente", "arrependimento") é empregada 23 vezes e *metanoeo* ("mudar de ideia" ou "propósito"), 34 vezes. Dessa forma, o conceito de arrependimento do Antigo Testamento era de lamentação, sofrimento, arrependimento amargo de uma ação pecaminosa, abandono dessa prática e retorno a Deus, em cumprimento à sua vontade. O conceito do Novo Testamento enfatiza a mudança do pecado para uma nova vida.

O arrependimento é parte essencial do evangelho. Foi a

mensagem de João Batista (Mt 3.2), de Jesus (Mt 4.17), de Pedro (At 3.19), de Paulo (At 17.30) e ao mundo, como parte primária do evangelho (Lc 24.46-48).

Fé salvadora

A palavra fé, no hebraico *emunah*, dá a ideia de "firmeza, certeza, segurança". Dessa forma, acreditar é estar certo sobre algo, é ter certeza, convicção. Já no grego, a mesma palavra, fé, ganha o significado de persuasão, convicção firme, baseado no ouvir.

A fé bíblica, portanto, é a crença na veracidade de uma pessoa. Nesse caso, Deus. Por meio da fé, o relacionamento do homem, que estava rompido devido ao pecado, é reatado, passando o homem, agora, a desfrutar da paz. A fé não é uma emoção que passa de uma pessoa para outra, mas uma convicção gerada pela presença do Espírito Santo na vida do fiel que reconheceu o seu estado de alienação.

Regeneração

Na obra de regeneração, não desempenhamos papel algum. É um ato sobrenatural e instantâneo em que Deus concede vida espiritual ao pecador que aceitou a Cristo como seu único e suficiente Salvador. Portanto, é uma obra exclusivamente de Deus. Vemos isso, por exemplo, quando João fala a respeito daqueles a quem Cristo deu poder de se tornarem filhos de Deus – eles "não nasceram do sangue, nem da von-

tade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.13). Aqui, João especifica que os filhos de Deus são os que "nasceram [...] de Deus" e que a nossa vontade humana ("a vontade do homem") não realiza esse tipo de nascimento.

Por meio da regeneração, a natureza divina passa a habitar na vida do fiel, pela presença do Espírito Santo. Sem este ato sobrenatural, o pecador arrependido jamais poderia entrar em relacionamento com Deus, visto que ainda permaneceria na sua natureza pecaminosa, contrária à vontade Dele.

Assim sendo, todos necessitam "nascer de novo", pelo menos por três razões:

a) Para entrar no reino de Deus: "A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3).

b) Para resistir ao pecado: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado" (1Jo 5.18).

c) Para uma vida de retidão: "Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (1Jo 2.29).

Por meio do profeta Jeremias, Deus demonstrou que todos os seres humanos, por melhores que sejam, todos precisam de mudança de vida, ao dizer: "Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso, também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal" (Jr 13.23). Da mesma maneira, o homem é incapaz de mudar para melhor a sua natureza pecaminosa. Por maior que seja o seu esforço, jamais conseguirá atingir os padrões exigidos

pela justiça de Deus. Somente o Senhor Deus poderia fazer esse milagre em nosso favor, e foi o que aconteceu, quando Deus enviou o seu Filho, Jesus Cristo, para morrer em nosso favor.

Capítulo 6

BENEFÍCIOS DA SALVAÇÃO

A salvação operada por meio de nosso Senhor Jesus Cristo confere privilégios sem medida ao homem regenerado, que passa a ser visto por Deus de outra maneira. Vejamos:

Justificação

Nos capítulos anteriores, consideramos o chamado do evangelho (pelo qual Deus nos convida a confiar em Cristo quanto à salvação), a regeneração (pela qual Deus nos concede nova vida espiritual) e a conversão (pela qual respondemos ao chamado do evangelho com arrependimento pelos pecados e fé em Cristo para a salvação).

A justificação está relacionada com a posição do arrependido diante de Deus. O ser humano é um transgressor da lei de Deus, como escreveu o apóstolo Paulo: "Como está escrito: Não há justo, nem um sequer" (Rm 3.10). Como já podemos observar, por meio da regeneração o homem recebe uma nova vida e uma nova natureza; já na justificação, o homem é colocado em uma nova posição.

Entende-se por justificação o ato pelo qual o pecador comparece diante do tribunal de Deus para receber a sentença de condenação devido aos seus delitos. Entretanto, ao ser pronunciada a sentença, ele é judicialmente absolvido das acusações que lhe pesava, sendo declarado justo.

Portanto, podemos dizer que a justificação é o ato pelo qual Deus declara posicionalmente justo aquele que se achega ao Senhor Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Adoção

Na regeneração, Deus concede ao pecador arrependido uma nova vida espiritual interior. Na justificação, Deus concede ao homem o direito legal de estar diante dele (do Senhor). Mas, na adoção, Deus torna o homem arrependido membro de sua família, por meio de Jesus Cristo. Portanto, a adoção é um ato gracioso de Deus, pelo qual o novo convertido é declarado filho de Deus.

O apóstolo João menciona a adoção no começo do seu evangelho, quando declara que "todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome" (Jo 1.12). Em contraste com esta afirmativa, aqueles que não creem em Cristo não são filhos de Deus nem adotados em sua família, antes, são "filhos da ira" (Ef 2.3) e "filhos da desobediência" (Ef 2.2; 5.6).

As Escrituras Sagradas declaram que muitos são os benefícios ou privilégios que acompanham a adoção, dos quais passamos a listar algumas. Vejamos:

a) Filiação. Um dos grandes privilégios que a adoção proporciona é fazer que nos tornemos filhos de Deus e, consequentemente, nos oferecer a possibilidade de falarmos com Ele como um Pai bom e amoroso. "A adoção era uma providência legal antiga que se tornou comum entre os romanos e gregos, mas permanecia relativamente desconhecida entre os judeus [...] O termo adoção não é encontrado no Antigo Testamento ou na linguagem hebraica".[29] Jesus revolucionou quando ensinou aos seus discípulos a se relacionarem com Deus, dizendo: "Pai nosso, que estás nos céus" (Mt 6.9). Com isso, recebemos os privilégios, as bênçãos e os deveres familiares.

b) Fraternidade com Cristo. Jesus, ao se referir aos seus discípulos, os chamou de irmãos e irmãs: "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe" (Mt 12.50). Jesus nos considera sua família no sentido mais completo: a família de Deus.

c) Filiação confirmada pelo Espírito Santo. Deus Pai nos adotou em sua família, Jesus nos considera como irmãos e o Espírito Santo confirma a nossa filiação: "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16).

d) Herança eterna. Como filhos adotivos de Deus, recebemos dele uma herança, como escreveu o apóstolo Pedro: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma

29 DUEWEL, Wesley L. *A grande salvação de Deus.* São Paulo: Candeia, 1999, p. 179.

viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros" (1Pe 1.3,4). A herança inclui: **a)** a ressurreição do corpo (Jo 11.25); **b)** o reino de Deus (Lc 12.32); e **c)** a vida eterna (Jo 5.24).

Santificação

Santidade é o termo principal e santificação, o ato ou processo pelo qual algo ou alguém se torna santo. No Antigo Testamento, a palavra santificação recebia o sentido de: "consagrar, santificar, preparar, dedicar, ser consagrado, ser santo".[30]

Conforme o caráter de Deus ia sendo mais e mais revelado em suas palavras e atos e em seus procedimentos com Israel, seu caráter santo atribuía, cada vez mais, significado às suas palavras. No Novo Testamento, Jesus completou mais o significado da santidade e o Espírito Santo iluminou o significado espiritual. Assim, a ênfase não estava somente na santidade como separação, mas, também, como pureza.

A obra da santificação na vida do crente, dependendo do ponto de vista, pode ser considerada instantânea ou gradual. A primeira é a purificação inicial, que ocorre no momento do novo nascimento, da conversão, conhecida como santificação inicial. A outra inclui um processo de transformação diário, quando o Espírito Santo convence e transforma o crente à

30 Vocábulo "santificação" *in* Bíblia On-line: módulo avançado 3.0. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. CD-ROM.

semelhança de Cristo até a glorificação no céu, como está escrito: "Mas todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2Co 3.18).

O papel que desempenhamos na santificação é tanto passivo, pelo qual dependemos que Deus nos santifique, como ativo, pelo qual nos esforçamos para obedecer a Deus e dar os passos que aumentarão a nossa santificação.

Referências

ANDRADE, Claudionor de. *As verdades centrais da fé cristã.* Rio de janeiro: CPAD, 2006.

ARCHER JR., Gleason. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida, 2000.

BANCROFT, E. H. *Teologia elementar.* São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática.* Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática.* Campinas: Luz Para o Caminho, 1996.

BETTENSON. H. *Documentos da Igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: ASTE, 1998.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.* São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.* São Paulo: Candeia, vol. 1, 1995.

DUEWEL, Wesley L. *A grande salvação de Deus.* São Paulo: Candeia, 1999.

DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal.* São Paulo: Quadrangular, 1991.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática.* São Paulo: Vida Nova, 1999.

FALCÃO, Márcio. *Como conhecer uma seita.* São Paulo: O Arado, 2006.

_____. *Manual de teologia sistemática.* São Paulo: O Arado, s.d.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores.* São Paulo: Vida Nova, 1994.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática.* São Paulo: Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática.* São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática.* Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

HOUSE, Paul. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida, 2005.

KELLY, J. N. D. Doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática.* Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas.* Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

MYER, Pearlman. *Através da Bíblia livro por livro.* São Paulo: Vida, 1996.

_____. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia.* São Paulo: Vida, 1999.

OLIVEIRA, Raimundo de. *As grandes doutrinas da Bíblia.* 9ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1999.

STRONG, Augustus Hopkins. Teologia sistemática. São Paulo: Hagnos, Vol. 2, 2003.



DOUTRINA DA IGREJA



INTRODUÇÃO

A Igreja é um projeto de Deus. Entretanto, muitas pessoas, hoje em dia, não têm o mínimo interesse em frequentar igrejas. Ignoram ou as denunciam como relíquias, ou hipócritas. Será que o plano de Deus falhou? Evidentemente que não. A questão é outra. Muitas pessoas buscam nas igrejas soluções para suas frustrações e ambições pessoais. Essas pessoas, na verdade, deveriam buscar uma igreja para lhes dar uma palavra vinda da parte de Deus.

No Antigo Testamento, Deus chamou Israel. Agora, chama a Igreja. Alguém diria: "Para quê?". As Escrituras respondem: Deus chamou para si um povo zeloso e de boas obras, separado do mundo, para lhe pertencer e obedecer, e ser seu representante na terra.

Assim sendo, a Igreja é um organismo vivo, criado por Deus, e o próprio Deus foi quem revelou, na Bíblia, a natureza e missão da Igreja. Além de apresentar a doutrina que a Igreja deve ensinar, o Novo Testamento estabelece o padrão para a vida da mesma.

Apesar da importância da Igreja aos olhos de Deus, há

muitos cristãos que não a valorizam; ou seja, desconhecem sua finalidade e objetivo. Por meio deste estudo, analisaremos a origem da Igreja, sua forma de governo, os ministérios estabelecidos para sua edificação e, por fim, as ordenanças estabelecidas pelo Senhor Jesus.

Capítulo 1

DEFINIÇÃO DE TERMOS

Não poderemos saber o que é doutrina cristã até compreendermos, com base nas Escrituras, o que é Igreja cristã. Entendemos que estes são conceitos básicos, mas devemos nos prender firmemente a eles, a fim de mantermos nosso pensamento em concordância com as Escrituras.

A Bíblia emprega uma variedade de termos e metáforas para demonstrar o que é Igreja e, também, o seu relacionamento com Deus. Sua identidade é revelada por meio de vários vocábulos, cada um acrescentando algo mais para enriquecer a nossa compreensão do caráter, missão e relacionamento da Igreja.

Usos do termo "igreja" no Novo Testamento

Igreja universal

A Igreja de Cristo, no seu sentido mais amplo, é o conjunto de pessoas regeneradas em todos os tempos e épocas, no céu e na terra, que formam o Corpo de Cristo.. Essa definição

compreende que a Igreja é feita de todos os verdadeiramente salvos. Paulo afirma: "Cristo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela" (Ef 5.25). Aqui, o termo "igreja" é usado para referir-se a todos aqueles pelos quais Cristo morreu, a todos aqueles que foram redimidos, salvos pela morte de Cristo.

Todos os que fazem parte da Igreja universal irá reunir-se no banquete das bodas do Cordeiro, após o arrebatamento da Igreja: "E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-Poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus" (Ap 19.6-9).

As seguintes passagens das Escrituras se referem à Igreja universal: Mateus 16.18; Efésios 3.10,21; 5.23; Colossenses 1.18,24. Em Hebreus 12.23, lemos: "... à universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados".

Igreja local

É aquela formada de cristãos identificados com um corpo constituído, adorando em uma localidade específica. No

Novo Testamento, a palavra "igreja" pode ser aplicada a um grupo de cristãos de qualquer tamanho, desde um pequeno grupo, que se reúne sempre em uma residência, até o grupo de todos os cristãos da Igreja universal. A reunião de cristãos numa casa é a reunião de uma igreja, conforme vemos em Romanos 16.5: "Saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles", e, também, em 1Coríntios 16.19: "No Senhor, muito vos saúdam Áqüila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles".

A congregação de uma cidade inteira também é chamada "igreja": "À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1Co 1.2; 2Co 1.1; 1Ts 1.1). A reunião de cristãos de determinada região é chamada, também, de "igreja": "Assim, pois, as igrejas em toda a Judeia, e Galileia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo" (At 9.31).

Igreja invisível

Por motivos óbvios, a verdadeira Igreja de Cristo é invisível. Isso se dá porque não podemos aferir a condição espiritual do coração de ninguém. Podemos ver aqueles que frequentam a igreja e perceber sinais externos de uma mudança espiritual interior, mas não conseguimos, de fato, ver o coração das pessoas nem enxergar o estado espiritual em que se encontram — algo

que só Deus pode fazer. Foi por isso que Paulo afirmou: "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2Tm 2.19). Somente Deus sabe, com toda a certeza e sem errar, quem são os verdadeiros cristãos.

Capítulo 2

METÁFORAS QUE CARACTERIZAM A IGREJA

Para que pudéssemos entender a natureza da Igreja, Deus revelou uma ampla variedade de metáforas e imagens que a descrevem. Paulo vê a Igreja como uma "família" quando diz a Timóteo que agisse como se todos os membros da igreja pertencessem a uma família maior: "Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza" (1Tm 5.1,2). Deus é o nosso pai celestial (Ef 3.14) e nós somos seus filhos e filhas, porque o próprio Deus nos diz: "Serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso" (2Co 6.18). Somos, portanto, irmãos e irmãs uns dos outros na família de Deus (Mt 12.49,50; 1Jo 3.14-18).

Uma metáfora de família um pouco diferente é vista quando Paulo se refere à Igreja como a noiva de Cristo. Ele diz que o relacionamento entre marido e mulher "refere-se a Cristo e à igreja" (Ef 5.32) e afirma que traz à tona o noivado entre Cristo e a igreja de Corinto e que isso se assemelha

a um noivado entre uma noiva e seu futuro marido: "Visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo" (2 Co 11.2). Nesse texto, o apóstolo Paulo está se referindo à época da volta de Cristo, ocasião em que a Igreja lhe será apresentada como sua noiva. As Escrituras ainda apresentam a Igreja de Deus como:

- Corpo de Cristo (Rm 12.5; 1Co 12.13,27; Ef 1.23; 4.4,12; 5.30; Cl 1.18,24).
- Povo de Deus (Tt 2.14; 1Pe 2.9,10).
- Rebanho de Cristo (Lc 12.32; Jo 10.16; At 20.28,29; 1Pe 5.2,3).
- Santuário de Deus (1Co 3.16,17; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.21).
- Coluna e baluarte da verdade (1Tm 3.15).
- Candeeiro (Ap 1.13,20).
- Lavoura de Deus (1Co 3.9).
- Edifício de Deus (1Co 3.9).
- Família de Deus (Gl 6.10; Ef 2.19; 3.15).
- Israel de Deus (Gl 6.16)
- Nação Santa (1Pe 2.9).
- Sacerdócio Real (1Pe 2.9).
- Noiva de Cristo (Ap 21.9; 22.17).
- Agência do reino de Deus (At 28. 31).
- Multiforme sabedoria de Deus (Ef 3.10).

Vale ressaltar que o local onde ocorrem as reuniões de uma igreja não é sagrado. As Escrituras no dizem que "o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens" (At 7.48). Na antiga aliança, Deus habitava em um edifício, mas, com a chegada da nova aliança, o crente passou a ser o edifício em que Deus habita, como disse o apóstolo Paulo: "No qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito" (Ef 2.22). Entretanto, não podemos nos comportar de qualquer maneira, devemos, sim, fazer tudo com ordem e decência para glória de Deus.

Capítulo 3

FORMAS DE GOVERNO DA IGREJA

Hoje, as igrejas têm muitas diferentes formas de governo. A Igreja Católica Romana, por exemplo, tem um governo mundial sob a autoridade do papa. As igrejas episcopais têm bispos com autoridade regional e, acima deles, arcebispos. As igrejas presbiterianas dão autoridade regional aos presbitérios e autoridade nacional aos concílios. Todavia, as igrejas batistas e muitas outras igrejas independentes não têm uma autoridade oficial de governo além da congregação local, e a filiação a outras denominações é voluntária.

A forma de governo de uma igreja local é muito importante, pois revela como são tomadas as decisões e como a igreja é administrada.

Existem três formas principais de governo nas igrejas hoje em dia: episcopal, presbiteriano e congregacional.

A maioria das igrejas usa uma combinação dessas três ou a variação de uma delas.

Episcopal

Essa forma de governo de igreja vem da palavra grega επισκοποϛ (*episkopos)*, que significa "bispo" ou "supervisor". A forma episcopal consiste em uma estrutura bem definida de oficiais da igreja. Geralmente, se percebe uma linha clara de autoridade entre os líderes e membros da igreja. No topo, se encontra um líder individual, chamado de papa, arcebispo, bispo ou algum outro título. Segue uma ordem de líderes, do mais alto até os membros da igreja local. Exemplos de denominações que usam essa forma de governo são: a Igreja Católica Romana, a Anglicana e a Metodista.

Presbiteriana

A forma presbiteriana de governo da Igreja vem da palavra grega *presbyteros*, que significa "ancião". Nesse sistema, cada igreja local elege presbíteros para um conselho, sínodo ou presbitério. O pastor da igreja é um dos presbíteros no conselho, com a mesma autoridade dos outros presbíteros. Esse conselho tem autoridade para dirigir a igreja local.

Entretanto, os membros do conselho (os presbíteros) são, também, membros de um presbitério que tem autoridade sobre diversas igrejas locais em uma região. Esse presbitério consiste de alguns ou de todos os presbíteros das igrejas locais, sobre as quais ele tem autoridade. A Igreja Presbiteriana e a Igreja Reformada têm o governo desse tipo

Congregacional

Essa forma de governo está intimamente ligada à ideia democrática de administração. De acordo com a forma congregacional de governo, os membros escolhem seus líderes e decidem questões de acordo com a vontade da maioria, na forma democrática. As igrejas locais, com governo congregacional, são autônomas, determinando sua própria vida nas áreas de fé, ordem e administração eclesiástica. Igrejas com essa forma de governo, geralmente, tomam suas decisões sem orientar-se por outras igrejas ou associações.

Exemplo de grupos que usam essa forma de governo: a Igreja Batista, a Igreja Congregacional e a maioria das igrejas independentes.

Capítulo 4

OS OFICIAIS DA IGREJA

Esta terminologia pode variar de igreja para igreja, devido à diversidade de nomenclaturas que existem em nosso país. Para o nosso estudo, um oficial da igreja é alguém publicamente reconhecido como detentor do direito e da responsabilidade de desempenhar certas funções para o benefício de toda a igreja. Dessa forma, o tesoureiro e o moderador também seriam oficiais.

Todas essas pessoas tiveram reconhecimento público, geralmente em um culto em que foram "empossados" ou "ordenados" a um ofício, mas, aqui, trataremos somente daqueles que as Escrituras fazem menção. O Novo Testamento registra os dons ministeriais na seguinte sequência: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores (Ef 4.11).

Apóstolos

No original grego, *apostolov* significa "mensageiro, alguém enviado com ordens", portanto, apóstolo é sinônimo de missionário. A vocação e o comissionamento para o serviço de

apóstolo não veio por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, conforme escreveu o apóstolo Paulo aos gálatas (Gl 1.1; Rm 1.5; 1Co 1.1; 2Co 1.1). Vem por meio de um encontro com o Senhor ressurrecto (1Co 15.7; Gl 1.16), que dá ao seu apóstolo a mensagem do evangelho (1Co 11.23; 2Co 4.6; Gl 1.11,12).

Portando, assim, ficam evidentes quais eram as qualificações de um apóstolo: ter visto Jesus Cristo após a ressurreição (ser testemunha ocular desse fato) e ter sido especificamente comissionado por Cristo como seu apóstolo.

O grupo inicial contava com doze — os onze discípulos originais, que continuaram após a morte de Judas, e Matias, que substituiu Judas: "E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos" (At 1.26). Era tão ιμπορταντε εσσε γρυπο original de doze apóstolos, os membros fundadores do ofício apostólico, que encontramos seus nomes escritos nos fundamentos da cidade celestial, a nova Jerusalém: "A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Ap 21.14).

Para alguns, o chamado apostólico encerrou com a morte de João, o último apóstolo. Já para outros, ainda existe esse chamado. Sobre esse assunto, concordamos com a posição de Russel Chaplin, que afirma: "De modo geral, isto é, quanto aos que recebem postos elevados, há apóstolos na igreja até hoje e em todos os tempos. No sentido mais restrito, quanto ao ofício propriamente dito, não há provas de que o apostola-

do perdure na igreja até hoje e os que tomam esse título não apresentam as qualificações ou credenciais do apostolado".[1]

Profetas

O apóstolo Paulo disse que a Igreja de Cristo está construída sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas (Ef 2.20). Esse título expressa a estreita associação da respectiva pessoa com Deus. O profeta é um proclamador da Palavra, a quem Deus vocacionou para advertir, consolar, ensinar e aconselhar, tendo vínculos exclusivos com Deus. Profeta é aquele que fala em lugar de Deus.

O Novo Testamento mostra a atuação dos profetas como sendo instrumentos da revelação dos mistérios de Deus e, também, da predição de eventos futuros (At 11.28; 13.1; 1Co 12.10; 14.3; Ef 2.20; 3.5; 4.11). O profeta do Novo Testamento tanto pode ser um pastor que proclame a Palavra já revelada, visto que a "revelação" de Deus está completa e ninguém pode alterá-la, como, também, qualquer um dos seus servos que queira usar com este dom.

Evangelistas

Na época, aqueles que foram chamados de evangelistas eram, em verdade, os missionários. Os apóstolos eram missionários e muitos profetas também. Entendemos que esse ministério trata-se de uma classe especial, talentosa, dotada de poderes sobrenaturais, apropriadas para o seu ofício, que

Deus levanta em um momento oportuno com finalidade específica.

Filipe, Marcos, Timóteo e Tito pertenciam a essa classe de obreiros, de acordo com as Escrituras: Atos 21.8; Efésios 4.11; 2Timóteo 4.5.

Pastores e mestres

Pode surpreender-nos descobrir que essa palavra, que se tornou tão comum, só ocorra, referindo-se a um oficial da igreja, uma vez no Novo Testamento. Em Efésios 4.11, Paulo escreve: "E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e mestres". O versículo, provavelmente, seria mais bem traduzido por "pastores-mestres" e não "pastores e mestres" (sugerindo dois grupos), por causa da construção grega (embora nem todo estudioso da área de Novo Testamento concorde com a tradução).

Por razões bastante óbvias, fazemos esta observação: o ministério pastoral está intimamente ligado ao ensino.

Presbíteros também são chamados de "pastores" ou "bispos" no Novo Testamento. Ao escrever a Timóteo, o apóstolo Paulo disse: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem" (1Tm 5.17). Antes, na mesma epístola, Paulo diz que o bispo (ou presbítero) "deve governar bem a sua própria casa [...] pois, como cuidará da igreja de Deus?" (1Tm 3.4,5).

O Novo Testamento emprega três termos diferentes para

designar o mesmo ofício ministerial. O primeiro deles é ποιμην *(poimen)*, cuja tradução é "pastor". Para esse ofício ministerial, que aparece uma só vez no Novo Testamento, na carta aos Efésios 4.11. Talvez, para contrastar com o trabalho de Jesus, que registra sete vezes, a saber: João 10.11,14,16; Hebreus 13.20; 1Pedro 2.25; 5.4. O verbo "pastorear", para designar o ofício de pastor, aparece em João 21.16, Atos 20.28 e 1Pedro 5.2.

O segundo termo é πρεσβυτεροϛ *(presbuteros)*, cuja tradução é "presbítero". E ocorre em Atos 11.30; 14.23; 15.2,6, 22,23; 16.4; 20.17; 21.18; 1Timóteo 5.17,19; Tito 1.5; Tiago 5.14; 1Pedro 5.1; 2João 1 e 3João 1.

E o terceiro é επισκοποϛ *(episkopos)*, cuja tradução é "bispo", encontrado nos textos de Atos 20.28, Filipenses 1.1, 1Timóteo 3.2, Tito 1.7, 1 Pedro 2.25. Nesta última citação, o termo está-se referindo ao Senhor Jesus.

São três vocábulos permutáveis, como se verifica em Tito 1.5,7 e 1Timóteo 5.17-18. Frequentemente, eles se aplicam à mesma pessoa. São sinônimos perfeitos: pastor, presbítero e bispo. Por exemplo, 1Pedro 5.1-4 indica que os presbíteros "pastoreiam o rebanho" e "olham por ele" – responsabilidade de pastores – e recomenda que os supervisores (bispos) "não ajam como dominadores". Em Atos 20, podemos, ainda, verificar esse entendimento. Paulo está no porto de Mileto, cerca de 30 quilômetros ao Sul de Éfeso. Ele manda chamar os pastores da cidade, um grupo considerável aparece. No verso 17, ele chama-os de presbíteros, no verso 28, o mesmo grupo

é chamado de bispo para pastorear a Igreja de Deus.

Um pastor de ovelhas é a metáfora mais adequada ao conceito bíblico de pastor. Deus colocou suas ovelhinhas aos seus cuidados. O rebanho pertence a Deus. Cada pastor prestará contas a Ele por sua guarda do rebanho. É significativo que Jesus tenha escolhido o exemplo do pastor de ovelhas para descrever sua relação conosco (Jo 10.11,14); o pastor protege, conforta e alimenta o rebanho.

Diáconos

A palavra diácono é tradução da palavra grega διακονος *(diakonos)*, que é o termo comum que se traduz por servo, quando usado em contextos não eclesiásticos.

Os diáconos são, claramente, mencionados em Filipenses 1.1: "A todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos". Mas, não há especificação de sua função, só a indicação de que são diferentes dos bispos (presbíteros). Os diáconos também são mencionados em 1Timóteo 3.8-13, em uma passagem mais extensa:

"Semelhantemente, quanto aos diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa. Também sejam estes primeiro experimentados; e, se se mostrarem irrepreensíveis, exerçam o diaconato. Da mesma sorte, quanto às mulheres [ou "esposas"; a palavra grega pode ter um desses significados], é necessário que sejam respeitáveis, não maldizentes,

temperantes e fiéis em tudo. O diácono seja marido de uma só mulher, e governe bem seus filhos e a própria casa. Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançarão para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus".

Os diáconos devem ser homens amadurecidos, com caráter cristão provado na família, na igreja e na comunidade (At 6.1-8). Com base neste texto que acabamos de mencionar, Russel Champlin disse: "Os diáconos eram os assistentes mais diretos dos anciãos ou pastores, especialmente por ocasião da celebração da ceia do Senhor e da consagração dos discípulos".[2]

CAPÍTULO 5

QUALIDADES DO OBREIRO

O chamado para ser obreiro, no século 21, é um grande desafio, pois, vários requisitos são exigidos da parte de Deus para tão sublime tarefa. Os obreiros devem ser responsáveis pelo cuidado, direção e ensinamentos que uma congregação recebe. São líderes necessários que devem ter vidas exemplares. Seu chamado ao ministério é de procedência divina (At 20.28); seu exemplo é Jesus Cristo; e o poder para fazerem esta incrível obra vem do Espírito Santo.

O Senhor Jesus, como cabeça da Igreja, jamais permitiu que o padrão requerido para o ministério fosse determinado pela própria Igreja. Antes, reservou a si o encargo de chamar seus ministros e qualificá-los a pregar o evangelho. Por conseguinte, expôs, nas Santas Escrituras, diretrizes claramente estabelecidas que governam a conduta pública e privada dos líderes ministeriais da igreja.

Alguns se referem a 1 e 2Timóteo e Tito como sendo o "Manual do pastor", por causa das preciosas instruções e qualificações dadas ao ministério e à igreja. Em 1Timóteo

3, há orientações muito especificas a todo aquele que aspira ao pastorado (voltamos a ressaltar que os títulos de "bispos", "presbítero", "ancião" e "pastor" são usados intercambiavelmente na Escritura e se refere ao mesmo ofício).

Desejar fazer parte do ministério é aspirar "excelente obra" (1Tm 3.1). Entretanto, esse desejo não leva imediatamente a pessoa a qualificar-se para o ministério. Só desejar não basta. É essencial que ouçamos as Santas Escrituras dizerem, em tom inequívoco, as qualificações para tal ofício.

O que vem a seguir são exigências indispensáveis a todo candidato. Essas qualificações abrangem a conduta pessoal e o comportamento público, sobre os quais a igreja não tem nenhuma autoridade, seja para alterar, seja para ignorar. Levar em conta qualquer outro requisito seria falsificar a Palavra de Deus e mostrar desrespeito à direta autoridade do "cabeça" da Igreja, o nosso Senhor Jesus Cristo.

Analisaremos, de forma sintetizada, o perfil deste obreiro excelente de quem tanto Deus exige tais qualificações.

Irrepreensível

A primeira qualificação para se ter um ministério bem-sucedido é ter uma vida "irrepreensível" (1Tm 3.2). Essa palavra, no original grego, é ανεγκλητος *(anegkletos)*, que tem o sentido de alguém "que não pode ser julgado reprovável, não acusado". O ministro jamais pode está envolvido em alguma falta, escândalo ou vício. O caráter provado daqueles que buscam a liderança na igreja é mais importante do que a personalidade, o talento

para pregar, a capacidade administrativa e/ou realizações acadêmicas. É imperativo que o homem de Deus esteja acima de qualquer censura com relação aos traços específicos do caráter e regras de conduta.

Quando falamos de conduta, podemos criar uma extensa lista de itens acerca do que é necessário para nos conformarmos ao nosso caminhar de fé com Cristo. Precisamos ter uma conduta que expresse um tipo de vida que esteja não só acima da reprovação, mas, também, que seja, magneticamente, atraente para ganhar o coração das pessoas, a fim de que sigam ao Senhor da mesma forma que nós, que seguimos a Cristo.

Além dos pontos específicos, três áreas de conduta são cruciais para os líderes na manutenção do tipo de caráter que fortalece a plataforma do respeito. São elas: o trabalho, as mulheres e o dinheiro. Se não forem bem administradas, essas áreas hão de criar profundos dissabores no ministério.

Casamento e família exemplares

Entre os vários organismos sociais e jurídicos, o conceito, a compreensão e a extensão de família são os que mais se alteraram no curso dos tempos. Nesse alvorecer de mais um século, a sociedade, de mentalidade urbanizada (embora não seja necessariamente urbana), cada vez mais globalizada pelos meios de comunicação, pressupõe e define uma modalidade conceitual de família bastante distante das Escrituras Sagradas.

A Bíblia Sagrada mostra que, desde a criação do homem,

a vontade de Deus era que todos os seres humanos fossem seus adoradores. Ao criar Adão e Eva, a união de ambos não tinha por fim o prazer, antes, o seu objetivo principal não estava na união de dois seres mutuamente simpatizantes um com o outro. O objetivo estaria na união de dois seres no mesmo culto doméstico, fazendo nascer deles um terceiro ser, que seria aquele que daria continuidade a esse culto. Foi exatamente o que o judaísmo e, posteriormente, o cristianismo fizeram: guardaram esse caráter da unidade de culto familiar ao único Deus.

Não é em vão que as Escrituras falem sobre o casamento dos servos do Senhor. Entendemos que o casamento é a mais importante e poderosa de todas as instituições humanas. É uma das bases da família, a pedra angular da sociedade. Logo, o matrimônio é a peça-chave de todo e qualquer sistema social, constituindo o pilar do esquema moral, social e cultural da sociedade.

O casamento é o vínculo entre o homem e a mulher que visa o auxílio material e, principalmente, o espiritual, de modo que haja integração fisiopsíquica e a constituição de uma família. Portanto, o matrimônio não é apenas a formalização ou legalização da união sexual, mas a conjunção da matéria e do espírito, de dois seres de sexo diferente para atingirem a plenitude do desenvolvimento de sua personalidade, pelo companheirismo e pelo o amor.

Nas sociedades primitivas e nas civilizações antigas, era comum a situação de inferioridade da mulher. Por essa razão, a

forma mais usual de separação do casal era o repúdio da mulher pelo homem, ou seja, o desfazimento da sociedade conjugal pela vontade unilateral do marido, que dava por terminado o enlace, com o abandono ou a expulsão da mulher do lar conjugal. O cristianismo foi quem operou uma mudança radical nessa questão, especialmente no tocante à dissolução do casamento, como disse Jesus: "Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério" (Mt 5.31,32).

Hoje, como nunca, é imprescindível investir tudo o que for possível no fortalecimento do casamento e da família. Um líder, sem um casamento sólido, nunca poderá exercer o cargo com segurança que a função lhe exige. É necessário compreender que ministério e família se completam mutuamente. Quando casamento e ministério são rivais, nenhum dos dois floresce como Deus planejou.

Temperante

O homem de Deus deve ter autocontrole, que é o modo de vida no qual, pelo poder do Espírito Santo, é capaz de ser equilibrado em tudo, porque não deixa seus desejos dominarem sua vida. Jamais podemos nos esquecer que o domínio próprio ou a temperança é uma característica do fruto do Espírito mencionado em Gálatas 5.22.

A palavra grega que significa autocontrole vem de uma raiz cujo sentido é "pegar" ou "segurar". Designa a força de uma pessoa que segura a si mesma, que se mantém sempre no pleno controle de si mesma. Paulo diz que "todo atleta em tudo se domina" quando está treinando. Quando alguém está se preparando para uma corrida ou uma competição, tudo é regulado: comida, sono, exercícios, etc.

Sem o autocontrole, o líder perde muito de sua eficiência, bem como o respeito dos seus liderados. Mas, se o tiver, todos hão de vê-lo como alguém que tem determinação e força para ocupar a posição. Pois, nenhum líder pode influenciar outros se não se controla a si próprio.

Vigilante

A prática da vigilância é a arte de estar atento, estar de sobreaviso, estar de sentinela, estar apercebido contra qualquer perigo que põe em risco a perfeita comunhão com Deus. Ordenada por Jesus Cristo, a vigilância é um exercício de natureza preventiva, que associa a humanidade com a prudência, muito bem expressa nesta advertência: "Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair" (1Co 10.12 — Bíblia de Jerusalém). A vigilância não pode ser confundida nem com o medo nem com a ansiedade. É apenas uma dose equilibrada de cuidado com a soberana e completa vontade de Deus.

Para proteger o gado, a lavoura e os centros urbanos, os judeus construíram as chamadas torres de vigia, que eram encontradas nos pastos (Mq 4.8), nas vinhas (Is 5.2) e nas ci-

dades (Sl 127.1). Em alguns casos, uma torre distanciava-se da outra, apenas trinta e dois metros, para melhor segurança da população. De forma quadrada ou cilíndrica, as torres eram construídas a dois metros à frente do muro ou em cima deles. Na época de Esdras e Neemias, havia uma torre em Jerusalém chamada de a "Torre dos Cem". Talvez, porque tivesse cem côvados de altura, ou porque fosse alcançada por uma escada de cem degraus, ou ainda porque reunisse uma guarnição de cem homens (Ne 3.1).

As torres serviam de proteção contra animais selvagens, ladrões e exércitos invasores. A vigilância era de dia e de noite, e os guardas ansiavam pelo romper da manhã (Sl 130.6). A necessidade de vigilância estava tão arraigada que, ao plantar uma vinha, era costume construir não só a cerca e o lagar, mas, também, a torre de vigia, assegurando, assim, a posse das frutas (Mt 21.33). Por meio dessas figuras, concluímos que:

a) É preciso vigiar a passagem obrigatória da Palavra, a boca: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios" (Sl 141.3).
b) É preciso vigiar a mente: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa forma, se alguma virtude há, e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8).
c) É preciso vigiar o olhar: "Não porei uma coisa vil diante dos meus olhos" (Sl 101.3).

d) É preciso vigiar o patrimônio religioso: "Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3.11).

e) É preciso vigiar o trato dispensado ao sexo oposto: "Trata as mulheres mais moças como irmãs, com toda a pureza" (1Tm 5.2 — Bíblia na linguagem de hoje).

f) É preciso vigiar o tempo: "Aproveitem bem o tempo, porque os dias em que vivemos são maus" (Ef 5.16 — Bíblia na linguagem de hoje).

g) É preciso vigiar as oportunidades: "Se você pode se tornar livre, então aproveite a oportunidade" (1Co 7.21 — Bíblia na linguagem de hoje).

h) É preciso vigiar o amor: "Tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor" (Ap 2.4).

i) É preciso vigiar a fé: "Examinem-se para ver se estão firmes na fé, façam a prova vocês mesmos" (2Co 13.5— Bíblia na linguagem de hoje).

j) É preciso vigiar as intenções, os meios, a qualidade do trabalho, a correção doutrinária e até o zelo: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2Tm 2.15).

k) É preciso vigiar as coisas tidas como de pouca importância: "Peguem as raposas, apanhem as raposinhas, antes que elas estraguem a nossa plantação de uvas, que está em flor" (Ct 2.15 — Bíblia na linguagem de hoje).

l) É preciso vigiar especialmente os calcanhares de Aquiles, aquelas áreas mais vulneráveis que estão no fundo do coração humano: "O que sai do homem, isso é o que contamina" (Mc 7.20).

Hospitaleiro

Hospitaleiro é a tradução das palavras gregas φιλοξενος (philoxenos), *phileo* (amor) e *xenon* (estranho ou hóspede). Isso é a afeição que um hospedeiro demonstra para com seus hóspedes. Desde o princípio do cristianismo que essa qualidade vem sendo reputada como um dos deveres mais importantes da nossa fé, não sendo questão de mera preferência.

A hospitalidade não deve somente ser fornecida, mas, também, procurada. Devemos procurar oportunidades para exercê-la, pois, alguns, receberam anjos (Hb 13.2), outros, grandes homens de Deus (Fp 2.22), e, em todo o Novo Testamento foi grandemente exercida pela igreja, bem como pela liderança, em um ambiente que os crentes viviam dispersos, perseguidos como peregrinos (ambulantes, estrangeiros) na terra. Era quase obrigatório que, em qualquer lugar ou cidade que chegassem, não fosse necessário ficarem em hotel ou pousada, pois a manifestação de amor era exercida (hospitalidade) entre os irmãos de fé, que ficavam ansiosos para tomar os irmãos sob seus cuidados, cuidando também de suas necessidades.

Ainda hoje, é necessário, como no passado, que o homem de Deus seja hospitaleiro e generoso. Todavia, não podemos

nos esquecer que, nos dias em que vivemos, precisamos tomar cuidado para que, ao invés de hospedarmos anjos, não nos deparemos com um hóspede indesejável, como um "lobo", colocando em risco a segurança do rebanho.

Apto para ensinar

Jesus tinha por hábito ensinar (Mc 10.1), e era de se esperar que seus discípulos também exercessem tal vocação. A raiz da palavra apto significa: "que tem aptidão inata ou adquirida; idôneo, hábil, habilitado, capaz". De acordo com o ensino do Novo Testamento, isso só pode indicar alguém que possui o dom ministerial de ensino planejado e persistente, muito mais extenso que o permitido pela pregação nos cultos regulares. O servo do Senhor saberá como ensinar o seu povo e como tornar eficaz seu ministério de ensino.

Muitos, hoje, acham que, repetindo algumas mensagens já ouvidas ou falando o que lhes vem à mente, os qualificam para este importante ministério. O rev. John R. W. Stott diz que o mestre não pode ser um "tagarela". Os filósofos atenienses, no Areópago, para descreverem um catador de sementes, usavam a palavra grega *spermologos*, no sentido literal, para se referirem a pássaros comedores de sementes. Metaforicamente, essapalavra passou a ser aplicada a mendigos e moleques de rua, pessoas que vivem de recolher sobras, apanhador de lixo. Daí, passou a indicar o tagarela ou o fofoqueiro, pessoa que recolhe fragmento de informação aqui e acolá. O tagarela repassa ideias como mercadorias de

segunda mão, colhendo fragmentos e detalhes onde os encontra. Seus sermões são uma verdadeira colcha de retalhos.

O ensinador tem de ser um despenseiro dos mistérios de Deus (1Co 4.1,2). Jesus, o maior Líder que o mundo conheceu, contou muitas parábolas quando ensinava grandes lições. Assim, Ele conseguiu reproduzir, nos seus seguidores, seu próprio caráter, a ponto de afirmar: "Aprendei de mim" (Mt 11.29).

O verdadeiro líder deve viver ensinando e ensinar vivendo!

Inimigo de contendas

O conhecimento é uma espada de dois gumes, pode tanto gerar a soberba como a humildade. O apóstolo Paulo, que viveu em um ambiente cercado de grandes mestres, sabia o que estava dizendo quando escreveu a Timóteo, dizendo: "Guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência" (1Tm 6.20).

Paulo usa a palavra grega αμαχοα *(amachos)*, que, melhor traduzida, seria "pacífico", ou seja, inimigo de disputa, lutas, contendas. É fácil enxergar indivíduos contenciosos. São pessoas que discutem sobre quase todo assunto, fazem de tudo para que as coisas sejam feitas a seu modo e ainda conseguem achar defeitos quando os outros só veem perfeição.

Muitos têm perdido o alvo, pois, em vez de lutar contra os principados, as potestades e o príncipe das trevas, têm feito do ministério verdadeiros campos de batalhas. Encontramos

irmão contra irmão, visando usurpar o que não lhe pertence, buscando proveito próprio em vez de bem-estar das pessoas. Tal pessoa é indigna de liderança espiritual. O obreiro do Senhor é aquele que aborrece a contenda, prefere, como Jesus, dar a outra face, andar uma ou três milhas a mais, perder a túnica e o vestido. Mas, o que depender dele, sempre haverá paz, pois recebeu o coração manso do Senhor e Salvador Jesus Cristo, sabendo que a sua recompensa vem de Deus.

Não avarento

O termo grego usado para designar avarento é αφιλαργυροϛ *(aphilarguros)*, palavra composta por três elementos: *a* (não), p*hil* (amor) e αργυρον (prata, dinheiro), ou seja, "não amante do dinheiro".

Jesus fez sérias advertências sobre o perigo de uma consideração errônea para com as riquezas. Estamos vivenciando uma época em que o evangelho de Jesus Cristo é deturpado por alguns que se intitulam "homens de Deus". São pessoas que estão no ministério, porém, o ministério não está nelas, já estão condenadas juntamente com o mundo.

Não somos contra a ajuda financeira, por alguém trabalhar no evangelho, mas não devemos esperar enriquecer nesse mister. Os líderes espirituais devem buscar, primeiro, a obra do reino de Deus, e, depois, confiarem que Deus acrescentará tudo o mais que for preciso.

Não neófito

A maturidade espiritual é indispensável para a boa liderança. Não há lugar para um novato, para um novo convertido, em posições de liderança responsável. A palavra grega é νεοφυτος *(neophutos)*, que significa: "recentemente plantado", uma imagem tomada da natureza. Qualquer planta precisa de tempo para criar raízes e chegar à maturidade, e este processo não pode ser acelerado. A planta precisa enraizar para baixo, antes de produzir frutos lá em cima. Em harmonia com esta figura de linguagem, Bengel disse que os noviços "usualmente são verdolengos. O novo convertido ainda não foi podado pela cruz". Ao escrever a Timóteo, referindo-se às qualificações do diácono, Paulo recomenda: "Primeiro, devem ser provados" (1Tm 3.10). Isso demonstrará seu valor (ou falta dele) para uma posição de responsabilidade na igreja.

O apóstolo Paulo apresenta uma razão válida e convincente para sua exigência: "Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo" (1Tm 3. 6). Um recém-convertido não tem, ainda, a maturidade e a estabilidade espirituais essenciais a um líder sábio. Não é bom dar posições, antes da hora adequada, nem mesmo aos que parecem ter grande talento, porque há o perigo de se perderem. A história da Igreja e das missões está repleta de trágicas ilustrações dessa possibilidade.

Em harmonia com esta regra, como bem observa William Hendriksen, Paulo não nomeava líderes em todos os lugares, em sua primeira viagem missionária, mas após ter revisitado as igrejas e ficar satisfeito com o progresso espiritual daque-

les a quem ele, em seguida, deveria nomear (At 14.23). Timóteo não foi ordenado ministro imediatamente após sua conversão. Embora sua conversão houvesse ocorrido durante a primeira viagem de Paulo, Timóteo não foi ordenado na segunda ou, talvez, terceira viagem missionária.

As exigências acima, para a liderança na Igreja de Cristo, são reconhecidas como essenciais até mesmo nos círculos mundanos. William Barclay menciona um pagão de nome Onosander que deu a seguinte descrição do comandante ideal: "Ele deve ser prudentemente autocontrolado, sóbrio, frugal, um vigoroso trabalhador, inteligente, destituído do amor ao dinheiro, não muito jovem nem muito velho, se possível pai de família, capaz de falar competentemente e ter boa reputação".

A semelhança com a lista de Paulo é extraordinária.

Se o mundo exige tais padrões de seus líderes, acaso é demais esperar que os líderes da Igreja de Deus tenham essas características,e outras mais?

Bom testemunho dos que estão de fora

Bom testemunho significa aquilo que serve como prova sobre algo; uma espécie de reputação geral; ou, então, o testemunho verbal sobre a veracidade de alguma coisa. Os líderes espirituais devem ter um bom testemunho dos de fora, isto é, daqueles que não fazem parte da igreja, ou daqueles que não são membros do Corpo de Cristo. Antes de separar um obreiro, talvez fosse uma boa ideia falar primeiro com

os vizinhos e as pessoas com quem o candidato trabalha. O relatório dessas pessoas seria um tipo de julgamento sobre a aceitabilidade de um candidato para a liderança espiritual.

A vida do obreiro deve conduzir-se de maneira a exercer os de fora pela sua maneira de viver e por sua conduta, tendo, entre eles, uma boa reputação. Pois, uma boa reputação é essencial para uma proclamação eficaz do evangelho e para a salvação dos de fora. É, também, essencial para a liderança eficaz junto aos irmãos, porque a maior pregação é o bom testemunho.

É com justa razão que as Escrituras estabelecem um alto padrão para líderes espirituais. Não há obra tão importante, tanto no tempo quanto na eternidade, como a obra do reino de Deus. O líder sábio insistirá em que os escolhidos, a servirem como obreiros, satisfaçam as qualificações dispostas pelo apóstolo Paulo.

Capítulo 6

ORDENANÇAS DA IGREJA

O Senhor Jesus estabeleceu o batismo e a ceia do Senhor como sendo os dois ritos ou cerimônias a serem observados pela sua Igreja. Pelo fato de a Igreja Católica Romana chamar essas duas cerimônias de "sacramentos" e ensinar que esses sacramentos, em si mesmos, realmente "concedem graça ao povo e produzem santidade", alguns protestantes (especialmente os batistas) recusaram-se a referir-se ao batismo e à ceia do Senhor como "sacramentos". Preferiram, em vez disso, a palavra "ordenança".

Existem alguns grupos cristãos, como os pertencentes às tradições anglicana e luterana que preferem a terminologia "sacramentos" para se referirem ao batismo e à ceia do Senhor, sem endossar, porém, a posição católica.

Para que não fiquem dúvidas quanto à terminologia, o Catecismo Resumido dos Padrões de Westminster define o que é sacramento como sendo "uma ordenança sagrada instituída por Cristo; na qual, por meio de sinais sensíveis, Cristo e os benefícios da nova aliança são representados, selados e

aplicados aos crentes".[3] Por mera questão de preferência adotaremos o vocábulo "ordenança".

De acordo com o Novo Testamento, duas ordenanças, e apenas duas, foram instituídas por Cristo. São elas, o batismo e a ceia do Senhor. No cenáculo, na última noite com os seus discípulos, Jesus instituiu a ceia quando disse: "E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim" (Lc 22.19). O batismo foi praticado desde o tempo de João Batista e, depois de sua ressurreição, Jesus Cristo o instituiu especificamente como uma ordenança, quando disse: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

Em contraste com esta posição bíblica, protestante, Roma acrescentou mais cinco "sacramentos", de modo que, agora, ela os apresenta assim: batismo, confirmação, eucaristia (ceia), penitência, extrema-unção, casamento e ordenação. Como não estão nas Escrituras Sagradas, o catolicismo romano não pode fundamentar sua existência como ordenança divina, declarando como tradição. É importante dizer que nenhum autor, por mais de mil anos depois de Cristo, ensinou que havia "sete sacramentos". Foi só no Concílio de Florença, em 1439, que os sete sacramentos foram formalmente decretados.

Mais tarde, o Concílio de Trento declarou: "Se alguém declarar que os sacramentos da nova lei não foram instituídos por Jesus Cristo, nosso Senhor, ou que eles são mais ou

menos do que sete, a saber, batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordenação e matrimônio; ou mesmo que qualquer um destes sete não seja verdadeiro e apropriadamente um sacramento, que seja anátema".

Com isso, a Igreja Católica Romana controla a vida do seu povo desde o berço (batismo infantil) até a sepultura (extrema-unção).

Não existe base nenhuma bíblica para o ensino da Igreja Católica Romana, de que esses sacramentos são usados por Deus para comunicar graça ou perdoar pecados. No Novo Testamento, não temos sacramentos, e muito menos veículo de graça. O que temos são ordenanças que, embora não salvem, testemunham da graciosa salvação mediante a fé em Cristo Jesus.

Batismo

Jesus estabeleceu o batismo nas águas como uma ordenança, de acordo com Mateus 28.29: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19) e Marcos 16.16: "Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado".

O batismo, porém, não salva, não lava pecados e não complementa a salvação, antes, é uma ordenança simbólica e uma prova externa, pela qual Cristo e os benefícios da nova aliança são representados e transmitidos ao crente, quando aceitos pela fé. Batismo não é uma iniciação. É um testemu-

nho público da nova vida em Cristo assumida pelo batizando, portanto, a forma e as condições são importantes.

Modo do batismo

Durante muitos séculos, não houve dúvidas sobre a fórmula do batismo em nome da Trindade no seio da Igreja. Mas, a partir do século passado, ressurgiu, com ímpeto, uma corrente do unitarianismo, pondo em dúvida quanto à fórmula batismal, afirmando que o batismo correto seria aquele que batizasse somente "em nome de Jesus". Vejamos o que as Escrituras têm a nos dizer sobre tal argumento.

No evangelho, segundo escreveu Mateus, Jesus deu o seguinte mandamento: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Esta maneira tríplice do batismo é uma maneira de ressaltar a Santíssima Trindade. Entretanto, no início de Atos 2.38, lemos: "Cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo". Algumas seitas interpretam essa aparente discrepância para sustentar sua negação da posição trinitária. Dizem que a declaração de Mateus 28.19 apoia os três nomes de Cristo, que são designados por Pai, Filho e Espírito Santo (unicistas que dizem isso). Assim, estabelecem que a fórmula correta do batismo seja a encontrada em Atos 2.38.

Citam, ainda, as seguintes passagens: Atos 8.16; 10.48; 19.5 como prova de que a Igreja primitiva batizava apenas em nome de Jesus. Analisemos as passagens citadas:

Atos 2.38	**"seja batizado em nome de Jesus Cristo"**
Atos 8.16	**"sido batizados em nome do Senhor Jesus"**
Atos 10.48	**" batizados em nome do Senhor".**
Atos 19.5	**"batizados em nome do Senhor Jesus"**

O que se observa da leitura atenta dos versículos citados? Que não se trata de uma fórmula batismal, porque as expressões não são uniformes, variando de "em nome de Jesus Cristo" (At 2.38), para "em nome do Senhor Jesus" (At 8.16) e "em nome do Senhor" (At 10.48). Muito razoável é afirmar que, então, a narrativa de Atos 2.38, indicada como sendo o batismo "em nome de Jesus Cristo", esteja se referindo ao modo como deve ser realizado, "pela autoridade de Jesus", como se lê em Atos 3.16; 16.18, onde a autoridade de Jesus é invocada. Não se trata de uma fórmula que acompanha tais acontecimentos, desde que em Atos 19.13 a invocação do nome de Jesus, por exorcistas, nada significasse, porque os que o fizeram não tinham realmente a autoridade de Jesus. Em outras palavras, o batismo foi ordenado e levado a efeito sob a divina autoridade do Filho, empregando-se a fórmula de Mateus 28.19.

Não bastasse o apoio irrestrito à Bíblia Sagrada, que torna irrefutável o nosso entendimento, acresce observar o costume da Igreja primitiva encontrado no livro *Os ensinos dos doze apóstolos*, que diz: "Agora, concernente ao batismo,

batizai desta maneira: depois de ensinar todas estas coisas, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Em outra parte do livro já citado, se diz que "o bispo ou presbítero deve batizar desta maneira, conforme o que nos ordenou o Senhor, dizendo: 'Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo'".

Ceia do senhor

Acabamos de analisar o batismo, ordenança observada uma só vez, por todo indivíduo, como sinal do início de sua vida cristã. Agora, examinaremos a ceia do Senhor, ordenança que deve ser observada repetidamente por toda a vida de um cristão, como sinal de comunhão contínua com Cristo.

Esta ordenança, estabelecida pelo Senhor na noite em que foi traído (M 26.26-30; Mc 14.22-26; Lc 22.17-20), pode ser chamada de comunhão (1Co 10.16) ou ceia do Senhor (1Co 11.20). É um rito exterior em que todos os que se arrependeram de seus pecados comem do pão e bebem do fruto da vide, como sinal da permanente comunhão pela morte e ressurreição de Cristo, por meio das quais sustenta e aperfeiçoa os crentes até a sua vinda, para buscar a sua Igreja.

A Igreja Católica Romana interpreta, de forma literal, as palavras de Jesus, que disse: "Isto é o meu corpo..." (Lc 22.19) e ensina aos seus fiéis que, mediante a consagração que o sacerdote faz, o pão e o vinho são transformados, literalmente, no corpo e no sangue de Cristo, e que essa consagração é

uma nova oferta do sacrifício de Cristo e que, ao participar desse ato, o comungante recebe graça salvadora e santificadora de Deus. Isto é conhecido como "transubstanciação". A Igreja católica não ministra o vinho aos leigos, mesmo considerando que Cristo esteja presente em ambos os elementos.

Essa doutrina não subsiste a um exame minucioso das Escrituras Sagradas, por vários motivos:

a) Fazem uma *eisegese* do texto de Mateus 26.26, que diz: "Isto é meu corpo". Ao pronunciar esta frase, Jesus estava com os seus discípulos em forma visível e palpável. Sendo assim, Jesus jamais ensinou que o pão fosse literalmente seu corpo. Thiessen diz que "se Cristo tivesse querido dizer que o pão e o vinho eram literalmente o seu corpo e sangue, deveria ter havido dois corpos de Cristo presentes naquela hora".[4]
b) Contradiz os sentidos, pois nenhum teste jamais demonstrou que os elementos sejam outra coisa além de pão e fruto da videira.
c) Nega a plenitude do sacrifício de Cristo, pois, como dissemos, afirmam categoricamente que, quando os elementos são consagrados, é uma "nova oferta do sacrifício de Cristo". Ao escrever aos hebreus, o escritor declarou: "Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez" (9.28).

Os luteranos e a Igreja anglicana têm uma doutrina similar, um pouco modificada, chamada de "consubstanciação".

Segundo essas denominações, os elementos permanecem materiais, mas o mero ato de participar deles, após a oração de consagração, significa que estão verdadeiramente participando do corpo e do sangue de Cristo. Esses conceitos não são apoiados pelas Escrituras em ponto algum.

A observância da ceia do Senhor é, simplesmente, um ato memorial, que não propicia nenhum favor imerecido ao participante. Os elementos, quando recebidos pela fé, conferem ao cristão os benefícios espirituais da morte de Cristo. Assim sendo, não passam de símbolos, mas, quando recebidos pela fé, geram uma verdadeira comunhão com o Senhor, como escreveu o apóstolo Paulo: "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?" (1Co 10.16).

Natureza da Ceia do Senhor

O apóstolo Paulo apresenta o glorioso propósito da instituição da ceia ao escrever sua carta aos coríntios. Assim, por meio dessa epístola, ficamos sabendo que a ceia não foi instituída para se comemorar o nascimento de Cristo, nem a sua ressurreição, nem o seu poder ou milagres, mas a sua morte, como está escrito: "Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11.26). Portanto, com relação à natureza da ceia do Senhor, podemos afirmar:

a) É um ato de obediência ao mandamento do Senhor:

"Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim" (1Co 11.23,24).

b) É um memorial à morte expiatória: "Fazei isto em memória de mim" (1Co 11.24).

c) É uma proclamação: "Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11.26).

d) É a certeza da volta de Cristo: "Anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11.26).

e) É um fato gerador de comunhão: "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?" (1Co 10.16).

Capítulo 7

DISCIPLINA NA IGREJA

A palavra "disciplina", em geral, é empregada em vários sentidos. Podemos usá-la para nos referirmos a uma área de ensino, ao exercício da ordem, ao exercício da piedade ou às medidas corretivas no seio da igreja.

Um de seus significados nos faz lembrar de atletas, competições, etc. No grego clássico, os atletas competiam sem roupas, de modo que não fossem estorvados. Os gregos usavam a palavra *gumnos*, que significa "exercitar despido". Da mesma forma que um atleta se descartava de tudo e competia γυμνοσ – livre de tudo que, eventualmente, pudesse sobrecarregá-lo – devemos, também, nos livrar de todo estorvo, toda associação, hábito e tendência que impeça a piedade.

Como medida corretiva, a disciplina da igreja é um meio pelo qual se fomenta a pureza da congregação e se estimula a santidade de vida (Hb 12. 11-13). Ainda que seja inicialmente doloroso receber disciplina, a consequência direta dela é gerar paz e retidão (v. 11). O versículo 13 ensina que o propósito de Deus, em disciplinar, não é incapacitar, permanentemente, o pecador, mas restaurá-lo à saúde espiritual.

Segundo as Escrituras, a disciplina na igreja está fundamentada não apenas no exercício do bom senso, mas, principalmente, nos imperativos do Senhor. O mandato bíblico referente à disciplina é encontrado especialmente no ensino de Jesus: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano" (Mt 18.15-17); e nos escritos de Paulo (1Co 5.1-13). Também, há clara referência bíblica de que a igreja que negligencia o exercício desse mandato compromete não apenas sua eficiência espiritual, mas, também, a sua própria existência.

A igreja sem disciplina é uma igreja sem pureza (Ef 5.25-27) e sem poder (Js 7.11,12). A igreja de Tiatira foi repreendida devido à sua flexibilidade moral: "Mas tenho contra ti o tolerares que Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensine e engane os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras. E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras. Mas eu vos digo a vós e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm

esta doutrina e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes, retende-o até que eu venha" (Ap 2.20-25).

Objetivos bíblicos para a disciplina

Aquele que ordena a disciplina na igreja é o mesmo que estabelece o padrão a ser seguido no exercício da mesma. Esse padrão consiste, primeiro, em amor paternal (Hb 12.4-13). É certo que o mundo vê a disciplina como expressão de ira e hostilidade, mas as Escrituras mostram que a disciplina de Deus é um exercício do seu amor por seus filhos. Amor e disciplina possuem conexão vital (Ap 3.19). Além do mais, disciplina envolve relacionamento familiar (Hb 12.7-9), e quando os cristãos recebem disciplina divina, o Pai celestial está apenas tratando-os como seus filhos. Deus não disciplina bastardos, ou seja, filhos ilegítimos (v. 8). O padrão de disciplina divina revela, também, maravilhosos benefícios. A disciplina que vem do Senhor "é para o nosso bem" (v. 10).

O mandamento bíblico referente à disciplina é encontrado especialmente no ensino de Jesus (Mt 18.15-17) e nos escritos de Paulo (1Co 5.1-13). Também, há clara referência bíblica de que a igreja que negligencia o exercício desse mandato compromete não apenas sua eficiência espiritual, mas sua própria existência

Biblicamente, a disciplina na igreja tem um triplo objetivo:

- Restabelecer o pecador (Mt 18.15; 1Co 5.5; Gl 6.1)
- Manter a pureza da Igreja (1Co 5.6-8)
- Dissuadir outros (1Tm 5.20)

É este triplo propósito que aponta para os passos a serem seguidos em uma aplicação correta da disciplina eclesiástica, tal como ensinou Jesus, dizendo: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano" (Mt 18.15-17). Em primeiro lugar, aconselha-se o pecador a se arrepender (abordagem individual). No caso de o ofensor não atender à confrontação individual, Jesus ordena que haja admoestação privada (v. 16). Nesse caso, um número maior de pessoas é envolvido. Não havendo conciliação, parte-se para a terceira fase. O último recurso da disciplina é a excomunhão, na qual o ofensor é considerado um gentio (alguém que não era permitido entrar nos átrios do templo), um publicano (pessoas consideradas traidoras e apóstatas).

É claro que cada um desses passos envolve dor, tempo, amor e transparência. Nenhum deles é agradável e eles só prosseguem diante da dureza de coração do ofensor, ou seja, a recusa ao arrependimento. Há, porém o conforto de saber

que a presença e o poder de Jesus são reais, mesmo no contexto desse processo. Assim, a disciplina eclesiástica "não é uma atividade a ser realizada facilmente, mas algo a ser conduzido na presença do Senhor".

Referências

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, R. N; BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HUGHES, R. Kent. *Disciplinas do homem cristão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

JACKSON, Paul. *A doutrina da igreja local*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1993.

MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da igreja*: uma igre-

ja segundo os propósitos de Deus. São Paulo: Shedd publicações, 2004.

OLIVEIRA, Raimundo de. *As grandes doutrinas da Bíblia*. 9ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SHEDD, Russel P. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, vol. 2, 2003.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em teologia sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2006.

TOGNINI, Enéas. *Eclesiologia*. 2ª ed. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1987.

VINE, W.E; UNGER, Merril F; WHITE JR, William. Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

DOUTRINA DOS ANJOS

INTRODUÇÃO

Nestes tempos confusos de relativismo religioso, é extremamente necessário que a Igreja se pronuncie sobre os anjos. O movimento Nova Era tem dado enorme destaque para esses seres, com base em experiências extrabíblicas e opiniões pessoais. Sem as Escrituras, falar de anjos não passa de especulação perigosa e buscar contato com esses seres não é uma orientação bíblica, portanto, não deve ser feito.

A Igreja tem a função precípua de ensinar. Como representantes de Deus, seguiremos o grito da reforma, que diz: *Sola Scriptura*. Dessa forma, nos limitaremos aos ensinos da Santa Bíblia. Portanto, podemos mostrar ao mundo o que Deus ensinou sobre os anjos. A falta de um ensino sólido sobre o assunto tem levado a aberrações nunca vistas, dentro e fora da Igreja.

Por muito tempo, negou-se a sua existência. De repente, o pêndulo se moveu para o extremo oposto e, agora, tem recebido muito destaque que, muitas vezes, na hinologia, na pregação e no culto, de um modo geral, tem roubado a cena e ocupado o lugar do Espírito Santo e do próprio Jesus.

Esse é um tema bastante bíblico. Os anjos estão presentes na Bíblia desde Gênesis até Apocalipse. São inúmeras as referências, a partir das quais é possível sistematizar um conhecimento abrangente sobre os anjos. Sua função é permanente e continua vigente em toda a história da Igreja e seu papel é de extrema importância para o cumprimento do plano divino.

Só o conhecimento da Palavra de Deus poderá fornecer um conhecimento equilibrado sobre os anjos, sua natureza e sua tarefa. Esses seres invisíveis têm ajudado a realizar a vontade do Senhor sobre a terra.

CAPÍTULO 1

TERMINOLOGIA

A palavra hebraica מלאכ – *mal'ak* (lê-se malaque) e o termo grego αγγελοϙ – *aggelos* (lê-se angelos) significam "mensageiro" e podem ser atribuídos tanto a homens como a espíritos.[31] Assim sendo, somente pelo contexto é que podemos afirmar se o mensageiro é um ser angelical ou um ser humano.

Quando a Bíblia usa os termos "santos anjos" ou "anjos", está fazendo referência a espíritos piedosos que permaneceram em seu estado original, criado por Deus (Mc 8.38; Lc 9.26; At 10.22; Ap 14.10). Do contrário, quando se menciona "espíritos malignos", "espíritos imundos" e expressões afins, referem-se aos anjos caídos, que são servos de Satanás (Mt 12.24; 25.41).

O termo anjo e seus equivalentes encontram-se em 35 dos 66 da Bíblia Sagrada. Essas criaturas angelicais são mencionadas em ambos os Testamentos e em todas as épocas da história humana e sagrada. Vejamos:

31 A Septuaginta, p. 37.

a) Conforme a *Concordância bíblica exaustiva*, no Antigo Testamento eles são mencionados textualmente 109 vezes e sempre em missões específicas.[32] Leia: Gênesis 16.7,9-11; 19.1,15; 24.7,40; 28.12; 31.10,11; 32.1; 48; Êxodo 3.2; 14.9; 23.20,23; 32.34; 33.2; Números 20.16; 22.22-27,31,32, 34,35; Juízes 2.1,4; 5.23; 6.11,12,20-22; 13.3,6,13,15-17,19,20; 1Samuel 29.9; 2Samuel 14.17; 19.27; 1Reis 13.18; 19.5,7; 2Reis 1.3,15; 19.35; 1Crônicas 21.12,15,16,18, 20,27,30; 2Crônicas 32.21; Salmo 34.7; 35.5,6; 91.11; 103.20; 148.2; Eclesiastes 5.6; Isaías 37.36; 63.9; Daniel 3.28; 6.22; Oseias 12.4; Zacarias 1.9,11-14,19; 2.3; 3.3,5,6; 4.1,4,5; 5.10; 6.4,5; 12.8; Malaquias 3.1.

b) No Novo Testamento, essas criaturas são mencionadas, servindo aos santos, 175 vezes (51 vezes nos sinópticos, 21 em Atos e 67 em Apocalipse).[33] É empregado, com respeito aos homens, apenas 6 vezes (Mt 11.10; Mc 1.2; Lc 7.24,27; 9.52; Tg 2.25; ao citarem Ml 3.1). Convém que o aluno examine minuciosamente cada texto e contexto onde a palavra está presente: Mateus 1.20,24; 2.13,19; 4.6,11; 11.10; 13.39,41,49; 16.27; 18.10; 22.30; 24.31,36; 25.31,41; 26.53; 28.2,5; Marcos 1.2,13; 8.38; 12.25; 13.27,32; Lucas 1.11,13,18,19,26,28,30,34,35,38; 2.9,10,13,15;

32 GILMER, Thomas L; JACOBS, Jon; VILELA, Milton. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 65.
33 COENEN, Lothar e BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 147.

4.10; 7.27; 9.26; 15.10; 16.22; 20.36; 22.43; 24.23; João 1.51; 5.4; 12.29; 20.12; Atos 5.19; 6.15; 7.35,53; 8.26; 10.3,7,22; 12.7,11,15,23; 23.8-9; 27.23; Romanos 8.38; 1Coríntios 4.9; 6.3; Gálatas 1.8; 3.19; 4.14; Colossenses 2.18; 2Tessalonicenses 1.7; 1Timóteo 3.16; 5.21; Hebreus 1.4-7,13; 2.2,7,9,16; 12.22; 13.2; 1Pedro 1.12; 3.22; 2Pedro 2.4,11; Judas 6; Apocalipse 1.1,20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14; 5.2,11; 7.1,2,11; 8.2-8,10,12,13; 9.1,11,13-15; 10.1,5,7-10; 11.1,15; 12.7; 14.6,8-10, 15,17-19; 15.1,6,8; 16.1,3-5,8,10,12,17; 18.1,21; 19.17; 20.1; 21.9,12,17; 22.6,8,16.

Capítulo 2

A ORIGEM DOS ANJOS

De onde vêm os anjos? Qual é a sua origem? Quando foram criados? Com que propósito? Essas perguntas têm sido feitas por diferentes pessoas em diferentes lugares e em diferentes épocas. O que a Bíblia mostra, na verdade, é que os anjos são seres espirituais, pertencentes a uma criação distinta da criação física. É muito importante entender que se trata de uma criação "distinta" e não superior, ou melhor.

O mesmo Deus que formou o Universo, os animais, os planetas e os seres humanos, também foi o responsável pela criação de todas as coisas, como está escrito: "Pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (Cl 1.16).

Além do mundo físico, existe uma esfera espiritual, habitada por Deus e os anjos. Essa esfera, provavelmente, é antecedente à esfera física, sem que isto, necessariamente, impli-

que em grau de importância. Foi nessa esfera que aconteceu a rebelião de Lúcifer, que, posteriormente, também afetou a esfera física.

Os anjos foram criados

Entre as muitas coisas criadas por Deus, destacam-se os anjos. É impossível saber ou determinar o tempo sobre este período da criação invisível e espiritual. Pode ser que Deus os tenha criado imediatamente após ter criado os céus e antes de ter criado a terra, pois, de acordo com Jó 38.4-7, é nos informado que: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? [...] quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?".

Que os anjos existem desde a eternidade é mostrado pelos versículos que falam de sua criação: "Tu só és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército" (Ne 9.6). "Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos [...] Que louvem o nome do SENHOR, pois mandou, e logo foram criados" (Sl148.2,5). "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16).

Embora as Escrituras não citem números definidos sobre a quantidade de anjos, dizem-nos que "milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros" (Dn 7.10).

A natureza dos anjos

O primeiro elemento de que dispomos para identificar a natureza dos anjos é a referência a eles como "filhos de Deus". Quatro classes de seres recebem essa designação nas Escrituras:

- Os anjos
- Adão
- Os crentes salvos
- Jesus

Os anjos são chamados de filhos de Deus no livro de Jó, onde, no primeiro capítulo, já recebem esta denominação e, posteriormente, também são assim identificados no mesmo livro. Adão recebeu essa designação na genealogia de Lucas 3.38, baseado no fato de que Adão fora criado pelo próprio Deus e se encontrava, então, em um estado de pureza.

Os salvos recebem este título por meio da adoção (Jo 1.12; Rm 8.15). Não se trata de uma igualdade de natureza com Deus, mas de uma manifestação de sua graça que nos adotou como filhos. Por fim, Jesus Cristo era filho de Deus em um sentido todo exclusivo. Sua filiação não implicava apenas em relacionamento, mas em uma igualdade de natureza. Isto ficou bastante claro aos oponentes de Jesus

Logo, o sentido no qual nós somos chamados filhos de

Deus é um sentido bem diferente. Da mesma forma, o sentido no qual Jesus é chamado Filho de Deus também é bem diferente. Essa distinção fica clara quando Jesus é chamado de "Unigênito", isto é, único da espécie (Jo 3.16). Na epístola aos Hebreus, também é muito fácil perceber que o sentido no qual Jesus era Filho de Deus era superior ao sentido no qual os anjos foram assim chamados: "Mas, a qual dos anjos disse jamais: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés?" (Hb 1.13).

Em que sentido, então, os anjos são chamados de filhos de Deus? Da mesma forma que Adão foi e os salvos são – por trazerem em si a imagem de Deus. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e, por esta similitude, o primeiro homem, antes da queda, foi chamado filho de Deus, da mesma forma como o homem, após a redenção.

Não sabemos exatamente a quais pontos esta imagem e semelhança se referem. Mas, sabemos que somos diferentes das demais criaturas. Da mesma forma, os anjos trazem em si uma semelhança com a divindade. A primeira característica dos anjos é que eles, assim como o homem, também foram criados à imagem e semelhança de Deus.

Uma coisa, porém, sobre a imagem de Deus é muito clara nos anjos e nos homens. Ambos foram criados com livre-arbítrio e plena capacidade de escolha. Não são autômatos, que necessitam de controle de outros, podem decidir por si mesmos. Prova disso é que houve rebelião entre os anjos. Alguns utilizaram mal sua liberdade, o que demonstra que possuíam

livre-arbítrio e prova que possuem em si esta característica, que é um dos sinais da imagem e semelhança de Deus.

Os anjos são seres espirituais

No Antigo Testamento, o salmista chama esses seres de espíritos: "Fazes a teus anjos ventos [espíritos] e a teus ministros, labaredas de fogo" (Sl 104.4). E, no Novo Testamento, são chamados pelo mesmo termo: "Espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14).

Dessa forma, as Escrituras testificam que os anjos são, de fato, seres espirituais. Suas atividades no céu e na terra, no passado, são registradas em ambos os Testamentos. O fato de terem sido criados essencialmente espíritos, não nega a possibilidade de materialização.

Os anjos só eram vistos quando assim era concedido por seu criador, o que demonstra estarem fora do alcance dos sentidos naturais. A Bíblia realmente fala em anjos sendo vistos, ouvidos e até se alimentando, como por ocasião da visita deles a Abraão, Jacó, Daniel, Elias, Maria, Zacarias e aos pastores de Belém.

Os anjos são seres inteligentes

Os seres angélicos, com certeza, desfrutam de uma sabedoria superior à humana. Até porque, seu meio dispõe de possibilidade que não dispomos no nosso. A sabedoria que os anjos desfrutam pode ser percebida por meio da declaração

que o profeta Ezequiel faz a Lúcifer: "Cheio de sabedoria [...] corrompeste a tua sabedoria" (Ez 28.12,17).

Não se pode afirmar que Lúcifer tenha perdido esta sabedoria. Uma sabedoria corrompida ainda é uma sabedoria, agora utilizada não para os propósitos divinos, mas para propósitos perversos.

A inteligência dos anjos excede a dos homens nesta vida, porém, é necessariamente finita. Não sabem de tudo. Não são iguais a Deus, em sabedoria. Não podem, diretamente, discernir os nossos pensamentos (1Rs 8.39) e os seus conhecimentos dos mistérios da graça são limitados (1Pe 1.12).

Jesus falou sobre a limitação do conhecimento dos anjos quando afirmou que eles não sabiam do dia da vinda do Filho do Homem: "Mas, a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai" (Mt 24.36).

Os anjos são seres poderosos

"Bendizei ao SENHOR, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra" (Sl 103.20). Não resta nenhuma dúvida de que esses seres são capazes de realizar prodígios inigualáveis. Em muitos textos das Escrituras, fica evidente sua capacidade sobrenatural e isto nos surpreende.

Uma demonstração explícita desse poder é encontrada no livro do profeta Isaías, que nos informa que, numa noite, um

anjo do Senhor feriu cento e oitenta e cinco mil soldados do exército da Assíria (Is 37.36). Temos, ainda, o caso do anjo que libertou Pedro da prisão. Bastou ele falar a Pedro e as correntes caíram de seus ombros. Conforme ele ia andando, as portas iam se abrindo em sua frente, de modo que Pedro pôde sair tranquilamente das masmorras de Herodes (At 12). No Apocalipse, encontramos anjos detendo os quatro ventos do céu (7.1), esvaziando as taças e controlando os trovões da ira de Deus sobre as nações inquietas e angustiadas.

Todas essas coisas confirmam que os anjos são seres poderosíssimos a serviço de Deus. Entretanto, o seu poder, embora seja grande, é restrito. Não podem fazer aquelas coisas que são exclusivas da divindade

Os anjos são seres gloriosos

Existem algumas palavras no original grego e hebraico traduzidas para "glória". Mesmo em português, essas palavras possuem sentidos distintos. Quando dizemos que os anjos são seres gloriosos, queremos afirmar que possuem um brilho e um resplendor especial, como aquele descrito em Daniel e nos evangelhos acerca dos anjos que guardavam o túmulo de Jesus, como depreende do texto: "E levantei os meus olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz; e o seu corpo era como berilo, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés brilhavam como

bronze polido; e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão" (Dn 10.5,6).

Os anjos não são apenas espirituais, são esplendorosos, brilhosos, gloriosos. Embora saibamos que, muitas vezes, esta glória foi encoberta para que eles pudessem realizar sua tarefa, quando se manifestam aos olhos humanos apresentam características sobrenaturais.

Nesse aspecto, também é importante alertar que nem sempre o brilho autentica o anjo. Paulo diz que Satanás é capaz de se transfigurar em um anjo de luz: "O próprio Satanás se transfigura em anjo de luz" (2Co 11.14).

Assim sendo, o que distingue um anjo obediente de um demônio não é unicamente a aparência.

Os anjos não procriam

"Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22.30). Um aspecto particular que distinguem os anjos dos seres humanos é a questão da reprodução. A criação humana é composta de duas partes distintas — macho e fêmea, homem e mulher, sendo-lhes concedido a capacidade multiplicadora. São seres que geram outros seres com suas mesmas características. Ao contrário dos seres humanos, os anjos não têm sexo, ainda que citados no sentido masculino.

Os anjos, pelo contrário, foram criados em um número fixo que não se multiplicam de qualquer forma. Embora se-

jam citados em grande número, não há suporte bíblico para dimensionar sua quantidade. João escreveu sobre eles, dizendo: "Olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares" (Ap 5.11).

Mesmo sendo muitos, seria muito arriscado afirmar sua quantidade, visto que jamais as Escrituras salientam tal ensino. Portanto, concluímos que permanecem imutáveis desde quando foram criados.

Anjos são seres limitados

Embora o conhecimento dos anjos seja superior ao dos seres humanos até pela sua própria condição de existência, não significa que tenham conhecimento ilimitado. Há muitas coisas que eles conhecem e nós desconhecemos. Mas, mesmo assim, há inúmeras coisas que eles ignoram completamente, como, por exemplo, o dia do retorno de Cristo: "Mas, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai" (Mt 24.36).

Não devemos presumir que os anjos conhecem todos os mistérios e todos os propósitos divinos. Como o anjo disse a João, eles são conservos.

Capítulo 3

A ATIVIDADE DOS ANJOS

Quais são as atividades dos anjos? Quais são as suas tarefas? Para que eles foram criados? Todas essas perguntas se revestem de uma importância enorme, devido à popularidade que os anjos adquiriram em nossos dias. Existem seminários sobre anjos, milhares de livros que tratam sobre eles, desde seus nomes até como obter um contato pessoal com os mesmos. Portanto, para que não venhamos a atribuir a eles tarefas para as quais não foram destinados, fundamentaremos nosso estudo somente nas Escrituras, e jamais em experiências humanas.

A atividade angelical foi e continua sendo bastante intensa, desde a eternidade. Aquelas experiências narradas na Bíblia são apenas uma ínfima parte que Deus desejou revelar aos homens. Quando a Bíblia registra algo que os anjos fizeram, podemos ter a certeza de que havia uma importância ímpar nos propósitos divinos para isso. A conclusão a que se chega é a de que esses milhares de seres estão trabalhando avidamente para que se

concretizem no Universo os propósitos eternos de Deus.

Muitas são as suas tarefas, as quais passaremos a analisar.

Adoração

O ministério dos anjos bons é variado, porém, foram criados com a finalidade principal de adorar a Deus. O reconhecimento da magnitude de Deus, antes de ser feito por qualquer ser humano, foi realizado pelos seres angelicais, como podemos observar no relato de Jó: "Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?" (38.6,7).

Numa época em que a única criação era a invisível, antes da queda, embora não possamos conceber exatamente como era, podemos ter a certeza de que a adoração já fazia parte da atividade dos anjos. A glória de Deus era proclamada por esses seres espirituais.

Ao ser chamado aos céus e contemplar os diversos tipos de seres angélicos, João testemunhou no céu adoração constante por parte deles: "E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando. E os quatro animais tinham cada um, de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam

cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir" (Ap 4.7,8).

Esta foi a primeira atividade desses seres celestiais e que, com certeza, não há de cessar por toda a eternidade. Apresentam uma adoração mais perfeita que a nossa. Como diz o Salmo 148.2: "Louvai-o anjos poderosos; louvai-o todos os seus exércitos celestiais".

Proteção

Esta é outra das responsabilidades dos anjos. Logo no início do livro de Gênesis, presenciamos esta atividade. Após pecar, Adão e Eva foram expulsos do Éden. A finalidade era impedir o homem, agora corrompido pela sua desobediência, que tivesse acesso à árvore da vida. A Escritura nos diz que: "E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24).

O papel dos anjos não é apenas a proteção de um elemento divino, mas, também, a proteção dos santos de Deus de uma maneira geral. O grau e o início dessa proteção não são especificados, mas todo aquele que teme a Deus tem a garantia do cuidado exercido pelos anjos, como escreveu o salmista: "O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra" (Sl 34.7).

Devemos sempre ter em mente que, tanto nós como os

anjos, trabalhamos para que a vontade de Deus seja feita na terra e não a nossa. Os livramentos sempre serão dados conforme um propósito de Deus e não conforme os nossos desejos pessoais. É o caso, por exemplo, de Atos 12. Naquela ocasião, um apóstolo foi morto e outro, milagrosamente, liberto da cadeia e da morte. Porque Deus permitiu que um perecesse e outro fosse maravilhosamente preservado não sabemos. Mas, sabemos que Deus tem promessa de proteção e livramento, e assim fará, se Ele quiser.

Servem a favor dos salvos

Não só a proteção de algum perigo, mas os anjos servem os salvos em um aspecto geral. Por diversas maneiras, auxiliam ao povo de Deus na realização de propósito além até mesmo da proteção. Um caso típico foi o de Abraão. Quando ele enviou seu servo, Eliézer, para procurar uma esposa para o seu filho Isaque, tinha convicção da ajuda angelical nesta tarefa, como pode se observar no texto: "O SENHOR, Deus dos céus, que me tomou da casa de meu pai e da terra da minha parentela, e que me falou, e que me jurou, dizendo: À tua descendência darei esta terra; ele enviará o seu Anjo adiante da tua face, para que tomes mulher de lá para meu filho" (Gn 24.7).

A missão de Eliézer foi bem-sucedida. Ele retornou com uma esposa para Isaque. Embora as Escrituras não tenham registrado a ação de nenhum anjo, é presumível que o sucesso também foi resultante das ações de um deles, mesmo

que não tenhamos recebido nenhuma informação a respeito. Não significa que tenhamos que especular o que um anjo fez ou deixou de fazer. Não é função nossa. As ações dos anjos permanecem ocultas em sua maioria porque assim Deus determinou.

Outro caso que temos sobre a ação dos anjos diz respeito ao sustento de Elias após ter sido ameaçado pela rainha Jezabel: "E deitou-se, e dormiu debaixo do zimbro; e eis que então um anjo o tocou, e lhe disse: Levanta-te, come. E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas, e uma botija de água; e comeu, e bebeu, e tornou a deitar-se. E o anjo do Senhor tornou segunda vez, e o tocou, e disse: Levanta-te e come, porque te será muito longo o caminho" (1Rs 19.5-7).

Mensageiros

Como já falamos no início do estudo, o termo anjo, tanto no hebraico quanto no grego, significa "mensageiro". Esta é uma designação geral para esses seres espirituais, embora levar mensagens não seja, de forma alguma, sua única tarefa. Pelo contrário, realizam muitas outras tarefas, além de possuírem inúmeras atribuições. Talvez, a popularização do termo tenha se dado porque sempre que eles se manifestavam traziam alguma mensagem e o termo mensageiro pareceu a melhor designação para eles.

Os anjos foram os primeiros mensageiros das palavras de Deus. Antes de haver um registro escrito das manifestações

divinas, foram empregados por Deus para revelar sua vontade aos homens, trazendo mensagens de cunho bastante variado, como se pode verificar nas suas diversas manifestações:

Mensagens que revelavam o propósito de Deus para uma vida

Por alguma razão desconhecida, alguns indivíduos que executaram uma missão especial dentro dos planos de Deus tiveram seus nascimentos confirmados por um ser angélico. Dois exemplos bíblicos são bastante fortes: Sansão e João Batista.

Aliás, há muitas semelhanças entre eles, pois, os pais de ambos eram velhos e estavam debaixo do voto de nazireado. Todavia, a razão dessa prenunciação, somente com respeito a eles e não a outros, permanece oculta. A verdade é que foram separados para Deus desde o ventre de suas mães.

Sobre o nascimento deles, as Escrituras dizem: "E o anjo do Senhor apareceu a esta mulher, e disse-lhe: Eis que agora és estéril, e nunca tens concebido; porém conceberás, e terás um filho. Agora, pois, guarda-te de beber vinho, ou bebida forte, ou comer coisa imunda. Porque eis que tu conceberás e terás um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu de Deus desde o ventre; e ele começará a livrar a Israel da mão dos filisteus" (Jz 13.3-5). "E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas, o anjo lhe disse: Zacarias, não temas,

porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto" (Lc 1.11-17).

Mensagens proféticas revelando o significado de visões e profecias

O livro de Daniel é repleto de visões e sonhos. Lá, os anjos surgem para fazer o profeta entender o significado dessas imagens. O capítulo 11 de Daniel vai ainda mais além. O anjo faz uma descrição minuciosa de muitos eventos futuros envolvendo o povo de Israel e os povos conquistadores ao redor. Daniel, embora seja um livro de profecias e o próprio Daniel seja denominado de profeta pelo próprio Jesus, foge do modelo tradicional. Sua marca principal são os sonhos e as visões e a presença de seres espirituais que vão explicando os eventos futuros a partir das visões e sonhos ou mesmo diretamente.

Mensagens relacionadas ao juízo divino

Por ocasião do juízo da cidade de Sodoma e Gomorra,

Deus utilizou-se de anjos para pronunciar o julgamento futuro: "Então, disseram aqueles homens a Ló: Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os fora deste lugar; porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor tem aumentado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo" (Gn 19.12,13). O juízo sobre Nabucodonosor também foi comunicado por um anjo em sonho (Dn 4).

Mensagens especiais ligadas ao nascimento do Messias

Aquela era uma ocasião muito especial, quando o Filho de Deus encarnaria e tomaria a forma humana. Há uma intensa atividade angelical, preparando as pessoas envolvidas ou protegendo-as, como vemos nos anjos que aparecem em sonhos para José e vão orientado suas decisões para proteger o Messias.

Este era um momento decisivo na história da humanidade. Tanto é que o anjo designado para anunciar o nascimento do Salvador a Maria foi Gabriel, um dos dois únicos seres angélicos descritos pelo nome. A ele, coube a missão de transmitir essa importante mensagem: "E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. Este será

grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim" (Lc 1.28-33).

Mensagens relacionadas à divulgação do evangelho

Os anjos não têm a missão de pregar o evangelho. Essa ordem Jesus entregou aos seus discípulos. Por isso, Pedro nos diz que os anjos desejam atentar para aquilo que falamos (1Pe 1.12). Mas, no livro de Atos, vemos os anjos colaborando com a expansão do evangelho de uma outra forma.

Foi um anjo que disse a Filipe que fosse para o caminho de Gaza, para pregar o evangelho ao eunuco da rainha Etíope: "E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para o lado do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto" (At 8.26). Também, foi um anjo que apareceu a Cornélio e ordenou que ele procurasse Pedro: "Este, quase à hora nona do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e dizia: Cornélio. O qual, fixando os olhos nele, e muito atemorizado, disse: Que é, Senhor? E disse-lhe: As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus; agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer" (At 10.3-6).

Como podemos ver, nenhum deles tomou sobre si esta tarefa, que pertence somente aos salvos. Eles apenas provi-

denciaram para que a mensagem fosse divulgada e atingisse pessoas específicas. De alguma forma, eles ajudam na tarefa de evangelização!

Mensagens de consolo e exortação ao povo de Deus

Os anjos também são instrumentos de consolo e ânimo. As mensagens que trazem têm a finalidade de fortalecer os servos de Deus. Quando um anjo tocou em Daniel, ele se sentiu fortalecido (Dn 10.10, 17,18). O mesmo se deu com o profeta Elias, até mesmo Jesus foi servido por esses seres: "E quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia" (Lc 22.41-43).

Em um momento de grande aflição, Deus enviou um anjo para confortar o apóstolo Paulo, dizendo: "Mas, agora, vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo" (At 27.22-24).

Capítulo 4

CLASSIFICAÇÃO DOS ANJOS

Como já dissemos, anjo é uma especificação geral que significa mensageiro. Mas, nem todos os anjos têm uma função de levar mensagens ou se limitam apenas a isso. As Escrituras dão um testemunho mais abundante sobre eles, citando seus postos e até funções.

É bem provável que exista uma hierarquia entre eles, porém nem sempre clara, mas que mostra a necessidade de uma ordem organizada nas regiões celestiais.

No que tange aos seus ofícios, as Escrituras os apresentam assim: anjos, arcanjo, querubim, serafim, hoste, principado, potestade, príncipe, entre outros. Vejamos:

O anjo Gabriel

Gabriel é o único anjo que a Bíblia diz seu nome. Derivado do vocábulo hebraico גבריאל – *Gabriy'el* ("Gabriel") e do grego γαβριηλ – *Gabriel*, que significa "guerreiro de Deus" ou "homem de Deus".

Gabriel é chamado de homem guerreiro, enfatizando sua

força ou habilidade para lutar. Embora pertença a uma classe mais elevada, as Escrituras ressaltam sua posição de eminência na presença de Deus, porém, ele jamais é designado como arcanjo. Todavia, tem sido, frequentemente, chamado assim.

Aparece quatro vezes nas Escrituras e sempre em missões específicas (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19; 1.26). No Antigo Testamento, Gabriel aparece apenas no livro do profeta Daniel, como mensageiro celestial com a missão de "dá a entender a visão" e fazer "saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim" (Dn 8.19). Nesse mesmo livro, há uma nova aparição, para tornar compreensível o segredo das "setenta semanas" escatológicas, onde Jerusalém seria reedificada em tempos angustiosos; o Messias seria notório; a cidade santa, depois de sua reedificação, seria destruída e o santuário profanado (Dn 9.24-27).

Encontramos esse anjo, também, no Novo Testamento, anunciando o nascimento de Jesus Cristo no evangelho de Lucas. Ali, ele é o mensageiro angelical que anuncia grandes eventos: o nascimento de João (Lc 1.11-20) e o nascimento de Jesus (Lc 1.26-38). Também, é apresentado como aquele que "assiste diante de Deus" (Lc 1.19), o que evidencia sua relação pessoal com seu Criador.

Desses casos, conclui-se que Gabriel é o portador das grandes mensagens divinas aos homens. Podemos concluir, dizendo que, na Bíblia, Gabriel é o "anjo mensageiro" e Miguel, o "anjo guerreiro".

Arcanjo

Esta palavra é aplicada somente a um ser na Bíblia Sagrada: Miguel. O nome Miguel significa, provavelmente, "quem é como Deus".[34] O vocábulo hebraico מיכאל – *Miyka'el* (Miguel)" e o vocábulo grego Μιχαηλ – *Michael* podem se achar no Novo Testamento e no Antigo Testamento, apenas em Daniel.

É mencionado como aquele que se levanta, provavelmente, em defesa do povo de Israel. "Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia" (Dn 10.13). Neste mesmo sentido, o verso 21 fala de "Miguel, vosso príncipe".

O prefixo *arc,* na palavra "arcanjo", sugere uma posição superior, pois, a mesma significa "chefe", "principal ou poderoso". Miguel é reconhecido como sendo um dos primeiros príncipes dos céus (Dn 10.13).

Embora algumas literaturas tenham Gabriel como outro arcanjo, como ocorre nos livros apócrifos e pseudoepígrafos. Como exemplo, temos o livro de Enoque, que registra o nome de sete arcanjos, a saber: Uriel, Rafael, Raquel, Saracael, Miguel, Gabriel e Remiel. Segundo é informado ali, a cada um deles Deus entregou uma província sobre a qual reina. Se for verdade que existem personalidades angelicais que supervisionam certas nações, como o "príncipe da Pérsia" e o

34 COENEN, Lothar e BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. Vol. I. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000, p. 148.

"príncipe da Grécia", então, Miguel poderia ser classificado como o "príncipe de Israel" (Dn 10.21).

O dicionário Strong nos informa que "os judeus, depois do exílio, distinguiam várias ordens de anjos; alguns criam na existência de quatro ordens de anjos de maior hierarquia (de acordo com os quatros cantos do trono de Deus); mas, a maioria reconhecia sete ordens (com base no modelo dos sete *amshaspands*, os espíritos superiores da religião de Zoroastro)".[35]

Esse fato deve ter ocorrido devido à grande circulação que havia de livros que se intitulavam "inspirados", como o livro que acabamos de citar.

Querubins

O título "querubim" fala de sua posição elevada e santa, e sua responsabilidade está intimamente relacionada com o trono de Deus como defensores de seu caráter e presença santa. A palavra "querubim" aparece 81 vezes na Bíblia, apesar de pouco se dizer a respeito deles.

Os querubins aparecem, principalmente:

1) Na cultura israelita antiga.

2) Nas poesias hebraicas.

3) Nas visões apocalípticas.

4) Nas descrições dos móveis e ornamentos da arca, do tabernáculo e do templo.

No hebraico כרוב (*keruwb*); no grego ξερουβιν (*cherou-*

35 Bíblia on-line: módulo avancado 3.0. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. CD-ROM.

bim), o vocábulo querubim (singular) ou querubins (plural) é uma palavra de etimologia incerta, entretanto, são seres reais e poderosos.

Aparecem, pela primeira vez, na entrada do jardim do Éden, incumbidos de guardar o caminho para a árvore da vida depois que o homem foi expulso (Gn 3.24). Por ordem divina, foram colocados sobre a tampa da arca da aliança, no Santo dos santos do tabernáculo, embora, em figuras de ouro, fossem postos em cada extremidade do propiciatório (Êx 25.17-22; Hb 9.5), onde, simbolicamente, protegiam os objetos guardados na arca e proviam, com suas asas estendidas, um pedestal visível para o trono invisível de *Yahweh* (Sl 80.1; 99.1).

Também, foram bordados querubins nas cortinas e véus do tabernáculo, bem como estampados nas paredes do templo (Êx 26.31; 2Cr 3.7).

Profeta do cativeiro babilônico, Ezequiel se refere a esses seres como sendo "cheio de olhos". Os quatro seres viventes, mencionados pelo profeta, são querubins (Ez 1.5,13-15; 3.13; 10.14,15).

Os querubins jamais são chamados de anjos, embora isso, talvez, se deva ao fato de que não são "mensageiros". Pelo contexto, no original hebraico כרוב סכך (*keruwb cakak* – querubim da guarda),[36] supõe-se que significa "guardar", "cobrir", "cercar", "proteger" e "parar a aproximação". O principal propósito deles é proclamar e proteger a glória, a soberania e a santidade de Deus. Severino Pedro nos informa que "existe

36 Ezequiel 28.14.

uma característica dupla nesses seres viventes denominados querubins: eles são chamados de querubins e, como tais, desempenham dupla função, isto é, são guardas celestiais (Gn 3.24), e, ao mesmo tempo, desempenham a função de serafins (os componentes do coro angelical), que clamam dia e noite: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.1-6; Ap 4.8)".[37]

Satanás também pertencia a essa classe de seres espirituais, conforme implícito no seguinte texto: "Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci..." (Ez 28.14,16).

Serafins

A única citação dessas criaturas chamadas de serafins encontra-se no livro do profeta Isaías: "Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, e com duas cobriam os pés, e com duas voavam" (6.2).

O termo usado, no idioma original hebraico, é שרף – *saraph* (serafim). Com relação às asas, assim referiu-se Eurico Bergstén: "Os serafins tem três pares de asas. Com duas cobrem o rosto, em reverência diante de Deus, e com duas cobrem os pés, para que suas próprias obras não apareçam, e com duas voam".[38]

Quanto à origem exata e a significação desse termo, não existe concordância entre os eruditos. Provavelmente, deriva-se da raiz hebraica *saraph*, cujo significado é "queimar", o que daria a ideia de que os serafins são seres resplandecentes,

37 SILVA, Severino Pedro da. *Os anjos*: sua natureza e ofício. Rio de Janeiro: CPAD, 198-, p. 64.
38 BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 323.

uma vez que essa raiz hebraica do termo (*prs*) também pode significar "consumir com fogo", "rebrilhar" e "refletir".

O Anjo do Senhor

Se existe uma aparente confusão no meio teológico é quanto a este personagem chamado de "Anjo do Senhor", no hebraico מלאך יהוה - *mal'ak Yahweh*.

A maneira pela qual esse anjo se manifesta o distingue de qualquer outro ser criado. Ele aparece inúmeras vezes no Antigo Testamento. Vale lembrar que a palavra hebraica *malak*, traduzida para "anjo", significa simplesmente "mensageiro". Assim sendo, se trocarmos a palavra anjo nos textos em que o "Anjo do Senhor" é retratado por mensageiro, entenderemos que ele não é um anjo qualquer.

Se ele fosse apenas um mensageiro de Deus, seria, então, distinto do próprio Criador. Entretanto, encontramos várias passagens nas Escrituras onde o Anjo do Senhor é chamado de "Deus" ou "Senhor". Vejamos:

Abraão recebe ordens Deus para sacrificar seu filho, Isaque, no lugar em que o próprio Deus mostraria. Em obediência, Abraão foi "ao lugar que Deus lhe dissera, e edificou Abraão ali um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão e tomou o cutelo para imolar o seu filho. Mas o Anjo do SENHOR lhe bradou desde os céus e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. Então, disse: Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada;

porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único" (Gn 22.1-19).

Jacó lutou com um anjo e prevaleceu. Ao final, "Jacó lhe perguntou e disse: Dá-me, peço-te, a saber, o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali. E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva" (Gn 32.30).

Moisés, ao se encontrar inesperadamente com este mensageiro de Deus no monte Sinai, descobre o seguinte: "E apareceu-lhe o Anjo do SENHOR em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá e verei esta grande visão, porque a sarça se não queima. E, vendo o SENHOR que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça e disse: Moisés! Moisés! E ele disse: Eis-me aqui" (Êx 3.2-4).

É chamado de Senhor Jeová: "E o Anjo do SENHOR estendeu a ponta do cajado que estava na sua mão e tocou a carne e os bolos asmos; então, subiu fogo da penha e consumiu a carne e os bolos asmos; e o Anjo do SENHOR desapareceu de seus olhos. Então, viu Gideão que era o Anjo do SENHOR; e disse Gideão: Ah! Senhor JEOVÁ, que eu vi o Anjo do SENHOR face a face. Mas o SENHOR lhe disse: Paz seja contigo; não temas, não morrerás. Então, Gideão edificou ali um altar ao SENHOR e lhe chamou SENHOR é Paz; e ainda, até o dia de hoje, está em Ofra dos abiezritas" (Jz 6.21-24).

É chamado de maravilhoso; "mas o Anjo do SENHOR disse a Manoá: Ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e, se fizeres holocausto, o oferecerás ao SENHOR. Porque não sabia Manoá que fosse o Anjo do SENHOR. E disse Manoá ao Anjo do SENHOR: Qual é o teu nome? Para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos. E o Anjo do SENHOR lhe disse: Por que perguntas assim pelo meu nome, visto que é maravilhoso? Então, Manoá tomou um cabrito e uma oferta de manjares e os ofereceu sobre uma penha ao SENHOR; e agiu o Anjo maravilhosamente, vendo-o Manoá e sua mulher. E sucedeu que, subindo a chama do altar para o céu, o Anjo do SENHOR subiu na chama do altar; o que vendo Manoá e sua mulher caíram em terra sobre seu rosto. E nunca mais apareceu o Anjo do SENHOR a Manoá, nem à sua mulher; então, conheceu Manoá que era o Anjo do SENHOR. E disse Manoá à sua mulher: Certamente morreremos, porquanto temos visto Deus" (Jz 13.16-22).

Nesse texto, o Anjo declara ser seu nome secreto, pois a palavra "maravilhoso", no hebraico פלא - ילפ ou aylp – *paliy*, significa "incompreensível, extraordinário, ser difícil de compreender". Todavia, Deus revela ao profeta Isaías como sendo o Filho de Deus: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6).

A revelação progressiva de Deus vai-se tornando inteligível na medida de sua vinda à terra. Pelo profeta Malaquias,

Deus anuncia: "Eis que eu envio o meu mensageiro [João Batista], que preparará o caminho diante de mim; e, de repente, virá ao seu templo o Senhor [Jesus Cristo], a quem vós buscais, o anjo da aliança, a quem vós desejais; eis que vem, diz o SENHOR dos Exércitos [Deus Pai]" (3.1).

Analisando essa passagem das Escrituras, uma das principais autoridades nos Estados Unidos sobre história dos judeus, línguas e costumes do Antigo Testamento, Charles L. Feinberg afirma que "o mensageiro é, sem sombra de dúvidas, João Batista" (Mt 3.3; 11.10; Mc 1.2,3; Lc 1.76; 3.4; 7.26,27; Jo 1.23).[39]

Esse mesmo autor, que cresceu em um lar judeu ortodoxo e estudou hebraico e assuntos afins durante quatorze anos como matérias preparatórias para o rabinato, admitiu que esse anjo da aliança é "a autorrevelação de Deus. Ele é o Senhor em pessoa, o anjo do Senhor da história do Antigo Testamento, o Cristo pré-encarnado das muitas teofanias (aparições de Deus em forma humana) nos livros do Antigo Testamento".[40]

Por fim, outro judeu, de não pequena envergadura, conclui: "Não se pode evitar a conclusão de que esse Anjo misterioso não é outro senão o Filho de Deus, o Messias, o libertador de Israel, aquele que seria o Salvador do mundo".[41]

39 FEINBERG, Charles L. *Os profetas menores*. São Paulo: Editora Vida, 1996, p. 340.

40 Ibid., p. 341.

41 MYER, Pearlman. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 59.

Capítulo 5

ANJOS CAÍDOS

Há, ainda, outra classe de anjos que precisam ser analisada, pois são constantemente citados nas Escrituras – os anjos caídos. A Bíblia fala de Satanás e seus anjos (Mt 25.41) e utiliza muitos outros termos para se referir a esta categoria de seres espirituais que se opõe a Deus e aos seus propósitos. Essa classe de seres possui um líder que teria formado um reino juntamente com esses anjos rebelados, tendo por objetivo levantar-se contra Deus.

É fundamental ter entendimento acerca desses seres, pois uma das suas tarefas é enganar, iludir, fazendo-se passar por anjos de Deus. O conhecimento bíblico, e somente o bíblico, é fundamental para conhecermos os ardis desses seres enganadores liderados por Satanás.

Capítulo 6

A ORIGEM DE SATANÁS

Além de Deus, há um outro ser que surge nas Escrituras e é descrito como sendo o originador do mal no mundo. É descrito por diversos nomes diferentes, como diabo, Satanás, tentador, maligno, inimigo, etc. Aparece como um opositor dos propósitos divinos, como atormentador do homem e causador de inúmeros males para a humanidade.

Lúcifer foi criado como todos os seres espirituais, ou seja, perfeito. Seu nome significa "estrela da manhã": "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!" (Is 14.12). A Bíblia diz que Lúcifer era um querubim, um guarda ungido, embora fosse rodeado de toda a glória, nasceu em seu coração uma insatisfação e estranhos pensamentos, transformando sua vontade em ação. Lúcifer se rebelou contra o próprio Deus e foi lançado para o mais profundo abismo (Is 14.15).

Juntamente com ele, muitos anjos foram contaminados pelas suas mentiras e, consequentemente, expulsos dos céus. O objetivo de Satanás, para afirmar o seu reinado maligno, é

sua luta contra Deus e contra os servos do Senhor.

Como observou a organização celestial, ele imitou a ordem hierárquica dos céus e a aplicou junto a seus súditos, que o acompanhou, pois essa é sua especialidade: imitar as coisas de Deus.

O estado original de Satanás

Antes de se rebelar contra Deus, Satanás possuía uma situação privilegiada na criação espiritual invisível. Deus não o criou como um ser mau, perverso. Sua intenção não foi criar o mal. O Senhor criou esse ser com livre-arbítrio, porém ele utilizou seu livre-arbítrio para se rebelar com Deus. E não só isso. Usou também o livre-arbítrio para incitar um grande número de anjos.

A origem de sua mudança de atitude foi a soberba. Ele almejou o lugar de Deus, recusou o seu domínio. O primeiro pecado no Universo foi a soberba, que gerou a rebelião. O distúrbio no Universo não começou no mundo físico, mas no mundo espiritual. Quando se manifestou na terra, já havia acontecido anteriormente nas esferas celestes.

O Novo Testamento sanciona o fato da queda desse anjo ter ocorrido em decorrência de sua soberba: "Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo" (1Tm 3.6).

Logo, lidamos não com um único ser, mas com todo um

grupo devidamente organizado, que trabalha para frustrar os propósitos divinos. As ações de Satanás são as mesmas de seus anjos e, quando falamos que ele faz determinada coisa, queremos dizer ele e aqueles que os seguem.

Capítulo 7

OS TÍTULOS E NOMES DE SATANÁS

A seguir, são listados alguns nomes, para que o aluno possa ver a variedade de suas abordagens, as quais revelam o seu verdadeiro caráter. Por esses nomes, podemos descobrir suas características e atributos pessoais.

Lúcifer

Antes de sua rebelião e queda, fato que ocorreu antes da criação do homem, Satanás chamava-se Lúcifer, a resplandecente estrela da manhã. Este era seu título no céu, conforme revelou o profeta: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã [Lúcifer]" (Is 14.12). Possivelmente, Lúcifer ocupava uma posição destacada nos céus. Segundo alguns doutrinadores, ele liderava todos os anjos em adoração a Deus.

Era um dos anjos mais próximos do trono de Deus. Todavia, sua audaciosa arrogância provocou sua queda. O orgulho

corroeu o seu caráter, que premeditou um plano para usurpar o trono de Deus. Esta mesma presunção, provavelmente, abasteça o seu reino rebelde até hoje.

Satanás

No hebraico, שטן – *satan*, que significa "adversário, alguém que se opõe". Esse nome torna bem visível o seu desígnio como adversário. O nome Satanás é usado cinquenta e seis vezes no Antigo e Novo Testamento. Ele descreve suas tentativas maliciosas e persistentes de prejudicar o plano de Deus.

Sob a condenação divina, Satanás e seus anjos "não prevaleceram; nem mais seu lugar se achou nos céus" (Ap 12.8). Não obstante, Satanás ainda se apresenta diante de Deus para apontar os pecados dos crentes, dia e noite (Jó 1.6-11; 2.1-6; Ap 12.10). Com intenção maligna e motivos maliciosos, Satanás intenta macular o relacionamento do cristão com o seu Senhor.

Agora e até o final dos tempos, Satanás é o inimigo declarado de Deus, de Cristo, dos anjos obedientes e do povo eleito.

Diabo

O nome "diabo" significa, especificamente, "dado à calúnia, difamador, que acusa com falsidade".[42] Em Apocalipse, o

42 Bíblia on-line: módulo avançado 3.0. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. CD-ROM.

apóstolo João usa quatro nomes para Satanás: "Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás..." (20.2).

A palavra "diabo", referindo-se ao próprio Satanás, aparece trinta e cinco vezes no Novo Testamento.

Serpente

Entre os antigos, a serpente era um emblema de astúcia e sabedoria. A primeira manifestação do diabo na terra foi registrada no livro de Gênesis, na tentação do primeiro casal, quando Satanás tomou posse da serpente, falando, argumentando e raciocinando (3.1-15). Apocalipse 12.9 e 20.2 mencionam "a antiga serpente, que se chama diabo".

Dragão

Houve, no registro bíblico, duas grandes guerras mundiais. A primeira está registrada no livro de Apocalipse, entre Miguel e seus anjos contra o dragão. A outra aconteceu no deserto da Judeia entre Jesus e o mesmo inimigo (Lc 4.1-13).

A primeira foi um combate de dimensões fora do comum, uma batalha sem derramamento de sangue, uma guerra espiritual nos campos de batalha imperceptível ao homem. "Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi

atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos" (Ap 12.7-9).

Essa batalha implacável e impiedosa mudou-se de cenário, do céu para a terra. Os seres humanos, agora, são a presa. Essa fera (dragão) ataca-os e persegue-os como se fossem animais indefesos. Ninguém fica ileso dessa guerra; não há terreno neutro nesse conflito. Não se pode pedir uma trégua, nem negociar um cessar-fogo. Não se pode assinar um acordo de paz, nem hastear uma bandeira branca.

Cada área da vida cristã é um invisível campo de batalha para o maior de todos os conflitos – a guerra espiritual de Satanás pelo controle de nossas almas.

Esse combate é uma luta mortal, uma batalha em que não há prisioneiros! É vencer ou morrer.

Belzebu

Esse nome, de origem aramaica, é procedente do hebraico בעל זבוב – *Baal-Zebube* ("senhor do inseto ou senhor das moscas"). Posteriormente, foi designado pelos judeus para "senhor do monturo", referindo-se a Satanás, príncipe dos espíritos malignos. Certa feita, após Jesus libertar um cego e mudo, os fariseus acusaram-no de expelir "demônios pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios" (Mt 12.24). A palavra maioral no grego é ורא – *archon*, que significa "governador, comandante, chefe, líder". Assim, por meio desse texto, é esclarecido que Satanás governa os espíritos malignos na qualidade de príncipe.

Belial

Esse nome, בליעל – *baliya'al*, em hebraico foi usado no Antigo Testamento para designar homens ímpios, perversos, companheiro vil (Dt 13.13; Jz 19.22; 20.13; 1Sm 2.12; 10.27; Pv 6.12; 19.28). No grego, belial – *Belial* ou beliar – *Beliar,* que significa alguém "inútil ou malvado". É, também, um dos nomes do diabo (2Co 6.15).

Tentador

Na primeira aparição do diabo registrada nas Escrituras, ele tentou e enganou Adão e Eva no jardim do Éden (Gn 3.1). Esse sempre foi o seu principal método de operação: tentar, enganar, ocultar, seduzir, camuflar e deturpar. Satanás tenta os servos de Deus com o propósito de destruí-los, como bem disse Steven Lawson: "O diabo brinca com nossa mente e luta para que pensemos erradamente sobre as decisões que tomamos. Por meio de suas mentiras camufladas de verdade, ele nos tenta, a fim de que admitamos que preto seja branco e vice-versa. Apresenta o bem como mal e mal como bem".[43]

A tentação é uma das maiores armas do arsenal de Satanás; por isso ele é chamado de tentador. No grego, a palavra tentação é πειρασμοϛ – *peirasmos*, que pode significar "testar ou provar algo". O termo significa "uma prova de retidão" ou "uma indução para o mal", dependendo do contexto. Quando procedente do diabo, é sempre para a prática do mal.

43 LAWSON, Steven. *[illegible]*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997, p. 24.

Príncipe deste mundo

Esse título, atribuído a Satanás, demonstra sua influência sobre as autoridades deste mundo (gr. κοσμοϛ – *kosmos*). A palavra "mundo" possui algumas ideias em sua forma verbal, por exemplo: colocar as coisas em ordem, sistematizar e adornar ou decorar. A partir dessa última forma, se originou o vocábulo "cosmético", que é o conceito de adornar a aparência exterior.

Assim, no Novo Testamento, o termo "mundo" é empregado no sentido de planeta Terra (cf. Jo 1.10; At 17.24). Também, é utilizada para significar os habitantes da terra, referindo-se ora às pessoas em geral, como em João 3.16, ora a todos os incrédulos, alheios para com Deus, como em João 14.17 e 15.18. Mas, é na concepção de sistema mundial, belamente organizado e disposto para funcionar sem a direção de Deus, que vem de encontro ao que pretendemos demonstrar. O sistema mundial está adornado com belos conceitos de cultura, música, arte, filosofia, religião, etc. Não são más em si mesmas, entretanto, Satanás distorce seus sentidos, afastando o homem de um verdadeiro relacionamento com Deus, sendo digno do título a ele atribuído: príncipe deste mundo.

No grego, a palavra usada para príncipe é αρχων – *archon*, que pode ser traduzida para "governador, comandante, chefe, líder". Daí, conclui-se que ele exerce grande poder (concedido por Deus) e influência sobre esse sistema. Ele mesmo disse que recebeu esse direito de se fazer obedecer: "Disse-

-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser" (Lc 4.6).

Por três vezes, Jesus atribuiu esse nome a ele: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso" (Jo 12.31). "Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim" (Jo 14.30). E: "... do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado" (Jo16.11).

Ele recebeu o título de príncipe, entretanto, sobre ele está a autoridade e o domínio do Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.16).

Príncipe da potestade do ar

Como foi dito, ele exerce influência e autoridade não só na terra como também no mundo espiritual. Ele é perito na astúcia e, com sua eloquência, trouxe após si um terço dos anjos dos céus (Ap 12.4), que lhes obedecem e se sujeitam às suas ordens e forma de governo).

Enganador

Satanás é um perito no plantio de dúvidas; é sua técnica especial. Na sua primeira aparição registrada na Bíblia, ele tentou e enganou Eva e Adão no jardim do Éden (Gn 3.1). Esse sempre foi o seu principal método de operação: tentar, enganar, ocultar, seduzir e deturpar. Suas táticas não muda-

ram com o passar do tempo. São sempre as mesmas.

O diabo promete o céu, mas entrega o inferno. Oferece a vida, mas envia a morte. Fala de salvação, mas introduz a destruição. O mais mortal de todos os inimigos vem camuflado de arauto de paz. Provedor de prosperidade. Restaurador de esperança.

Teríamos, ainda, que falar sobre os nomes: acusador (Ap 12.10), anjo de luz (2Co 11.13-15), homicida (Jo 8.44), pai da mentira (Jo 8.44), leão que ruge (1Pe 5.8), destruidor (Ap 9.11). Entretanto, os que até o momento foram sintetizados já bastam para demonstrar com quem estamos lidando.

Nessa guerra é vida ou morte!

Capítulo 8

A NATUREZA DE SATANÁS

Embora saibamos que, ao descrever a natureza dos anjos, também estamos descrevendo a natureza de Satanás. Por isso, alguns pontos são importantes. Alguns querem colocar Satanás não como um ser pessoal, mas apenas como a personificação do mal. Todavia, as Escrituras mostram que ele é um ser inteligente, ardiloso, perspicaz, que possui uma vontade livre e a usa para levar os seus planos sobre a terra.

Algumas coisas são importantes de serem registradas com respeito à sua natureza e à sua importante posição diante do mundo espiritual:

a) É uma criatura: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti" (Ez 28.15).

b) É um ser espiritual: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo; porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados,

contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.11,12).

c) Pertencia à ordem dos querubins: "Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci..." (Ez 28.14).

É uma pessoa

A grande confusão que muitos fazem reside no fato de a maioria das pessoas não saber distinguir o que é ser uma pessoa e possuir um corpo. Quando falamos que Satanás é uma pessoa, alguns, de forma errada, interpretam que, se Ele fosse uma pessoa, teria, necessariamente, que possuir uma forma corpórea. Entenda. É consenso entre os cristãos que o Deus Pai seja uma pessoa, embora as Escrituras afirmem que ninguém jamais o viu (Jo 1.18; 1Tm 6.16). Se ele é uma pessoa, mesmo que não tenha sido visto, logo, uma pessoa não precisa necessariamente possuir um corpo, desde que possua atributos de uma pessoa. Como Satanás possui todos os atributos de uma pessoa, apesar de não ser visível, ele é uma pessoa.

Vejamos algumas provas bíblicas de que o diabo é uma pessoa, e isso pelas atribuições que a própria Palavra de Deus faz a ele, que só podem ser praticados por pessoas:

a) Homicida e mentiroso: "Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verda-

de, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (Jo 8.44).

b) Pecador contumaz: "Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio" (1Jo 3.8).

c) Acusador: "Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus" (Ap 12.10).

d) Adversário: "O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8).

e) Presunçoso: "Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra" (Mt 4.5,6).

f) Orgulhoso: "Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo" (1Tm 3.6).

g) Poderoso: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne,

mas, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.11,12).

h) Maligno: "Embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno" (Ef 6.16).

i) Sutil: "Mas receio que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo" (2Co 11.3).

j) Enganador: "E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz" (2Co 11.14).

l) Feroz e cruel: "Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1Pe 5.8).

m) Covarde: "Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7).

Capítulo 9

SATANÁS E OS DEMÔNIOS

No Novo Testamento, o vocábulo grego *daimonion* – *daimonion*, é limitado e específico em comparação com as noções que os antigos filósofos a usavam, bem como a utilização dessa palavra no grego clássico. Ao ser traduzida para o latim, *daimon* se tornou *daemon*, que deu origem ao português "demônio". Para a cultura grega, o mundo estava cheio de demônios (*daimonion* – espírito dos mortos), seres intermediários entre os deuses e os homens que poderiam ser aplacados ou controlados por magia, feitiços e encantamentos. Eles viviam no ar (gr. αηρ – *aer*), parte mais baixa e impura entre a terra e a lua.[44] A obra dos demônios pode ser vista nas calamidades e desgraças que sobrevêm à vida do homem, por meio das quais levavam os homens à doença e à loucura.

Na Bíblia, *daimon* é empregado somente para poderes malígnos. Não há crença nos espíritos dos mortos ou nos fantasmas, muito menos de sacrifícios a esses, visto que as

44 COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 513.

Ecrituras são categóricas em afirmar: "Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais" (Dt 32.17). Paulo adverte os cristãos para que não tenham as mesmas atitudes dos pagãos, pois "as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios" (1Co 10.20), sendo que o paganismo, em geral, tem o demônio por detrás dele (Ap 9.20).

Eles mantêm a forma angélica, com a natureza voltada para o mal. Têm inteligência e conhecimento, mas não podem conhecer os pensamentos íntimos das pessoas, nem obrigá-las a pecar. A teologia cristã tem percebido, a partir da Bíblia e da experiência, os seguintes ministérios demoníacos:

a) indução à desobediência a Deus e aos seus mandamentos;
b) propagação do erro e da falsa doutrina;
c) indução à mentira ("pai da mentira") e à corrupção;
d) provocação de rebeldia nas pessoas que sofrem provações;
e) influência negativa sobre o corpo, os sentidos e a imaginação;
f) influência sobre os bens materiais (apego *versus* perda);
g) realização de efeitos extraordinários, com aparência de milagres;
h) indução aos sentimentos negativos, como, por exem-

plo, o temor, a angústia e o ódio;

i) promoção da idolatria, da superstição, da necromancia, da magia, do sacrilégio e do culto satânico.

Mantém permanente luta contra Deus e o seu povo. Procura desviar os fiéis de sua lealdade a Cristo (2Co 11.3), induzindo-os a pecar e a viver segundo os sistemas elaborados pela natureza corrompida, ou "carne" (1Jo 5.19).

Os cristãos devem conhecer, pelo estudo da Bíblia e da teologia, a natureza e o ministério do mal, para se conscientizarem e se precaverem. O apóstolo Paulo nos exorta a nos fortalecermos em Deus e no seu poder, resistindo firmes, pois "a nossa luta não é contra os seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais" (Ef 6.12).

A disciplina devocional, com a leitura da Bíblia, a oração, a busca de santidade, o desenvolvimento dos dons recebidos e a comunhão do Corpo de Cristo são antídotos contra o mal.

O ministério demoníaco contra as pessoas pode se dar de três maneiras:

a) Tentação: apoio às opções negativas e atinge todos os seres humanos.

b) Indução (também chamada obsessão): uma ação mais íntima e contínua de "assessoria" à maldade, que atinge os descrentes e os crentes carnais.

c) Possessão: quando os demônios se apoderam de corpos, controlando-os. Para a teologia evangélica clássica, isso não pode acontecer a um convertido, cujo corpo é habitado pelo Espírito Santo.

Devemos estar advertidos, para não cairmos em um dualismo de fundo zoroastrista. Satanás não é um ente contrário comparável a Deus. Não devemos nem minimizar, nem maximizar o ministério do maligno. Ele já foi derrotado na cruz, e o sangue de Cristo, desde a sua morte, nunca perdeu seu poder. A obra da expiação já foi realizada. Cristo já ressuscitou e o Espírito Santo já foi enviado. O resgate já se deu. É oferecido pela graça e recebido pela fé. O Senhor já reina sobre o Universo, sobre a história e sobre a sua Igreja.

Capítulo 10

A ORIGEM DOS DEMÔNIOS

As Escrituras não revelam claramente a origem dos demônios. Muitos preferem entender que são seres distintos dos anjos caídos, isto é, aqueles que se uniram a Lúcifer em sua rebelião. A maior objeção quanto a identificar os demônios com os anjos caídos é o fato de que os demônios se apossam das pessoas, mas isso não é comum na questão dos anjos. Mesmo assim, temos um exemplo clássico desse fato, quando as Escrituras dizem que Satanás teria entrado em Judas, por ocasião de sua traição (Jo 13.27)

De qualquer forma, trata-se de seres espirituais sob o comando de Satanás, que é chamado de "príncipe dos demônios" e, portanto, exerce plena influência sobre eles (Mt 12.24). Assim como vimos que existem diversas classes de anjos tementes a Deus, podemos dizer que, quantos aos anjos caídos, suas funções variam. Não são responsáveis apenas por possessões e doenças, mas também por criar falsos ensinos destruidores (1Tm 4.1).

Os judeus, conforme verificado nos escritos de Flávio Jo-

sefo, e em alguns apócrifos como Tobias, tinham conceitos muito distorcidos com respeito aos demônios. Portanto, não servem de base para uma compreensão sobre sua origem e natureza.

De qualquer forma, eles têm consciência plena de que já houve um juízo divino sobre eles (Mt 8.29; Lc 8.31). Tinham pleno conhecimento da autoridade suprema de Jesus e sua missão na terra (Mt 8.31,32; Mc 1.23,24; At 19.15).

Capítulo 11

O DESTINO DE SATANÁS

A condenação e o destino eterno de Satanás são irreversíveis. Não há oferta de perdão para ele, somente o juízo. Embora o julgamento sobre ele seja gradativo, vai seguindo passo a passo até que ele seja atirado para sempre no lago que arde com fogo e enxofre.

Desde sua condição privilegiada na criação espiritual até o momento em que desejou ocupar o trono de Deus, este ser recebeu sua justa condenação, passando a sofrer derrota sobre derrota. Seis juízos foram sendo lançados sobre ele até o sofrimento eterno. São eles:

Juízo por ocasião de sua rebelião (Is 14; Ez 28)

Já não lhe era permitido conviver com os demais seres celestiais nem estar presente nas esferas celestes. Não era, ainda, o momento de exterminá-lo. Então, ele foi isolado e, como consequência, formou um reino à parte.

Esse primeiro juízo teve o mesmo efeito que a expulsão de Adão do Éden, pois Satanás também estava em uma espécie

de Éden, só que, ao invés de árvores frutíferas, havia pedras preciosas de toda espécie (Ez 28.13). Adão foi expulso para não acessar a árvore da vida eterna e Lúcifer, para não desfrutar dos privilégios anteriores.

A maldição do Éden (Gn 3.14,15)

A maldição que Satanás recebeu no Éden, na verdade, foi uma promessa de que ele seria derrotado por alguém que nasceria da mulher que ele acabara de fazer cair. A tentação e queda do homem foram um nova tentativa de rebelião, de tomar para si o domínio do homem e levá-lo à desobediência ao Criador.

O julgamento na cruz do Calvário (Cl 2.14)

Ao que tudo indica, Satanás não tinha ideia dos efeitos do Jesus crucificado. Não sabia ele que aquele seria o meio que Deus manifestou para reverter os efeitos do Éden e conceder, à humanidade decaída, a vida eterna.

Será amarrado no abismo (Ap 20.1-3)

Durante o período denominado de milênio, a Bíblia diz que Satanás será amarrado em um abismo e ali ficará durante os mil anos em que Cristo estará reinando com a sua Igreja sobre a terra.

A Bíblia faz questão de afirmar que é necessário, após esses mil anos, que Satanás seja solto. A finalidade de sua soltura é provar se os que viveram na terra durante o reinado do Messias de fato reconheceram sua soberania e desejam viver sob sua autoridade ou não. A verdade é que, uma vez solto, Satanás consegue novamente persuadir a muitos que não têm seu coração em Deus e, juntamente com ele, recebem a sentença final.

No lago de fogo (Ap 20.10)

Enfim, o seu destino final.

A Bíblia diz que o inferno foi preparado para o diabo e os seus anjos (Mt 25.41). É a ele que foi destinado este local de eterno sofrimento. Não se trata de um lugar onde ele deixará de existir, mas onde ele passará toda a eternidade sofrendo o castigo por sua rebelião e demais ações contra Deus.

Referências

ANKERBERG, John; WELDON, John. *Os fatos sobre os anjos*: quem são eles, donde vêm e o que fazem hoje. Porto Alegre: *Chamada da meia-noite*, 1995.

BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.

BETTENSON. H. *Documentos da Igreja cristã*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 1998.

Bíblia On-line: módulo avançado 3.0. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. CD-ROM.

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

DUFFIELD, Guy P; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

FEINBERG, Charles L. *Os profetas menores*. São Paulo: Editora Vida, 1996.

FRANCISCO, Waldomiro. *A doutrina dos anjos e demônios*: estudo exegético acerca dos anjos e demônios à luz das Escrituras. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GILMER, Thomas L; JACOBS, Jon; VILELA, Milton. *Concordância bíblica exaustiva*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

GRUNDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HARRIS, R. Laird. ARCHER JR, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.

HEXHAM, Irving. *Dicionário de religiões e crenças modernas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

KELLY, J.N.D. *Doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exudus, 1997.

LANGSTON, A. B. *Esboços de teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

LAWSON, Steven J. *Fé sob fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

MYER, Pearlman. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

SILVA, Esequias Soares da. *Como responder às testemunhas de Jeová*. São Paulo: Candeia, Vol. 1, 1995.

SILVA, Severino Pedro da. *Os anjos*: sua natureza e ofício. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.



Geografia bíblica



Capítulo 1

AS CIVILIZAÇÕES PÓS-DILÚVIO

Visto que não é possível determinar precisamente os anos que escoaram entre a criação e o dilúvio, restringiremos nossas pesquisas ao tempo pós-diluviano. Mesmo com as grandes descobertas que a arqueologia trouxe, ainda não foi possível resolver certos mistérios do mundo primitivo, nem mesmo a geologia ou a paleontologia dispõe de dados seguros.

Assim sendo, seguindo a narrativa bíblica, a única família sobrevivente do dilúvio, a família de Noé, estabeleceu-se na atual Armênia, exatamente sobre o monte Ararate. Pouco tempo depois de estabelecidos nesse local, segundo nos informa Gênesis 11.1,2, os descendentes de Noé abandonaram essa região e rumaram em direção ao Ocidente, parando nas férteis planícies da Mesopotâmia, para a terra de Sinar, ou seja, a terra de Sumer.

Chegando à nova terra, os descendentes de Noé intentaram um meio de se protegerem de um novo dilúvio e deram início a um projeto grandioso que chegasse até os céus. Iniciada a obra e não concluída, Deus os espalhou dali sobre a

face de toda a terra. Por isso, se chamou aquele lugar Babel, porquanto ali confundiu Deus a língua de toda a terra e dali os espalhou sobre a face de toda a terra (Gn 11.7-9).

Descentes de Sem, Cam e Jafé

As terras do mundo habitado e os povos são divididos em três linhagens principais: aos descendentes de Cam, coube a tarefa de povoar a África, a Ásia distante, a Oceania e, por algum tempo, certas regiões do Oriente Médio, a Babilônia e imediações do mar Vermelho. Por Algum tempo, essa raça promoveu e desenvolveu uma admirável civilização, representada pelos babilônios, egípcios, fenícios e outros.

Para Sem, coube a tarefa de habitar diversas regiões da Ásia, não chegando a produzir grandes povos nem grandes civilizações, destacando entre todos os hebreus que se notabilizaram pelos pendores religiosos.

A Jafé, coube as ilhas do mar e as distantes terras ao Norte e Oeste. Assim, os jafetitas povoaram todas as ilhas do Mediterrâneo, toda a Europa e parte da Ásia, surgindo, assim, os antigos e modernos persas e medos, em cumprimento à profecia encontrada em Gênesis 9.25-27, que diz: "E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos. E disse: Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo".

Descendentes de Jafé (Gn 10.2)

Os sete filhos de Jafé, que se estabeleceram pela Ásia e Europa, deram seus nomes às terras que ocuparam. Gomer, filho mais velho de Jafé, foi o progenitor dos gômeres, que os gregos chamaram de gálatas. Magogue foi o pai dos magogianos, a quem os gregos chamam de citas, Madai foi fundador dos madianos, chamados pelos gregos de medos. Javã deu o nome a Jônia e a toda a nação dos gregos. Tubal deu seu nome aos tubalinos, que, agora, se chamam iberos (espanhóis). Tiras deu seu nome aos tírios, os quais os gregos chamam de trácios. Meseque deu seu nome aos mescinianos (capadócios). Assim, todas essas nações foram fundadas pelos filhos de Jafé.

Gomer, o mais velho, teve três filhos. Asquenaz, que deu seu nome aos asquenázios, aos quais os gregos chamaram de reginianos. Rifá de seu nome aos rifanianos, aos quais os gregos chamaram de patflagonianos. E Togarma, que deu seu nome aos togarmanianos, aos quais os gregos chamaram de frígios.

Javã, outro filho de Jafé, teve quatro filhos: Elisá, Társis, Quitim e Dodanim. Elisá deu seu nome aos elisamos. Társis deu seu nome aos tarsianos, conhecidos como cilicianos, cuja principal cidade se chamava Tarso. Quitim ocupou a ilha chamada Chipre, à qual deu o seu nome, por isso os hebreus chamam de Quitim todas as ilhas e todos os lugares marítimos. Estas são as nações que os filhos de Jafé se tornaram senhores.

Descendentes de Cam (Gn 10.6)

O filho mais velho de Cam foi Cuxe, o povoador da Etiópia e do Egito, na África, e das imediações do mar Cáspio. Cuxe foi, também, pai de Ninrode, fundador de Nínive (Gn 10.11). Mizraim foi o progenitor dos egípcios. Os hebreus chamam o Egito de Mizrau e os egípcios, de mizraenses. Pute povoou a Líbia e chamaram esses povos com seu nome, os puteenses. Canaã, o mais jovem dos filhos de Cam, estabeleceu-se na Judeia, em um lugar que recebeu o seu nome: Canaã.

Cuxe teve seis filhos: Sebá, pai dos sebaenses. Havilá, pai dos havilenses. Sabtá, pai dos sabataenes, que os gregos chamaram de astabarienses. Raamá, pai dos ramaenses (que teve dois filhos, um chamado Dedã, que habitou entre os etíopes ocidentais, e outro, chamado Sabá, que deu origem aos sabaenses). Sabtecá. E Ninrode, o sexto filho, que habitou entre os babilônios e tornou-se senhor deles.

Mizraim teve oito filhos, e eles ocuparam todos os países localizados entre Gaza e o Egito. Mas, somente a um deles, Filistim, os gregos deram o nome "Palestina", à parte dessa província. Quanto aos outros irmãos, chamados Ludim, Ananim, Leabim, Naftim, Patrusim, Caslluim *e* Caftorim, nada sabemos deles (exceto de Leabim, que fundou uma colônia na Líbia e lhe deu o seu nome), porque as cidades que construíram foram destruídas pelos etíopes.

Canaã teve onze filhos: Sidônio, que construiu, na Fenícia, uma cidade que deu o seu nome e a qual os gregos chamaram

de Sidom. Hamate, que construiu a cidade de Hamate. Arqueu, por sua vez, teve como herança a ilha de Aruda. Amon possuiu a cidade de Arce, situada no monte Líbano. Quanto aos outros sete irmãos, chamados Heveu, Hete, Jebuseus, Arvadeu, Sineu, Zemarco e Girgaseus, só restaram os nomes nas Sagradas Escrituras, porque os hebreus destruíram suas cidades.[45]

Descendentes de Sem (Gn 10.21)

Os filhos de Sem foram: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã. Elão, o mais velho, fixou-se na Região Leste da Pérsia e deu origem aos elamitas, do qual os persas tiveram sua origem. Assur, o segundo, construiu a cidade de Nínive, e deu o nome de assírios aos seus súditos, notáveis guerreiros e conquistadores, ricos e poderosos. Arfaxade, o terceiro, foi progenitor dos semitas, caldeus que dominaram a Mesopotâmia. De Arã, o quarto filho, vieram os arameus, aos quais os gregos chamaram de sírios e de Lude, que era o quinto, pai dos lídios.

Arã teve quatro filhos, dos quais Uz, o primogênito, se estabeleceu na Traconitide, onde construiu a cidade de Damasco, que está situada entre a Palestina e a Síria. Hul, que era o segundo, ocupou a Armênia. Geter, o terceiro, foi progenitor dos bactrianos. E Más, o quarto, gerou os mesanianos.

45 Esses nomes se encontram assim descritos no livro de Flávio Josefo. Entretanto, as Escrituras os descrevem da seguinte maneira: "Canaã gerou a Sidom, seu primogênito, e a Hete, e aos jebuseus, aos amorreus, aos girgaseus, aos heveus, aos arqueus, aos sineus, aos arvadeus, aos zemareus e aos hamateus" (Gn 10.15-18). Não há conflito entre o historiador e as Escrituras, pois Josefo relatou o nome do fundador da descendência e as Escrituras, os seus descendentes.

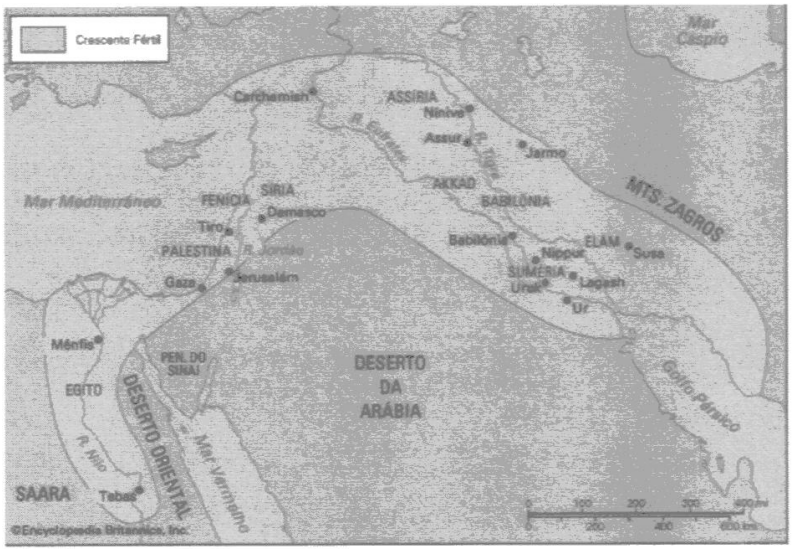
Arfaxade foi pai de Salá e Salá, pai de Héber, de cujo nome os judeus foram chamados de hebreus. Héber teve dois filhos: Joctã e Pelegue. E Pelegue teve por filho a Reú. Reú teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, sendo o décimo depois de Noé, duzentos e noventa e dois anos após o dilúvio.

Capítulo 2

QUADRO DAS NAÇÕES

O crescente fértil

Traçando um arco a partir do que hoje é o Egito, passando pelo Norte de Israel e do Líbano, adentrando na Síria e atravessando o Iraque, desembocando, finalmente, via Kuwait, no Golfo Pérsico, tem-se o desenho de uma meia-lua geográfica, imagem que ficou conhecida como "crescente fértil". É uma região que, desde a idade da pedra, constituiu o berço de inúmeras civilizações altamente desenvolvidas, tais como: a Suméria, a Acádia e a Aramita, onde se desenvolveram e dali se espalharam sobre a face da terra habitável naquela época.



Crescente fértil

Mesopotâmia

No idioma grego antigo, *meso* quer dizer "no meio" e *potamós*, "rio", daí a origem do nome Mesopotâmia, que significa "entre rios". Com o nome Mesopotâmia se descreve a mais antiga região da terra, cuja origem, em nosso entender, deu iniciou ao berço da civilização. A pesquisa arqueológica avançou muitíssimo em nossos dias, e inúmeros detalhes da Mesopotâmia são, agora, aceitos. Há fortes indícios, tanto arqueológicos quanto antropológicos, de que o jardim do Éden estava ali localizado.

A Mesopotâmia foi habitada desde tempos pré-históricos. Havia muitos povos na Mesopotâmia. Entre eles, se destacaram os sumérios, os babilônios e os assírios. Os mais antigos foram os sumérios, que construíram as primeiras cidades da região. As cidades não eram unidas. Cada qual tinha seu próprio governo, sendo denominadas de cidades-estados.

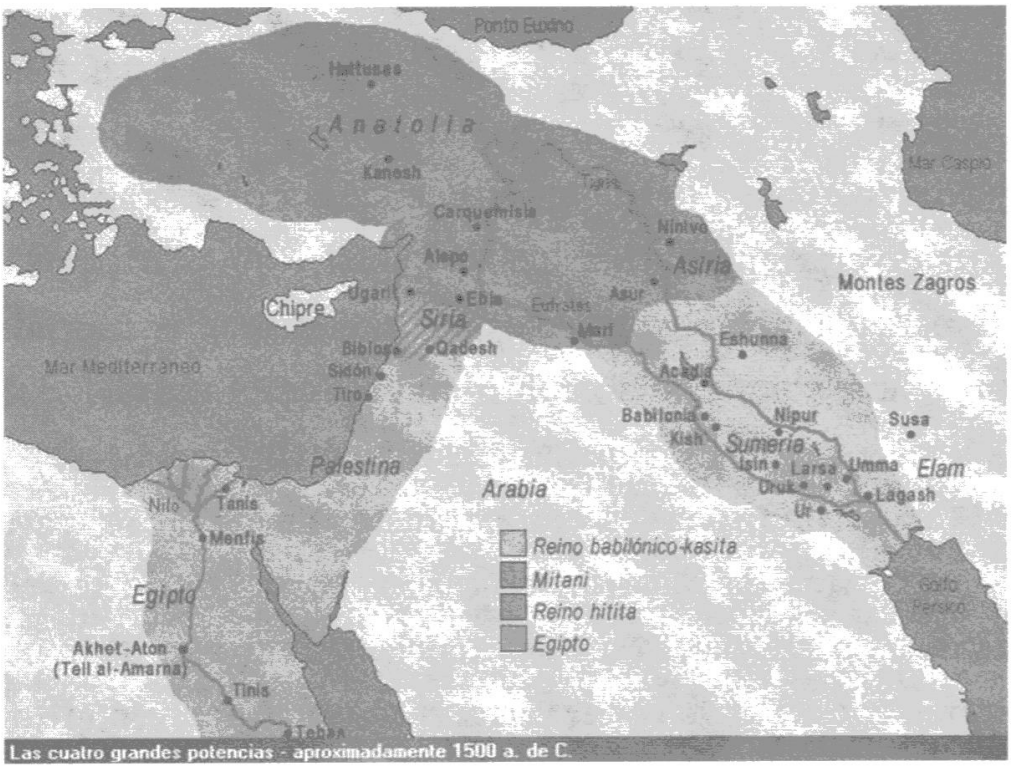
Existiam várias cidades-estados poderosas e independentes, que se concentravam em Eridu. Entre elas, com a ajuda da arqueologia, temos conhecimento de Quis, Laraque, Acade (cidade capital do Grande Sargão I — Gn 10.10), Lagas, Ereque (Gn 10.10) e Ur dos Caldeus, cidade natal do patriarca Abraão, ao Sul da Mesopotâmia. Essas cidades-estados eram habitadas por uma população idiomaticamente afim, miscigenada e de múltiplas origens, que, durante algum tempo, foi de grande importância cultural para o ambiente semita do crescente fértil.

Espalhada por toda a Mesopotâmia, essas "metrópoles" eram rivais, volta e meia confrontavam-se entre si. Aquela que vencia tomava a riqueza e as terras dos vencidos, e os derrotados sobreviventes eram transformados em escravos. Mas, a cortina da história só se abre por volta do terceiro milênio. A partir daí, as superpotências da época brigam pelo domínio sobre essa faixa de terra. Incessantemente, confrontaram-se pelo domínio dessa região, o império do Egito de um lado e os impérios de Sumer, Acade, Assíria e Babilônia, do outro.

Os grandes impérios antigos

De acordo com a narrativa bíblica, parece que Ninrode foi o primeiro grande líder, sob cuja orientação se formou a primeira geração pós-diluviana. Segundo os dizeres de Gênesis, o princípio de seu reinado foram: Babel, Ereque, Acade, Calné e outras cidades, espalhando-se, posteriormente, por ter-

ras mais longínquas (Gn 10.10). Os povos mais eminentes, produtos dessa dispersão, foram os acádios, os sumérios, os mitânios e os hiteus. Em volta dessas raças, gira toda a vida social e política dos primeiros séculos após o dilúvio.



Reinos da Antiguidade

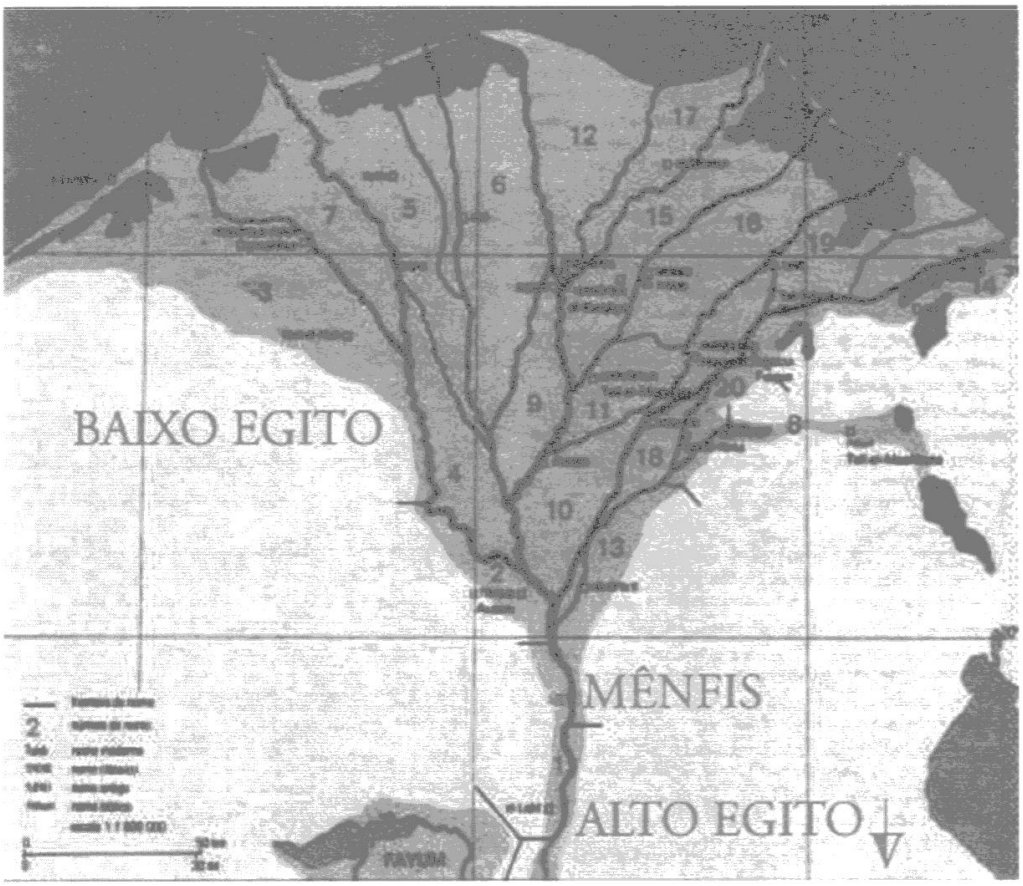
Egito

Mizraim, como é chamado na linguagem dos hebreus, também conhecido como "a terra das maravilhas", na linguagem dos arqueólogos. Com o deserto do Saara intransitável a Oeste, o grande deserto a Leste, as cataratas do Nilo ao Sul e o mar Mediterrâneo e o deserto do Sinal ao Norte, o Egito estava, particularmente, isolado.



O Egito atual possui pouco mais de 1 milhão de km^2, sendo que 96% dessa região é desértica e 99% da população habita os 4% restante das terras aproveitáveis. A única explicação para se desenvolver uma civilização debaixo daquele sol escaldante do deserto é a existência do imenso rio Nilo.

À medida que se aproxima do mar Mediterrâneo, o Nilo adquire a forma de um leque, por meio do qual fluem vários braços. Por este motivo, recebeu dos gregos a denominação de "Delta", devido ao formato se assemelhar à letra "d". O Delta, com o formato de um triângulo, medindo, aproximadamente, 160 km de Norte a Sul e uns 240 km de Leste a Oeste, sendo a área mais fértil do Egito. A terra de Gósen, onde habitaram os israelitas no tempo de José, se localizava na parte oriental do Delta.



Delta do Nilo

O rio Nilo nasce na África central e vai atravessando o deserto até desembocar no mar Mediterrâneo. Todos os anos, na mesma época, ele enche e transborda. Suas águas alagam vastas áreas, retornando ao normal após algum tempo, ocasionando um fenômeno extraordinário. Naquelas partes inundadas, fica depositada uma espessa camada de material orgânico, formado por folhas e plantas, que caem naturalmente no rio. Assim que decomposto, esse material se transforma em húmus, que, então, fertiliza o solo, tornando-se

apto para se plantar. Por isso, o Delta do Nilo tornou-se uma das regiões mais férteis do mundo.

Os gregos antigos diziam que os egípcios tinham a pele escura (em grego: *melanchroes*) e os cabelos crespos (*oulotriches*), o que revela a influência da população negra da África.

Até onde temos notícia, os primeiros habitantes dessa região eram nômades. Assim sendo, fica evidente que, nos seus primórdios, todos os poderes se enfeixavam nas mãos de uma só pessoa, como no regime tribal, ou na família de tipo patriarcal.

Depois, com o crescimento do agrupamento humano, por certo houve a necessidade de se agruparem em sociedades para a obtenção de fins comuns, em benefício de cada qual. Daí, o surgimento de pequenos Estados denominados "nomos". Com o transcorrer do tempo, visando a continuidade da vida em sociedade, a defesa das liberdades individuais, em suma, o bem-estar geral, houve várias fusões entre os Estados, até constituírem dois Estados grandes que correspondiam às duas regiões naturais em que se divide o Egito: o Baixo Egito, com a capital Mênfis no Norte, e o Alto Egito, com a capital Tebas no Sul.

Nesse período, o Alto e o Baixo Egito travaram violentas e desgastantes guerras por um longo período. O emprego da força era a forma mais usual para a resolução dos conflitos. Era a autodefesa. Por óbvio, não era a solução mais ideal, porquanto o mais forte levaria vantagem.

"A razão do mais forte é sempre a melhor", como dizia La Fontaine, em uma de suas fábulas.

A unificação do Egito

Esses constantes conflitos enfraqueciam ambas as regiões, tornando-as vulneráveis aos ataques externos. Menés, rei do Baixo Egito, subjugou o Alto Egito, incorporando-o ao reino unido dos dois Egitos, que se tornou um dos mais poderosos impérios da Antiguidade.[46]

Os historiadores dividem a história do Egito antigo em três períodos: o Antigo Império (que vai de 3200 a 2200 a.C.), o Médio Império (de 2200 a 1750 a.C.) e o Novo Império (de 1580 a 1085 a.C.).

Antigo Império (3200 – 2200 a.C.)

Os sucessores de Menés reforçaram o poder central. Apesar do empenho em manter a unificação adquirida, os Faraós não conseguiram submeter totalmente os nobres que governavam as diversas províncias, que se rebelaram contra Faraó, enfraquecendo o poder central, ocasionando a dissolução desse poder centralizado.

Nesse período, foram construídas as grandes pirâmides, que serviam de tumbas aos reis, fato este que mereceu aos reis construtores de tumba o apelido de "faraó" ou "casa grande". A mais famosa das pirâmides, Quéops (terminada

46 ANDRADE, Claudionor de. *Geografia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 31.

em 2800 a.C.), tem 150 metros de altura, o equivalente a um edifício de mais de trinta andares.

***Médio** Império* (2200 – 1750 a.C.)

Teve início com a restauração do poder central sobre todo o Egito. Foi justamente nesse período que os hebreus passaram ahabitar no Egito.

Segundo alguns historiadores, o Egito teria sido invadido por um povo asiático, possuidores de cavalos e carros de guerra, elementos desconhecidos pelos egípcios, por volta do ano 1900 ou, possivelmente, antes, talvez por volta do ano 2000 a.C., chamado de hicsos. Não sabemos com precisão quando os hicsos subjugaram o poder egípcio, entretanto, podemos concluir que, nesse período, quando José foi vendido pelos seus irmãos para os mercadores midianitas e comercializado no Egito, os reis-pastores estavam estabelecidos na terra dos Faraós.

José alcançou uma posição de destaque junto a Faraó, o que lhe possibilitou introduzir sua família na melhor terra do Egito, Gósen, durante a grande fome que devastava toda a terra habitada naqueles dias (Gn 46.34).

Tendo o tempo apagado a memória das obrigações que todo o Egito devia a José, e tendo o reino passado a outra família, "depois, levantou-se novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José" (Êx 1.8), dando início a um período sombrio para os filhos da promessa que perdurou por quatrocentos anos.

Novo Império (1580 – 1085 a.C.)

Sob o império dos Faraós da 18ª dinastia, comandada por Amose I, os hicsos foram expulsos do Egito, por volta de 1580 a.C., iniciando, paralelamente, a opressão aos israelitas (que eram semitas, como os reis hicsos). Foi sob o comando de Totmés I que as fronteiras do Egito se alargaram. Vangloriava-se de governar desde a terceira catarata do Nilo até o rio Eufrates.[47] Esse Faraó era auxiliado por sua filha, Hatchepsute ou Hatshput, que também era conhecida pelo título real de "makara". Foi uma mulher bastante notável entre os maiores e mais vigorosos governantes do Egito, sendo corregente com seu pai e, depois, com Totmés II e III. Flávio Josefo, historiador judaico, identifica essa princesa pelo nome de Termutis, afirmando que ela adotou Moisés como filho, conforme relato bíblico registrado em Êxodo 2.[48]

Depois de Amose I, reinou Amenotepe I (1545 a.C.), que foi substituído por Totmés I (1529 a.C.), que foi substituído por Totmés (1517 a.C.), que foi substituído por Totmés III (1504 a.C.), que foi substituído por Amenotepe II (1453 a.C.). Este último, muitos estudiosos consideram como sendo o Faraó do Êxodo. Vários outros Faraós se levantaram depois da 18ª dinastia. Todavia, os que mais se destacaram na história de Israel, depois do êxodo, foram Sisaque (1Rs 11.40), Zerá (2Cr 14.9), Sô (2Rs 17. 4), Tiraca (2Rs 19.9; Is 37.9) e Neco (2Rs 23.29).

---

47 HALLEY, Henry Hampton. *Manual bíblico de Halley*. São Paulo: Vida, 2001, p. 106.

48 *História dos hebreus*. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 80.

A decadência aconteceu após a morte do Faraó Ramsés II. A disputa pela hegemonia enfraqueceu o império, que acabou sendo invadido pelos assírios. Era o fim da autonomia da grande civilização. A partir de então, os dominadores estrangeiros se revezariam no domínio sobre o Egito: depois dos persas, os gregos, com Alexandre, o Grande, da Macedônia (332 a.C.), e, em seguida, os romanos, com Júlio César (30 a.C.) e os invasores árabes, no século 8° d.C.

Assíria

Os assírios são descendentes diretos de Assur, filho de Sem, neto de Noé (Gn 10.11). Assur deixou a terra de Sinar e foi estabelecer-se em uma nesga de terra, ao Norte da Mesopotâmia, mais para o Oriente, isto é, próxima ao rio Tigre, que passou a levar seu nome. A cidade de Assur floresceu à margem do grande rio Tigre, não possuindo fronteiras definidas. Entretanto, suas dimensões, dependendo da época, variavam de acordo com suas vitórias e derrotas. Nos dias de glória, os assírios ocuparam uma área que se estendia do Norte da atual Bagdá até as imediações dos lagos Van e Urmia. Na linha Leste-Oeste, ia dos montes Zagros até o vale do rio Habur. Devido à sua privilegiada posição geográfica, era alvo de constantes ataques dos nômades e montanheses do Norte e do Nordeste.

Para o Norte, cerca de 97 quilômetros dali, situava-se Nínive, que foi fundada muito tempo antes da cidade de Assur,

tornando-se, posteriormente, a capital do novo império assírio. A história desse império se divide em três fases. A saber:

- Antigo império assírio
- Médio império assírio
- Novo império assírio

Para o estudo ora proposto, analisaremos o último desse império, que perdurou do ano 900 a.C. até o ano 612 a.C.

Com Tiglate-Pileser I (entre 1114 e 1076 a.C., aproximadamente), a Assíria entrou no período do império. Esse monarca expandiu o império de maneira extraordinária. Todavia, seus sucessores, nos dois séculos seguintes, não fizeram o mesmo, entrando em declínio até o governo de Assurbanipal II (883 – 857 a.C.).

Novo império assírio (900 a 612 a.C.)

O novo império assírio surge com Tukulti-Ninurta I (890 – 885 a.C.), que combateu os opressores da Assíria, preparando as bases para o poderoso império que ressurgia. Seu filho, Assurbanipal II (883-857 a.C.), mediante uma série de campanhas militares, subjugou muitos povos, como os que estavam entre o Eufrates, os do Líbano, os filisteus, os do Norte e das colinas orientais da Babilônia. Na Região Oeste, guerreou contra Israel. Seu filho, Salmaneser II (857-824 a.C.), conduziu campanhas militares contra a Síria e aPalestina. Depois desse monarca, o país entra em

decadência, até que surge o grande guerreiro e estadista Tiglate-Pileser (745 a 727 a. C.). Inspirado em seus antecessores, reorganizou o país, preparou grandes exércitos com armas modernas. Nessa inspiração, reconquistou a Babilônia, onde se tornou conhecido pelo nome de Pulu (na Bíblia, como Pul – cf. 2Rs 15.19).

Foi sob sua gestão que uma parte de Israel foi levada cativa. Após sua morte, Oseias, rei de Israel, revoltou-se contra a Assíria. Diante desse acontecimento, Salmaneser V (726-722 a.C.), filho de Tiglate-Pileser, atacou Samaria, capital de Israel, o reino do Norte, até sua rendição total, em 722 a.C. Antes da queda de Israel ser consumada, Sarruquim II, também conhecido como Sargão II, rebela-se contra Salmaneser V, assumindo o comando do poder assírio. Salmaneser toma Samaria (2Rs 17.5; 18.9) e leva cativo 27 mil israelitas. Sargão combate contra a Babilônia e a vence, estendendo seus domínios do Golfo Pérsico até a Capadócia, Cilícia, Chipre, Elã, o Mediterrâneo médio, Sul da Palestina, e alguns países árabes.

Aos poucos, o império foi-se enfraquecendo, até que os caldeus, descendentes dos antigos babilônicos, destruíram a cidade de Nínive, subjugando os assírios.

Babilônia

A Babilônia era uma grande cidade-estado, localizada próximo do encontro entre o rios Tigre e Eufrates. Sendo rota comercial, por ela passavam muitos mercadores carrega-

dos de produtos do Oriente para o Ocidente.

O rei mais influente da Babilônia foi Hamurabi. Por volta do ano 2000 a.C., por intermédio da guerra, ele comandou a conquista das cidades sumérias, que passaram a ser governadas por homens de sua confiança. Com a arrecadação de impostos dessas cidades, que eram enviados à Babilônia, fez com que ela (Babilônia) se tornasse a cidade mais importante da Mesopotâmia.



Uma das coisas mais notáveis da civilização babilônica foi a invenção do Código de Hamurabi, que era uma lista de leis que determinavam como os habitantes do reino deveriam viver. É dele a expressão: "olho por olho, dente por dente".

Como temos observado até aqui, nenhum império da antiguidade durava para sempre. Em certo momento, aparecia

um povo mais forte para destruí-lo. Assim, em 539 a.C., os persas, comandados por Ciro, dominaram a Babilônia.

Medo-persas

Os persas eram um povo que vivia na região onde hoje está o Irã. A partir do século 6° a.C., eles iniciaram a conquista de um dos maiores impérios da antiguidade.

Em 550 a.C., o rei persa, Ciro, conseguiu unir as diversas tribos, formando um grande exército para invadir os territórios vizinhos.

Devido aos constantes ataques de Assurbanipal, Elã se enfraqueceu. Os persas, aproveitando-se dessa decadência, sob o comando de Ciro, que se designou Ciro II, tomam Susã, antiga capital do Elã, e a transforma em sua capital. Cada povo conquistado por Ciro passava a pagar pesados impostos aos persas. Sob seu comando, apoderou-se da Babilônia e derrotou Nabonido, em 538 a.C. Ciro II morre em 530 a.C., e seu filho, Cambises, asusme o colosso do império medo-persa.

O rei Cambises conquistou o Egito. Os persas logo dominaram toda a Mesopotâmia, a Fenícia, a Palestina e vastas áreas que se estendiam até a Índia. Cambises II marcha com o intento de tomar Cartago, mas fracassa, vindo a falecer no regresso desta batalha.

Como não tinha herdeiro, Dario assume em seu lugar, com o nome de Dario I. Seu reinado foi marcado por terríveis insurreições na Babilônia, no Egito, na Armênia, no Elã,

na Média e na própria Pérsia.

Ciente da imensa dificuldade de governar sozinho um vasto império, então, o dividiu em vinte províncias, chamadas de satrapias. Cada satrapia tinha um governador com o título de sátrapa, escolhido pelo rei, é claro.

Apesar da boa organização, os persas não conseguiam unificar todo o gigantesco império. Os povos dominados viviam se revoltando e as rebeliões foram dividindo e enfraquecendo o império. Para agravar a situação, os persas tentaram invadir, por duas vezes, a Grécia, mas foram derrotados.

Dario acreditava que seria fácil dominar a Grécia. Afinal, a Pérsia já possuía quase todo o mundo habitado. Como alguém poderia resistir ao seu poder? Assim, Dario enviou mensageiros para cada cidade-estado. Algumas, com receio de serem destruídas, obedeceram, mas, com Atenas e Esparta, a coisa foi diferente. Em Esparta, os mensageiros do rei persa simplesmente foram mortos. Em Atenas, atirados no fundo de um poço cheio de lama.

Indignado, Dario partiu rumo a essas cidades, pois imaginava uma vitória fácil. Não sabia, porém, que os gregos tinham uma vantagem: para eles, a guerra não era decidida apenas pela quantidade de soldados, mas, também, pela qualidade dos combatentes, pela disciplina militar e, principalmente, pelos planos estratégicos. Por isso, quando as tropas persas invadiram a Grécia, tiveram uma amarga surpresa. Na famosa batalha de Maratona, os gregos estavam em minoria,

mas partiram velozmente para o ataque.[49] Os persas nunca poderiam imaginar tal atitude. Foram envolvidos e massacrados. Durante dez anos, os gregos puderam viver em tranquilidade.

Xerxes I, o Assuero da Bíblia (nome hebraico de Xerxes), reinou de 485 a 465 a.C., e se casou com Ester. Antes de se vingar dos gregos, esmagou as insurreições no Egito e na Babilônia. Em 482 a.C., preparou um exército gigantesco para atacar os gregos. A Grécia não era unificada por um poder central. Não havia capital nem governo único. Era composta de várias cidades-estados (também chamadas de pólis). Cada cidade-estado tinha autonomia, com suas próprias leis e governo. Os cidadãos se reuniam em grandes assembleias para discutirem *res publica* – "coisas públicas", "coisa do povo". É da palavra *pólis* que se originou a palavra "política". Para os cidadãos da *pólis*, a atividade política era considerada nobre, porque afetava a vida de toda a comunidade. Tebas e Corinto estavam entre as cidades-estado mais destacadas, porém, as mais ricas e influentes foram Esparta e Atenas. As cidades-estado raramente se uniam, a não ser em casos extremos, como, por exemplo, a necessidade de se defender dos invasores persas. A ameaça era tão grande que os gregos, pela primeira vez, realmente se uniram. O comandante da Liga dos Gregos ficou com os generais espartanos.

49 Diz a história que logo depois do triunfo na batalha de Maratona, o general grego Milcíades ordenou que um mensageiro fosse, a pé, até Atenas, para anunciar a vitória. O rapaz correu, aproximadamente, 42 quilômetros. Dada a notícia, caiu morto, tornando-se um exemplo de determinação e força de vontade. Até hoje, essa mesma distância é corrida pelos atletas da maratona, uma das principais provas disputadas nas Olimpíadas da atualidade.

O avanço persa parecia irresistível. Antes de dar começo ao seu propósito, os persas necessitavam atravessar o desfiladeiro das Termópilas. Nesse local, se encontrava o general espartano Leônidas, comandando trezentos soldados na tarefa impossível de deter a marcha inimiga. Ali, travou-se a batalha: trezentos espartanos contra milhares de persas! A passagem era estreita, prevalecendo os gregos, até que um traidor ensinou aos persas um caminho secreto. Os bravos guerreiros lutaram até o último homem.

Cidade após cidade foi sendo dominada. Atenas foi ocupada e destruída. Xerxes foi avisado de que havia muitos navios gregos em Salamina, e que os soldados estavam apavorados. Então, diante disso, enviou uma esquadra para lá. Do alto de um morro, mandou instalar um trono luxuoso de ouro para que pudesse assistir e saborear a sua vitória final. Os persas possuíam muito mais navios, mas suas embarcações eram maiores e mais lentas nas manobras do que as embarcações dos gregos.

Com astúcia, os gregos atraíram as esquadras dos persas para um canal estreito e cheio de pedras perigosas. Muito mais ágeis, os gregos possuíam barcos com pontas na proa (frente do casco) para furar os navios inimigos, o que fez com que os navios persas, ao colidirem com as embarcações gregas, naufragassem. Mais uma vez, a inteligência grega venceu os persas!

Finalmente, em 331 a.C., os gregos e macedônios, comandados por Alexandre, o Grande, invadiram e destruíram o império persa.

Reconstrução do templo

Ciro, o monarca da Pérsia conquista, em 539 a.C., o trono da Babilônia e inverte a política de deportação adotada tanto pelo império assírio como pelo império babilônico, permitindo que os judeus retornassem à Palestina para reconstruírem o templo. Suas conquistas foram mais ilustres e poderosas do que as de Dario.

O templo fora destruído quatrocentos e setenta anos, seis meses e dez dias desde a sua construção. Mil seiscentos e dois anos, seis meses e dez dias desde a saída do Egito. Mil novecentos e cinquenta anos, seis meses e dez dias desde o dilúvio.[50]

Esse soberano leu nas profecias de Isaías 44.28, escrita duzentos e dez anos antes que ele tivesse nascido, e cento e quarenta anos antes da destruição do templo, que Deus o constituiria rei sobre várias nações e inspirar-lhe-ia a resolução de fazer o povo voltar a Jerusalém para reconstruir o templo. Essa profecia causou-lhe tal admiração que, desejando realizá-la, ele mesmo mandou reunir em Babilônia os principais dos judeus e disse-lhes que lhes permitia voltar ao seu país e reconstruir a casa do Senhor, Deus de Israel (Ed 1.1-5).

Assim, cumprida a profecia de Jeremias do tempo do exílio (Jr 25.11), no primeiro ano de governo, Ciro, rei dos persas, passa pregão em todo o seu reino, permitindo aos judeus que

50 JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD. p. 250.

retornem à sua pátria. Os chefes das tribos de Judá e Benjamin, juntamente com os sacerdotes e levitas, e muitos outros, se dirigiram imediatamente a Jerusalém para esta grandiosa tarefa (Ed 2.1-70), contando com as previsões dos profetas Ageu e Zacarias.

Após a chegada a Jerusalém, todos os esforços se concentraram na construção do Santuário. Cerca de dois anos depois, o povo conseguiu lançar os fundamentos do templo (Ed 3.8). A emoção foi tamanha que os mais velhos e mais antigos do povo, que tinham visto a magnificência e a riqueza do primeiro templo, ficaram tão sentido e aflitos de profunda dor que não puderam reter as lágrimas e os soluços. O povo, em geral, porém, ao qual somente o presente pode impressionar, estava tão contente que as queixas de uns e os gritos de júbilos de outros impediam que se ouvisse o som das trombetas (Ed 3.12).

Segundo Flávio Josefo, "essa notícia chegou até Samaria e os habitantes dessa cidade vieram indagar o que se passava; tendo sabido que os judeus, voltando do cativeiro da Babilônia, haviam reconstruído seu templo".[51] Depois de malograda tentativa de se reunirem com os judeus na restauração do santuário, os samaritanos se opuseram tenazmente à obra tão auspiciosamente iniciada. A oposição deles chegou a ponto de denunciarem a Ciro e, posteriormente, a Cambises (Artaxerxes),[52] as disposições dos judeus, recebendo deste

51 *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 261.
52 O nome de Cambises ocorre nas Escrituras como Artaxerxes. Ele era filho de Ciro e reinou entre 530 e 522 a.C.

último a autorização de proibirem a reconstrução da casa do Senhor. Assim, o trabalho ficou interrompido durante nove anos, e até o segundo reinado de Dario, rei da Pérsia. Cambises reinou só seis anos e morreu em Damasco. Os magos, depois de sua morte, governaram o reino, durante um ano, com poder absoluto, mas os chefes das principais famílias da Pérsia os depuseram e elegeu rei Dario, filho de Histaspe, cognominado "o Grande" (521-486 a.C.).

Conta-nos esee mesmo historiador que Zorobabel, príncipe dos judeus, era estreitamente ligado por afeição e confiança a Dario, confiando a este e a dois outros dos principais a direção de sua casa e tudo o que mais de perto se referia à sua pessoa.

Zorobabel obteve desse soberano a autorização para dar continuidade às obras que jaziam inertes. O templo foi terminado no fim de sete anos, no sexto ano do reinado de Dario e no dia terceiro do mês de *adar* (Ed 6.15).

Império grego

Nada, aparentemente, explica o brilho ímpar da civilização grega. Na Grécia antiga, desenvolveu-se uma civilização extraordinária.

Talvez, nenhum povo da antiguidade ocidental tenha valorizado tanto a lógica e o raciocínio. Por isso, já se disse que "a razão é grega" (aqui, razão significa "capacidade de raciocinar com lógica"). Ao mesmo tempo em que davam tanta importância ao pensamento racional, os gregos também foram artistas excepcionais.

O mundo hodierno traz muitas marcas indeléveis da cultura grega. O idioma português (e outros idiomas) está cheio de palavras derivadas do grego, como: teologia, paracletologia, teofania, soteriologia, apocalipse, entre outras. Na escola se estuda o teorema de Pitágoras, a lei de Arquimedes e a geometria de Euclides. As grandes obras de literatura e artes gregas, até hoje, são modelos de beleza.

A filosofia grega desenvolveu-se primeiro em suas colônias da Ásia Menor, devido à influência da filosofia oriental, bem como do Egito e dos povos asiáticos do Oriente próximo, inclusive os mesopotâmios. Também, influenciou o progresso econômico e comercial das colônias em relação à metrópole, ainda dominada, à época, pela aristocracia agrícola, mais conservadora e menos democrática. A ciência egípcia e sua pioneira organização administrativa e econômica; a religiosidade dos povos do deserto, bem como a dos orientais; o alfabeto persa, evoluído da escrita cuneiforme e, sobretudo, o alfabeto fenício, serviram de base ao grego que, apenas acrescentaram a este último as vogais.[53] Tudo isso aportou primeiro às colônias, em idade que hoje podemos qualificar de "clássica" (a partir do século 7° a.C.).

Realmente, regiões como Jônia, Lídia e Cária, graças ao pujante comércio de suas cidades, alcançaram níveis destacados de desenvolvimento econômico. Essas regiões correspondem, hoje, ao território da Turquia e arredores. O consequente desenvolvimento científico e social, advindo do

53 RUSSEL, Bertrandl. *História da filosofia ocidental.* Vol I. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1957, p. 13, comenta: "Os gregos, tomando-o dos fenícios, modificaram o alfabeto para que este se adaptasse ao seu idioma, realizando a importante inovação de acrescentar-lhe vogais, em lugar de empregar somente consoantes".

desenvolvimento econômico, propiciou o nascimento do que se denomina "filosofia ocidental".

A expansão colonial

Os gregos não viviam apenas onde hoje está o país chamado Grécia, porque, desde o século 8° a.C. até o século 5° a.C., eles fundaram colônias. As colônias eram cidades gregas que se desenvolviam fora do território grego. Ficavam espalhadas pela costa da Ásia Menos (onde hoje está a Turquia) e ilhas próximas (região chamada de Jônia), pelas praias e portos do mar Negro, pela Silícia e Sul da Itália (o que demonstra que, desde cedo, os romanos receberam influência dos gregos) e até pela Espanha.

O domínio macedônio

A Macedônia se localizava ao Norte da Grécia. Enquanto os espartanos e atenienses e seus respectivos aliados guerreavam entre si, disputando a hegemonia da Grécia, durante um período de dez anos, que ficou conhecido como Guerra do Peloponeso, a Macedônia, governada por Filipe, foi consolidando sua unidade e força.

O desejo de Filipe era se tornar rei de toda a Grécia e, para isso, se empenhou nas guerras. Devido às debilidades das cidades-estado gregas, uma a uma foi-se rendendo aos avanços de Filipe. Em 338 a.C., os macedônios derrotaram os tebanos e os atenienses, e, como consequência, Filipe foi coroado rei da Grécia.

Dois anos depois da vitória, Filipe morreu, assumindo seu filho Alexandre em seu lugar. Esse jovem teve uma educação notável. Seu professor foi um dos maiores gênios da história da humanidade, o filósofo Aristóteles. Além de rei da Grécia, era comandante do exército real. Foi um dos maiores generais da história. Em 334 a.C., começou a construir um grandioso império. Tomou a Ásia Menor e ocupou o império persa. Dominou a Fenícia, a Palestina e o Egito, alcançando partes da Índia.

Alexandre, o Grande, se engrandeceu, mas, como profetizado por Daniel, o "chifre grande" se quebrou, ou seja, expirou, depois de ter vencido os persas e tratado Jerusalém de modo brando, saindo em seu lugar quatro "chifres menores", dez anos depois deste evento. As "quatro pontas" do texto em foco compreendem, também, as quatro "asas" que o "leopardo" trazia em suas costas (Dn 7.6). Seu Estado maior era composto de quatro generais, que, na visão, são representados pelas "quatro pontas pequenas". Uma vez que o general não existia mais, todos queriam tomar o seu lugar, mas nenhum tinha poderio militar para isso. Depois de muitas lutas, decidiram dividir em quatro partes o império conquistado por Alexandre, a saber: Macedônia, Trácia, Síria e Egito, cabendo a cada uma, um general. Ptolomeu teve o Egito; Seleuco, a Síria; Antípater, a Macedônia; e Filétero, a Ásia Menor. Desses quatro, os que mais diretamente interessam à história dos israelitas são os que se dirigiram para o Egito (Ptolomeu), e Síria (Seleuco).

De um dos "quatro chifres" saiu um notável, de "pequeno" que era, tornou-se grande em poder. O "pequeno chifre" que saiu de uma das "pontas" de Seleuco representa, em seu primeiro estágio, Antíoco Epifânio, monarca selêucida, do ramo sírio do império grego, o qual fez um esforço extremo para extinguir a religião judaica.

Segundo o historiador Flávio Josefo, "ele veio com seu exército a Jerusalém, cento e quarenta e três anos desde que Seleuco e seus sucessores reinavam na Síria. Sem dificuldades, tornou-se senhor dessa praça, porque os de seu partido abriram-lhe as portas; mandou matar vários do partido contrário, apoderou-se de grande quantidade de dinheiro e voltou à Antioquia. Dois anos depois, no vigésimo quinto dia do mês, o qual os hebreus chamam de casleu e os macedônios, de apeleu, na centésima quinquagésima terceira Olimpíadas, ele voltou a Jerusalém e não perdoou nem mesmo os que o receberam na esperança de que ele não faria nenhum ato de hostilidade. Sua insaciável avareza fez com que não temesse violar também sua fé para despojar o templo de tantas riquezas. Tomou os vasos consagrados a Deus, os candelabros de ouro, a mesa da proposição e os incensários. Levou, também, as tapeçarias de escarlate e de linho fino, pilhou os tesouros, que tinham ficado escondidos por muito tempo; afinal, nada lá deixou. E, para cúmulo da maldade, proibiu aos judeus oferecer a Deus os sacrifícios ordinários segundo sua lei. A isso os obrigava.

"Depois de assim ter saqueado toda a cidade, mandou

matar uma parte dos habitantes e fez levar dez mil escravos com suas mulheres e filhos; mandou queimar os mais belos edifícios, destruiu as muralhas, construiu, na cidade baixa, uma fortaleza com grandes torres que dominavam o templo, e lá colocou uma guarnição de macedônios, entre os quais estavam vários judeus maus e tão ímpios que não havia males que eles não infligissem aos habitantes. Mandou, ainda, construir um altar no templo, e lá fez sacrificar porcos, o que era uma das coisas mais contrárias à nossa religião. Obrigou, então, os judeus a renunciarem ao culto do verdadeiro Deus para adorarem aos ídolos; com isso, ordenou que se lhes construíssem templos em todas as cidades e determinou que não se passasse um dia que lá não se imolasse porcos. Proibiu aos judeus, sob penas graves, que circuncidassem seus filhos e nomeou fiscais para vigiarem se eles observavam suas determinações, as leis que ele impunha, e para obrigá-los a isso, se recusassem.

"A maior parte do povo obedeceu-lhe, fê-lo voluntariamente ou por medo; mas essas ameaças não puderam impedir, aos que tinham virtude e generosidade, de observar as leis de seus pais; o cruel príncipe os fazia morrer, por vários tormentos. Depois de tê-los feito retalhar a golpes de chicote, sua horrível desumanidade não se contentava de fazê-los crucificar, mas, enquanto respiravam, ainda fazia enforcar e estrangular, perto deles, suas mulheres e os filhos que tinham sido circuncidados. Mandava queimar todos os livros das Sagradas Escrituras e não perdoava a um só, de todos aqueles em cujas casas os encontravam".[54]

54 ***História dos hebreus***. **Rio de Janeiro: CPAD, p. 286-7.**

Esse monarca destituiu o sumo sacerdote, proibiu o sacrifício diário no templo e, sobre o altar de Yahweh, erigiu ele um altar a Zeus. Como se não bastasse, vendeu milhares de famílias judias como escravas. Foram tais atrocidades dos Antíocos que os judeus se revoltaram, e uma família, a dos asmonianos, se refugiou nas montanhas e desafiou o poder dos selêucidas. Dessa família, nasceu o movimento apelidado de "Macabeu", em que a família asmoniana enfrentou o poder dos Antíocos ou dos Selêucidas.

Em 167 a.C., Deus suscitou um libertador na pessoa de Matatias. Esse santo e resoluto sacerdote era pai de três filhos que se destacariam com igual valor na história de Israel: Judas, Simão e Eleazar. Com seu exemplo e enérgicas exortações, logrou despertar nos filhos e no povo o ardor pela defesa da fé.

Judas destacou-se pelo gênio militar. Ganhou várias batalhas contra forças superiores, conquistou Jerusalém e promoveu a purificação do templo com a restauração do culto a Yahweh. E, assim, foi instituída a "Festa da dedicação", para comemorar a retomada da cidade santa e da casa de Deus.

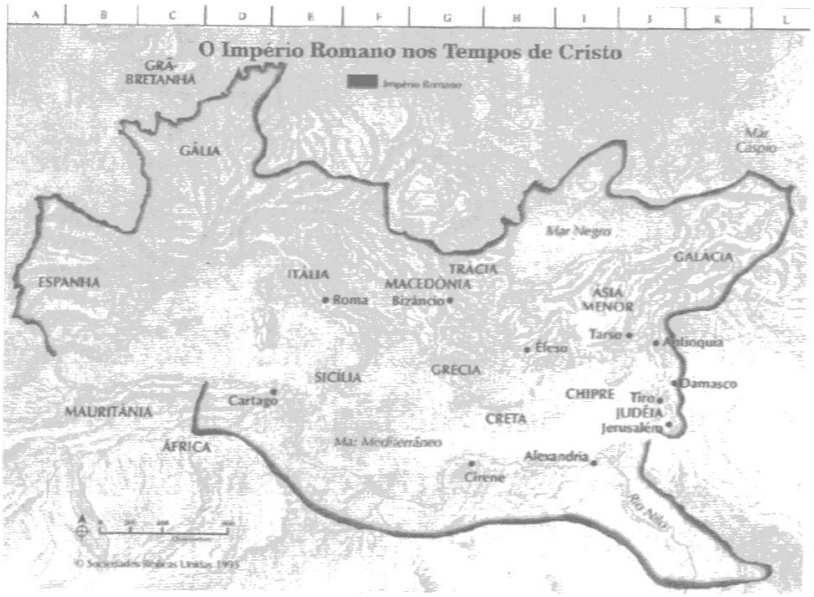
Com a morte dos filhos de Matatias, João Hircano, filho de Simão, em 135-106 a.C., começou a sobressair-se na administração da Judeia e o país, então, passa a desfrutar de sua legendária prosperidade.

Houve guerras constantes entre os hasmoneus e os idumeus. Herodes, com o auxílio de onze legiões romanas, enviadas pelo imperador Marco Antônio, derrotou os exércitos de Antígono nas proximidades de Siquém.

Sob a insistência de Herodes, Antígono, último da dinastia dos hasmoneus, foi decapitado. Pretendendo legitimar sua ascensão ao trono da Judeia, Herodes celebra suas núpcias com Mariana, neta de Hircano.

O romanos

Roma começou a se destacar mais ou menos na mesma época em que a cidade-estado de Atenas assumiu a hegemonia na Grécia, ou seja, por volta do século 5° a.C. Naquela época, Roma foi robustecendo seu exército e ampliando seus horizontes. Em primeiro lugar, submeteu seus vizinhos mais próximos. Depois, derrotou os etruscos e, por fim, quase toda a Itália pagava tributos a Roma.



As conquistas militares enriqueciam Roma. No começo do século 1° a.C., destacou-se o general Mário. Ele permitiu aos romanos que não possuíam terras (chamados proletários)

que fizessem parte do exército e recebessem uma nesga de terra (o que era proibido). Assim, Mário obteve sucessos militares no Norte da África e contra os germanos.

Depois da morte de Mário, houve uma guerra civil, quando o general Sila venceu os insubordinados seguidores de Mário, tornando-se ditador vitalício.

O falecimento de Sila foi o começo de uma era de rivalidade entre generais com ambições políticas pessoais. Três generais disputavam a liderança da República: Júlio César, Pompeu e Crasso. O primeiro, Júlio César, era um general extraordinário, bom escritor, ótimo orador, capaz de empolgar a massa de plebeus com seus discursos e com energia inesgotável para perseguir seus objetivos.

Outro general que se enriqueceu com as guerras foi Pompeu, conhecido por suas vitórias na Espanha, Síria e Judeia, e, também, na luta contra os piratas do Mediterrâneo. Já Crasso, um rico coletor de impostos e capitalista, foi o mais antigos que Sila dominou.

Inicialmente, Júlio César, Crasso e Pompeu fizeram um pacto para dividir o poder e enfrentar os senadores, que tentavam controlá-los. Um auxiliaria o outro. Essa aliança foi chamada de "triunvirato".

Crasso acabou morrendo no Oriente, reduzindo a disputa do poder entre Pompeu e Júlio César. O confronto entre os exércitos de César e os de Pompeu ficou sendo conhecido como "segunda guerra civil" (de 49 a 45 a.C.). César triunfou, tornando-se ditador vitalício de Roma. Para manter o

apoio dos soldados e proletários romanos, perdoou dívidas, distribuiu dezenas de milhares de lotes de terra em Corinto, na Grécia.[55]

Os senadores temiam que César adquirisse muitos poderes, então, de surpresa, cercaram-no e cada um dos membros do senado enfiou o próprio punhal nas carnes do general. Ao perceber que estava sendo esfaqueado até mesmo por um homem de sua confiança chamado de Brutus, exclamou o general, desiludido: "Até tu, Brutus". Frase essa que ficou gravada na história como expressão de decepção diante da traição.

Após o falecimento de César, os generais Lépido, Marco Antônio e Caio Octávio formaram o segundo triunvirato. E esses triúnviros logo mostraram a que vieram: prenderam e executaram milhares de opositores, inclusive senadores. Por ordem dos generais, soldados invadiam casas e levavam os prisioneiros para câmaras de tortura. O grande orador Cícero foi uma das vítimas fatais desse grupo.

Pouco tempo depois, Lépido foi preso pelo sobrinho de César, restando a Octávio e a Marco Antônio a disputa pela supremacia.

As forças militares de Marco Antônio não resistiram às guerras contra os exércitos de Octávio Augusto. Agora, com Octávio, o governador supremo. Essa nova forma de governo foi chamada de "império". O primeiro imperador, Octávio

55 César introduziu um novo calendário que, com algumas modificações feitas por ordem do papa Gregório, em 1580, ainda é o que utilizamos no mundo ocidental. Aliás, o mês de julho nada mais é do que uma homenagem ao próprio Júlio César, assim como agosto homenageia o primeiro imperador Octávio Augusto.

Augusto, assumiu o poder em Roma no ano 27 a.C., e iniciou uma série de reformas administrativas e políticas.[56]

Marco Túlio Cícero

Os romanos amavam a eloquência, isto é, a arte de convencer as pessoas com belas palavras, raciocínios e frases elegantes. Os jovens da nobreza eram educados para se tornarem adultos eloquentes, uma qualidade importante na vida social e política.

Marco Túlio Cícero foi o mais célebre dos oradores romanos, sendo conhecido como "garganta de ouro". Viveu no século 1° a.C., próximo ao término da República. Sua última campanha foi em defesa do senado contra o segundo triunvirato. Por ordens expressas do general Marco Antônio, os soldados atravessaram a língua de Cícero com um prego e depois o cortaram em pedaços. As mãos e cabeça decepadas ficaram expostas no fórum, onde tantas vezes ele havia eletrizado o público com a oratória. Agora, estava calado para sempre.

56 O imperador César Augusto, citado em Lucas 2.1, adotou como filho e sucessor o general Tibério. Depois da morte de Augusto, Tibério (Lc 3.1), se tornou o novo "César" (outra maneira de chamar um imperador). Seu sucessor foi Caio César, que ficou conhecido na história com o apelido de Calígula. No lugar de Calígula, veio Cláudio (sobrinho de Tibério), depois de sua morte, assume o homem indicado por ele, Nero, que ordenou que a própria mãe fosse assassinada! Em 64 d.C., Roma foi incendiada, sendo Nero acusado de ter sido o autor desse crime. O imperador respondeu responsabilizando os cristãos de terem ateado fogo na cidade de Roma. Por essa causa, foram perseguidos, amarrados em postes, untados com alcatrão e incendiados, para iluminar as noites romanas.

Capítulo 3

NAÇÕES CANANEIAS

Segundo a genealogia bíblica, os descendentes de Canaã, filho de Cam, neto de Noé, foram os camitas. "Canaã gerou Sidom, seu primogênito, e a Hete, e ao jebuseus e ao amorreu, e ao girgaseu, e ao heveu, e ao arqueu, e ao sineu, e ao arvadeu, e ao zemareu, e ao hamateu..." (Gn 10.15).



Esses povos aparentados com os israelitas estavam estabelecidos em Canaã, juntamente com os filisteus e os caftorins, formando pequenos reinos organizados. A Bíblia determina o termo dos cananeus: "Foi desde Sidom, indo para Gerar, até Gaza, indo para Sodoma, Gomorra, Admá e Zeboim, até Lasa" (Gn 10.19).

Canaã é o cenário da parte inicial da história de Israel. Ao Norte, o país faceia montanhas cobertas por neve no inverno; ao Sul, deserto causticante, que se estende sob um sol implacável até o mar Vermelho; a Oeste, as ondas e a brisa do Mediterrâneo; a Leste, o rio Jordão, antes uma minúscula barreira frente a outro deserto. Esse rio nasce no lago de Tiberíades, antigamente chamado de mar da Galileia, e desemboca no mar Morto, 400 metros abaixo do nível do mar, ponto mais baixo do planeta Terra. Do Mediterrâneo ao Jordão, são, aproximadamente, oitenta quilômetros e uns 450 quilômetros vão do Sul ao Norte. No meio, morros aprazíveis e vales verdejantes se estendem.

A migração de Abraão

Os ancestrais de Israel apareceram no cenário da história no começo do segundo milênio antes de Cristo. A narrativa sobre a migração do patriarca Abraão, ancestral da nação israelita, enfatiza a sua origem na Mesopotâmia e sua associação subsequente com o Egito. Sua primeira localização geográfica foi o país dos caldeus (babilônicos), com destaque para Ur,

antiga capital do império dos sumerianos, os quais legaram ao mundo uma grande literatura, cujo principal expoente é o épico de Gilgamés, o conquistador que se torna "deus". Ur dos Caldeus ou Orfah, também chamada de Edessa,[57] era a cidade venerável do "deus-lua" – "Sin", no Sul da Mesopotâmia. Abraão não era beduíno; vivia nos centros urbanos da Mesopotâmia, onde decorreram muitas civilizações. Dessa região, saíram vários povos para colonizar o mundo que, até então, não era habitado. De Ur, saíram caravanas que habitaram o Egito, a Grécia, a Itália e a Europa do Norte.

Deus, que jamais se esquece de suas promessas, tendo em vista cumprir seu concerto (Gn 3.15), foi buscar, em meio a tantas civilizações, um homem – Abraão – para com ele começar um povo, uma nação, um Livro. E este seria o povo hebreu, escolhido por Deus para cobrir uma longa trajetória, com luzes e sombras, com bonança e tempestades, com alegrias e tristezas através dos séculos, até que chegasse a plenitude dos tempos, até que viesse o filho da promessa – Jesus, segundo as Escrituras (Gl 4.4).

Quatrocentos anos depois do dilúvio, Deus chama Abraão para ser fundador de uma nação por meio da qual Deus concretizaria a restauração e a redenção da raça humana: "Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei..." (Gn 12.1).

As viagens de Abraão tiveram início quando seu pai, Terá, saiu de Ur dos caldeus, no Sul do Iraque, importante

57. MESQUITA, Antônio Neves de. Povos e nações do mundo antigo. 6ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 77.

centro comercial, levando a família para Harã. Subindo o Eufrates, seguindo pela estrada principal, vieram a Harã, também designada por Padã-Arã, onde Terá, pai de Abraão, veio a falecer. Harã, situada a aproximadamente 965 quilômetros a Noroeste de Ur e 643 quilômetros ao Nordeste de Canaã, foi o local da primeira parada. Parece que Abraão entrou em Canaã pela Transjordânia, pelo lado ocidental do Jordão, que o teria levado a atravessar todo o Sul de Damasco, passando pelos contrafortes do Líbano, talvez pela entrada de Hamate.

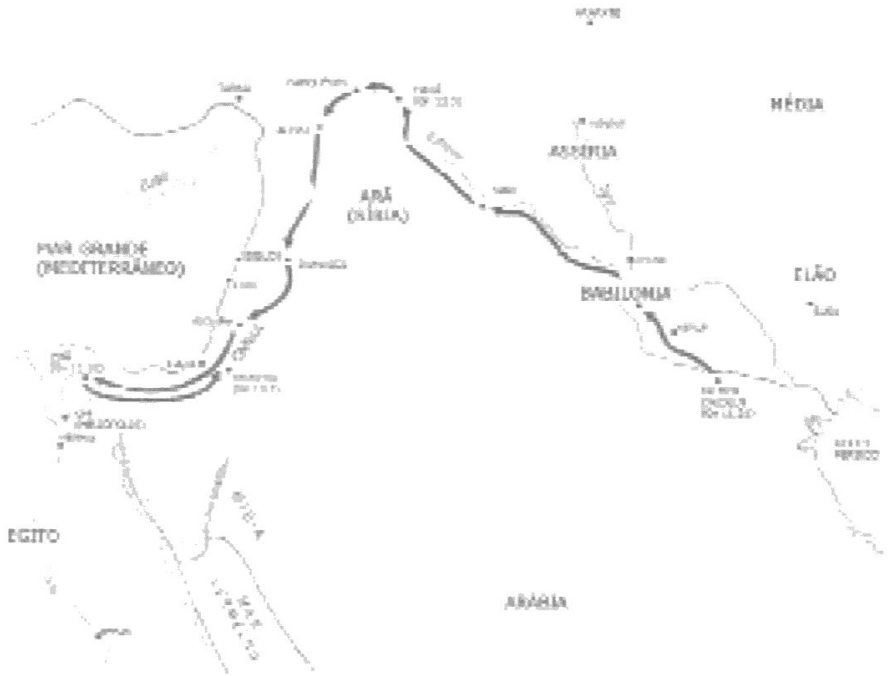
Siquém, onde habitavam os cananeus (Gn 12.6), foi o local da primeira estadia de Abraão em Canaã, onde ele edifica um altar ao Senhor, seu Deus, e onde, também, foi reafirmada a promessa da posse da terra: "Apareceu o SENHOR a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra..." (Gn 12.7). No centro daquela terra, havia um lindo vale entre os montes Ebal e Gerezim. Abraão seguiu viagem em direção ao Sul.

Betel, situada a 32 quilômetros ao Sul de Siquém e 16 quilômetros ao Norte de Jerusalém, foi a próxima parada de Abraão depois de Siquém. E, nessa cidade, Betel, também construiu um altar e ali invocou o nome do Senhor (Gn 12.8).

Saindo de Betel em direção ao Sul, Abraão, provavelmente, deve ter passado próximo à cidade de Jerusalém. Então, por causa da fome naquela região, foi habitar no Egito, até que se extinguisse essa deficiência (Gn 12.10).

Depois disso, retorna do Egito, indo para as bandas do Sul até Betel, até o lugar onde, a princípio, estivera a sua tenda, entre Betel e Ai (Gn 13.3).

Devido às grandes quantidades de rebanhos, houve contenda entre os pastores de gado de Abraão e os pastores de gado de seu sobrinho, Ló. Mas, Abraão, com generosidade, concedeu a Ló o direito de escolher entre as terras da região par onde desejava ir. Então, escolheu a campina do Jordão, que era bem regada, conforme o jardim do Senhor, semelhante à terra do Egito, quando se entra em Zoar (Gn 13.10). Abraão, por sua vez, escolheu Hebrom, que passou a ser sua residência permanente a partir desse evento.



Peregrinação de Abraão

Em Gênesis 14, temos o registro em que quatro reis caldeus se confrontaram com cinco reis da Palestina, e o resultado desse embate foi a prisão do sobrinho de Abraão. Mas Abraão, em uma noite, usando uma admirável estratégia militar e com 318 soldados, desbaratou o exército caldeu e resgatou Ló, seu sobrinho (Gn 14.16). Segundo Antônio Neves de Mesquita, "entre os reis caldeus encontra-se um personagem famoso na história, o célebre Hamurabi, que o hebraico grafa com o nome de Anrafel".[58]

Depois deste evento, Abraão vai para o extremo Sul, para o Neguebe, região que, posteriormente, será percorrida pelos israelitas, quando de sua saída do Egito.

O êxodo

O povo de Israel se encontrava na condição de escravos indefesos na terra do Egito. Durante esse período, construíram, debaixo de açoites, duas novas cidades para os egípcios. Edificaram a Faraó cidades-celeiros: Pitom e Ramessés (Êx 1.11). Mas, quanto mais eram afligidos, tanto mais os israelitas se multiplicavam e tanto mais cresciam. Por conta disso, os egípcios se enfadavam por causa dos filhos de Israel e, com tirania, obrigavam os israelitas servirem como escravos (Êx 1.12,13).

Os egípcios, então, começaram a temer o número cada vez maior de israelitas ("um povo mais forte", segundo Faraó).[59]

58 Povos e nações do mundo antigo, 6ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 91-2.

59 [33]"Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós" (Êx 1.8,9).

O termo hebraico usado no versículo 12, traduzido para "inquietavam" é *kootz*, que significa: "detestar e ter horror a, um sentimento doentio". A brutalidade, então, aumentou.

Diante dessa situação, Deus, de maneira discreta, prepara um libertador para o seu povo e, futuramente, o confronto desse libertador com Faraó. Em Êxodo 2.1,2, lemos a respeito de um casamento celebrado sob essas condições difíceis: "E foi-se um varão da casa de Levi e casou com uma filha de Levi. E a mulher concebeu, e teve um filho, e, vendo que ele era formoso, escondeu-o três meses". O pequeno Moisés entrou num mundo de crueldade, sofrimento e desespero, mas protegido pela fé de seus pais (Hb 11.23).

A vida de Moisés pode ser dividida em três segmentos de quarenta anos cada, segundo o relato de Atos 7.23,30,36. Moisés passou seus primeiros quarenta anos no Egito, sendo cuidado pela própria mãe e aprendendo nas escolas egípcias. Já o seu segundo ciclo de quarenta anos passou com o povo hebreu no deserto, nutrido pela solidão e sendo ensinado por Deus. Seus últimos quarenta anos, todavia, foram no deserto, juntamente com o povo hebreu, onde enfrentou provações, desânimo e testes, e onde, também, foi ensinado pela lei que recebeu das mãos de Deus.

Rota do êxodo

Esse percurso pode ser lido no texto bíblico de Números 33.1-49. Vejamos:

"Estas são as jornadas dos filhos de Israel, que saíram da

terra do Egito, segundo os seus exércitos, pela mão de Moisés e Arão. E Moisés escreveu as suas saídas, segundo as suas jornadas, conforme o mandado do SENHOR; e estas são as suas jornadas, segundo as suas saídas.

"Partiram, pois, de Ramessés, no primeiro mês, no dia quinze do primeiro mês; no seguinte dia da Páscoa, saíram os filhos de Israel por forte mão, aos olhos de todos os egípcios; enterrando os egípcios, os primogênitos, os quais o SENHOR os havia ferido entre eles; e havendo o SENHOR executado os seus juízos a seus deuses, através das pragas.

"Partidos, pois, os filhos de Israel de Ramessés, acamparam-se em Sucote.

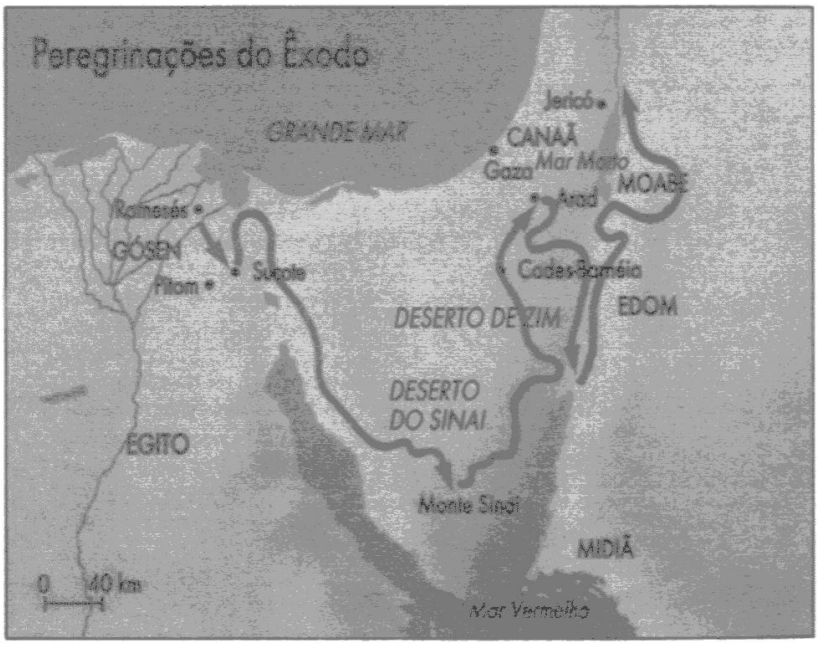
E partiram de Sucote e acamparam-se em Etã, que está no fim do deserto. E partiram de Etã, e voltaram a Pi-Hairote, que está defronte de Baal-Zefom, e acamparam-se diante de Migdol. E partiram de Pi-Hairote, e passaram pelo meio do mar ao deserto, e andaram caminho de três dias no deserto de Etã, e acamparam-se em Mara. E partiram de Mara e vieram a Elim; e em Elim havia doze fontes de águas e setenta palmeiras, e acamparam-se ali. E partiram de Elim e acamparam-se junto ao mar Vermelho. E partiram do mar Vermelho e acamparam-se no deserto de Sim. E partiram do deserto de Sim e acamparam-se em Dofca. E partiram de Dofca e acamparam-se em Alus. E partiram de Alus e acamparam-se em Refidim; porém não havia ali água, para que o povo bebesse. Partiram, pois, de Refidim e acamparam-se no deserto do Sinai. Partiram do deserto do Sinai e acamparam-se em Quibrote-Hataavá.

"E partiram de Quibrote-Hataavá e acamparam-se em Hazerote. E partiram de Hazerote e acamparam-se em Ritma. E partiram de Ritma e acamparam-se em Rimom-Perez. E partiram de Rimom-Perez e acamparam-se em Libna. E partiram de Libna e acamparam-se em Rissa. E partiram de Rissa e acamparam-se em Queelata. E partiram de Queelata e acamparam-se no monte Sefer. E partiram do monte Sefer e acamparam-se em Harada. E partiram de Harada e acamparam-se em Maquelote. E partiram de Maquelote e acamparam-se em Taate. E partiram de Taate e acamparam-se em Tera. E partiram de Tera e acamparam-se em Mitca. E partiram de Mitca e acamparam-se em Hasmona.

"E partiram de Hasmona e acamparam-se em Moserote. E partiram de Moserote e acamparam-se em Benê-Jaacã. E partiram de Benê-Jaacã e acamparam-se em Hor-Hagidgade. E partiram de Hor-Hagidgade e acamparam-se em Jotbatá. E partiram de Jotbatá e acamparam-se em Abrona. E partiram de Abrona e acamparam-se em Eziom-Geber. E partiram de Eziom-Geber e acamparam-se no deserto de Zim, que é Cades. E partiram de Cades e acamparam-se no monte Hor, no fim da terra de Edom. E partiram de Hor e acamparam-se em Zalmona. E partiram de Zalmona e acamparam-se em Punom. E partiram de Punom e acamparam-se em Obote. E partiram de Obote e acamparam-se nos outeirinhos de Abarim, no termo de Moabe.

"E partiram dos outeirinhos de Abarim e acamparam-se em Dibom-Gade. E partiram de Dibom-Gade e acampa-

ram-se em Almom-Diblataim. E partiram de Almom-Diblataim e acamparam-se nos montes de Abarim, defronte de Nebo. E partiram dos montes de Abarim e acamparam-se nas campinas dos moabitas, junto ao Jordão, de Jericó. E acamparam-se junto ao Jordão, desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim, nas campinas dos moabitas".



Rota do êxodo

Divisão das terras

O reino do Sul era composto dos territórios de Judá, Simeão e Benjamim.

O reino do Norte era formado pelas tribos setentrionais e assentadas nas terras férteis além do Jordão, desde o mar Morto até o mar da Galileia.

A dissensão entre esses dois reinos, algumas vezes, os conduzia a lutas fratricidas; em outras, a se unirem contra algum inimigo comum. Os livros bíblicos de Reis e Crônicas descrevem as atividades dos reis de Judá (reino do Sul) e Israel (reino do Norte). Durante os mais de duzentos anos de sua existência, o reino do Norte (Samaria) teve dezenove reis, ao passo que o reino do Sul (Judá), vinte, e isso no decorrer dos seus 344 anos de sua existência.

Enquanto em Judá a sucessão quase sempre ocorria naturalmente e conforme a linhagem dinástica da casa de Davi, cerca da metade dos reis de Samaria foi regicida ou usurpadora.

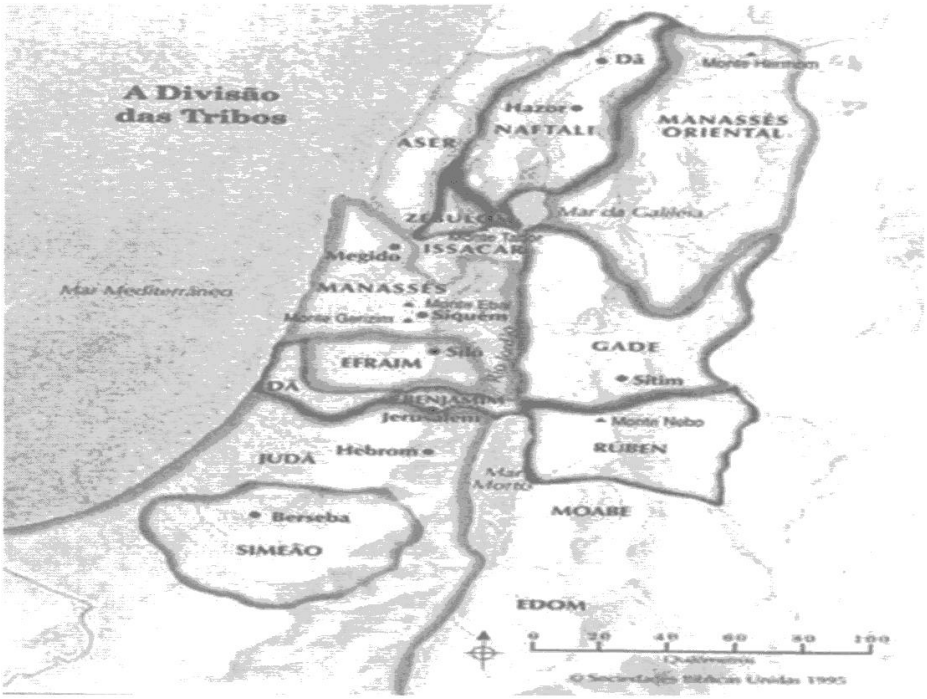
No campo religioso, enquanto Judá luta contra o paganismo, Samaria faz as pazes com ele.

Cidades de refúgio

A incompleta conquista de Israel e a adoração a deuses estranhos causaram grandes problemas no tempo dos juízes. Os israelitas caíram sob o domínio de um povo atrás do outro. Entretanto, vários juízes derrotaram os exércitos inimigos e libertaram o povo de Israel.

Havia seis cidades de refúgio. Três delas foram separadas por Moisés, a Leste do Jordão, a saber: Bezer, Ramote, em Gileade, e Golã (Dt 4.41-43). As outras três, por Josué, a Oeste do Jordão: Quedes, Siquém e Hebrom (Js 20.7). Havia, ainda, 48 cidades para os levitas (Nm 35.6), e outras treze para sacerdotes (Js 21.19).

Essas cidades acolhiam o homicida que, acidentalmente, por erro, matasse alguém. Ali, os refugiados recebiam, por parte de parentes, proteção contra os vingadores.



Cidades de refúgio

A queda de Samaria (reino do Norte)

Firme e intrépida, Samaria enfrentou, durante duzentos anos, as grandes potências contemporâneas, findando-se frente ao mais horroroso esquema militar já contemplado. A história legou à posteridade o tratamento dispensado que os reis assírios retribuíam aos seus subjugados: "Esfolei-os vivos e com suas peles revesti meus palácios, empalei-os em cima de estacas, cortei seus membros e dei-os de comer aos porcos e aos lobos, queimei-os vivos aos milhares e suas línguas ar-

ranquei deles vivos para maior alegria dos deuses".[60]

Tiglate-Pileser eleva a Assíria à potência mundial, dominando o Oriente Médio durante um século. Depois de subjugar as nações ao Norte e a Oeste, se dirige rumo aos tesouros do Egito, não poupando nada que se encontre à sua frente, Damasco, Fenícia, Samaria, Judá e mais algumas pequenas cidades-estado, que nada mais são do que insignificantes obstáculos.

Com a promessa de ajuda do Egito, Damasco, Tiro e Sidom, e também as cidades filisteias que restaram, Moabe e Edom, juntamente com Peca e os reis de Israel, se unificaram para pelejar contra Tiglate-Pileser, rei da Assíria. Judá, no entanto, se recusa a tomar partido e oferece resistência armada contra essa confederação.

Em 732 a.C., esta frágil colisão entra em campo, mas não é adversário contra Tiglate-Pileser. Damasco é arrasada; a Síria é retalhada em quatro províncias assírias; e Samaria perde metade de seu território, sendo dispersa pelos quatro cantos do Império. A hora do Egito ainda não havia chegado. Tiglate-Pileser volta para a Babilônia, em 729 a.C.

Em meio às cavaqueações, cai subitamente a notícia da morte de Tiglate-Pileser, em 727 a.C., Samaria, com estas boas-novas, interrompe o pagamento de tributos à superpotência.

Salmaneser V, filho de Tiglate-Pileser, o novo imperador da Assíria, com um imenso exército, extingue com sangue e fogo

60 BORGER, Hans. Uma história do povo judeu. Vol. 1. São Paulo: Sefer, 1999, p. 103.

todos os focos de resistência, em 725 a.C.

Oseias, rei de Israel, testou a força de Salmaneser e recrutou a força de Sô, rei do Egito. Vieram os assírios e depuseram o monarca, e Samaria enfrentou um cerco de três anos, liderado por Salmaneser. Por fim, totalmente exausta, Samaria rende-se ao sucessor de Salmaneser, Sargão II.

Mediante uma política de remanejamento, quase toda a população de Samaria é exilada e, para prevenir novos levantes, assentam-se nas suas terras colonos advindos de outras províncias. O reino de Samaria deixa de existir em 722 a.C. (2Rs 17). Os poucos que foram poupados da deportação misturam-se com os colonos recém-chegados e formam uma nova etnia e cultura híbrida: os samaritanos.

Queda de Jerusalém (reino do Sul)

Em 622 a.C, Nabopolassar proclama independência de seu país, dando início ao império neobabilônico. O processo de desmantelamento do império assírio estava em pleno andamento. O rei babilônico uniu-se aos citas, hordas de bárbaros, que, a partir do Cáucaso, repentinamente se dispersam pelo crescente fértil. E não somente com o citas. Os babilônicos aliam-se também com os medos, um povo da Ásia Menor de etnia obscura.

Diante dessa tríplice associação — babilônicos, citas e medos, a gigantesca Nínive (uma das mais antigas cidades da história) cai, em 612 a.C.

Ao mesmo tempo, acontece algo estarrecedor, no cená-

rio internacional, com o Egito, até então arqui-inimigo da Assíria. Faraó Neco, rei do Egito, em 609 a.C., se aliou aos remanescentes assírios com o intento de deter a força babilônica. Nessa época, os egípcios marcharam rumo ao Norte, em direção a Harã, para socorrer seus aliados, obrigatoriamente atravessando Judá, reino do Sul. Josias tentou impedi-los no vale de Jezreel, perto de Megido, local de tantas batalhas históricas, vindo a perder sua vida (2Rs 23.29; 2Cr 35.20-24).

Exatamente em Carquemis, no ano 605 a.C., os exércitos de Neco, rei do Egito, defrontaram-se com os exércitos de Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, rei da Babilônia, travando ali uma imensa batalha que não foi fácil para qualquer das partes em contenda. Nessa fatigável batalha, os egípcios e os assírios sofreram uma derrota fragorosa. Neco volta em fuga rápida ao Egito, só não perdendo o trono porque Nabucodonosor não teve tempo para persegui-lo: ele precisa retornar à Babilônia para assumir o trono de seu pai, que acabara de falecer.

Em seu regresso para o Egito, Faraó Neco, ao passar pela Palestina, depôs Joaaz (Jeoacaz), filho de Josias – que o povo havia colocado no trono depois da morte de Josias – e colocou no lugar de Joaaz o seu irmão, chamado Eliaquim, mudando-lhe o nome para Joaquim, ou Jeoaquim (2Rs 23.34), que ficou submisso, naturalmente, ao rei do Egito, até que, em 605 a.C., Nabucodonosor subiu contra ele e o amarrou com cadeias, a fim de levá-lo para a Babilônia (2Cr 36.62; 2Rs 24.1,2).

Primeira deportação

Nabucodonosor, nessa sua primeira passagem pela terra santa, levou alguns utensílios da Casa do Senhor (2Cr 36.7), juntamente com um pequeno grupo de príncipes, entre eles, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, aos quais "o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes. A saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias, o de Sadraque, e a Misael, o de Mesaque, e a Azarias, o dedAbede-Nego" (Dn 1.7).

Daniel era da tribo de Judá e, provavelmente, membro da família real (Dn 1.3-6).[61] Quando ainda muito jovem, foi levado, juntamente com o primeiro grupo de cativos, à Babilônia, no ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, por Nabucodonosor. Igualmente deportados são os ministros e os sacerdotes, os mais graduados funcionários civis e militares, bem como milhares de artesãos e artífices – a elite de todas as camadas sociais. Era o ano 597 a.C., o primeiro exílio (2Cr 36.4-7; Dn 1.1). Daniel presenciou todo o cativeiro babilônico, chegando a ocupar altos cargos, tanto no império babilônico quanto no império persa.

Segunda deportação

Ezequiel foi levado cativo para a Babilônia durante o reinado de Joaquim, quando Nabucodonosor assaltou Jerusalém pela segunda vez (é bom o estudante lembrar que a queda de

61 Flávio Josefo, em sua biografia sobre o povo hebreu, afirma que os quatro jovens, Daniel, Ananias, Misael e Azarias, eram parentes do rei Zedequias.

Jerusalém ainda não havia ocorrido). No quinto dia, do quarto mês, do quinto ano do cativeiro (Ez 1.1,2) ele começou seu ministério, que se estendeu até o primeiro mês do vigésimo sétimo ano (Ez 29.17), tendo durado vinte e dois anos.

Terceira deportação

Nabucodonosor concorda com a preservação da dinastia davídica e indica, para ocupar o trono Zedequias, tio de Jeoaquim, o filho mais novo de Josias (2Rs 26.17). A situação social e econômica do país era caótica, com milhares de propriedades rurais e urbanas abandonadas, seus legítimos donos haviam sido deportados.

Jeremias era sacerdote proveniente de Anatote (Jr 1.1) e foi chamado para ser profeta no décimo terceiro ano de Josias (627-626 a.C.). Por mais de vinte anos, Jeremias convocava o povo, tão-somente, a que se arrependessem, e assim Deus os salvaria do rei da Babilônia. Mas, o espírito rebelde do povo fazia com que não dessem ouvidos às palavras de exortação do profeta.

Enquanto isso, no Egito ascende ao trono um novo Faraó disposto a retomar a Síria e subjugar a Mesopotâmia. Com esta notícia, da mobilização egípcia, Zedequias susta o pagamento dos tributos à Babilônia. A reação é instantânea. Comandando um formidável exército, Nabucodonosor marcha em direção a Judá, devastando os pequenos povoados, até chegar à capital, Jerusalém.

Divisão do reino

A cidade santa fica abarrotada de refugiados e, como resultado, sede, fome, doenças e desordem reinam na cidade. O profeta Jeremias traz o veredicto divino: "Portanto assim diz o Senhor: Eis que eu entrego esta cidade nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia; e ele tomá-la-á" (Jr 32.28). Acusado de traição, ele é encarcerado, mas Zedequias manda pô-lo em liberdade. Novamente, o prende, pois não cessa de pregar contra a submissão aos caldeus.

Após meses de tenaz resistência, debilitada, Jerusalém não resiste à pressão. Zedequias, acompanhado de uma forte escolta, tenta escapar. Mas, nas proximidades de Jericó, toda a comitiva é capturada e levada ao rei da Babilônia. Sua sentença é severa. Seus filhos são decapitados diante dele que, em seguida, tem os olhos vazados. Cego e acorrentado, Zedequias é conduzido para a Babilônia, onde fica encarcerado até a morte.

Em 587 a.C., aos nove dias do quarto mês, cai Jerusalém. As muralhas da cidade são niveladas, o palácio real incendiado, os objetos de culto de ouro e de bronze do templo são desmantelados e levados para a Babilônia.

Cronologia dos reis de Israel e Judá

Salomão 964 a 924 a.C.		Judá/reino do Sul a.C.	Profeta
Israel/reino do Norte a.C.			
Jeroboão	928 a 907	Roboão 928 a 9011	
Nadabe	907 a 906	Abião 911 a 908	
Baasa	906 a 883	Asa 908 a 867	
Elá	883 a 882		
Zinri	882		
Onri	882 a 871		
Acabe	871 a 852	Jeosafá 867 a 846	Elias
Acazias	852 a 851		
Jorão	851 a 842	Jeorão 846 a 843	

Jeú	842 a 814	Acazias 843 a 842	Eliseu
Jeoacaz	814 a 800	Atalia 842 a 836	
Joás	800 a 784	Joás 836 a 798	
Jeroboão II	794 a 748	Amazias (Uzias) 798 a 769	Amós
Zacarias	748		Oseias
Salum	748		Miqueias
Menaém	747 a 737	Jotão 758 a 743	
Pecaías	737 a 735	Acaz 733 a 727	
Peca	735 a 733	Ezequias 727 a 698	Isaías
Oseias	733 a 724	Manassés 698 a 642	Joel?
Queda de Samaria	- 722	Amom 641 a 640	Naum?
		Josias 640 a 609	Sofonias
		Jeoacaz 609	Jeremias

		Jeoaquim 608 a 598	
		Joaquim 597	
		Zedequias 596 a 586	Ezequiel
		Queda de Jerusalém - 587	

Capítulo 4

A PALESTINA NO NOVO TESTAMENTO

Herodes, o Grande, recuperou economicamente a Judeia com suntuosas construções. Ele governou de 37 a.C. a 4 d.C.

Herodes retalhou o país por testamento entre três dos seus filhos que, milagrosamente, conseguiram sobreviver: Arquelau recebe a parte central: Judeia, Samaria e Idumeia; Herodes Antipas ganhou a Galileia e Pereia (a parte da Transjordânia habitada por judeus, do mar Morto até perto do mar da Galileia) e Filipe II ficou com as terras entre o mar da Galileia e a Síria.

Regentes políticos durante e depois da morte de Cristo

Datas da regência	Judeia, Samaria, Idumeia	Galileia, Pereia	Itureia, Traconites
37- 4 a.C.	Herodes, o Grande	Herodes, o Grande	Herodes, o Grande
4 a.C- 6 d.C.	Arquelau	Antipas	Filipe II
6-10 d.C.	Copônio	Antipas	Filipe II
10-13 d.C.	Marcos Ambívio	Antipas	Filipe II
13-15 d.C.	Anio Rufo	Antipas	Filipe II
15-26 d.C.	Valério Grato	Antipas	Filipe II
26-34 d.C.	Pôncio Pilatos	Antipas	Filipe II
34-36 d.C.	Pôncio Pilatos	Antipas	Governador da Síria
36-37 d.C.	Marcelo	Antipas	Governador da Síria
37-38 d.C.	Marcelo	Antipas	Agripa I
38-39 d.C.	Marulo	Antipas	Agripa I
39-41 d.C.	Marulo	Agripa I	Agripa I
41-44 d.C.	Agripa I	Agripa I	Agripa I

Referências

ANDRADE, Claudionor de. *Geografia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BALL, Charles Ferguson. *A vida e os tempos do apóstolo Paulo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BELL JR, Albert. *Explorando o mundo do Novo Testamento*. Minas Gerais: Atos, 2001.

ELWELL, Walter A. *Manual bíblico do estudante*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

HALLEY, Henry Hampton. *Manual bíblico de Halley*. São Paulo: Vida, 2001.

ICP. *Curso Internacional de Teologia*. Módulo 1. São Paulo: ICP Editora, 2003.

JENKINS, Simon. *Atlas da Bíblia*. São Paulo: Abbapress, 1998.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. 5ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

MESQUITA, Antonio Neves de. *Povos e nações do mundo Antigo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

MILLARD, Alan. *Descobertas dos tempos bíblicos*. São Paulo: Vida, 1999.

MONEY, Netta Kemp de. *Geografia bíblica*. 10ª ed. São Paulo: Vida, 1999.

NALBANDIAN, Garo e SARAGOSA, Alessandro. *A terra santa*. Itália: Casa Editrice Bonechi, 1991.

QUEIROZ, Eliseu. *Israel por dentro*. Rio de Janeiro:

CPAD, 1987.

TOGNINI, Enéas. *Geografia da terra santa*. Vol. 1. São Paulo: Louvores do Coração, 1987.

_____. *Geografia das terras bíblicas*. Vol. 2. São Paulo: Louvores do Coração, 1987.

ESCATOLOGIA (DANIEL)

INTRODUÇÃO

TÍTULO

Daniel, cujo significado é "Deus é juiz" ou "meu Juiz".

Autor

Daniel, que era da tribo de Judá e, provavelmente, membro da família real (1.3-6). Quando ainda muito jovem, foi levado cativo à Babilônia, no ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá (2Cr 36.4-7; Dn 1.1), em 597 a.C.

Depois que o império assírio entrou em decadência, Faraó Neco veio do Egito para ver se conseguia restaurar o antigo domínio egípcio naquelas regiões ao Norte da Palestina. Lá, seus exércitos se defrontaram com os soldados de Nabucodonosor e a batalha decisiva não foi fácil para qualquer das partes em contenda. Isso tanto é certo que Neco voltou dizendo que tinha vencido os exércitos inimigos, mas o profeta Jeremias nos informa que isso não foi verdade (Jr 46.2).

De qualquer forma, na sua volta para o Egito, Faraó Neco depôs Joacaz, filho de Josias, que o povo havia colocado no trono depois da morte de Josias, e colocou no trono o irmão de Josias, Eliaquim, mudando-lhe o nome para Jeoaquim.

E Jeoaquim ficou submisso, naturalmente, ao rei do Egito, até que subiu contra ele Nabucodonosor, rei da Babilônia, e o amarrou com cadeias, para levá-lo à Babilônia (2Cr 36.6; 2Rs 24.1). Desejoso de tomar a cidade de Jerusalém, soube que seu pai havia falecido, levando-o a entregar seus exércitos a seus generais, retornando à Babilônia.

Nessa sua primeira passagem pela Terra Santa, levou alguns utensílios da Casa do Senhor (2Cr 36.7), juntamente com um pequeno grupo de príncipes, entre os quais estavam Daniel, Hananias, Misael e Azarias, aos quais o chefe dos eunucos pôs outros nomes: a Daniel pôs o de Beltessazar, a Hananias, o de Sadraque, a Misael o de Mesaque e a Azarias o de Abede-Nego (1.7).

O livro

Para o nosso estudo, dividiremos o livro em duas unidades. Os capítulos de 1 a 6, que constituem o que se poderia chamar de "literária", e os capítulos de 7 a 12, que chamaremos de "profético". E será essa parte profética que ocuparemos este estudo.

Este livro pode ser comparado ao livro de Apocalipse, sendo que Daniel relata os fatos dos últimos dias ainda por acontecer, com datas marcadas, como, por exemplo, a referência 9.24-27, em que a vinda do Messias e a sua morte são retratadas, e, depois, a volta de Jesus ao mundo, com o arrebatamento da Igreja. Dias e anos são contados de modo que nos maravilha. As

70 semanas do Messias, desde aquela revelação até o segundo advento, são coisas que nos assombra, igualmente os últimos versos do capítulo 12, em que até os dias do milênio são contados, mas de modo enigmático.

Contemporâneos

Jeremias profetizava em Jerusalém a queda da cidade, chamando o povo ao arrependimento (Jr 36.29).

Ezequiel foi levado cativo para a Babilônia no terceiro ano de Joaquim, quando Nabucodonosor assaltou Jerusalém pela primeira vez (é bom o estudante lembrar que a queda de Jerusalém ainda não havia ocorrido). No quinto dia do quarto mês do quinto ano do cativeiro, ele começou seu ministério, que se estendeu até o primeiro mês do vigésimo sétimo ano (Ez 29.17), tendo durado vinte e dois anos. Com ele, foram levados sete mil (2Rs 24.16).

Capítulo 1

A GRANDE REVELAÇÃO DO FIM (7.1-28)

A visão de Daniel das quatro feras (7.1-5)

O assunto tratado neste capítulo tem muito em comum com o do capítulo 2, que trata do sonho de Nabucodonosor e dos quatro reinos representados no seu sonho. No capítulo 7, o assunto em pauta é uma visão de quatro reinos, também, mas projetados num campo diferente.

No capítulo 2, temos um sonho que Deus deu ao rei e que causou tanto trabalho entre os adivinhos e feiticeiros. Aqui, fala-se de um sonho que o próprio Daniel teve. Há, assim, certas semelhanças entre esses dois capítulos.

Repetindo, no capítulo 2, o Senhor concedeu ao rei uma visão do que iria acontecer no decurso dos dias. Já no 7, o mesmo Deus deu a Daniel a visão de grandes acontecimentos históricos, em que estava envolvida sua própria nação, elemento, aliás, também encontrado na primeira visão do rei. O sonho ocorreu no primeiro ano de Belsazar, rei de Babilônia (7.1).

"Falou a Daniel e disse: Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande" (7.2)

O mar Grande, aqui, não se refere ao mar Mediterrâneo, como é costume dos escritores sagrados. Deve representar a humanidade que se agita e se movimenta nesse grande mar. Os quatro ventos são ou representam os quatro pontos cardeais, ou seja, todos os cantos da terra.

"Quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar" (7.3)

No sonho, Daniel viu emergirem do mar Grande quatro animais grandes, diferentes uns dos outros. O primeiro animal era como leão, tinha asas de águia e representava a Babilônia, conforme se pode evidenciar por outras referências (Jr 4.7; 49.19; Hc 1.8; Ez 17.3). A Babilônia era a mais majestosa das cidades antigas, nenhuma, nem mesmo a grande Assíria, o era tanto. O leão majestoso representava perfeitamente essa grande metrópole. Era um leão com asas de águia. Que significa isso? A força do leão e a velocidade da águia.

Depois, lhe foram arrancadas as asas (Nabucodonosor, na sua loucura, teve suas asas arrancadas). Por fim, posto em pé como homem, foi-lhe dado um coração de homem, isto é, voltou a ser o que era antes, após passar pela humilhação de virar animal (4.29-34).

O segundo animal foi muito diferente do primeiro: era semelhante a um urso, trazia três costelas na boca e levantava-se sobre as patas de um dos lados, ficando as duas outras suspensas,

como se quisesse andar sobre os pés de um lado só, coisa realmente impossível, denotando instabilidade e insegurança. Ao animal é ordenado que devore muita carne, pois na sua boca trazia três costelas, cujo significado está ainda indeciso (7.5).

O terceiro tinha a semelhança de um leopardo, animal de ligeireza indescritível. Nas suas costas tinha quatro asas de aves, denotando rapidez. Esse animal tinha, também, quatro cabeças (pelo contexto, entendemos ser um reino de caráter universal, dominando sobre os quatro ventos da terra), pois lhe foi dado domínio (7.6).

O quarto era terrível, espantoso e muito forte. Nada é dito sobre sua aparência, pois os maiores e mais fortes animais já foram descritos nas três feras precedentes. Agora, esse quarto é indefinível e indescritível. Sabemos que tinha grandes dentes de ferro; devorava, fazia em pedaços, pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres. Uma fera destruidora, com dez chifres e, entre eles, subiu outro chifre pequeno, diante do qual caíram três dos primeiros chifres, e neste pequeno chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência. Esta ponta pequena era no tamanho e não nos feitos. Talvez, a pequenez do chifre sirva para destacar o que os outros não tinham: olhos e boca, falando insolentemente. Esta diferença deve ter outro simbolismo, outra função que a dos chifres. Pelo visto, trata-se de um elemento capaz de proferir blasfêmias, de desafiar, de perto ou de longe, pois estava cheio de olhos, um elemento perigoso. (7.7,8).

Uma cena celestial (7.9-14)

O verso 9 no revela uma cena celestial muito sugestiva e significativa. Foram postos uns tronos e o ancião de dias se assentou. Trata-se de um julgamento onde há trono e juiz. O "ancião de dias" não é propriamente um velho, mas uma pessoa idosa, respeitável e venerável, como cabe a um magistrado. As vestes do ancião de dias eram brancas como a neve, e isto está em conformidade com diversos passos do Apocalipse (5.9-14). O trono eram chamas de fogo e suas rodas, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía diante dele; milhares e milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e abriram os livros. Deus está no seu trono e um tribunal está organizado, o julgamento é solene, ao ver-se a multidão de serventuários prontos a atender qualquer ordem do supremo Juiz.

Enquanto toda essa cena se preparava, a pequena ponta do chifre continuava a falar insolentemente, como a desafiar o supremo Juiz, rodeado de tantos milhares de serventuários. Era um chifre muito ousado, a que nada fazia medo ou sentir receio. Daniel viu quando a quarta fera foi morta e destruída a pequena ponta, seu corpo desfeito e entregue para ser queimado a fogo.

A cena não estava terminada, outros elementos de alta valia estavam ainda por surgir e Daniel confessa que, nas suas visões da noite, depois de todo o cenário já descrito, viu vindo, com as nuvens do céu, um como o Filho do Homem, e

dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.

"Filho do Homem" é um título frequentemente aplicado à pessoa de Cristo (Mt 16.13). Cerca de 80 vezes, esta expressão ocorre nos evangelhos, e 22 somente no livro de Apocalipse. Daniel (em 610 a.C., aproximdamente), na presente visão, faz esta referência específica ao "Filho do Homem".

"Foi-lhe dado domínio, glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído" (v. 14)

O versículo acima coloca em foco o milênio de Cristo, o Ungido do Senhor. Isso acontecerá diante do toque da sétima trombeta escatológica: "O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15).

A interpretação da visão apocalíptica (7.15-28)

Esta visão de Daniel oferece muitas interpretações, tanto doutrinárias como históricas, e não nos surpreende este fato, pois a Bíblia tem sido o cenário de toda sorte de interpretações. Algumas honestas, com o desejo de ensinar a verdade. Outras, com o propósito de defender seus ideais.

Entendemos que esses quatro animais representam quatro nações: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

"Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do

quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as unhas de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros" (v. 19,20)

Esse animal tinha a mesma natureza das pernas e pés da estátua descrita em Daniel 2.33,41. Isto é, composto de ferro e barro. Segundo o pastor Severino Pedro da Silva, o Império Romano "tinha o mais poderoso arsenal militar em sua época. Seus dentes [exércitos] pontiagudos eram adversários velozes como cavaleiros, fortes como leões, venenosos como serpentes, e lançavam elementos que cegavam e queimavam com poder mortal". [22] Em suma, eram dentes de ferro.

A cada conquista, o Império Romano dividia as terras em regiões, tetrarquias, províncias e distritos. Roma, depois de conquistar o mundo, dividiu-o em regiões chamadas "províncias". A divisão dos romanos era semelhante à divisão dos satrapias persas. A Judeia foi anexada à Síria, e ambas, com outros pequenos países, constituíram uma província romana. Nos dias de Jesus, encontramos o território da Palestina dividido em quatro regiões: Galileia (Mt 2.22), Samaria (At 9.31), Judeia (Mt 2.22) e Decápolis (Mt 4.25).

O Império Romano só tinha dois objetivos em suas grandes conquistas: matar e reduzir à escravidão. As Escrituras falam, com intensidade, sobre esses "pés" em várias partes (cf.

Dn 2.33,34,41,42; 7.7,19 23; 8.10,13). No Novo Testamento, encontramos em Lucas 21.24 expressões como "pisada" e "pisarão" e em Apocalipse 11.2, "pisarão". Até o mapa geográfico do país sede deste império é a "figura de uma bota".

Assim como no capítulo 2, a estátua do capítulo 7 também tinha dez dedos nos pés e dez pontas. Quanto às dez pontas da quarta fera, representam reinos que hão de existir. A visão não era para aqueles dias, mas para um futuro distante. Observe a frase: "Que se levantarão da terra" (v.17).

O apóstolo João descreve a mesma coisa em Apocalipse 13.11, que diz: "Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão". Os dez chifres são revelados ao apóstolo João: "Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora" (Ap 17.12).

A chegada da pequena ponta está prevista para "um tempo, dois tempos e metade de um tempo". Não é fácil interpretar esta linguagem, todavia, ela se parece com o tempo em que a pequena ponta, o príncipe, dominará por três anos e meio (9.27).

Para os intérpretes futuristas, a ponta pequena que subiu por último é o anticristo que, quando tudo estiver preparado, aparecerá no cenário mundial. E fará aliança com dez monarcas escatológicos, porém, com sua ascensão, três destes reis serão afastados e apenas sete irão apoiá-lo (cf. 7.8,20,24; Ap 17.12,16).

"Uma boca que falava com insolência" [23]

Esta expressão encontra seu paralelo em Apocalipse, onde lemos: "Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias, blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses" (Ap 13.5).

A realidade de um futuro líder conhecido como anticristo é bem evidenciada nas Escrituras. Nenhum estudante dedicado da Bíblia pode negar a sua ocorrência. A Palavra de Deus prediz que o caos mundial, a instabilidade e a desordem aumentarão à medida que nos aproximarmos cada vez mais do final dos tempos. Jesus disse que haveria "guerras, rumores de guerras, fomes, pestes e terremotos em vários lugares" (Mt 24.6,7).

Breves descrições sobre a pessoa e a ação do anticristo são encontradas no Antigo e Novo Testamento (Dn 7—9, principalmente as referências 7.8,24-27 e 9.26,27; Ap 10—13, principalmente a referência 13.1-10; além de 2Ts 2.3,4,8 e 1Jo 2.18). Há várias referências ao anticristo em Apocalipse. João o menciona várias vezes (Ap 6.2, 13.1-10; 14.9,11; 15.2; 16.2; 17.3,13; 19.19,20; 20.10).

Capítulo 2

VISÃO DE DANIEL DE UM CARNEIRO E DE UM BODE (8.1-27)

A visão e sua interpretação (8.1-14)

Em sua visão, Daniel contemplou um carneiro (v.3) que estava diante do rio e tinha dois chifres, um maior que o outro, sendo que o mais alto subiu por último. A simbologia profética aqui apresentada é a mesma do capítulo 2, onde os braços da estátua vista por Nabucodonosor representam Dario e Ciro. Eles, ali, são representados, respectivamente, pelo peito e braços da imagem; enquanto que, no presente texto, pelo carneiro audaz.

O carneiro dava marradas para o Ocidente, para o Norte, para o Sul, e nenhum dos animais lhe podiam resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade, e, assim, se engrandecia (v. 4). Era um carneiro audacioso e valente. Estas marradas (emprego de violência) simbolizam as guerras dos persas. A ponta mais alta chamou a atenção do profeta, porque subiu por último; ela representa Ciro, o monarca da Pérsia, que, em 539 a.C.,

conquista o trono da Babilônia e inverte a política de deportação adotada tanto pelo império assírio como pelo babilônico, permitindo que os judeus retornassem à Palestina para reconstruir o templo. Suas conquistas foram mais ilustres e poderosas do que as de Dario, demonstrando por que o chifre que surgiu depois chamou a atenção do profeta.

O templo fora destruído quatrocentos e setenta anos, seis meses e dez dias, desde a sua construção; mil seiscentos e dois anos, seis meses e dez dias, desde a saída do Egito; mil novecentos e cinquenta anos, seis meses e dez dias, desde o dilúvio. [24]

Esse soberano, ao ler nas profecias de Isaías 44.28, escrita duzentos e dez anos antes do seu nascimento e cento e quarenta antes da destruição do templo, entendeu que Deus o constituiria rei sobre várias nações e inspirar-lhe-ia a resolução de fazer o povo voltar a Jerusalém para reconstruir a Casa de Deus. Essa profecia causou-lhe tamanha admiração que, desejando realizá-la, ele mesmo mandou reunir na Babilônia os principais dos judeus e disse que lhes permitia voltar ao seu país e reconstruir a Casa do SENHOR, Deus de Israel (Ed 1.1-5).

Assim, cumprida a profecia de Jeremias do tempo do exílio (Jr 25.11), e no primeiro ano do reinado, Ciro, rei dos persas, passa pregão em todo o seu reino permitindo aos judeus que retornem à sua pátria. Os chefes das tribos de Judá e Benjamin, juntamente com sacerdotes e levitas, e muitos outros, se dirigiram imediatamente a Jerusalém para esta grandiosa tarefa (Ed 2.1-70), contando com as profecias de Ageu e Zacarias.

Após a chegada a Jerusalém, todos os esforços se concentraram na construção do Santuário. Cerca de dois anos depois, o povo conseguiu lançar os fundamentos do templo (Ed 3.8). A emoção foi tamanha que os mais velhos e mais antigos do povo, que tinham visto a magnificência e a riqueza do primeiro templo, ficaram tão sentidos e aflitos de profunda dor que não puderam reter as lágrimas e os soluços. O povo, em geral, porém, a quem somente o presente pode impressionar, estava tão contente que as queixas de uns e os gritos de júbilos de outros impediam que se ouvisse o som das trombetas (Ed 3.12).

Segundo Flávio Josefo, "essa notícia chegou até Samaria e os habitantes dessa cidade vieram indagar o que se passava; tendo sabido que os judeus, voltando do cativeiro de Babilônia, haviam reconstruído seu templo".[25] Depois de uma tentativa malograda de se reunirem com os judeus na restauração do santuário, os samaritanos se opuseram tenazmente à obra tão auspiciosamente iniciada. A oposição deles chegou a ponto de denunciarem a Ciro e, posteriormente, a Cambises (Artaxerxes)[26] a disposição dos judeus, que foram proibidos, por Artaxerxes, de levar adiante a reconstrução da Casa do SENHOR. Assim, o trabalho ficou interrompido durante nove anos, e até o segundo reinado de Dario, rei da Pérsia. Cambises reinou só seis anos e morreu em Damasco. Os magos, depois de sua morte, governaram o reino, durante um ano, com poder absoluto, mas os chefes das principais famílias da Pérsia os depuseram e elegeram rei Dario, filho de Histaspe,

cognominado "o Grande" (521-486 a.C.).

Conta-nos este mesmo historiador que Zorobabel, príncipe dos judeus, era estreitamente ligado a Dario por afeição e confiança, entregando a Dario, e a dois outros dos principais, a direção de sua casa e tudo o que mais de perto se referia à sua pessoa.

Zorobabel obteve desse soberano a autorização para dar continuidade às obras que jaziam inertes. O templo foi terminado no fim de sete anos, no sexto ano do reinado de Dario e no dia terceiro do mês de Adar (Ed 6.15).

"Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; este bode tinha um chifre notável entre os olhos" (v. 5).

O bode que vinha do Ocidente (Grécia) é Alexandre, o Grande. Voando, não tocava o chão, tal era a velocidade com que vinha. Atirou-se contra o carneiro (Pérsia), "enfurecido contra ele, feriu-o e quebrou-lhe os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir; o bode o lançou por terra, o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele" (v. 7). As conquistas desse bode (Alexandre) foram fulminantes e não havia exércitos que lhe pudessem resistir. Os amantes da história antiga podem confirmar a descrição de Daniel. Alexandre foi discípulo do grande filósofo Aristóteles, de quem recebeu não apenas instrução filosófica, mas também estratégias de guerra.

Flávio Josefo, historiador judeu do século 1° d.C., registrou a vinda desse grande monarca à cidade santa, dizendo:

"Quando este ilustre conquistador tomou esta última cidade, ele, vendo-se, avançou para Jerusalém e o grão-sacrificador Jado, que bem conhecia a sua cólera contra ele. Vendo-se com todo o povo em tão grave perigo, recorreu a Deus, ordenou orações públicas para implorar o seu auxílio e ofereceu-lhe sacrifícios. Deus lhe apareceu em sonhos na noite seguinte e disse-lhe que fizesse espalhar flores pela cidade, mandasse abrir todas as portas e fosse revestido de seus hábitos pontificais, com todos os santificadores também assim revestidos, e todos os demais, vestidos de branco, ao encontro de Alexandre, sem nada temer do soberano, porque ele os protegeria. Jado comunicou com grande alegria a todo o povo a revelação que tivera e todos se prepararam para esperar a vinda do rei. Quando se soube que ele já estava perto, o grão-sacrificador, acompanhado pelos outros sacrificadores e por todo o povo, foi ao seu encontro, com essa pompa tão santa e tão diferente das outras nações, até o lugar denominado Safa, que, em grego, significa 'mirante', porque de lá se podem ver a cidade de Jerusalém e o templo.

"Os fenícios e os caldeus, que estavam no exército de Alexandre, não duvidaram de que, na cólera em que ele se achava contra os judeus, ele lhes permitiria saquear Jerusalém e dariam um castigo exemplar ao grão-sacrificador. Mas aconteceu justamente o contrário, pois o soberano apenas viu aquela grande multidão de homens vestidos de branco, os sacrificadores revestidos com seus paramentos de linho e o grão-sacrificador, com seu éfode, de cor azul, adornado de ouro, e a

tiara sobre sua cabeça, com uma lâmina de ouro sobre a qual estava escrito o nome de Deus, aproximou-se sozinho dele, adorou aquele augusto nome e saudou o grão-sacrificador, ao qual ninguém havia saudado. Então, os judeus se reuniram em redor de Alexandre e elevaram a voz, para desejar-lhe toda sorte de felicidade e prosperidade.

"Mas os reis da Síria e os outros, que o acompanhavam, ficaram surpresos, de tal espanto que julgaram que ele tinha perdido o juízo. Parmênio, que gozava de grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo o mundo, adorava o grão-sacrificador dos judeus. 'Não é a ele', respondeu Alexandre, 'ao grão-sacrificador, que eu adoro, mas a Deus, de quem ele é ministro, pois quando eu ainda estava na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, Ele me apareceu em sonhos com esses mesmos hábitos e me exortou a nada temer, disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu-me que Ele estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis porque, jamais tendo visto antes a ninguém revestido de trajes semelhantes aos com que Ele me apareceu em sonhos, não posso duvidar de que não tenha sido por ordem de Deus que empreendi esta guerra e assim vencerei Dario. Destruirei o império dos persas e todas as coisas suceder-me-ão segundo meus desejos'. Alexandre, depois de ter assim respondido a Parmênio, abraçou o grão-sacrificador e os outros sacrificadores, caminhou depois no meio deles até Jerusalém, subiu ao templo, ofereceu sacrifícios a Deus da maneira como

o grão-sacrificador lhe dissera que devia fazer. O soberano pontífice mostrou-lhe, em seguida, o livro de Daniel, onde estava escrito que um príncipe grego destruiria o império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era ele, a quem a profecia fazia menção. Alexandre ficou muito contente".[27]

"E o bode se engrandeceu em grande maneira; mas, estando na sua maior força, aquela grande ponta foi quebrada; e subiram no seu lugar quatro também notáveis, para os quatro ventos do céu" (v.8)

Alexandre, o Grande se engrandeceu, mas o chifre grande quebrou-se, ou seja, expirou depois de ter vencido os persas e tratado Jerusalém do modo como relatamos; saindo em seu lugar quatro chifres menores, dez anos depois deste evento. As quatro pontas do texto em foco compreendem, também, as quatro "asas" que o "leopardo" trazia em suas costas (7.6). Seu Estado Maior era composto de quatro generais, que, na visão, são representados pelas quatro pontas pequenas. Já não existindo o general, todos queriam tomar o seu lugar, mas nenhum tinha poderio militar para isso. Depois de muitas lutas, decidiram dividir em quatro partes o império conquistado por Alexandre. A saber: Macedônia, Trácia, Síria e Egito, cabendo cada uma a um general. Ptolomeu teve o Egito; Seleuco, a Síria; Antípater, a Macedônia; e Filétero, a Ásia Menor. Desses quatro, os que mais diretamente interessam à história dos israelitas são os que se dirigiram para o Egito, Ptolomeu e para a Síria, Seleuco.

Os selêucidas em cena (8.15-27)

De um dos quatro chifres saiu um notável, que era pequeno, mas tornou-se grande em poder. O pequeno chifre que saiu de uma das pontas, de Seleuco, representa, em seu primeiro estágio, Antíoco Epifânio, monarca selêucida, do ramo sírio do império grego, o qual fez um esforço extremo para extinguir a religião judaica.

Segundo o historiador Flávio Josefo: "Ele veio com seu exército a Jerusalém, cento e quarenta e três anos desde que Seleuco e seus sucessores reinavam na Síria. Sem dificuldades, tornou-se senhor dessa praça, porque os de seu partido abriram-lhe as portas; mandou matar vários do partido contrário, apoderou-se de grande quantidade de dinheiro e voltou para Antioquia.

"Dois anos depois, no vigésimo quinto dia do mês que os hebreus chamam de *casleu* e os macedônios, *apeleu*, na centésima quinquagésima terceira Olimpíadas, ele voltou a Jerusalém e não perdoou nem mesmo os que o receberam na esperança de que não faria nenhum ato de hostilidade. Sua insaciável avareza fez que ele não temesse violar também sua fé para despojar o templo de tantas riquezas de que sabia estava cheio. Tomou os vasos consagrados a Deus, os candelabros de ouro, a mesa da proposição e os turíbulos. Levou mesmo as tapeçarias de escarlate e de linho fino, pilhou os tesouros, que tinham ficado escondidos por muito tempo; afinal, nada lá deixou. E, para cúmulo de maldade, proibiu os judeus de oferecer a Deus os sacrifícios ordinários, segundo sua lei a

isso os obrigava. Depois de assim ter saqueado toda a cidade, mandou matar uma parte dos habitantes e fez levar dez mil escravos com suas mulheres e filhos. Mandou queimar os mais belos edifícios, destruiu as muralhas, construiu na cidade baixa uma fortaleza com grandes torres, que dominavam o templo, e lá colocou uma guarnição de macedônios, entre os quais estavam vários judeus maus e tão ímpios, que não havia males que eles não infligissem aos habitantes. Mandou também construir um altar no templo e lá fez sacrificar porcos, o que era uma das coisas mais contrárias à nossa religião. Obrigou, então, os judeus a renunciarem o culto do verdadeiro Deus e passassem a adorar os ídolos. Ordenou que se lhes construíssem templos em todas as cidades e determinou que não se passasse um dia que lá não se imolasse porcos. Proibiu, também, aos judeus, sob penas graves, que circuncidassem seus filhos e nomeou fiscais para vigiarem se eles observavam suas determinações, as leis que ele impunha, e obrigá-los a isso, se recusassem. A maior parte do povo obedeceu-lhe, fê-lo voluntariamente ou por medo; mas essas ameaças não puderam impedir os que tinham virtude e generosidade de observarem as leis de seus pais; o cruel príncipe os fazia morrer, por vários tormentos. Depois de tê-los feito retalhar a golpes de chicote, sua horrível desumanidade não se contentava de fazê-los crucificar, mas, enquanto respiravam, ainda fazia enforcar e estrangular, perto deles, suas mulheres e os filhos que tinham sido circuncidados. Mandava queimar todos os livros das Sagradas Escrituras e não perdoava a um só

de todos aqueles em cujas casas os encontravam".[28]

Esse monarca destituiu o sumo sacerdote, proibiu o sacrifício diário no templo e, sobre o altar de *Yahweh*, erigiu um altar a Zeus. Como se não bastasse, vendeu milhares de famílias judias como escravas. Foram tais atrocidades dos Antíocos, que os judeus se revoltaram, e uma família, a dos asmonianos, se refugiou nas montanhas e desafiou o poder dos selêucidas. Dessa família, nasceu o movimento apelidado de "macabeu", em que a família asmoniana enfrentou o poder dos Antíocos ou dos selêucidas.

Em 167 a.C., Deus suscitou um libertador na pessoa de Matatias. Esse homem santo e resoluto sacerdote era pai de três filhos, que se destacariam, com igual valor, na história de Israel: Judas, Simão e Eleazar. Com seu exemplo e enérgicas exortações, logrou despertar nos filhos e no povo o ardor pela defesa da fé.

Judas se destacou pelo gênio militar. Ganhou várias batalhas contra forças superiores, conquistou Jerusalém e promoveu a purificação do templo com a restauração do culto a *Yahweh*. E, assim, foi instituída a Festa da Dedicação, para comemorar a retomada da Cidade Santa e da Casa de Deus.

Com a morte dos filhos de Matatias, João Hircano, filho de Simão, entre 135 e 106 a.C., começou a sobressair-se na administração da Judeia. E o país passa a desfrutar de sua legendária prosperidade.

[28]Josefo, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 286-7.

Capítulo 3

A oração de Daniel e as setenta semanas (9.1-27)

A oração de Daniel (9.1-21)

A oração na vida de Daniel era um costume regular. No seu aposento de janelas abertas rumo a Jerusalém, ele se encontrava com seu Deus três vezes ao dia (6.10). Era um homem de oração, as honras do poder que os reis lhe conferiram não encheram o seu coração de vaidade, a ponto de esquecer que, afinal, era um desterrado e que só pela misericórdia de Deus poderia ter atingido as culminâncias do poder público. Por isso, Deus o cumulou de honras e privilégios, como, talvez, a nenhum outro, pelo menos em relação a tantas comunicações divinas e tantas oportunidades de ser útil ao seu povo e ao governo a que servia.

A data desta oração está perfeitamente identificada nas Escrituras. "No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o Se-

NHOR ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos" (v. 1,2; Jr 25.11; 29.10).

Daniel entendia, pelos livros (v. 2), que o tempo do retorno à sua pátria estava chegando. De acordo com a profecia de Jeremias, o tempo estava chegando, então, ele se volta para o seu Deus, fazendo confissão de pecados e pedindo misericórdia. Reconhece que o cativeiro foi uma lição necessária ao povo, por causa das suas muitas transgressões (v. 8). E declara que os fatos deveriam fazer o povo corar de vergonha. Daniel faz um histórico da dureza do coração de seus antigos líderes e do seu povo.

"Temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra" (v. 5,6)

O profeta Jeremias, por várias vezes, aconselhou os reis a ouvirem a Palavra de Deus! Foi ele que fez ao povo a promessa solene de que se ouvissem a Palavra de Deus continuariam na terra (Jr 38.14-23). O espírito de rebeldia era de tal modo violento que nem a palavra do profeta nem as promessas de Deus valiam. Então, não houve jeito, Jerusalém foi assolada, o templo destruído e o povo levado cativo.

Tudo isso veio ao coração e à mente do profeta, que, em prantos, reconheceu a graça de Deus e sua justiça, e a maldade do seu povo. A oração de Daniel é um dos tópicos mais

tocantes da Bíblia: "A nós pertence o corar de vergonha [...] ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão" (v. 8,9).

"Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o rosto, por amor do Senhor" (v. 17).

Depois de tantos sofrimentos, de tantas humilhações, Daniel suplica ao seu Deus que incline "os ouvidos e ouve; abre os olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome" (v. 18). Esta oração reconhece que Deus ouve, que Deus vê, portanto, sendo um Deus diferente dos demais.

O versículo 19, que diz: "Ó Senhor, ouve; ó Senhor perdoa; ó Senhor atende-nos e age", é um resumo de reconhecimento do que Deus pode fazer em favor do povo e da cidade. Há três verbos neste verso que merecem um bom sermão: ouvir, perdoar e agir.

Análise e interpretação (9.22-24)

Aqui, dividiremos a resposta à oração de Daniel em seis partes: três negativas e três positivas.

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e para trazer a justiça eterna, e para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos" (v. 22-24)

"Para fazer cessar a transgressão"

Em grego, é *anomia*, que significa: "violação da lei, desordem, anarquia; declínio para a margem esquerda ou direita da linha de santidade". Tudo isso Israel tinha praticado em grau supremo, e, segundo o anjo intérprete, esta transgressão na vida da nação judaica não podia ultrapassar a "septuagésima semana".

"Para dar fim aos pecados"

O termo "pecado", no grego, é *hamartia* e significa: "tortuosidade", no sentido próprio, e "errar o alvo", no sentido religioso. Esta é uma linguagem nova, com um sentido novo. O serviço sacrifical do templo não tinha conseguido extinguir os pecados da nação e muito menos do mundo daquela época. Era, pois, urgente que um novo sacrifício fosse oferecido, para que os pecados fossem eliminados. Uma permanente maldição pairava sobre toda a humanidade e não tinha havido meios de remover essa maldição.

"Para expiar a iniquidade"

Isso significa "desobediência, insubordinação". Essa iniquidade na vida de Israel seria expiada, de acordo com o texto em foco. Tudo isso seria devidamente expiado, de modo que nem pecado, nem transgressão continuariam a pesar sobre a vida da humanidade.

Estes três resultados são considerados negativos, porque tratam de remover pecados e transgressões existentes desde

o dia em que Adão pecou e trouxe a morte à terra com sua transgressão.

Agora, veremos outros elementos que consideramos positivos.

"Para trazer a justiça eterna"

Somente Deus pode ter o meio de estabelecer a justiça eterna. Essa atividade de trazer justiça eterna à terra corresponde à primeira promessa de extinguir a transgressão. Extinta a transgressão, seria estabelecida a justiça eterna. "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1), a justiça eterna do presente texto é a justiça de Cristo.

"Para selar a visão e a profecia"

Entendemos que o texto em estudo está-se referindo às setenta semanas. Com um novo sacrifício, seriam seladas a visão e a profecia. Depois do profeta Malaquias, não se ouviu mais ninguém proclamar a mensagem de Deus. Por mais de quatro séculos, os judeus esperaram por uma palavra do alto, mas ela não veio.

Quando João Batista apareceu no deserto da Judeia proclamando o batismo do arrependimento, muitos disseram: "Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo" (Lc 1.68).

João foi o último dos profetas, mas sua precípua missão foi preparar o caminho para o Messias.

"Para ungir o Santo dos santos"

Esta frase é um pouco difícil no hebraico, que significa "uma santidade de santidades".[29] Começaremos explicando um pouco sobre o tabernáculo. Depois do segundo véu, "estava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, que tinha o incensário de ouro e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto; e sobre a arca, os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório..." (Hb 9.3-5).

Somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, o recinto mais interior do tabernáculo (Hb 9.7), um dia a cada ano para fazer expiação pelos seus pecados e pelos os pecados de toda a nação. O topo da arca servia como altar, onde o sangue era espargido pelo sumo sacerdote no dia da expiação, que no hebraico se chama *Yom Kipur*. Para os judeus, o Santo dos Santos era o local mais sagrado na terra, e somente o sumo sacerdote podia adentrar ali. Os outros sacerdotes e as pessoas comuns eram proibidos de entrar nesse recinto. Seu único acesso a Deus era por intermédio do sumo sacerdote, que oferecia um sacrifício e usava o sangue do animal para fazer expiação, primeiro pelos seus pecados e, depois, pelos pecados do povo.

Pois bem, era assim que funcionava no Antigo Testamento, até que o Messias trouxesse um novo e melhor caminho para Deus. Para alguns autores, o "Santo dos Santos" será

"ungido" por Cristo antes que as setenta semanas se expirem, como ensina o professor Severino Pedro da Silva.[30] Entretanto, precisamos diferenciar o sacrifício de Cristo no calvário, oferecido uma "só vez, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hb 10.12) da purificação do templo. No dia de sua expiação, "rasgou-se ao meio o véu do templo" (Lc 23.45), indicando que, agora, qualquer pessoa pode ter acesso ao Santo dos Santos, que é Deus. Portanto, "vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hb 9.11,12). Portanto, ratificando a posição do autor acima mencionado, também entendemos que o templo será purificado outra vez devido ao fato de "o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (2Ts 2.3,4).

Os prazos para a realização da visão (9.24-27)

A leitura desta passagem, citada acima, mostra que as semanas estão divididas em três grupos, sendo um período de *sete semanas*, um de *sessenta e duas semanas* e um de *uma semana*. Se pudermos localizar esta ordem ou decreto, e fixar sua data com precisão, obteremos o âmago da profecia.

"Setenta semanas estão determinadas" (v. 24)

O cativeiro de Judá foi, em grande parte, fruto da desobediência dos judeus às ordenanças de Deus (Lv 25.3-5; 26.14,33-35; 2Cr 36.21). Em Levítico, lemos: "Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos. Mas, no sétimo ano, haverá sábado de descanso solene para a terra, um sábado ao SENHOR; não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha" (25.3,4). Deus determinou a observância de um ano sabático, ou de descanso, para a terra descansar. Israel, durante quase quinhentos anos, que vai da monarquia até o seu cativeiro, não cumpriu o preceito do Senhor. Receberam, como resultado, o exílio, que durou setenta anos, tal como havia profetizado Jeremias (Jr 25.11). Portanto, setenta anos são o total de anos sabáticos em que os hebreus deixaram de observar a ordem divina.

As setenta semanas desta profecia são "semanas" de anos e não de dias. O original não diz "semana". A palavra hebraica é *shabua*, que significa um "sete", e seria melhor ler a passagem "setenta sete", deixando a palavra "semanas", que em português significa uma "semana de dias". Quando se trata de semanas de dias, como em Daniel 10.2,3, é acrescentada, em hebraico, a palavra para dias: *yamin*. Desse modo, Daniel 9.24 afirma: "Setenta setes estão determinados". O que significa estes "setes" devem ser determinados pelo contexto e por outras passagens das Escrituras. No calendário judaico, este sete era-lhe muito familiar, pois havia um "sete de anos" tanto quanto um "sete de dias". Seis anos o israelita estava

livre para plantar e colher, mas o sétimo ano seria um solene "sábado de repouso para a terra" (Lv 23.3,4). O Jubileu é outro exemplo desta contagem de semana de anos: "Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos" (Lv 25.8). Era o grande ajustamento social e econômico: de cinquenta em cinquenta anos, as dívidas eram canceladas, as propriedades retornavam aos seus proprietários e os escravos eram libertos.

Esse vocábulo ocorre vinte vezes no Antigo Testamento, sempre indicando um período de sete. Segundo Gleason Archer Jr., "é evidente que a palavra deriva de *sheba*, e pode ser literalmente traduzida por 'período de sete'".[31]

Para finalizar esta questão de semana de anos, a palavra *shabua* se acha também em outra referência: em Daniel 10.2,3, onde o profeta afirma que lamentava e jejuava durante "três semanas completas". Aqui, é perfeitamente compreensivo que se tratava de semanas de dias, porque Daniel dificilmente teria jejuado por vinte e um anos. É significativo que, neste caso, no hebraico se lê "três setes de dias". Se Daniel quisesse que seus compatriotas entendessem que "os setenta setes" fossem de dias, por que não empregou a mesma expressão adotada no capítulo 10? Fica evidente que ele quis distinguir estes dois textos. Portanto, seguindo as regras de exegese e hermenêutica, os "setenta setes" devem ser entendidos como de anos e não como de dias.

Diante disso, precisamos, ainda, saber a duração do ano

usado, visto que diversos calendários, utilizados pelas nações, empregam anos de várias durações. Até mesmo o nosso ano de 365 dias é inexato. Portanto, se a Palavra de Deus suprir estes dados, estará diante da exatidão profética.

As Escrituras deixam evidências conclusivas de que o ano profético é de 360 dias, ou doze meses de trinta dias, como demonstraremos.

Em Gênesis, temos a narrativa do dilúvio, que teve início no décimo sétimo dia do mês segundo (7.11), e terminou no décimo sétimo dia do mês sétimo (8.4). Temos a duração de cinco meses, e ainda são dados em dias "cento e cinquenta dias" (7.24; 8.3), ou seja, o mês era de trinta dias. Comparando Apocalipse 12.6 com Apocalipse 13.5, verificam-se que o ano bíblico ou profético é de 360 dias, pois 1260 dias equivale a 42 meses de 30 dias.

"Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos" (v. 25).

Aqui, não podemos confundir a ordem dada para a reconstrução do templo com a reconstrução da cidade. Esta ordem foi identificada por muitos comentaristas como os decretos elaborados por Ciro, Dario e Artaxerxes, registrados no livro de Esdras. Examinando o livro de Esdras, fica esclarecido que a primeira ordem dada por Ciro não foi para restaurar e edificar Jerusalém, mas, sim, para edificar o templo. O estudante deve ler com cautela os textos de Esdras 1.1,2; 4.1-5,11-24; 6.1-5,14,15; 7.11-13, 20, 27 e verificar que es-

sas passagens fazem referência à "Casa do Senhor". Assim sendo, fica evidente que a ordem referida não é a de Ciro, mas, sim, a de Artaxerxes. Neemias registra cuidadosamente, sob a inspiração divina, a data exata deste decreto: "Sucedeu, pois, no mês de nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes..." (Ne 2.1).

A edição mais recente da Enciclopédia Britânica marca a data da ascensão de Artaxerxes como sendo no ano 465 a.C. Portanto, seu vigésimo ano seria 445 a.C. O mês foi nisã. Conforme o costume judaico, quando o dia não é citado, se entende como sendo o primeiro dia. Desta maneira, chegamos à data de 14 de março de 445 a.C.; ou seja, o início das Setenta Semanas.

A ordem para a reconstrução da cidade durou sete semanas, ou seja, quarenta e nove anos e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações, 434 anos. Os dois períodos juntos somam 483 anos, tempo esse em que o povo do Livro reedificaria sua nação em tempos angustiosos, como confirma a história.

"E, depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até o fim haverá guerra; estão determinadas assolações" (v. 26)

Depois desse período, é definitivamente estabelecido, como fim da era das primeiras *69 semanas*, um fato notável: o Messias será "tirado", ou "crucificado" (Is 53.8). A predi-

ção dizia que o Messias, o Príncipe, seria morto depois das "sete semanas" (v. 25) e mais "sessenta e duas semanas" (v. 26), totalizando 69 semanas (483 anos). E, realmente, foi o que aconteceu. Cristo morreu, como sabemos, na 69ª semana (Lc 24.44).

O nosso calendário teve sua origem em Dionísio Exiguus, abade romano, cujo ponto de partida foi a fundação de Roma, em 754 a.C. Segundo os anais da história desse império, na hora da coroação de Rômulo, houve um eclipse lunar. Os astrônomos calcularam que esse eclipse teria ocorrido em 750 a.C. Há, portanto, uma diferença de quatro anos não computados, isso é realmente o que lemos nas margens e rodapés de nossas Bíblias: "quatro anos antes de Cristo".

Devemos observar que, de 445 a.C a 33 d.C., são 478 anos. Assim sendo, se somarmos 478 anos com mais quatro, o resultado ser exatamente 483 anos, fazendo com que a profecia se concretizasse no dia 10 de nisã, quando Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumentinho: "E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão, te estreitarão de todas as bandas, te derribarão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tem-

po da tua visitação" (Lc 19.41-44).

Com este evento, portanto, se completa as 69 semanas, tudo devidamente previsto e profetizado. Entretanto, a profecia diz setenta semanas. Falta uma!

"E o seu fim será com uma inundação; e até o fim haverá guerra"

Durante o período que seguiu a era apostólica, que durou mais de duzentos anos, a Igreja esteve sob a espada e a perseguição. Portanto, durante todo o segundo século, todo o terceiro e parte do quarto, o império mais poderoso da terra exerceu todo o seu poder e influência para destruir o cristianismo. Centenas de milhares de mártires conquistaram a coroa sob os rigores da espada, das feras nas arenas e nas ardentes fogueiras.

Deixaremos as palavras de um dos discípulos do apóstolo João dizer sobre as perseguições:

"Ao entrar no estádio, uma voz celestial retumbou: 'Bom ânimo, Policarpo, mostra-te viril'. Ninguém percebeu quem tinha falado, mas irmãos nossos ouviram a voz. Enquanto avançava Policarpo, o tumulto atingia o paroxismo: 'Está preso, Policarpo'. Finalmente, em presença do procônsul, este lhe perguntou se era Policarpo. E, ouvida a afirmativa, tentou persuadi-lo, com perguntas e exortações, a deixar sua fé, dizendo: 'Considera tua idade' e semelhantes coisas como é de praxe nos lábios dos magistrados. Como acrescentasse: 'Jura pelo gênio de César; retrata-te; grita: abaixo os ateus', Policarpo, muito gravemente, olhando para os pagãos que

enchiam as escadarias do estádio e acenando para eles, suspirou e exclamou: 'Abaixo os ateus'. O procônsul insistiu: 'Jura e te soltarei. Insultas a Cristo'. Policarpo respondeu: 'Oitenta e seis anos há que sirvo a Cristo. Cristo nunca me fez mal. Como blasfemaria contra meu Rei e Salvador?'.

"O procônsul insistiu: 'Jura pela fortuna de César'. O bispo redarguiu: 'Andas muito enganado se esperas que jure pelo gênio de César. Já que decide ignorar quem sou, escuta minha declaração. Eu sou cristão. Deseja-se saber o ensino de cristão, dá-me um dia e escuta-me'. Disse, então, o procônsul: 'Persuade ao povo'. Policarpo retrucou: 'Na tua presença parecer-me-ia justo explicar-me, porquanto aprendemos a prestar aos magistrados e autoridades estabelecidas por Deus a consideração que lhes é devida, na medida em que não contrariem nossa fé'.

"O procônsul disse: 'Tenho feras a meu dispor. Se não te retratas, entregar-te-ei a elas'. Ao que respondeu Policarpo: 'Ordena. Quando nós, cristãos, morremos, não passamos do melhor para o pior; é nobre passar do mal para a justiça'. Disse ainda o procônsul: 'Se não te retratas, mandarei que te queimem na fogueira, já que desprezas as feras'. Disse, então, Policarpo: 'Ameaças-me com fogo que arde uma hora e se apaga. Conhece-te o fogo da justiça vindoura? Sabes tu o castigo que devorará os ímpios? Não demores! Sentencia teu arbítrio'.

"Policarpo deu estas e outras respostas com alegria e firmeza e seu rosto irradiou a divina graça. O interrogatório

perturbou não a ele, mas ao procônsul. Este acabou mandando seu arauto proclamar por três vezes, no meio do estádio, que Policarpo se confessara cristão. Então, a turba pagã e judia não mais conteve sua ira e vociferou: 'Eis o doutor da Ásia, o pai dos cristãos, o destruidor dos deuses, que, com seu ensino, afasta os homens dos sacrifícios e da adoração'. Enquanto tumultuavam, alguém solicitou ao asíarco Felipe que soltasse um leão contra o ancião. Felipe recusou, visto já ter terminado com os jogos. 'Neste caso, ao fogo com ele!'.

"Cumprir-se-ia a visão extática dos dias precedentes, quando o ancião viu seu travesseiro ardendo e anunciou: 'Hei de ser queimado vivo'.

"O desenlace precipitou-se. O povo amontoou lenha e ramos apanhados nas lojas e nos banhos públicos, no que se destacaram, como de costume, os judeus. Nem bem aprontada a fogueira, Policarpo despiu suas vestimentas, tirou sua cinta e tentou descalçar-se. Ordinariamente, não o fazia, porquanto os fiéis rivalizaram entre si para ajudá-lo e tocar o seu corpo. Tanta era sua santidade, que, antes do seu martírio, já era objeto de veneração. Arranjou-se logo algo para prendê-lo à fogueira. Os carrascos pretendiam pregar seus membros, mas ele lhes disse: 'Deixa-me livre! Aquele que me deu forças para não temer ao fogo me dará para permanecer nele sem ajuda de vossos pregos'.

"Não o pregaram; ataram-no simplesmente. Atado aí, mãos para trás, Policarpo parecia uma ovelha escolhida na grande grei para o sacrifício. Levantando os olhos, exclamou:

'Senhor Deus onipotente, Pai de Jesus Cristo, teu Filho predileto e abençoado, por cujo ministério te conhece; Deus dos anjos e dos poderes; Deus da criação universal e de toda a família dos justos que vivem em tua presença; eu te louvo porque me julgastes digno deste dia e desta hora; digno de ser contado entre os teus mártires e de compartilhar do cálice de teu Cristo, para ressuscitar à vida eterna da lama e do corpo na incorruptibilidade do Espírito Santo. Possa eu, hoje, ser recebido na tua presença como oblação preciosa e aceitável, preparada e formada por ti. Tu és fiel às tuas promessas, Deus fiel e verdadeiro. Por esta graça e por todas as coisas, eu te louvo, bendigo e glorifico, em nome de Jesus Cristo, eterno e sumo sacerdote, teu Filho amado. Por Ele, que está contigo, e o Espírito Santo, glória te seja dada agora e nos séculos vindouros. Amém!'.

"Depois de Policarpo proferir este amém, os carrascos acenderam a fogueira e a chama alçou-se alta e brilhante. Nesse momento, presenciamos um sinal, e nossa vida foi poupada, quem sabe para relatar este milagre [...] O fogo tomou a forma de abóbada ou de uma vela inclinada pelo vento e rodeou o corpo do confessor. Policarpo estava de pé, não como carne que queima, mas como pão que se doura ou como ouro ou prata que se purificam. Sentíamos um perfume delicioso, como de incenso ou de arômatas preciosas.

"Finalmente, os criminosos sem lei, vendo que seu corpo não podia ser destruído pelo fogo, mandaram um verdugo para matá-lo com a espada. Da ferida, saiu uma pomba e

brotou uma torrente de sangue tal que extinguiu totalmente o fogo. A enorme multidão maravilhara-se da diferença entre infiéis e eleitos".[32]

Assim partiu Policarpo. Contudo, em meio à incessante perseguição, os seguidores de Cristo aumentaram em número, até alcançar quase metade do Império Romano.

"O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário"

Nero havia cometido suicídio. No auge dos conflitos sucessórios, Tibério Júlio Alexandre, o renegado judeu, no alto cargo de governador do Egito, proclama Vespasiano imperador. As legiões da Judeia e da Síria prestam-lhe o juramento de fidelidade e Vespasiano embarca de Cesareia para Roma, deixando a guerra contra os judeus a cargo de seu filho.

Tito inicia o cerco de Jerusalém, tendo sob seu comando "quatro legiões completas, partes de duas outras, vinte cortes de infantaria, oito esquadrões de cavalaria e numerosas tropas auxiliares, além, obviamente, do que havia de mais moderno em máquinas de assédio".[33]

"O Santuário foi totalmente consumido pelo fogo, no ano 70 d.C., pelo calendário judaico, o dia 9 de *Av*, igual data em que 656 anos antes o primeiro templo fora destruído por Nabucodonosor. Josefo lamentou: "Não poderíamos, porém, nos não admirarmos assaz de que a destruição desse incomparável templo tenha acontecido no mesmo mês e no mesmo dia em que os babilônicos outrora o haviam também incendiado.

"Esse segundo incêndio aconteceu no segundo ano do reinado de Vespasiano, mil cento e trinta anos, sete meses e quinze dias depois que o rei Salomão o havia construído pela primeira vez; seiscentos e trinta e nove anos, quarenta e cinco dias depois que Ageu o tinha feito restaurar, no segundo ano do reinado de Ciro".[34]

A queda de Jerusalém e a destruição do templo decidiram o curso da guerra, mas não a terminaram de vez, conforme a profecia. A terra de Israel tornou-se província romana, e a maior parte, propriedade particular de Vespasiano. Cem mil homens, mulheres e crianças foram vendidos como escravos. Josefo fala em 1.197.000 mortos; mesmo a mais módica avaliação de Tácito, de 600 mil, é uma cifra estarrecedora.

O povo de Roma comemorou a vitória dos seus exércitos erguendo o "Arco de Tito" (um dos mais belos monumentos romanos preservados), cujos relevos mostram o cortejo triunfal dos vencedores e a procissão dos vencidos, carregando troféus retirados do templo de Jerusalém.

"E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até a consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador" (v. 27)

O estabelecimento do concerto entre "o príncipe que há de vir" (v. 26) e Israel marca o início da septuagésima semana, os últimos sete anos da presente era. Aqui, a Bíblia ensina o seguinte:

1) O príncipe que fará o concerto com Israel é o an-

ticristo, mas ainda disfarçado naquela ocasião (2Ts 2.3-10; 1Jo 2.18). Depois que Cristo retornar e remover a Igreja da terra, o anticristo subirá ao poder e, como o "pequeno chifre", que é mencionado em Daniel 7.24,25, liderará uma confederação de nações de dez potências ocidentais durante os anos da tribulação. Quando ele emergir, será reconhecido e aceito por causa de sua habilidade como pacificador. Ele imporá um tratado de paz entre Israel e seus inimigos no tocante à disputa territorial (Dn 11.39).

2) Na metade dos sete anos (i.e., após três anos e meio), o "príncipe" romperá seu concerto com Israel, declarar-se-á Deus, apoderar-se-á do templo em Jerusalém, proibirá a adoração ao Senhor (2Ts 2.4) e assolará a Palestina, na segunda metade da semana, ou seja, por três anos e meio (Ap 11.1,2; 13.4-6). Nesse período, ele perseguirá os crentes remanescentes e todos os seus oponentes, num reinado de terror que superará todo o sofrimento e morte já experimentados pela humanidade, inclusive perseguição, pragas e massacres. Quando a máscara do homem de paz for removida, o "iníquo" será revelado como homem de terror. Isso se encaixa no esquema histórico do engano satânico, que apresenta o mal como bem, a mentira como verdade e a iniquidade como justiça.

3) A importância profética da "abominação" da desolação será conhecida somente pelos santos de Deus (Dn

12.10,11). Jesus alertou sobre este sinal determinante, pois assinalará o começo da contagem regressiva de três anos e meio até a sua vinda em glória (Mt 24.15). Os crentes remanescentes do período da tribulação, por sua atenção a esse sinal, perceberão quão próxima estará a volta de Cristo (Mt 24.33), que ocorrerá no fim dos sete anos (2Ts 2.8; Ap 19.11-20). O Apocalipse confirma esta cronologia ao declarar, duas vezes, que o anticristo ("a besta") terá poder no final da última semana profética; ou seja, durante quarenta e dois meses (Ap 11.1,2; 13.4-6). O profeta Daniel confirma este tempo, outra vez, afirmando que haverá um período de três anos e meio ("um tempo [...] tempos, e metade de um tempo") entre o começo da grande tribulação e o seu fim (Dn 12.7).

4) Nos três anos e meio finais, a atuação do anticristo será especialmente turbulenta, e seu poder ilimitado, inédito e irrestrito atrairá a atenção mundial (Ap 13.3-8).
5) A "abominação desoladora" é o sinal inconfundível de que a grande tribulação já começou (Dn 12.11; Mt 24.15-21; Dt 4.30,31; Jr 30.5-7; Zc 13.8,9).
6) A tribulação e o domínio do anticristo terminarão quando Cristo vier com poder e glória para julgar os ímpios (Mt 25.31-46), destruir o anticristo e começar seu reino milenar (Jr 23.5,6; Mt 24.27,30).

Referências

Bíblia Anotada. SBB, 1994, p. 1071.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. SBB, 2003, p. 1088.

Bíblia de Estudo de Genebra. SBB, 1999, p. 982.

Bíblia de Estudo Almeida. SBB, 1999, p. 915.

Bíblia de Estudo Pentecostal. SBB, 1996, p. 1241.

Bíblia de Estudo Plenitude. SBB, 2001, p. 835.

Bíblia de Estudo Vida. SBB, 1998, p. 1353.

Bíblia Shedd. SBB, p. 1225.

CALVINO, João. *Daniel.* São Paulo: Edições Parakletos, 2000.

DOCKERY, David. *Manual bíblico.* São Paulo: Ed. Vida Nova, 2001.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento.* São Paulo: Ed. Vida, 1999.

GILBERTO, Antonio. *Daniel e Apocalipse.* Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

HALLEY, Henry H. *Manual bíblico.* São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995.

MALTA, Ismar Vieira. *Caminhando pela Bíblia.* São Paulo: Ed. Mensagem para Todos.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no Livro de Daniel.* 3ª Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro.* São Paulo: Editora Vida, 1999.

PFEIFFER, Charles F. e HARRISON, Everett F. *Co-*

mentário bíblico Moody. Vol. 3. São Paulo: IBR. 1995.

Referência Thompson. Ed. Vida, 1999.

SHEDD, Russel. *O Novo Comentário da Bíblia.* Ed. Vida Nova, 1997.



ESCATOLOGIA (APOCALIPSE)



Capítulo 1

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE APOCALIPSE

O último livro da Bíblia encerra toda a revelação de Deus e narra o fim de todas as coisas. De maneira muito clara e detalhada, encontramos nesse livro o registro do fim da história da humanidade e do destino de cada pessoa. Tudo isso está em um livro fechado com sete selos, os quais ninguém pode abrir, a não ser o Cordeiro de Deus, "que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8). Uma chave para se entender o livro de Apocalipse é o estudo do livro de Daniel. O Apocalipse faz referências aos escritos de Daniel mais do que qualquer outro livro das Sagradas Escrituras, portanto, o estudo do livro de Daniel, no Volume 3 do curso de teologia providenciou o fundamento necessário para a análise que agora iniciaremos.

Localização geográfica da Ásia Menor e as sete igrejas

Escatologia

Para o estudo de determinado tema, deve-se iniciar a aná-

lise de sua denominação, que poderá ajudar a compreender aquilo que se pretende estudar. O termo "escatologia" deriva do grego "εσχατως (eschatos)" – que significa "último no tempo ou no lugar; último numa série de lugares; último numa sucessão temporal", e *logos*" – que pode significar: "palavra, proferida à viva voz, que expressa uma concepção ou ideia; o que alguém disse; discurso; doutrina, ensino".

A concepção filosófica do *Logos* ocupa um lugar essencial na história longa e complicada desse termo, pois influenciou, ao menos na forma, as ideias judaicas e pagãs tardias, de um *Logos* mais ou menos personificado. Devido à alta frequência de utilização da ideia de *Logos* antes do cristianismo e, simultaneamente a ele, se faz necessário o leitor estudá-lo tal como aparece no helenismo e no judaísmo. [62]

Assim, a escatologia bíblica é o ensino das últimas coisas. É a doutrina que revela os eventos futuros e certos que estão reservados para tudo quanto existe, incluindo-se a terra, os astros, as galáxias e toda a matéria disseminada no espaço. Portanto, a escatologia bíblica é o ponto culminante da teologia sistemática. Não é apenas o clímax, o desfecho e a consumação do estudo teológico, mas a suprema demonstração do amor de Deus.

Deus, o Arquiteto das eras, achou por bem confiar-nos seu plano para o futuro e revelar-nos seu propósito de forma pormenorizada por meio de sua Palavra. A maior parte das Escrituras dedica-se à profecia, mais do que a qualquer

62 Ver, no Volume 3, algumas concepções sobre o Logos, no tópico "Heresias em relação à natureza de Jesus Cristo".

outro assunto, pois, aproximadamente, um quarto da Bíblia era profético na época em que foi escrita. Exige-se um julgamento refinado para discernir o que se deve ser interpretado à letra em contraposição ao que deve ser interpretado de forma espiritual e alegórica.[63] A coerência da revelação de Deus como um todo no Antigo e no Novo Testamento deve ser mantida.

Percebe-se, através da história da Igreja, que os debates doutrinários sempre estiveram apropriados às necessidades interpretativas das épocas.[64] Nos primeiros cinco séculos, foi debatida a doutrina acerca da divindade de Cristo pelos primeiros pais da Igreja. Isso se adequava às necessidades da época, tão próxima da "encarnação do Verbo". Questionava-se se Cristo era ou não *homooysion* (da mesma substância) ou *homoioysion* (de substância semelhante) do Pai. Em seguida, se debateu muito sobre a doutrina da Trindade, obrigando a convocação de vários concílios, até firmar-se um senso comum.

A Igreja cristã antiga, não dividida, produziu um Credo unificador, cuja intenção foi servir como declaração definitiva, mas não exaustiva da fé. Ele se tornou conhecido como Credo Niceno, por ter ocorrido em Niceia, no ano 325 d.C. Ainda havia rumores concernentes às doutrinas, o que fez a Igreja se reunir em outra oportunidade, isto é, em Constantinopla, no ano de 381 d.C. "Daí ser frequentemente mencionado como 'credo

63 Ver volume 7 do Curso Avançado em Teologia sobre a disciplina "Hermenêutica".

64 Ver no volume 6, "História da Igreja".

de Constantinopla' ou 'credo niceno-constantinopolitano'".[65]

Com a solução dada aos conflitos cristológicos pelos concílios niceno-constantinopolitano, surgiram outros conflitos doutrinários acerca do pecado, da salvação, da predestinação e da eleição. Durante toda a Idade Média, os conflitos doutrinários eclesiológicos foram os alvos dos críticos, somente sendo interrompido pelos teólogos reformadores, que fizeram uma ligação entre a "escatologia", a "soteriologia" e a "eclesiologia". Todavia, à medida que foi se aproximando o segundo milênio da história da Igreja, apareceu um novo conflito doutrinário debatido pelos teólogos: a escatologia cristã e suas perspectivas.

A escatologia, mais do que qualquer outro campo da teologia, tem sofrido muito nas mãos dos intérpretes, mas nada nos impede de adentramos nesse imensurável manancial de águas vivas. E é o que faremos.

No estudo introdutório da escatologia bíblica, faz-se necessário não só falar sobre os últimos acontecimentos ou acontecimentos futuros como também relembrar o passado como ponto de partida para se entender o presente e o futuro que está se aproximando. Assim, nessa introdução, discorreremos sobre as dispensações e as alianças que Deus pactuou com os homens.

65 BETTENSON, H. Documentos da Igreja cristã. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 1998. p. 37.

Capítulo 2

DISPENSAÇÕES

Pela ordem dos acontecimentos, este capítulo deveria ser ocupado pelo milênio, entretanto, achamos por bem estudarmos antes as dispensações e as alianças estabelecidas entre Deus e os homens.

Não devemos, contudo, tomar o dispensacionalismo por base doutrinária, mas, como de fato o é, por ajuda a uma melhor compreensão do propósito divino. Precisamos ter em mente a revelação progressiva de Deus aos homens e é importante com clareza a verdade bíblica de que a salvação é pela graça, por meio da fé no Redentor que nos foi prometido desde a criação do mundo (Gn 3.15).

Conforme a Bíblia Anotada de Scofield, o termo dispensação significa "um período de tempo em que um indivíduo é experimentado quanto à sua obediência a alguma revelação especial da vontade de Deus". Na Bíblia, a palavra dispensação encontra-se quatro vezes no Novo Testamento (1Co 9.17; Ef 1.10; 3.2; Cl 1.25).

A palavra grega é *oikonomia* e a latina, *oeconomia*, da qual

se deriva a palavra "economia", que, segundo o Dicionário Aurélio, significa: a "arte de bem administrar uma casa".[66] Conforme Louis Berkhof, "há sérias objeções a esse conceito. A palavra dispensação (oikonomia), que é um termo bíblico, aqui é empregada num sentido antibíblico. A referida palavra indica "mordomia", uma disposição ou uma administração, mas nunca um período de prova ou de experiências".[67] Portanto, no uso bíblico, o termo "dispensação", empregado no Novo Testamento, pode ser utilizado no sentido lato de administração e, também, de forma mais específica, representando a administração divina.

Jerônimo, que traduziu a Vulgata Latina, se utilizou do termo latino *dispensatio* ao se defrontar com a palavra grega *oikonomia*, que quer dizer "dispensar", "distribuir".

Vale ressaltar que, entre os dispensacionalistas, não há concordância entre si quanto ao número e a extensão das dispensações. Todavia, apresentaremos a definição dada pela Bíblia Scofield, que divide as dispensações em sete:

1) Inocência
2) Consciência
3) Governo humano
4) Patriarcal
5) Lei
6) Graça
7) Reino.

66 Verbete "economia".

67 BERKHOF, Louis. Teologia sistemática. São Paulo: Luz Para o Caminho Publicações, 1990, p. 291.

Dispensação da inocência

Teve seu início na criação do homem e se estendeu até a sua expulsão do jardim do Éden. A palavra-chave aqui é "inocência", pois o homem ainda não havia desobedecido à ordem divina e vivia em plena comunhão com o seu Criador, até o dia em que foi expulso do jardim do Éden (Gn 3.24). O homem falhou nessa dispensação e deixou de ser inocente, passando, então, a viver pela consciência. Nessa dispensação, é feita a promessa escatológica da destruição definitiva de Satanás (Gn 3.15).

Dispensação da consciência

Essa dispensação durou desde a queda do homem até o dilúvio, abrangendo um período de, aproximadamente, 1656 anos. Expulso do Éden, o homem passa a experimentar o bem e o mal; sua consciência foi despertada. O resultado desse conhecimento se encontra em Gênesis 6.5, onde se finda a dispensação da consciência com o advento do dilúvio sobre a terra (Gn 6.17).

Nessa dispensação, os homens viviam, originalmente, em um estágio pré-social e pré-político, caracterizado pela mais perfeita liberdade e igualdade, que, segundo autores clássicos como John Locke, denomina de estado de natureza. Nessa dispensação, o homem também falhou, a ponto de Deus dar cabo à humanidade, em consequência da corrupção de toda a espécie humana (Gn 6).

Dispensação do governo humano

Essa dispensação perdurou desde o tempo do dilúvio até a chamada de Abraão, envolvendo um período de 427 anos.

Nessa dispensação, os homens começaram a se organizar em sociedades, dando iniciou à formação das primeiras nações-estados, como, por exemplo, Babel, Assur, Mizraim, entre outras. A terra começou a ser dividida entre as nações, prevalecendo a lei do mais forte (Gn 10.25).

Nesta dispensação, para que não se possa abusar do poder, Deus institui o governo humano, com a finalidade de que o poder contenha o poder. A ordem divina foi esta: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem" (Gn 9.6).

Em suma, os homens firmam entre si um pacto de submissão pelo qual, visando a preservação de suas vidas, transferem a um terceiro (homem ou assembleia) a força coercitiva da comunidade, trocando, voluntariamente, sua liberdade pela segurança do Estado, passando do estado de natureza para a sociedade política ou civil.[68]

Dispensação patriarcal

Essa dispensação se inicia a partir da aliança feita entre Deus e Abraão, cerca de 1960 a.C. ou 427 depois do dilúvio, perdurando 430 anos. O seu fim acontece quando do recebimento da lei, no monte Sinai (Êx 19.8).

68 WEFFORT, Francisco C. Os clássicos da política. Vol. 1. São Paulo: Editora Ática, 2002.

É importante destacar a diferença entre dispensação e aliança, como ensina Scofield: "Importa distinguir dispensação de aliança. A primeira é um modo de experimentar o estado espiritual do povo; a segunda, porém, é eterna, porque é incondicional. A lei não anulou a aliança abraâmica (Gl 3.15-18), antes, era uma medida disciplinar 'até que viesse a posteridade a quem fora dada a promessa' (Gl 3.19-29; 4.1-7). A dispensação, como meio de provar a Israel, terminou somente com o estabelecimento e a aceitação da lei".[69]

Dispensação da lei

Esta dispensação prolongou-se do Sinai ao Calvário, da promulgação da lei até a crucificação de Cristo, perdurando 1430 anos.

Muito se tem escrito sobre a lei, mas, também, há muitas contradições. Trude Weiss-Rosmarin, escritora judaica, escreveu um livro denominado *Judaísmo e cristianismo*: as diferenças, onde se utiliza de um capítulo inteiro para demonstrar que "a lei será sempre o elemento de controvérsia entre o judaísmo e o cristianismo, pois sua existência prega a negação do cristianismo e sua ab-rogação, a negação do judaísmo".[70]

Nesse primeiro momento, ressaltaremos que Jesus acreditava no valor eterno da lei e, também, observava todos os seus detalhes. Sobre este aspecto, vários foram seus pronunciamentos: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas;

69 Bíblia de Estudos Scofield.

70 São Paulo: Sefer, 1996, p. 128.

não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque, em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar, será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus" (Mt 5.17-20).

No verso 17 do texto bíblico em referência, o verbo grego usado é "πληροω (*pleroo*)", que deriva do substantivo *pleroma*, "plenitude", que significa "completar, cumprir, dar plenitude". Cristo ensinava que a Bíblia é a revelação de Deus e, ao mesmo tempo, reconhecia a necessidade de uma tradição viva transmitida pela Igreja que manifestasse o seu sentido. Justamente por isso, dizia ao povo, referindo-se aos fariseus: "Fazei aquilo que vos disserem". Entretanto, se muitos fariseus acrescentavam à lei centenas de pequenas regras, Jesus, ao contrário, levava continuamente o Antigo Testamento às suas fontes, aos dez mandamentos, à herança espiritual autêntica de Moisés, transmitida pelos profetas.

Jesus aprofundou e completou as prescrições éticas da lei. Com efeito, se a lei proibia os assassinatos, Jesus pediu ao homem que afugentasse de seu coração o ódio, raiz do delito.[71] Se a lei condenava a transgressão da fidelidade matrimonial,

71 Trude Weiss-Rosmarin, p. 104, usou a locução: ódio cego e, p. 106, voltou a usar a palavra ódio, duas vezes, para afirmar que Paulo expressa ódio em relação à lei. Certamente, Paulo jamais sentiu ódio pela lei e muito menos pelos seus irmãos judeus.

Jesus falou do perigo dos sentimentos impuros em si. Se a lei impunha fidelidade ao juramento, Jesus afirmou que não se deve jurar de modo algum: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna" (Mt 5.37).

O Antigo Testamento colocava a justiça como base da lei: "Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé" (Êx 21.24). Jesus distinguiu, com nitidez, o direito penal de uma justiça baseada em outros princípios. É comum os seres humanos odiarem seus inimigos; mas os filhos de Deus devem vencer o mal com o bem, devem lutar em seus corações contra o sentimento de vingança. Não só. Devem desejar o bem daqueles que os ofendem.[72] Eis aqui o vértice espiritual para o qual Jesus chama o homem.

A lei considerava próximos apenas os que pertenciam à mesma tribo e os companheiros de fé; Jesus, ao contrário, não limita este conceito a termos tão restritos. Uma vez, certo doutor da lei lhe perguntou: "Quem é o meu próximo?". Em vez de responder com uma definição teórica, Jesus contou-lhe a história de um judeu que, um dia, caiu nas mãos de salteadores. Debilitado pelas pancadas, não conseguia se levantar do chão e, pesaroso, viu um sacerdote e, depois, um levita (prestador de serviços do templo) passarem de largo. Assim, é claro que ele não esperava socorro de um samaritano que também passava por ali. Seria possível aquele estrangeiro e

[72] "Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei o bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus" Lc 6.35).

herético ser melhor do que nós, a Igreja? No entanto, foi o estrangeiro quem parou e, sem lhe fazer qualquer pergunta, ajudou aquele homem, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho. Em seguida, colocou-o sobre sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

"Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?", perguntou Jesus no final da história àquele homem culto. E a resposta foi: "O que usou de misericórdia". Então, disse Jesus ao doutor da lei: "Vai e fazer da mesma maneira" (Lc 10.25-37).

Jesus, portanto, induziu aquele doutor da lei a aceitar a ideia de que "irmão" e "próximo" podem ser qualquer homem.

Poder-se-ia pensar que, com estas palavras, Jesus atentava contra a tradição e tornava, assim, impossível aos que a ela se mantinham fiéis aceitar o seu ensinamento. Na realidade, Jesus não transgrediu o fundamento da tradição. Com efeito, o Antigo Testamento reconhecia a autoridade da revelação individual. Aliás, os profetas haviam ensinado justamente em virtude deste dom exclusivo dado aos enviados. O início da era dos doutores da lei não significava que a ação do Espírito de Deus tivesse terminado. Por isso, o Talmude dava importância capital às posições pessoais dos mestres isoladamente, e não era rara a ocasião em que os aforismos e as opiniões dos rabinos eram colocados no mesmo plano da Torá, e até num plano mais alto do que esta. Segundo a antiga coletânea de

exegeses rabínicas, Tosefta, era permitido aos mestres abolir parte dos preceitos da lei.[73]

Como consequência, a pregação de Jesus não quis romper com os princípios do Antigo Testamento, nem quando Ele rejeitou a algumas regras da Torá, em geral referentes às restrições alimentares, regras que, na época, foram encaixadas na lei com o fim de preservar o povo escolhido da influência dos outros povos. Contudo, tais normas foram se complicando de geração em geração e terminaram por se transformar num sistema de tabus que dificilmente poderia ser observado. Assim, embora a distinção dos alimentos em "puros" e "impuros" pertencesse às Escrituras, Jesus, com grande decisão, declarou-a superada. "Impuros" são simplesmente os pensamentos, os instintos e as ações dos homens: "Ouvi e entendei: o que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem [...] Mas o que sai da boca procede do coração, e isso contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São essas coisas que contaminam o homem; mas comer sem lavar as mãos, isso não contamina o homem" (Mt 15.11,18-20).

---

73 (Cf. Sanhedrin, XI, 3 e relativo Tosefta 14,13). Naquela época, os judeus substancialmente já haviam revogado muitos parágrafos do código penal contido no Pentateuco. Com efeito, essas leis refletiam o nível de consciência jurídica oriental da Antiguidade e, em época mais tardia, haviam deixado corresponder às necessidades do tempo. Dificilmente, se poderia sustentar que o código do Pentateuco fosse inteiramente fruto da revelação divina. Grande número de preceitos jurídicos da Torá deriva dos códigos mesopotâmicos. São, particularmente, notáveis paralelos entre o código do rei babilônico Hamurabi (séc. 18 a.C.) e as leis referidas nos capítulos 20 a 30 do Êxodo.

Quanto aos jejuns, o Mestre da Galileia não gostava que o povo lhe desse tanto valor. Na Antiguidade, o jejum era uma maneira de exprimir exteriormente a dor; mas, na época cristã, já era tido como sinal de devoção.

Os discípulos de João Batista sentiam estranheza por Jesus não obrigar seus seguidores a observar os jejuns, como João fazia com eles. Questionado, disse-lhes Jesus: "Podem, porventura, andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles? Dias, porém, virão em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão" (Mt 9.15). O ascetismo não é um fim, mas um meio; o fim é estar perto de Deus. Ora, aqueles que estão ao lado do Filho do Homem já alcançaram este objetivo e, portanto, não têm necessidade de qualquer jejum. Seja como for, Jesus não menosprezava a ascese – Ele mesmo jejuou mais de um mês no deserto – mas, também, sabia que haveriam de chegar dias difíceis para os discípulos, quando, então, lhes seria indispensável.

Assim, as explanações de Jesus sobre o Antigo Testamento deixavam entrever o perfil do Novo Testamento. Muitas normas e ritos velhos empalideciam e perdiam importância à luz do evangelho. Eles tiveram a sua época, muito embora os doutores da lei procurassem salvá-los a todo custo. Mas, Jesus era muito claro: "Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o mesmo remendo novo rompe o velho, e a rotura fica maior. E ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo rompe os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; o vinho novo

deve ser posto em odres novos" (Mc 2.21,22).

Não se rejeita completamente o velho edifício; aliás, ao lado dele, constrói-se um novo, para o qual o anterior será uma sala de espera. Jesus não aboliu da religião as normas, mas sempre ensinou a primazia do amor, da fé e da atitude espiritual interior sobre elas.

Dispensação da graça

A duração desta dispensação vai desde a crucificação de Cristo até o arrebatamento da Igreja, portanto, seu fim é futuro e certo, mas seus efeitos se prolongarão após o arrebatamento.

É importante destacar a diferença entre a dispensação da lei e a dispensação da graça, como o fez Severino Pedro da Silva: "A graça de Deus em Jesus Cristo encontra os pecadores e os justifica – perdão dos pecados (Cl 2.13). Para este salvo, Jesus Cristo deu sua vida (2Co 8.9; 1Tm 1.14). A graça, neste sentido, é mais frequentemente mencionada em oposição a outros meios de salvação: a circuncisão e a observação da própria lei (At 15.11): as obras da lei (Rm 11.6). Neste sentido, porém, a graça não anulou a lei, antes, cumpriu-a".[74]

Dispensação do reino

Também chamada de dispensação do governo divino, esta dispensação, de acordo com as Escrituras, durará mil anos (Ef 1.9,10; Ap 10.7; 11.15; 20.1-6). Será o governo teocráti-

[74] Escatologia - doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 125.

co novamente na terra, em que o próprio Cristo reinará por um período de mil anos juntamente com sua Igreja triunfante.

Esse reino será literal e terreno, sobre o qual Cristo governará no trono de Davi, em cumprimento à aliança davídica (2Sm 7.8-17; Mt 1.1; Lc 1.32). Em Jerusalém (Zc 14.4), o poder do mal e o poder de Satanás serão quebrados (Ap 20.1,2). Levará Israel ao seu lugar legítimo e profetizado (Dt 28.13; Jr 31.31-36). O evangelho será pregado em toda a terra (Mt 24.14).

Esse reino é o assunto da profecia do Antigo Testamento (2Sm 7.12-16; Sl 2.6,8-10; 72.11,17; Is 9.6,7; 11.1-16; Jr 23.5; 33.14-17; Ez 34.23; 37.24; Os 3.4,5; Mq 4.6-8; 5.2; Zc 2.10-12; 8.20-23; Ml 3.1-4).

CAPÍTULO 3

ALIANÇAS ENTRE DEUS E OS HOMENS

Além das dispensações outorgadas ao homem, Deus estabeleceu alianças, pactos ou concertos, que se encontram nas Escrituras, sendo de grande importância para o intérprete da Palavra de Deus e para o estudioso de escatologia. Interpretar o texto bíblico é descobrir ou revelar a vontade contida nas palavras; é revelar o pensamento que anima as suas palavras.[75]

Seguindo o entendimento de Scofield, estudaremos, aqui, oito alianças, porém, devemos observar que alguns teólogos opinam por doze alianças e citam, entre elas: aliança da redenção (Tt 1.2; Hb 13.20); a aliança das obras (Ap 20.13); a aliança da graça universal (Rm 4.5-8); e aliança para Israel (Jr 31.31-34; Hb 8.7-12).

O uso bíblico da palavra aliança

Esta palavra ocorre, com frequência, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, sendo utilizada nos relacionamentos entre Deus e os homens (Jr 33.20,25); entre os

[75] Ver volume 7 do Curso Avançado em Teologia sobre a disciplina Hermenêutica.

homens (Gn 21.22-32; 26.28; 1Sm 11.1,2; 18.3); e entre as nações (Êx 23.32; 34.12,15; Oss 12.1). É empregada para coisas temporais e coisas eternas. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, "é digno de nota que, embora 'aliança' ocorra quase 300 vezes no Antigo Testamento, no Novo ocorre somente 33 vezes. Quase metade dessas ocorrências se acha em citações do Antigo Testamento e outras cinco, claramente, se referem às declarações no Antigo Testamento. Os poucos casos independentes se acham quase exclusivamente em Hebreus, bem raramente em Paulo (nunca nas Epístolas Pastorais) e Atos, mas nunca nos escritos de João".[76]

Tipos de alianças

Existem dois tipos de alianças que Deus fez com Israel: condicional e incondicional. Numa aliança condicional, o acontecimento é futuro e incerto, pois a eficácia da aliança depende exclusivamente do receptor. Algumas obrigações ou condições devem ser satisfeitas pelo receptor da aliança antes que o outorgador se obrigue a cumprir o acordado. Temos, na aliança mosaica, pactuada entre Deus e a nação de Israel,um exemplo de aliança condicional. É caracterizada pela conjunção "se": "Se ouvires atento à voz do SENHOR, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das

que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o SENHOR, que te sara" (Êx 15.26). "Se ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos" (Dt 28.1,2).

Já na aliança incondicional, o acontecimento é futuro e certo. O cumprimento do que foi acordado depende exclusivamente daquele que fez a aliança, portanto, o que foi prometido é soberanamente concedido ao receptor da aliança com base na autoridade e integridade daquele que pactuou a aliança – Deus.

Deve-se notar que, enquanto a aliança é eterna e inviolável (aliança que Deus jamais anula), é possível aos que se acham na aliança quebrá-la.

Aliança edênica

Esta aliança foi firmada com o homem no Éden (Gn 2.15-17) e condicionou a vida do homem ao estado de inocência. Embora alguns neguem que tenha qualquer relação com a aliança, o entendimento de tal estabelecimento veio com a ideia de aliança desenvolvida na história.

Aliança adâmica

Infelizmente, na aliança edênica, o primeiro casal falhou e, necessariamente, Deus estabeleceu com eles, já dentro dos limites da dispensação da consciência, outra aliança: a adâmica.

Imediatamente depois da queda do homem, Deus revelou seu propósito de providenciar salvação para os pecadores.

Esta aliança condicionou a vida do homem decaído, sendo apresentada pela primeira vez a promessa de um Redentor (Gn 3.14-21).

Aliança noélica

Após verificar que o mal havia dominado o coração dos homens, "arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração" (Gn 6.6). Deus anuncia a Noé a destruição de toda a terra e ordena a Noé que faça uma arca de madeira conforme suas ordens. Ao obedecer, Deus estabelece com Noé e sua semente uma aliança (Gn 6.18), na qual promete não destruir mais a terra com água (Gn 9.11-17) e, também, que a sucessão normal dos ciclos climáticos (inverno e verão, calor e frio, dia e noite) hão de continuar (Gn 8.22).

Aliança abraâmica

Com Abraão, Deus começa a delinear a promessa feita na aliança edênica. O estabelecimento dessa aliança marcou o início da nação israelita, sendo instituída a circuncisão como ordenança simbolizadora, como insígnia desse pacto.[77]

Esta é a primeira das quatro grandes alianças firmadas entre Deus e a nação de Israel. Entretanto, essa aliança tem importantes implicações para as doutrinas ligadas à soteriologia. O apóstolo Paulo, ao escrever aos gálatas, mostra que

[77] Segundo o Dicionário Aurélio, insígnia é: "sinal distintivo dos membros de uma associação, irmandade, grupo, etc".

os crentes tomam posse das bênçãos prometidas a Abraão (Gl 3.14,29; 4.22-31), fundamentados na mesma promessa feita a Abraão (Rm 4.1-25).

Com maestria, esclareceu J. Dwight Pentecost: "A promessa feita a Abraão representa um passo progressivo nessa revelação. Nele, o propósito divino torna-se mais específico, detalhado, focalizado, definitivo e certo. Específico, por distingui-lo e separá-lo de outros membros da raça. Detalhado, por indicar mais particularidades conectadas ao propósito de salvação. Focalizado, por fazer o Messias vir mais diretamente em sua linhagem, ser sua 'semente'. Definitivo, por entrar numa aliança com ele, como seu Deus. E, certo, por confirmar seu relacionamento de aliança com um juramento".[78]

Aliança mosaica

Com a aliança mosaica, temos o registro dos dois acontecimentos transcendentes da história de Israel: o livramento do Egito e a entrega do pacto da lei no Sinai. Nesta aliança, verifica-se o desenvolvimento do antigo concerto com Abraão. As promessas que este recebeu de Deus incluíam um território próprio, uma descendência numerosa que chegaria a ser uma nação e bênção para todos os povos por meio de Abraão e sua descendência. Primeiro, Deus multiplica seu povo no Egito, depois, livra o seu povo da escravidão e, a seguir, constitui o seu povo numa nação. A lei servia a um duplo propósito, com relação à aliança da graça: aumentar

[78] Manual de escatologia. São Paulo: Editora Vida, 1998, p. 106.

a consciência de pecado (Rm 3.20; 4.15; Gl 3.19) e ser um preceptor conducente a Cristo (Gl 3.24).

Esta aliança serviu de regra de vida para a nação de Israel, de sorte que assumiu três aspectos, assim designados: lei moral, lei civil e lei cerimonial ou religiosa.

Aliança palestínica

A nação está preste a tomar posse da terra prometida.

Diante das dificuldades, Deus reafirma sua promessa pactual relativa à posse da terra e à herança de Israel (Gn 12.7; 13.15; 17.7,8; Dt 30.1-10).

A essa afirmação dá-se o nome de aliança palestínica ou palestina.

Nesta aliança, segundo J. Dwight, há sete características principais. Vejamos:

1. A nação será tirada da terra por causa de sua infidelidade (Dt 28.63-68; 30.1-3);
2. Haverá o arrependimento futuro de Israel (Dt 28.63-68; 30.1-3);
3. O Messias retornará (Dt 30.3-6);
4. Israel será reintegrado à terra (Dt 30.5);
5. Israel será convertido como nação (Dt 30.4-8; Rm 11.26,27);
6. Os inimigos de Israel serão julgados (Dt 30.7);
7. A nação receberá, então, bênção completa (Dt 30.9).[79]

79 Ibid., p. 124.

Esta aliança sobre a relação de Israel com a terra deve ser vista como sendo uma aliança incondicional, uma vez que o próprio Deus a chama de aliança eterna (Ez 16.60). Trata-se de uma expansão da aliança abraâmica e possui, também, a garantia divina de que Deus efetuará a conversão essencial para o seu cumprimento (Dt 30.6; Ez 11.16-21; Os 2.14-23; Rm 11.26,27).

Pelo fato de que tudo isso jamais foi cumprido na íntegra, essa aliança exerce grande influência na nossa expectativa escatológica e, por ser uma aliança eterna e incondicional, exige seu cumprimento.

Aliança davídica

Nesta aliança, Deus amplia e confirma as promessas referentes à descendência abraâmica. As cláusulas desta aliança são apresentadas no texto bíblico de 2Samuel 7.12-16, onde lemos:

"Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia se não apartará dele, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre".

As características essenciais desta aliança estão implícitas nestas três palavras: "casa", "reino" e "trono". Com casa de Davi, relaciona-se a seus descendentes diretos. É certo que sempre existirá um remanescente. Como reino, refere-se à forma de governo, o reino político sobre Israel. Já a expressão trono indica o poder soberano, a autoridade que um dos seus descendentes infinitamente superior se assentará para sempre em seu trono (Sl 72; 132; At 2.30,31).

A nova aliança

Essa nova aliança é prometida a Israel em Jeremias 31.31-34, onde lemos:

"Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei".

Essa aliança também foi profetizada por Isaías 61.8-9 e, novamente, por Ezequiel 37.21-28. Trata-se de uma aliança única que promete a remoção dos pecados e, ainda, a reintegração da terra da Palestina a Israel.

Certamente que, para o cumprimento dessa profecia, a Palestina será reconquistada, reconstruída e instituída como capital do governo teocrático, mas isso será possível somente no milênio, como demonstram os profetas (Jr 31.34; Ez 34.25; Is 11.6-9). Vale salientar que Cristo assentou os alicerces da aliança de Israel, mas seus benefícios não serão recebidos por Israel até o segundo advento (Rm 11.26,27).

CAPÍTULO 4

DIVERSOS MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO

Não é nenhum exagero dizer que a Igreja nunca foi mais desafiada nos seus esforços para manter um forte padrão bíblico do que nos dias de hoje. Embora a Igreja evangélica esteja experimentando um crescimento notável, está empenhada numa luta contínua para manter um alto padrão de pureza, verdade e santidade.

Nenhuma geração, desde os tempos de Cristo, tem sofrido mais do que a nossa presente geração — os ataques de filosofias mundanas que procuram se infiltrar na Igreja. Diariamente, somos bombardeados com falsas doutrinas por meio da mídia.

Para estar protegida, a Igreja deve ser reforçada e fortalecida pela pregação consistente e exata da Palavra de Deus. Essa necessidade não somente exige dedicação ao estudo da Bíblia, como, também, atenção cuidadosa aos princípios da interpretação bíblica. Princípios estes que expandem nossas mentes para compreender a verdade, ao mesmo tempo em

que refreiam nossas imaginações de irem além dela.

Mesmo dentro da Igreja, as falsas interpretações das Escrituras são abundantemente exemplificadas. Algumas dessas distorções são meras curiosidades, como no caso de milhões de pessoas que acreditam que bebem, literalmente, o sangue de Cristo e comem do seu corpo quando celebram a comunhão. Outras subvertem a doutrina sólida ao tentarem justificar práticas espúrias, tais como: o batismo por procuração em favor de algum morto (como fazem os mórmons), com base em um só versículo isolado das Escrituras.

Esses poucos exemplos ilustram a estultícia de achar que cada um deve interpretar a Bíblia da própria maneira. Se não houver diretrizes gerais para a interpretação apropriada, a Bíblia refletirá os corações dos homens, mas não os transformará. Entretanto, a Bíblia nitidamente interpretada e proclamada segundo as leis que governam a comunicação humana, tem surtido efeitos notáveis no decurso dos séculos.

A ela se deve a derrota da escravidão, dos vícios, da corrupção do Império Romano. Tem transformado corações e vidas de milhões de cristãos verdadeiros. Certamente e sem dúvida, um estudo sistemático de como interpretar a Bíblia deve ser uma prioridade para todo e qualquer estudioso sério da Bíblia.

Há regras de interpretação que disciplinam a interpretação de qualquer comunicação. Quando falamos a respeito das leis que governam a interpretação correta, não nos referimos a uma lista que varia de pessoa para pessoa, ou até mesmo

entre escritos seculares e os escritos inspirados. Referimo-nos às regras que as pessoas têm usado durante milhares de anos para a compreensão e transmissão de todas as formas da comunicação entre pessoas. Tais regras, aplicada especificamente à interpretação da Bíblia, são denominadas de "hermenêutica bíblica".

A hermenêutica é a ciência que nos ensina as leis e os métodos para a interpretação das comunicações. Hermenêutica é uma palavra grega derivada do nome *hermes* (gr. ερμηα), o mensageiro dos deuses mitológicos gregos que entregavam e interpretavam as mensagens "divinas" aos mortais, também chamado de Mercúrio pelos romanos.

Exegese e eisegese

Exegese deriva-se de uma palavra grega que significa "conduzir para fora" e eisegese deriva-se de uma palavra que significa "conduzir para dentro". Sendo assim, a exegese é o processo de ir até o texto, a fim de determinar o seu sentido e "trazer para fora" a interpretação. A eisegese, por outro lado, ocorre quando a pessoa aborda o texto com preconceitos e torce a mensagem da Bíblia, extraindo dela um sentido que a pessoa deseja de antemão.

Mas, uma distinção que será beneficial para o estudante deste curso é saber a diferença entre a hermenêutica e a exegese. A primeira é o estudo das regras da interpretação bíblica, ao passo que a outra se refere à aplicação dessa regras.

Métodos de interpretação do Apocalipse

O livro de Apocalipse tem sido estudado segundo muitos conceitos e métodos de interpretação diferentes. Demonstraremos, a seguir, os principais deles.

Preterista

Relaciona as profecias do Apocalipse com os eventos registrados no final do primeiro século da nossa era, tendo o Império Romano como pano de fundo, ou seja, a maior parte do Apocalipse já se cumpriu, sobrando somente fatos históricos.

Histórico

Os intérpretes que assumem essa posição procuram encaixar todos os acontecimentos previstos no Apocalipse em várias épocas da história humana.

Simbólico ou místico

Alguns estudiosos creem que o livro de Apocalipse não é essencialmente profético nem histórico, mas uma vívida coletânea de símbolos místicos que visam ensinar lições espirituais e morais. Isso significa que não esperemos qualquer cronologia de acontecimentos passados ou futuros nesse livro.

Futurista

Há os futuristas extremos que pensam que o livro inteiro é preditivo, incluindo os capítulos 2 e 3, que representam su-

cessivos estágios da história eclesiástica até a vinda de Cristo. Mas, há os futuristas moderados, que admitem que os capítulos 2 e 3 referem-se ao passado (ou ao presente), mas que, a começar no capítulo 4, temos o futuro, o que deverá acontecer imediatamente antes do segundo advento de Cristo.

Eclético

Alguns intérpretes misturam todas as ideias acima expostas de modo que nenhuma domine as demais.

Como se vê, cada geração de eruditos vem retrabalhando a interpretação do Apocalipse, numa tentativa de encaixar as profecias em suas respectivas épocas.

Capítulo 5

APOCALIPSE: REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO

O apóstolo João é a testemunha de Jesus Cristo. O seu livro é a revelação que provém de Jesus Cristo e a manifestação da pessoa de Jesus Cristo. O desejo que partilhavam os discípulos em saber qual será o "sinal de tua vinda e do fim dos tempos" (Mt 24.3) foi revelado a João.

Apocalipse (gr. αποκαλυθιᾳ – *apokalupsis*) é o livro do fim dos tempos, dos acontecimentos futuros, de tornar descoberta todas as coisas, da manifestação do Senhor dos senhores e Rei dos reis – Jesus Cristo. É o tempo em que tanto o juízo de Deus como as boas-novas de um Salvador serão dados a conhecer. O mundo inteiro será confrontado pela total futilidade do mal e pela retidão da obediência à vontade de Deus.

Jesus, enquanto esteve com os seus discípulos, não mediu palavras. Como um profeta do Antigo Testamento, as suas palavras soaram com a urgência de um toque de alerta. Ele prenunciou a calamidade nacional e social (Mt 24.6-8), as perseguições (v. 9-11) e a tentação para a perda do amor e da fé por causa da desordem geral e da tribulação (v. 12,13).

Além dessas referências às cidades de Jerusalém e Judeia, o texto nos leva a imaginar uma desgraça muito mais abrangente, uma catástrofe de proporções globais, universais: "E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mt 24.29,30).

No primeiro momento, o Soberano se dirige às sete igrejas que se encontram na Ásia (Ap 1.4). O número "sete" no Apocalipse e, geralmente, na Bíblia, é símbolo do completo ou da totalidade, da perfeição, da plenitude dos propósitos divinos.

O arrebatamento

Em primeiro lugar, existe a necessidade de se distinguir arrebatamento (primeira fase) de revelação ou manifestação física e pessoal de Jesus (segunda fase). A Bíblia menciona essas duas fases da vinda de Jesus. Na primeira, Ele virá, no arrebatamento, para os seus (Jo 14.3). Na segunda, na revelação, virá com os seus (Zc 14.5*b*; 1Ts 3.13; Jd 14).

Na sua primeira vinda, como homem, na terra, veio como Messias Salvador. No arrebatamento, nos ares, virá como Noivo. E, na revelação, sua volta visível e literal, virá como Juiz.

O arrebatamento será um acontecimento iniciado por Jesus Cristo, no qual Ele virá até às nuvens e aparecerá somente aos

cristãos. Sua aparição resultará na reunião dos crentes com Ele. Durante esse evento, os fiéis a Cristo Jesus, de todas as épocas, serão transformados; os vivos serão trasladados sem ver a morte, ao passo que os que já partiram em Cristo serão ressuscitados, conforme escreveu o apóstolo Paulo:

"Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1Ts 4.13-18).

Imediatamente após o aparecimento de Jesus nos céus, a trombeta de Deus soará, anunciando o aparecimento do Rei dos reis e Senhor dos senhores. A voz do arcanjo convocará os mortos em sepulcros e, por toda a terra, as sepulturas daqueles que confiaram em Cristo como seu Salvador irão ruir, quando seus corpos santos e ressurretos se levantarem para encontrar com o seu Senhor nos ares.

A única exigência para os crentes mortos e, obviamente, para os vivos é estarem em Cristo, ou seja, num relacionamento de fé nele e de fidelidade a Ele.[80]

Sinais indicativos

A vinda de Jesus será precedida de sinais, já preditos nas Escrituras. Ele disse que sua volta seria da seguinte forma: "Porque, assim como o relâmpago que sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.27). Ainda disse o Senhor, em Mateus 24.43: "Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa". E outra vez afirmou: "Por isso, estai vós apercebidos também, porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis" (Mt 24.44). Por meio dessas declarações, conclui-se, portanto, que sua volta será repentina, inesperada.

Apesar de não termos como precisar o momento em que se dará a segunda vinda de Jesus, pois Ele mesmo disse isso (Mt 24.36), é possível reconhecer os sinais indicativos que precederá o arrebatamento. Vejamos alguns deles, visto serem muitos.

O avanço da ciência

Daniel recebeu a revelação de que, nos fins dos tempos, a ciência se multiplicaria. Isso indica que, durante o período

80 HORTON, Stanley M. Nosso destino. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 76.

do fim, ou na última geração, ocorrerá uma explosão do conhecimento.

A partir do século 19, os homens inventaram o automóvel, o avião a jato e o foguete. Pode-se voar de Nova York a Paris em três horas. Imagine todo o conhecimento do desenvolvimento dessas maravilhas da tecnologia moderna.

Nas duas últimas gerações, o homem foi à Lua. A ciência médica, hoje, tem a capacidade de manter um corpo respirando durante meses por meio de máquinas. Bebezinhos pesando menos do que meio quilo podem sobreviver, e fetos não são afetados por cirurgias enquanto ainda se encontram no ventre materno.

Todo esse conhecimento é espetacular, entretanto, o conhecimento sem Deus produz bárbaros intelectuais, pecadores mais astutos.

Comunicação instantânea

"E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e as vencerá, e as matará. E jazerá o seu corpo morto na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado. E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seu corpo morto por três dias e meio, e não permitirão que o seu corpo morto seja posto em sepulcros. E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e

mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra" (Ap 11.3,7-10).

As duas testemunhas, que muitos creem serem Elias e Enoque, aparecerão na terra durante a tribulação. E usam uma tradicional roupa de luto, e sua missão será chamar os homens ao arrependimento.

A profecia declara que "povos, e tribos, e línguas, e nações verão seu corpo morto por três dias e meio". A geração passada não podia explicar isso. Como poderia o mundo inteiro ver, ao mesmo tempo, dois homens mortos andando nas ruas de Jerusalém? Era um mistério.

Então, veio a televisão, seguida dos satélites internacionais, a Internet e a comunicação sem fio. Nesta geração, podemos ver um fato importante em qualquer lugar do mundo, segundos depois do acontecimento. Virtualmente, o mundo inteiro tem acesso à mesma informação enquanto o evento acontece. Toda a população que estiver viva durante a tribulação verá as duas testemunhas sendo mortas nas ruas de Jerusalém, verá o anticristo e verá a vinda do Messias.

Dias de mentira

A profecia bíblica declara que a mentira será epidêmica sobre a face da terra na geração final: "E zombará cada um do seu próximo, e não falam a verdade; ensinam a sua língua a falar a mentira; andam-se cansando em obrar perversamente. A tua habitação está no meio do engano; pelo engano recu-

sam conhecer-me, diz o SENHOR" (Jr 9.5,6).

Durante gerações, estivemos aprendendo e enfraquecendo as nossas vontades com mentiras. O humanismo secular é uma mentira, pois defende que o homem pode usurpar o papel de Deus. O ensino da ética situacional, a filosofia de que não existe absolutamente certo ou errado, tudo isso produziu uma geração marcada com a AIDS e com a culpa do aborto induzido.

As teorias e filosofias da Nova Era não passam de mentiras. São as mesmas mentiras que Satanás disse a Eva: "Sereis como Deus". O satanismo e os ensinamentos do ocultismo não passam de mentiras. Estamos falando da Igreja apóstata, que tem uma aparência de piedade, mas nega o poder de Deus.

Não podemos encontrar a verdade nos *best sellers* do mundo. O que precisamos saber acerca do futuro está escrito no Livro de Deus: a Bíblia. Fuja dos que falam mentiras, e volte a sua atenção para a verdade de Deus, para que os seus sentidos não se atrofiem como dos outros na geração final e você não consiga discernir o que é verdade e o que não é.

Aumento da maldade

"E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim

será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.37-39).

Gênesis nos conta que, nos dias de Noé, a maldade do homem na terra era muito grande e que "era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5). Os noticiários são sempre repetitivos: estupros, homicídios, sequestros, assaltos, entre outras violências.

Assim como as águas do dilúvio apanharam os incautos, o fim do mundo apanhará os indolentes.

Teorias do arrebatamento

Há algumas posições dentro do pré-milenismo com respeito à ocasião do arrebatamento, em relação ao período da tribulação.

Pré-tribulacionismo

Esta posição ensina que todos os crentes serão levados no arrebatamento, que acontecerá antes da tribulação.

Arrebatamento parcial

Esta posição ensina que o arrebatamento ocorre antes da tribulação, mas que apenas os crentes "preparados" serão levados, ao passo que os outros crentes permanecerão na terra durante a tribulação (sendo arrebatados posteriormente).

Midi-tribulacionista

Esta posição ensina que todos os crentes serão levados no

arrebatamento que acontecerá na metade da tribulação (depois dos primeiros três anos e meio).

Pós-tribulacionistas

Esta posição ensina que todos os crentes serão arrebatados no final da tribulação.

Há muitos argumentos a favor, como também contra, para cada uma das posições mencionadas. Portanto, para uma melhor compreensão do assunto, deixaremos que o aluno procure em outras fontes, para sua melhor compreensão.

CAPÍTULO 6

A TRIBULAÇÃO

Em toda a Bíblia, há muitas referências diretas e indiretas em relação à tribulação. Uma das primeiras e mais antigas passagens do Antigo Testamento a predizer esse período é encontrada em Deuteronômio 4.27-31. Esses versículos preveem a dispersão dos judeus e sua restauração pelo Senhor se eles o buscarem:

"E o SENHOR vos espalhará entre os povos, e restareis poucos em número entre as gentes às quais o SENHOR vos conduzirá. E ali servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não veem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram. De lá, buscarás ao SENHOR, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma. Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te sobrevierem, então, no fim dos dias, te virarás para o SENHOR, teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desamparará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais".

As Escrituras fornecem muitos outros textos em que deixa evidente que, depois do arrebatamento, haverá um tempo de intensa tribulação mundial. Uma das passagens mais importantes no Antigo Testamento para o estudo da tribulação está no livro do profeta Daniel:

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele" (9.24-27).

Por esse texto, aprendemos que a tribulação será um período de sete anos dividido pela "abominação desoladora" em dois períodos de três anos e meio. O estabelecimento do concerto entre "o príncipe, que há de vir" (v. 26) e Israel marca o início da septuagésima semana, os últimos sete anos da presente era. Aqui, a Bíblia ensina o seguinte:

1. O príncipe, que fará o concerto com Israel, é o anticristo, mas ainda disfarçado naquela ocasião (2Ts 2.3-10; 1Jo 2.18). Depois que Cristo retornar e retirar a Igreja da terra, o anticristo subirá ao poder e o "pequeno chifre", conforme mencionado em Daniel 7.24,25, liderará uma confederação de nações de dez potências ocidentais durante os anos da tribulação. Quando ele emergir, será reconhecido e aceito por causa de sua habilidade como pacificador. E imporá um tratado de paz entre Israel e seus inimigos no tocante à disputa territorial (Dn 11.39).
2. Na metade dos sete anos, isto é, após três anos e meio, o "príncipe" romperá seu concerto com Israel, declarar-se-á "deus", apoderar-se-á do templo em Jerusalém, proibirá a adoração ao Senhor (2Ts 2.4) e assolará a Palestina, na segunda metade da semana, ou seja, por três anos e meio (Ap 11.1,2; 13.5,6). Nesse período, ele perseguirá os crentes remanescentes e todos seus oponentes, num reinado de terror que superará todo o sofrimento e morte já experimentados pela humanidade, inclusive perseguição, pragas e massacres. Quando a máscara do homem de paz for removida, o "iníquo" será revelado como homem de terror. Isso se encaixa no esquema histórico do engano satânico, que apresenta o mal como bem, a mentira como verdade e a iniquidade como justiça.
3. A importância profética da "abominação" da desola-

ção será conhecida somente pelos santos de Deus (Dn 12.10,11). Jesus alertou sobre este sinal determinante, pois assinalará o começo da contagem regressiva de três anos e meio até a sua vinda em glória (Mt 24.15). Os crentes remanescentes do período da tribulação, por sua atenção a esse sinal, perceberão quão próxima estará a volta de Cristo (Mt 24.33), que ocorrerá no fim dos sete anos (2Ts 2.8; Ap 19.11-20). O Apocalipse confirma esta cronologia ao declarar, duas vezes, que o anticristo (isto é, "a besta") terá poder no final da última semana profética, ou seja, durante quarenta e dois meses (Ap 11.1,2; 13.4-6). O profeta Daniel confirma este tempo, outra vez, afirmando que haverá um período de três anos e meio ("um tempo... tempos, e metade de um tempo") entre o começo da grande tribulação e o seu fim (Dn 12.7).

4. Nos três anos e meio finais, a atuação do anticristo será especialmente turbulenta, seu poder ilimitado, inédito e irrestrito, atrairá a atenção mundial (Ap 13.3*b*-8).
5. A "abominação desoladora" é o sinal inconfundível de que a grande tribulação já começou (Dn 12.11; Mt24.15-21; Dt 4.30,31; Jr 30.5-7; Zc 13.8,9).
6. A tribulação e o domínio do anticristo terminarão quando Cristo vier com poder e glória para julgar os ímpios (Mt 25.31-46), para destruir o anticristo e para começar seu reino milenar (Jr 23.5,6; Mt 24.27,30).

Acreditamos que a Bíblia faz distinção entres os períodos da tribulação: o primeiro período é chamado de tribulação (Mt 24.9) e o segundo, de grande tribulação (Mt 24.21).

Teorias sobre o milênio

Várias passagens do Antigo Testamento falam sobre um tempo futuro de verdadeira paz e prosperidade para os seguidores justos de Deus, sob o reinado benevolente e físico de Jesus Cristo na terra. O profeta Zacarias fala sobre esse período, dizendo: "O Senhor será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o Senhor, e um só será o seu nome" (14.9). E continua, nos versículos 16 a 21, descrevendo algumas das condições reinantes no milênio. Apesar de toda a Bíblia falar descritivamente sobre o milênio, apenas no último livro – Apocalipse – sua duração foi revelada.

Os intérpretes do Apocalipse estão, também, divididos na forma como abordam o milênio (Ap 20). A maneira como se encara o milênio afeta a interpretação do Apocalipse como um todo. Faz-se necessário levantarmos aqui alguns pontos.

Amilenismo

Ensina que não haverá nenhum milênio, pelo menos na terra. Alguns simplesmente dizem que, como o Apocalipse é simbólico, não há sentido algum em se falar em um milênio literal.

Pós-milenismo

Outra corrente começou a espalhar-se a partir do século 18. Seus adeptos interpretam os mil anos do milênio como uma extensão do período atual da Igreja. Ensinam que o poder do evangelho ganhará o mundo todo para Cristo, e a Igreja assumirá o controle dos reinos seculares.

Pré-milenismo

Interpreta as profecias do Antigo e do Novo Testamento de maneira literal, observando, porém, se o contexto assim o permite. Entendem que o retorno de Cristo, a ressurreição dos salvos e o tribunal de Cristo serão antes do milênio. No final deste, Satanás será temporariamente solto para enganar as nações, sendo derrotado para todo o sempre. Por fim, virá o grande trono branco, que proferirá a sentença final de todos os habitantes do planeta Terra, inaugurando o reino eterno no novo céu e na nova terra.

O milênio será um reino terreno em que Cristo reinará em Jerusalém e em que todas as promessas feitas ao patriarca Abraão (aliança abraâmica – Gn 12.7) serão concretizadas (Ez 47 – 48). O milênio trará o cumprimento completo das alianças bíblicas de Deus com Israel (as alianças abraâmica, davídica, palestina e a nova).

Referências

HORTON, Stanley M. *Nosso destino*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SILVA, Severino Pedro da. *Escatologia - doutrina das últimas coisas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

_____. *Daniel – versículo por versículo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

_____. *O milênio*. 1998.

OLSON, N. Lawrence. ***O plano divino através dos séculos***. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 13.

CHAMPLIN, R. N e BENTES, J.M. ***Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia***. Vol. 2. São Paulo: Candeia, 1995, p. 186.

BERKHOF, Louis. ***Teologia sistemática***. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996, p. 291.

ICE, Thomas e DEMY, Timothy. ***Armagedom e o Oriente Médio***. Porto Alegre: Actual Edições, 1999.

_____. ***O anticristo e o seu reino***. Porto Alegre: Actual Edições, 1999.

_____. ***A tribulação***. Porto Alegre: Actual Edições, 1999.

_____. *O céu e a eternidade*. Porto Alegre: Actual Edições, 2001.

_____. *O milênio*. Porto Alegre: Actual Edições, 2000.

GILBERTO, Antonio. *O calendário da profecia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.

_____. *Daniel e Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

HINDSON, Ed. *O anticristo*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

ALMEIDA, Abraão de. *Israel, Gogue e o anticristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CONYERS, A.J. *O fim do mundo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

SOUZA FILHO, João Antônio de. *Novo Milênio* – final dos tempos? São Paulo: Editora Vida, 1999.



Síntese do Antigo Testamento



GÊNESIS

Autor

Até o século 17, as comunidades judaicas e cristãs imputaram a Moisés a autoria do Pentateuco. Em 1671, Baruch Spinoza colocou em dúvida a autoria mosaica, insinuando a possibilidade de Esdras ter sido seu autor, surgindo várias correntes contrárias sobre o assunto. Todavia, outros livros do Antigo Testamento citam-no como obra dele (Js 1.7,8; 23.6; 1Rs 2.3; 2Rs 14.6; Ed 3.2; 6.18; Ne 8.1; Dn 9.11-13).

Os escritores do Novo Testamento estão de pleno acordo com os do Antigo. Falam dos cinco livros em geral como "a lei de Moisés" (At 13.39; 15.5; Hb 10.28). Para eles, "ler Moisés" equivale a ler o Pentateuco (2Co 3.15). Por fim, as palavras de Jesus dão testemunho da autoria mosaica: "Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?" (Jo 5.46,47).

Título

Esse livro é bem definido pelo seu título: *bereshit*, que no hebraico significa "princípio". Relata a história da origem de todas as coisas: o princípio do céu e da terra, o princípio dos mares, dos peixes, dos animais, do homem, da mulher, do primeiro casamento, do primeiro homicídio, da queda, do primeiro sacrifício, da redenção, das nações, e de Israel, o povo escolhido de Deus.

Tema

Segundo o israelita Myer Pearlman, esse livro "tem sido chamado de 'viveiro' das gerações da Bíblia pelo fato de nele se encontrarem todos os começos de todas as grandes doutrinas referentes a Deus, ao homem, ao pecado e à salvação".[1]]

Esfera de ação

Da criação até a morte de José, abrangendo um período de 2315 anos, aproximadamente, de 4004 a 1689 antes de Cristo.

[1]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 13.

ÊXODO

Autor

Como em Gênesis, o autor é Moisés.

Título

O vocábulo "êxodo" vem do grego, cujo significado é "sair". Os tradutores da Septuaginta deram ao livro esse título porque narra a saída do povo de Deus do Egito.

Tema

A ideia central do livro é a saída de Israel do Egito e a redenção pelo sangue. Êxodo é um livro de redenção. *Yahweh* livra o seu povo da servidão egípcia, mediante seu poder manifesto nas pragas, e, também, o redime por sangue. Em torno dessa ideia, concentra-se a história de um povo salvo pelo sangue, amparado pelo sangue e tendo acesso a Deus pelo sangue.

Com a finalidade de que fosse uma nação santa e um reino de sacerdotes, os israelitas necessitavam de uma revelação

de Deus para orientá-los na conduta e no culto de sua nova vida.

Acusados de pecado pela santidade da lei, os israelitas sentem a necessidade de purificação. Então, Deus proporciona a eles um sistema de sacrifícios, para que pudessem se aproximar do Senhor e lhe prestar culto. Para tanto, Deus lhes dá o tabernáculo e ordena um sacerdócio.

Esfera de ação

Faltam evidências conclusivas sobre a precisa do êxodo. Segundo Paul Hoff, "há duas opiniões principais a respeito desta questão. De acordo com a primeira opinião, o êxodo seria datado, mais ou menos, em 1440 a.C. Conforme a segunda, ocorreu no reinado de Ramsés II, entre 1260 e 1240 a.C. E esse autor conclui afirmando que "não há dúvida alguma de que os israelitas saíram do Egito no lapso compreendido entre 1450 e 1220 a.C".[2] Assim, é possível que o livro de Êxodo tenha sido copilado na caminhada pelo deserto.

---

[2]HOFF, Paul. *O Pentateuco.* São Paulo: Ed. Vida, 1993, p.104.

LEVÍTICO

Autor

Como em Gênesis e Êxodo, o autor é Moisés.

Tema

Levítico apresenta as leis pelas quais Israel haveria de manter sua comunhão com Deus. Instrui como um povo redimido pode aproximar-se de Deus pela adoração e como a comunhão pode ser mantida por meio da santificação.

A mensagem de Levítico é: o acesso a Deus é somente por meio do sangue e o acesso, assim obtido, exige a santidade do adorador. Deus é intrinsecamente santo e chama o seu povo para ser santo, dando-lhe o padrão de obediência pelo qual pode manter a santidade.

Esfera de ação

A data exata em que este livro foi escrito permanece incerta, embora tenha ocorrido, sem dúvida, durante a peregrinação no deserto antes da morte de Moisés.

NÚMEROS

Autor

Como em Gênesis, Êxodo e Levítico, o autor, também, é Moisés.

Título

O nome hebraico desse livro é *bemidbar*, que significa "no deserto". Sendo assim, tem esse título porque trata do registro dos dois censos de Israel antes de o povo entrar em Canaã: no princípio e no capítulo 26.

Tema

O livro mostra como os israelitas fracassaram em cumprir os mandamentos de Deus. Números documenta que, quando o povo de Deus permanece fiel às condições da aliança, é cercado de bênçãos. Do contrário, quando desobedece, a recíproca é verdadeira. Quase toda aquela geração que havia

presenciado os sinais operados no Egito, por não crerem nas promessas de Deus, não entrou na terra prometida e, consequentemente, pereceram no deserto por castigo. É uma historia trágica de falta de fé, de queixas, murmurações, deslealdade e rebeliões.

Esfera de ação

Abarca um espaço de quase 39 anos, desde 1490 até 1451 antes de Cristo.

DEUTERONÔMIO

Autor

Como em Gênesis, Êxodo, Levítico e Números, o autor de Deuteronômio também é Moisés.

Título

Deuteronômio provém da versão grega que significa "segunda lei", ou "repetição da lei". Moisés recordou os preceitos da lei à nova geração, para que gravassem em seus corações. Depois disso, escreveu esses preceitos em um livro.

Tema

Moisés conduziu Israel do Egito às fronteiras da terra prometida. Deus havia sido fiel para com Israel ao dar-lhe vitória sobre seus inimigos. Agora que o tempo de sua partida estava próximo, Moisés resume, diante da nova geração, numa série de discursos, a história passada de Israel e, nesse resumo, baseia as admoestações e exortações que tornam

Deuteronômio em um grande sermão exortativo para Israel.

Com brilho, Paul Hoff definiu Deuteronômio "como o livro da piedade, uma exortação viva e opressiva recordando as graves consequências de se esquecer os benefícios do Senhor e apartar-se de seu culto e de sua lei".[3]

Esfera de ação

Nas planícies de Moabe, durante dois meses, o que ocorreu em 1451 a.C.

[3]HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Ed. Vida, 1993, p. 226.

JOSUÉ

Autor

Sua autoria tem sido debatida com veemência pela alta crítica.[4] Tradicionalmente, os judeus têm atribuído a autoria a Josué.

Tema

A morte de Moisés marcou o fim da época da formação da vida nacional de Israel. A nação está, agora, em condições de tomar posse de Canaã, cumprir sua missão de ser testemunha às nações quanto à sua unidade e defender a Palavra e a lei de Deus.

Josué é um livro de vitória e possessão, que apresenta o quadro de Israel, outrora rebelde, agora transformado num exército disciplinado de guerreiros, subjugando as nações ques lhe eram superiores em número e poder, por tão-somente seguir a liderança teocrática do Senhor.

Esfera de ação

Desde a morte de Moisés até a morte de Josué, cobrindo um período de 24 anos.

[4] A alta crítica é a ciência que tenta descobrir a data dos livros da Bíblia, seu autor, seu propósito e suas características de estilo e linguagem. Tenta determinar as fontes originárias dos documentos bíblicos. Para um maior entendimento, Cf. Paul Hoff, "A alta crítica", em *O Pentateuco*, 1978, p. 263-6.

JUÍZES

Autor

O livro é anônimo, entretanto, a tradição judaica o atribui a Samuel, mas ninguém afirma isso com certeza.

Tema

A desobediência de Israel resultava em opressão nas mãos de povos vizinhos. Em sua aflição, Israel clamou o Senhor, pedindo socorro. E Deus respondeu aos clamores dos israelitas proporcionando-lhes juízes ou libertadores. Enquanto o libertador governava, os israelitas permaneciam fiéis, mas quando o libertador morria, o povo voltava à apostasia. Segundo Myer Pearlman, "a história do livro pode resumir-se em quatro palavras: pecado, servidão, arrependimento e salvação".[5]

Esfera de ação

Juízes é o único livro que registra um longo período da história de Israel: da morte de Josué até a magistratura de Samuel.

[5] PEARLMAN, Myer. Através da Bíblia livro por livro. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 45.

RUTE

Autor

A autoria é desconhecida. Uma tradição judaica posterior atribuiu a Samuel a autoria desse livro.

Tema

O livro de Rute apresenta o galardão a quem, frente às adversidades da vida, permanece fiel. É uma historia de fidelidade, tanto humana como divina. David Dockery sintetizou bem o livro em quatro momentos: a opção pela fé (1.1-22); o desafio pela fé (2.1-23); uma reivindicação pela fé (3.1-18); e um filho por causa da fé (4.1-18).[6]

Esfera de ação

Os episódios relatados no livro de Rute se passam durante o período dos juízes. Segundo Pearlman, "o livro abrange um período de dez anos, provavelmente durante a época de Gideão".[7]

[6]DOCKERY, David. Manual Bíblico. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2001, p. 253.

[7]PEARLMAN, Myer. Através da Bíblia livro por livro. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 49.

1SAMUEL

Autor

O primeiro e o segundo livros de Samuel são de autoria desconhecida. Segundo a tradição rabínica, os livros de Samuel são de autoria do profeta Samuel, sendo completados pelos profetas Natã e Gade, por serem mencionados juntamente com Samuel em 1Crônicas 29.29.

Tema

Trata-se de um livro de transição. É o registro da passagem do governo de Israel por juízes ao governo por reis. E, também, da passagem do governo teocrático ao governo humano. Relata, ainda, o estabelecimento da monarquia e narra a história das vidas diretamente relacionadas com o reino: "Samuel, um patriota e juiz de coração humilde e consagrado, que servia a Deus obedientemente; Saul, um rei egoísta, pródigo, ciumento e obstinado, faltoso e infiel na lealdade para com o seu Deus; Davi, um homem segundo o coração de Jeová, o doce cantor de Israel, um varão de oração e lou-

vor, provado, disciplinado, perseguido e, finalmente, coroado monarca de todo o Israel".[8]

Esfera de ação

Cobre um período de, aproximadamente, 115 anos. Ou seja, mais ou menos de 1171 até 1056 a.C., iniciando com o nascimento de Samuel e terminando com a morte de Saul.

[8]PEARLMAN, Myer. Através da Bíblia livro por livro. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 51.

2SAMUEL

Autor

Os dois livros hoje conhecidos como 1 e 2Samuel eram, originalmente, um só, denominado "O livro de Samuel", sendo, os dois, portanto, de autoria desconhecida.

Tema

O livro está enfocado na pessoa de Davi. Trata desde a sua ascendência ao trono de Israel até os quarenta anos do seu reinado. Por meio do reinado de Davi, Deus consolidou o reino, unificando a vida religiosa e política da nação. Conclui Stanley A. Ellisen: "O motivo dominante é a glória e o poder de uma nação que corresponde ao SENHOR soberano".[9]

Esfera de ação

Desde a morte de Saul até a compra do local do templo: a eira de Araúna, abrangendo um período de 37 anos.

[9] ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida, 1999. p. 92.

1 REIS

Autor

É desconhecido. Segundo o historiador judeu Flávio Josefo, teria sido escrito por Jeremias, corroborando com a tradição judaica, que atribui as obras anônimas a líderes religiosos famosos da época.[10] Entretanto, tem sido atribuída, ainda, a autoria a Esdras, enquanto outros apontam para Isaías e outros ainda para um profeta desconhecido do cativeiro babilônico.

Tema

O livro abrange quatro séculos da existência de Israel, começando com o reinado de Salomão e terminando com o cativeiro babilônico. A primeira metade do livro registra a glória do reino salomônico, sua riqueza, sua sabedoria e a maior de suas façanhas: a construção do templo.[11] No entanto, sua desobediência, ao se unir com mulheres estrangeiras, o levou à idolatria e à divisão da nação em dois reinos: do Norte, que mantiveram o nome de Israel, e do Sul, que recebeu o nome da tribo dominante: Judá.

Esfera de ação

Os acontecimentos descritos nesse livro vão desde a morte de Davi até o reinado de Jorão sobre Israel, cobrindo um período de 120 anos.

[1] DOCKERY, David. *Manual Bíblico*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2001, p. 282.
[2] Esse templo ficou conhecido como uma das "sete maravilhas do mundo".

2REIS

Autor

É desconhecido. Segundo o historiador judeu Flávio Josefo, teria sido escrito por Jeremias, corroborando com a tradição judaica, que atribui as obras anônimas a líderes religiosos famosos da época.[2] Entretanto, tem sido atribuída, ainda, a Esdras, enquanto outros apontam para Isaías e ainda outros a um profeta desconhecido do cativeiro babilônico.

Tema

Trata-se de uma continuação da história do primeiro livro. Registra a queda de Israel sob o domínio da Assíria, em 722 a.C., passando pela deportação de Judá para a Babilônia, em 586 a.C. Temos, aqui, uma história de apostasia e idolatria. Embora esse tenha sido um grande período profético para Israel, a mensagem dos profetas não foi ouvida. As reformas que se realizaram, sob o domínio de reis como Ezequias e

Josias, não foram suficientes para desviar a ira de Deus já determinada (21.10-15; 23.25-27).

Esfera de ação

Os acontecimentos descritos nesse livro abrangem um período de 308 anos, mais precisamente de 896 a 588 a.C., desde o reinado de Jorão, em Judá, e Acazias, em Israel.

[1] DOCKERY, David. *Manual Bíblico*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2001, p. 282.

1 E 2CRÔNICAS

Autor

Não se sabe ao certo quem foi o autor de Crônicas. Embora anônimos, a tradição hebraica atribuía a Esdras, o sacerdote, sua autoria. Os versos finais de 2 Crônicas são os primeiros versículos do livro que leva o seu nome, o que sugere uma continuação.[13]

Tema

Evidentemente, o livro foi escrito logo após a volta do exílio, com intuito de registrar a história do povo de Deus, especialmente Judá.

É um livro de exortação; ou seja, conclama o povo de Deus a aderir à aliança (17.1-27; 22.6-13; 28.1-10), a ser fiel ao plano redentor prometido a Davi (17.7-15; 28.4-7), a se manter separado da outras nações (13.10-12; 15.11-15; 21.1-8; 27.23,24) e a permanecer obediente ao ritual judaico, de modo que a tragédia do passado não se repetisse.

Esfera de ação

Embora seja difícil estabelecer uma data exata para 1 e 2Crônicas, o período em que foi escrito se estende desde a morte de Saul até o decreto de Ciro, abrangendo um período de 520 anos, de 1056 a 536 a.C.

[1]2Crônicas 36.22,23 conferir com Esdras 1.1-3.

ESDRAS

Autor

Conforme registro do Talmude, os livros de Esdras e Neemias eram considerados um só. Não se pode afirmar, com absoluta certeza, se foi o próprio Esdras quem copilou o livro ou se foi um autor desconhecido.

Pela tradição judaica, o escriba Esdras é o autor de Crônicas e Esdras-Neemias.

Tema

O retorno do povo de Deus foi realizado em três etapas, sob vários dirigentes. O primeiro período foi sob direção de Zorobabel, em 538 a.C., o segundo, dirigido por Esdras, em 458 a.C., e o terceiro em 444, por Neemias.

O livro de Esdras registra o retorno à terra prometida como cumprimento da promessa de Deus ao seu povo (Jr 25. 2; 29.10; Ed 1.1).[14] A fidelidade de Deus é contrastada com a infidelidade do povo. Apesar de terem retornado à sua pátria

e das promessas divinas, os israelitas se deixaram influenciar pelos inimigos e interromperam temporariamente a construção da Casa de Deus (4.24).

Para animar o povo, Deus levantou Ageu e Zacarias.

Esfera de ação

O livro pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro (cap. 1-6) cobre um período de, aproximadamente, 23 anos, iniciando com o decreto de Ciro, rei da Pérsia (538 a.C.), que permitiu o retorno do primeiro grupo de exilados a Jerusalém sob a liderança de Zorobabel, para a reedificação do templo.

Houve um intervalo de quase sessenta anos entre os capítulos 6 e 7. Nesse período, Ester tornou-se rainha da Pérsia, por volta de 478 a.C. Aproximadamente, 60 anos depois (458 a.C.), outro grupo de exilados, liderados por Esdras, volta a Jerusalém. E, na ocasião, Esdras se depara com uma apostasia generalizada, espiritual e moral, entre os seus compatriotas, evidenciada nos seus casamentos com mulheres incrédulas.

Assim, o livro termina com o arrependimento do povo rompendo seus enlaces matrimoniais (cap. 10).

[3] O historiador judaico Flávio Josefo dá muitas informações a respeito da história dos judeus dessa época e sua obra *Antiguidades* de alta valia. JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

NEEMIAS

Autor

Conforme registro do Talmude, os livros de Esdras e de Neemias eram considerados um só. Não se pode afirmar, com absoluta certeza, se foi o próprio Neemias quem copilou o livro ou se foi um autor desconhecido.

Pela tradição judaica, o escriba Esdras é o autor de Crônicas, Esdras-Neemias. Outros estudiosos, como Myer Pearlman, por exemplo, aceitam que o autor do livro é Neemias.[15]

Tema

Enquanto o livro de Esdras destaca a restauração religiosa de Jerusalém, o de Neemias descreve a restauração política. Neemias sacrificou sua vida de luxo e prazeres para poder amparar seus irmãos necessitados em Jerusalém. Treze anos depois de Esdras subir a Jerusalém, aparece Neemias, "em 444, o 20º de Artaxerxes I".[16] Então, reconstrói os muros de Jerusalém em apenas cinquenta e dois dias, apesar da ferrenha oposição, efetuando, simultaneamente, muitas reformas gerais entre o povo.

Esfera de ação

O período histórico coberto pelos dois livros (Esdras-Neemias) é de, aproximadamente, 110 anos.

[1]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 81.
[2]MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros de Crônicas, Esdras, Neemias e Ester*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 252.

ESTER

Autor

O autor é desconhecido. Mordecai tem sido considerado seu possível autor (Cf. 9.20). Alguns, portanto, acreditam que foi Esdras, devido ao fato de o Talmude atribuir a autoria do livro de Ester à "Grande Sinagoga".

Tema

A palavra "providência" vem do latim *providentia*, de *providere,* e significa: "olhar para frente" ou "prevenir antes".[17] Assim como Cantares de Salomão, esse livro também ignora o nome de Deus. Entretanto, a fé em Deus e na sua providência é patente e clara. Também não há referência alguma à lei e muito menos à religião judaica.

Esfera de ação

Houve um intervalo de quase sessenta anos entre os capítulos 6 e 7. Nesse período, Ester tornou-se rainha da Pérsia, por volta de 478 a.C.

[17] SILVA, de Plácido e. Vocabulário Jurídico. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2004, p. 1129.

JÓ

Autor

A autoria é incerta. Alguns eruditos, porém, atribuem a autoria a Moisés; outros a Eliú; e, ainda outros, a Salomão.

Tema

Trata de um dos maiores mistérios: o do sofrimento. A pergunta que ressoa por todo o livro é: "Por que os justos sofrem?".

Esse livro descortina o mundo espiritual. Satanás apresenta-se ao Senhor, junto com os filhos de Deus, e desafia a piedade de Jó, dizendo: "Porventura, teme Jó a Deus debalde?" (1.9). Vai mais longe e sugere que, se Jó perdesse tudo o que possuía, amaldiçoaria o Senhor. Assim, Deus permite que a fé de Jó fosse provada, privando-o de sua riqueza, de sua família e, finalmente, de sua saúde. Apesar de todas as coisas, "em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios" (2.10).

O livro ensina que Deus "tem um propósito ao enviar o

sofrimento aos homens; que ele castiga o homem com a intenção de trazê-lo para mais perto de si mesmo. Deus usou as aflições para experimentar o caráter de Jó e como um meio de lhe revelar um pecado do qual até então não se tinha dado conta: a autojustiça.[18]

[18]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 91.

SALMOS

Autor(es)

O saltério foi completado na história israelita na época pós-exílio e abrange uma variedade de temas, inclusive revelações concernentes a Deus, à criação, à raça humana, ao pecado, ao mal, à justiça, à santidade, à adoração, ao louvor e ao juízo. É chamado pelos israelitas de "o livro de louvor" (*sefer tehillim*) ou simplesmente "louvores".

Muitos salmos são anônimos e há dúvidas quanto à autoria de alguns. Os títulos atribuem setenta e três deles ao rei Davi, doze a Asafe, dez aos filhos de Corá, dois a Salomão, um a Hemã, um a Etã e um a Moisés. Cinquenta salmos são de autoria desconhecida.

Tema

Os salmos refletem o culto, a vida devocional e o sentimento religioso de cerca de mil anos da história de Israel. É uma coleção de poesia hebraica inspirada que mostra a ado-

ração e descreve as experiências espirituais do povo judaico. Os salmos estão intimamente relacionados com a liturgia. O rei Davi organizou corais e orquestras, escolhendo compositores e regentes para liderarem o culto (1Cr 25).

Cinquenta e cinco salmos são endereçados especificamente ao "cantor-mor"; ou seja, ao líder da adoração. Segundo Myer Pearlman, "podemos resumir desta maneira o tema dos salmos: Deus deve ser louvado em todas as circunstâncias da vida; e isto por causa da sua fidelidade no passado, que é uma garantia de sua fidelidade no futuro".[19]

[19]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 95.

PROVÉRBIOS

Autor(es)

O próprio Salomão foi o autor da maioria dos provérbios. Conforme o texto de 1Reis 4.32, Salomão "compôs três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco". Outros autores mencionados por nome no próprio livro são Agur (30.1-33) e Lemuel (31.1-9), nomes que a Bíblia não menciona em nenhuma outra parte.

Tema

O livro é repleto de expressões concisas que contêm lições morais. O propósito do livro é esclarecido em seus versos iniciais: "Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso" (1.2-4).

Stanley Ellisen definiu o livro em duas premissas: "Ensinar e focalizar os grandes benefícios que advêm aos seres humanos devido à mente disciplinada e ao modo de vida orientado por

Deus e, inversamente, advertir dos grandes perigos que resultam, inevitavelmente, em se seguir os ditames da natureza ou paixões inferiores".[20]

[20]ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida, 1999, p. 185.

ECLESIASTES

Autor

Ao que parece, foi escrito por um filho de Davi, que também foi rei de Israel em Jerusalém (1.1,12). Embora seja Salomão o único autor provável, existe uma corrente modernista que nega a sua autoria. Mas, a tradição judaica atribui a autoria do livro ao rei Salomão.[21]

Tema

Esse célebre livro inicia sua história declarando que tudo neste mundo é fútil. Se esta declaração fosse pronunciada por um homem pobre, poder-se-ia chamá-lo de leviano, mas, advinda de um homem que tudo possuía, de um homem a quem nada faltava, se torna uma máxima verdadeira.

Salomão reflete filosoficamente sobre o significado da existência sem Deus. O resultado dessa reflexão tem sua expressão na sentença sempre citada, que diz: "Tudo é vaidade" (Vaidade, aqui, significa qualidade daquilo que é vão; ou seja:

"vazio, sem valor").[22] Salomão chegou à seguinte conclusão: "Sem a bênção de Deus, sabedoria, posição e riquezas não satisfazem, muito pelo contrário, trazem cansaço e decepção".[23]

[21] *Eclesiastes/ rei Salomão Bem David.* São Paulo: Ed. Maayanot, 1998, prefácio.
[22] Dicionário Aurélio. Ed. Nova Fronteira, verbete Vaidade.
[23] PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro.* São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 99.

CANTARES DE SALOMÃO

Autor

A tradição judaica atribui a autoria ao rei Salomão.[24] Mas essa afirmação é contestada na atualidade.

Título

O nome completo do livro na Bíblia hebraica é Cântico dos Cânticos de Salomão, mais conhecido como Cântico de Salomão ou, por causa do latim, Cantares. O nome mais apropriado é Cântico dos Cânticos, pelo fato de esse ser o principal cântico de todos os Cânticos de Salomão (1Rs 4.32).

Tema

Cantares é uma história de amor. Uma história que glorifica o amor puro e natural e focaliza a simplicidade e a santidade do matrimônio. O livro é um poema de amor, onde o nome de

Deus sequer é mencionado e onde não há referência à oração e/ou ao louvor a Deus.

Nesse cântico uma donzela chamada Sulamita é mencionada (6.13). Se ela realmente existiu não há como saber, pois as Escrituras nada registram a respeito dela na história de Salomão. Pode ser que ela tenha sido uma mulher idealizada por Salomão para descrever o anelo de seu coração por uma pessoa amável e perfeita.

O próprio nome, Sulamita, é especial, porque é a forma feminina do nome Salomão. A escolha desse nome para a amada demonstra que a aspiração de Salomão era encontrar alguém com quem ele se identificasse totalmente, alguém que participasse de sua vida e de seus interesses, como Deus espera de cada um de seus filhos.

---

[24] Eclesiastes/rei Salomão Bem David. São Paulo: Ed. Maayanot, 1998, prefácio.

ISAÍAS

Autor

Até 1775, não havia dúvida quanto à autoria desse livro como sendo de Isaías, porém, hoje é contestada pela alta crítica.[25] As tradições judaicas indicam que Isaías era primo do rei Uzias e foi serrado ao meio pelo iníquo rei Manassés (cf. Hb 11.37).[26]

Tema

De todas as Escrituras proféticas, o livro de Isaías é a mais formosa e sublime. Conforme a Bíblia Pentecostal, "Isaías é uma Bíblia em miniatura", devido à sua organização e ao seu conteúdo. Tem 66 capítulos, com duas divisões principais de 39 e 27. A primeira divisão enfatiza o juízo do Senhor e a última, apresenta a sua graça.

Em nenhum outro livro da Bíblia podemos obter uma visão tão gloriosa do Messias e do seu reino. Isaías revela que o propósito divino da salvação só pode ser realizado em conexão com o Messias. O livro está repleto de promessas de restauração e redenção, do advento garantido do Messias, de

salvação para todas as nações e do triunfo dos propósitos de Deus.

Devido à ênfase dada à graça de Deus e à sua obra redentora, o livro, algumas vezes, também é chamado de "O quinto evangelho" e o seu autor, de "profeta evangélico",[27] em virtude das muitas previsões sobre o Messias (7.14; 9.6; 11.1,10; 25.8; 32.1; 29.17-18; 35.4-6; 40.3,11; 42.2,3; 53.2,3; 61.1; 63.1-4).

Esfera de ação

O profeta coloca tudo o que ele havia vaticinado durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá (1.1). Assim, os acontecimentos históricos registrados em Isaías abrangem um período de mais ou menos 62 anos.

---

[25]Devido ao fato de haver uma mudança de tom e foco nos capítulos 40 e 56, e por causa de sua menção de Ciro (44.28; 45.1,13), alguns críticos têm alegado que os capítulos 40 a 60 não foram escritos por Isaías. Abraham ibn Ezra propôs algo semelhante a isso no início do século XII. Doederlein, em 1775, propôs que esses capítulos foram escritos por uma segunda pessoa, em 540 a.C., quando Ciro já estava em seu caminho para a Babilônia.
[26]HORTON, Stanley M. *Isaías, o profeta messiânico.* Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 52.
[27]ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento.* São Paulo: Ed. Vida, 1999, p. 227.

JEREMIAS

Autor

A autoria do livro é fato consumado. Tanto internamente (seu nome é citado 131 vezes) como externamente, o autor do livro é Jeremias (Dn 9.2; Ed 1.1) e, também, é o seu próprio profeta.

Tema

Deus julgaria o povo escolhido por causa de sua rejeição à lei divina e, também, por causa de sua recusa inflexível à correção dos profetas. O destino previsto para uma nação apóstata em Deuteronômio 28-30 era inevitável. O profeta foi considerado traidor da sua nação. Então, por conta disso, o povo, os nobres e o rei, alternadamente, tentaram matá-lo. Entre suas profecias condenatórias, Jeremias tinha, também, mensagens de esperança para a nação. Anunciou que uma nova aliança seria estabelecida para substituir a aliança mosaica, realizada no Sinai (31.32). Referiu-se ao Mes-

sias como: "Renovo justo", "Renovo de justiça", que reinará no trono de Davi e executará julgamento e justiça na terra (23.5,6; 33.14-17).

Esfera de ação

Ministrou em Jerusalém por, aproximadamente, quarenta anos (627-586 a.C.), e no Egito, cinco (cap. 43-44).

LAMENTAÇÕES

Autor

Embora o livro não mencione o nome do autor, as tradições cristã e judaica têm atribuído a autoria a Jeremias.

Tema

As dores e lamentações expressas nas profecias de Jeremias encontram aqui o seu auge. O rio de lágrimas que correu ali, aqui transborda. A cidade escolhida por Deus tinha sido arrasada, o templo projetado e habitado pelo Senhor havia-se tornado um monte de cinzas, o povo escolhido havia sido levado cativo para a Babilônia. Jerusalém, que, antes, havia sido rainha, agora, era escrava.

O objetivo principal do cativeiro era ensinar aos israelitas a reconhecerem a mão castigadora de Deus em suas calamidades, e, também, que se voltassem ao Senhor com arrependimento sincero. O triste cântico de Jeremias foi adotado pela nação judaica.[28] Os judeus cantam esse livro todas as sextas-feiras, junto ao muro das lamentações, em Jerusalém,

e o leem nas sinagogas, em jejum, no nono dia de *Ab*, o dia destinado à lamentação das cinco grandes calamidades que sobrevieram à nação.

[28]O santuário foi totalmente consumido pelo fogo, no ano 70 d.C. Pelo calendário judaico, o dia 9 de *Ab* é igual a data em que 656 anos antes o primeiro templo fora destruído por Nabucodonosor. "Não poderíamos, porém, nos admirarmos assaz de que a destruição desse incomparável templo tenha acontecido no mesmo mês e no mesmo dia em que os babilônicos, outrora, o haviam também incendiado. Esse segundo incêndio aconteceu no segundo ano do reinado de Vespasiano, mil cento e trinta anos, sete meses e quinze dias depois que o rei Salomão o havia construído pela primeira vez; seiscentos e trinta e nove anos, quarenta e cinco dias dep *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD. p. 679).

EZEQUIEL

Autor

Tem sido atribuído, pela maioria dos estudiosos, a Ezequiel. Entretanto, mestres modernos, com certa frequência, desafiam a unidade e autoria única do livro.

Tema

Ezequiel exerceu seu ministério de profeta na Babilônia, começando-o sete anos antes da destruição de Jerusalém e encerrando-o cerca de quinze anos depois. Exilado por ocasião do segundo cerco de Jerusalém, escreveu para aqueles que ainda se encontravam em Jerusalém, afirmando que a cidade e o templo seriam destruídos, incluindo a retirada da presença de Deus. Disse, ainda, que o Egito seria uma falsa esperança de auxílio, porque também seria conquistado pela Babilônia.

Cumprida a profecia, Ezequiel tornou-se o profeta da esperança, anunciando a restauração de Israel!

Esfera de ação

Ezequiel recebeu seu chamado profético em 593 a.C. e profetizou entre os 593 a.C. e 571 a.C, como indicam treze datas específicas registradas no livro (1.1; 8.1; 20.1; 24.1; 26.1; 29.1; 29.17; 30.20; 31.1; 32.1; 32.17; 33.21; 40.1).

DANIEL

Autor

A autoria tem sido, tradicionalmente, atribuída a Daniel com base em declarações explícitas em suas páginas (9.2; 10.2) e no testemunho de Cristo (Mt 24.15). Entretanto, a autoria de Daniel tem sido contestada pelos críticos modernos.

Daniel era da tribo de Judá e, provavelmente, membro da família real (1.3-6). Quando ainda muito jovem, foi levado cativo à Babilônia no terceiro reinado do rei Jeoaquim (2Cr 36.4-7) e, oito anos antes de Ezequiel, com o primeiro grupo de cativos, na primeira tentativa de Nabucodonosor de tomar a cidade.

Tema

Daniel destaca a soberania de Deus como aquele que levanta e derruba governantes e determina com antecedência o futuro das nações. Impérios surgem e desaparecem, mas, no final, o Senhor esmagará a oposição e estabelecerá seu reino sobre a terra.

Por causa de suas muitas visões, o livro de Daniel tem sido chamado de "O Apocalipse do Antigo Testamento". Tal como afirmou Stanley Ellisen: "É um livro 'apocalípti-

co' no verdadeiro sentido de 'apocalipse', uma 'revelação' de Deus".[29]

Esfera de ação

Desde Nabucodonosor até Ciro, abrangendo um período de cerca de 70 anos. Daniel serviu a seis reis babilônicos e a dois persas.

[29]ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida, 1999, p. 264.

OSEIAS

Oseias é o primeiro livro do Antigo Testamento denominado de "profetas menores". A Bíblia hebraica trata os profetas menores como um único livro. Chamavam-no de "O livro dos doze". As designações "profeta maior" e "profeta menor" foram cunhadas por Agostinho de Hipona, no início do século 4° d.C, em sua obra *A cidade de Deus*. Esses livros são chamados de "menores" não por causa de sua importância, mas, sim, por causa do seu tamanho. Os profetas menores vão de Oseias a Malaquias.

Autor

É Oseias, que foi um profeta do reino do Norte (Israel ou Efraim). Profetizou na mesma época em que Amós (1.1), Isaías (1.1) e Miqueias (1.1) em Judá.

Tema

O livro é uma grande exortação ao arrependimento dirigida ao reino do Norte, durante um longo lapso de tempo. Os sacerdotes haviam-se unido ao povo para atacar e assassinar peregrinos no caminho para Siquém (4.11-14,18; 6.9). Toda a terra havia mergulhado em densas trevas, estava destituída

de verdade, de bondade e do conhecimento de Deus (4.6), e cheia de perjuro, de mentira, de morte, de furto, de adultério e de derramamento de sangue.

Essa decadência espiritual, social e política foi-se intensificando à medida que o tempo passava, culminando com o cativeiro Assírio, em 722 a.C., por Salmanaser V (2Rs 17.3) e consumado por Sargão II (Is 20.1). Finalizamos com as precisas e preciosas palavras de Charles Feinberg: "Como é duro quando o amor não é reconhecido nem correspondido".[30]

Esfera de ação

Os quatro reinados de Judá: Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, somam um período de 113 anos: 52, de Uzias; 16, de Jotão; 16, de Acaz; e 29, de Ezequias (2Cr 29.1). É evidente que o ministério de Oseias não abarcou todos esses anos. Os acontecimentos históricos a que se refere o livro cobrem um período de mais ou menos 60 anos.

JOEL

Autor

Tradicionalmente, tem sido aceito como obra de um só autor: Joel, de quem pouco se sabe a respeito, a não ser que o nome de seu pai era Petuel. Enquanto Joel profetizou em Judá (Reino do Sul), o profeta Elias o fez em Israel (Reino do Norte).

Tema

Inicia seu ministério paralelamente com uma invasão terrível de gafanhotos que devastou a terra, destruiu as colheitas e trouxe a fome geral. Segundo Pearlman, "o profeta vê nessa calamidade uma visitação do Senhor, e se refere a ela como um tipo do castigo final do mundo: o dia do Senhor" (1.15).[31] Em meio à calamidade, o profeta conclama os líderes espirituais para guiar o povo ao arrependimento (1.13,14). Havia esperança, caso o povo se arrependesse (2.18-27). Então, saberiam que Deus estava presente em Israel e que somente

o Senhor é Deus (2.27). Esse arrependimento removeria as pragas dos gafanhotos e da estiagem, além de restaurar as bênçãos da chuva, prover colheitas abundantes e proteção contra os inimigos (2.19,20).

Após o arrependimento, um grande derramamento do Espírito de Deus traria renovação espiritual antes do "grande e terrível dia do Senhor" (2.31). Será um dia de terror para o pecador (1.15; 2.11, mas um dia de bênção para os redimidos (2.12-14,19-29). Todos os que invocarem o Senhor será salvo (2.32).

31 PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 149.

AMÓS

Autor

Amós era natural de Tecoa, cidade de Judá, reino do Sul, situada cerca de 10 quilômetros ao sul de Belém e vinte quilômetros a sudeste de Jerusalém. Era boiadeiro, cuidador de ovelhas e cultivador de sicômoros (7.14,15). Foi contemporâneo de Oseias e, embora fosse natural de Judá, Deus o enviou para profetizar em Betel, centro religioso do reino do Norte.

Tema

Amós profetizou durante os governos de Uzias, rei de Judá (2Cr 26), e Jeroboão II, rei de Israel (2Rs 14.23-29), o que aconteceu cerca de 60 a 80 anos antes do cativeiro assírio. A mensagem de Amós é de um castigo vindouro que recairá sobre a aristocracia em virtude das injustiças sociais praticadas contra os pobres e os fracos. Amós, tal como fizera Joel sessenta anos antes, enfatizou o dia vindouro do Senhor. Mas, ao contrário de Joel, apresentou-o como um "dia de trevas e não de luz" (5.18).

Devido aos privilégios que *Yahweh* lhes havia concedido, e por não valorizarem os tais, o castigo para os israelitas seria maior do que para aqueles que não tinham o privilégio de desfrutar dos mesmos privilégios (3.2). Ou seja, o castigo é proporcional ao privilégio.

Pearlman sintetiza o tema de Amós da seguinte forma: "Exposição dos pecados de um povo privilegiado, cujos privilégios lhes trouxeram grande responsabilidade e cujas faltas sob essa responsabilidade lhes acarretaram um castigo de acordo com a luz que tinham recebido".[32]

[32]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 149.

OBADIAS

Autor

Nada se sabe acerca de Obadias, exceto que o seu nome significa "servo do Senhor".

Tema

Os edomitas são descendentes de Esaú, irmão gêmeo de Jacó. O livro de Gênesis retrata a inimizade entre esses dois irmãos: Esaú e Jacó. Edom se tornou uma grande nação (Gn 36; Êx 15.15; Nm 20.14). Quando os israelitas subiram da terra do Egito, os edomitas não os deixaram passar por sua terra (Nm 20.20,21). Entretanto, Deus ordenou que Israel tratasse Edom como irmão (Dt 23.7,8). Não obstante, Edom sempre persistiu em prejudicar Israel, como atestam as Escrituras.

Devido à sua insistente perseguição ao povo escolhido, o profeta anuncia a destruição final de Edom e, num futuro próximo, a de todas as nações que agiram da mesma forma, isto é, maltratando o povo de Deus.

JONAS

Autor

Conforme a tradição, Jonas. O profeta era galileu, da cidade de Gate-Hefer, que está em Zebulom (Js 19.13), na região Norte de Nazaré, na Galileia. Jesus deu testemunho da existência de Jonas, do livramento miraculoso e do seu ofício profético (Mt 12.40).

Tema

Jonas foi convocado para profetizar em Nínive.

O profeta foi comissionado para pregar contra a cidade em virtude de seu grande pecado e corrupção. Deus falou a Jonas que fosse a Nínive, mas ele era de opinião contrária e fugiu para Társis (1.3). Nínive ficava na região Leste da Palestina e Társis, nas região Oeste. Então, Jonas compra passagem em um navio que está indo para um destino contrário ao seu. No navio, Jonas se isola e dorme. Logo após a partida da embarcação, ocorre uma severa tempestade. Os marinheiros, aterrorizados, lançavam ao mar a carga do navio e, em seguida, co-

meçaram a invocar seus deuses (1.6). Por meio de sortes, Jonas é identificado como o causador de todos aqueles males. E, por sua própria sugestão, é lançado ao mar, que cessou a sua fúria (1.15). Então, Jonas é engolido por um grande peixe (1.17). Arrependido, ora, no ventre do peixe, sinceramente, pedindo salvação, quando Deus o coloca ileso sobre a terra (2.10).

O profeta obedece à ordem de ir a Nínive e proclama, em alta voz, a mensagem de arrependimento. Todo o povo reage com sincero arrependimento voltando-se para Deus, que, consequentemente, suspendeu o julgamento que havia notificado (3.10).

Assim, o livro de Jonas é uma repreensão contra o exclusivismo. Oo povo de Deus, hoje, tem a responsabilidade de pôr de lado o nacionalismo inflexível e o ódio racial e compartilhar o amor de Deus com todas as nações, tribos, povos e línguas.

MIQUEIAS

Autor

A autoria de Miqueias é, geralmente, reconhecida. Ele era natural de Moresete-Gate, uma aldeia cerca de 32 quilômetros ao sudoeste de Jerusalém. Foi contemporâneo de Isaías (Is 1.1; Mq 1.1). Profetizou durante os reinados de Pecaías, Peca e Oseias, em Israel, e de Jotão, Acaz e Ezequias, em Judá (2Rs 15.23-30).

Tema

Miqueias usou figuras de prostituição para descrever o culto idólatra (1.7), tal como fizera Oseias. A ira de Deus devia cair sobre toda a nação, por causa dos pecados de violência e injustiça social. O profeta observou que Israel havia rejeitado a verdade e que "pereceu o benigno da terra, e não há entre os homens um que seja reto; todos armam ciladas para sangue; caça cada um a seu irmão com uma rede" (7.2).

Apesar do tom predominante de castigo iminente, a visão de Miqueias vai além do julgamento e mostra a restauração e as bênçãos futuras. Deus voltaria a ter compaixão de seu povo e eliminaria completamente seus pecados.

NAUM

Autor

Praticamente, nada se sabe a respeito de sua história pessoal. Além da declaração de que ele era um elcosita, nenhuma evidência válida tem sido apresentada para declarar que qualquer outro tenha sido autor do livro.

Tema

A cidade que outrora se arrependera de seus pecados por meio da mensagem do profeta Jonas, agora, mudou de opinião a respeito de seu primeiro arrependimento e, de tal maneira, se entregou à idolatria, à crueldade e à opressão que, depois de 120 anos, Naum revelou, com detalhes, o plano divino para destruir e devastar Nínive completamente.

Ellisen conclui com maestria "que a lei da selva não é a lei de Deus. Embora o pecado e a violência possam ficar sem punição por algum tempo por causa da longanimidade divina, todavia, não serão esquecidos".[33]

[33] ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida, 1999, p. 318.

HABACUQUE

Autor

Praticamente, nada se sabe de Habacuque, exceto o que se pode deduzir desse livro que leva o seu nome. Esse profeta não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia, mas duas vezes no seu livro, conforme nos mostram as referências 1.1 e 3.1. Alguns o têm identificado como levita, por causa de algumas observações musicais feitas ao salmo litúrgico, no capítulo 3. Entretanto, tal raciocínio não se mostra lógico, pois, do mesmo modo, Davi escreveu vários salmos litúrgicos e não era levita.

Tema

O profeta presencia, por todos os lados, a injustiça triunfante e não castigada. Habacuque lamenta o pecado do povo e, depois, os dos inimigos. A princípio, seu clamor pelo julgamento, aparentemente, não é ouvido por Deus (1.1,2). Quando o Senhor, porém, respondeu ao profeta, ele ficou ainda mais surpreso, porque os agentes do julgamento de

Deus, os caldeus, são mais ímpios e mais dignos de castigo do que suas vítimas.

Habacuque fica perplexo. Mas, felizmente, conduz sua inquietação a Deus, que logo a faz cessar, e, ainda, apresenta uma solução para os problemas do profeta, resumida na seguinte declaração: "O justo viverá pela sua fé" (2.4). Para Pearlman, "isso quer dizer que, por mais triunfante que pareça o mal, o justo não deve julgar pelas aparências, mas, sim, pela Palavra de Deus. Embora os ímpios vivam e prosperem nas suas impiedades e os justos sofram, esses últimos devem viver uma vida de fidelidade e confiança".[34]

[34]PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 169.

SOFONIAS

Autor

No primeiro versículo do livro, Sofonias traça sua descendência até o seu bisavô: Ezequias. Ele profetizou durante o reinado de Josias, rei de Judá, e antes da queda de Nínive, em 612 (1.1; 2.13).

Tema

A grande ênfase de Sofonias é o dia do Senhor, quando Deus consumirá e destruirá tudo sobre a face da terra, seja homem, seja animal. O Todo-Poderoso consome a terra com o fogo da sua indignação, em virtude do pecado e da intransigência dos homens (1.8; 3.8).

Assim como Sofonias, mais dois profetas também falaram sobre o "grande" dia do Senhor: Joel 2.31 e Malaquias 4.5. E essa expressão sugere uma mensagem de julgamento do Senhor e também indica que o Deus de Israel é considerado um "lugar" de descanso para o arrependido.

O profeta conclui sua mensagem com palavras de bênção e promessas para as nações e, principalmente, para Israel (3.20).

AGEU

Autor

Ageu é um dos profetas pós-cativeiro que ministraram após o retorno de Israel do exílio babilônico. Pouco se sabe da sua vida, além do livro que traz o seu nome. Somente Esdras fala a respeito de Ageu, conforme referências 5.1 e 6.14. Ele é o único personagem bíblico com esse nome no Antigo Testamento, cujo significado é: "festivo" ou "alegre".

Tema

Após destruir o poder babilônico, por meio de um decreto, Ciro concedeu aos judeus que retornassem à terra da promessa, para reconstrução do santuário em Jerusalém, sob a direção de Zorobabel, o governador, e Josué, o sumo sacerdote (Ed 5.3).

Depois de estabelecer-se na terra, o povo erigiu um altar de holocaustos no local do templo. Dois anos mais tarde, em meio a grandes regozijos, foram lançados os alicerces do tem-

plo. Logo, vizinhos hostis (os samaritanos) empregaram seus ardis para interromper a obra, o que foi feito por um decreto imperial. Então, um estado de indiferença apoderou-se dos cinquenta mil exilados que haviam retornado com o intento de reconstruir a casa de Deus.

Por conta desse sentimento de indiferença, aqueles judeus que retornaram, ao invés de construírem o templo, estavam ocupados adornando suas próprias casas. Como resultados dessa negligência, foram castigados com seca e esterilidade.

Durante dezesseis anos, o templo permaneceu inacabado, até o reinado de Dario Hystaspes, quando esse rei publicou uma ordem permitindo a conclusão da obra.

Fortalecidos por Deus, o povo inicia as obras da casa do Senhor e o projeto é retomado. Três vezes, o profeta repete o imperativo: "sê forte" (ou seja, "tenha coragem"). Uma vez, dirigido a Zorobabel. Outra, a Josué e também a todo o povo (2.4). Por fim, é dirigido a todos, de modo geral.

Assim, o tema pode ser resumido assim: "Os fracassos em outros setores da vida são resultados da negligência na obra de Deus".

ZACARIAS

Autor

Com o advento da alta crítica moderna, os últimos seis capítulos do livro vêm sofrendo críticas severas. Entretanto, as tradições judaica e cristã reconhecem sua unidade. Zacarias, provavelmente, nasceu na Babilônia, descendente de uma família sacerdotal.

Retornou a Jerusalém com sua família e os 50 mil exilados que regressaram sob a ordem de Ciro, em 536 a.C. Iniciou seu ministério quando ainda jovem (2.4), dois meses depois de Ageu ter iniciado o seu (Ag 1.1; Zc 1.1).

Tema

Seu ministério, assim como o de Ageu, foi estimular o remanescente que voltou para reconstruir o templo. Devido à oposição local e ao desencorajamento do povo, Zacarias transformou essa situação calamitosa em uma cena gloriosa. Enquanto isso, por meio de uma série de visões e profecias,

ele descreve uma Jerusalém restaurada, protegida e habitada pelo Messias, e essa Jerusalém é a capital de uma nação elevada acima de todas as demais. O povo reagiu e a construção foi concluída em 516 a.C., o sexto ano do reinado de Dario.

Zacarias finaliza com uma descrição da culminante batalha na terra, quando o próprio Senhor se envolverá na peleja (14.2-4). Então, "o Senhor será rei sobre toda a terra" (14.9).

MALAQUIAS

Autor

É o próprio Malaquias, mas nada se sabe das bases familiares ou da vida desse profeta fora das páginas desse pequeno livro. A tradição judaica diz que Malaquias, Ageu e Zacarias eram membros da grande sinagoga.

Tema

Malaquias apresenta o quadro de um povo religioso externamente, mas, interiormente, indiferente e falso. O culto era enfadonho e cansativo para eles (1.13) porque não colocavam o coração no culto (Is 43.22-24; Mq 6.3). Os sacerdotes pouco se importavam com o que ofereciam a Deus, de modo que dedicavam ao Senhor o animal cego, o coxo e o enfermo (1.6-8). A grave natureza do pecado dos sacerdotes e do povo em geral, inevitavelmente, ocasiona o juízo de Deus. Os israelitas questionavam o seu amor (1.2), a sua honra e grandeza (1.14; 2.2), a sua justiça (2.17) e o seu caráter (3.13-15).

Por três vezes, na referência 1.11-14, o Senhor declara sua "grandeza" e dez vezes, em todo o livro, o Senhor chama a atenção para a honra devida ao seu nome (1.6,11-14; 2.2,5; 3.16; 4.2).

O livro termina com uma profecia sobre a vinda de Elias, o precursor do Messias, antes do "grande e terrível dia do Senhor" (4.5).

Bibliografia

PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro.* São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 73.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros de Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.* Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 27.

WALTON, John. *O Antigo Testamento em quadros.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

PFEIFFER, Charles F. e HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody.* São Paulo: IBR. 1995, p. 206.

DOCKERY, David. *Manual Bíblico.* São Paulo: Ed. Vida Nova, 2001, p. 307.

HOFF, Paul. *Os livros históricos.* São Paulo: Ed. Vida, 1996, p. 170.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento.* São Paulo: Ed. Vida, 1999, p. 116.

MALTA, Ismar Vieira. *Caminhando pela Bíblia.* São Paulo: Ed. Mensagem para Todos, p. 184.

HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico.* São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995, p. 198.

SHEDD, Russel. *O Novo Comentário da Bíblia.* Ed. Vida Nova, 1997, p. 398.

Bíblia de Bíblia de Estudo Plenitude. SBB, 2001, p. 415.

Bíblia de Estudo de Genebra. SBB, 1999, p. 464.

Referência Thompson. Ed. Vida, 1999, p. 1394.

Bíblia de Estudo Pentecostal. SBB, 1996, p. 619.
Bíblia de Estudo Almeida. SBB, 1999, p. 444.
Bíblia Shedd. SBB, p. 570.
Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. SBB, 2003, p. 553.
Bíblia de Estudo Vida. SBB, 1998, p. 612.
Bíblia Anotada. SBB, 1994, p. 526.

SÍNTESE DO NOVO TESTAMENTO

MATEUS

Tema

O tema central deste evangelho é Jesus, o Messias da promessa. Ele é o Rei que governa em retidão, justiça e, ao mesmo tempo, é Servo sofredor ou Varão de dores, conforme predito pelo profeta Isaías. Mateus, escrevendo aos judeus, e conhecendo as suas grandes esperanças, apresenta Jesus como aquele de quem Moisés e os profetas escreveram no Antigo Testamento. Por meio de numerosas citações da antiga aliança, o autor sagrado nos conduz aos grandes ideais da profecia messiânica do Antigo Testamento: mostra o que o Messias deve ser.

Em Mateus, as palavras e obras de Jesus testificam que Ele, de fato, era esse Messias prometido (1.22; 2.15,17, 23; 4.14; 8.17; 13.35; 21.4; 26.56; 27.9). Essas passagens, geralmente, iniciam com um chavão: "Para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta". É a informação mais deta-

lhada sobre a vida de Jesus. Contém a genealogia, demonstrando a descendência abraâmica e davídica de Jesus.

O termo "reino" ou "reino dos céus" ocorre com frequência (43 vezes), revelando outro tema importante desse evangelho. Isto é, expõe o reino dos céus prometido no Antigo Testamento (11.13), proclamado por João Batista e Jesus (3.2; 4.17), representado, atualmente, pela Igreja (16.18,19) e triunfante na segunda vinda de Jesus (25.31,34). Dos quatro evangelhos, Mateus é o único que fala sobre a Igreja (16.18; 18.17).

Autor

Esse evangelho não menciona seu autor pelo nome, entretanto, os primeiros pais da Igreja primitiva atribuíram, de forma unânime, a Mateus a autoria desse livro. Muito pouco se diz acerca dele no Novo Testamento.

Mateus era, também, conhecido como Levi, um dos doze apóstolos de Jesus, coletor de impostos do governo romano, sendo chamado pelo Senhor para ser seu discípulo e apóstolo (9.9-13; 10.3).

Para quem foi escrito?

Para toda a humanidade, de modo geral, mas para os judeus, em particular. A intenção de dirigir-se, em primeiro lugar, aos judeus, pode ser vista nos seguintes fatos:

1) Ele cita o Antigo Testamento e faz mais referências a Ele do que qualquer outro autor do Novo testamento,

de modo que, se alguém deseja pregar aos judeus deve provar a sua doutrina pelas Escrituras antigas. Mateus faz dessas citações a verdadeira base do seu evangelho.

2) Trata do preparo do Messias para o desempenho de sua missão. Diante de Jesus, de seus ensinos e de suas obras poderosas, os discípulos reconheceram que o Mestre da Galileia não era um simples homem, mas Deus-Homem, o "Emanuel".

3) A ausência geral de explicações dos costumes judaicos demonstra que o evangelista escreveu a um povo familiarizado com esses costumes.

MARCOS

Tema

Marcos retratou Cristo como o "Servo" exposto por Isaías. A ênfase especial de Marcos recai sobre o poder sobrenatural de Jesus, apontando sua divindade por meio de milagres. Segundo Myer Pearlman, Marcos foi "escrito para um povo militar (os romanos), o evangelho de Marcos fornece uma breve narrativa de três anos do Capitão da nossa salvação, dirigida e terminada em prol da libertação de nossas almas e a derrota de Satanás, pelas obras de Cristo e seus sofrimentos, morte, ressurreição e triunfo final". [13]

Autor

João Marcos, que era filho de uma ilustre senhora chamada Maria, cuja residência, em Jerusalém, era local de reuniões para os discípulos de Jesus (At 12.12). Em Colossenses, somos informados de que Ele era primo de Barnabé (4.10).

Marcos acompanhou o apóstolo Paulo e Barnabé à Antioquia em sua primeira viagem missionária (At 12.25). Entretanto, ao chegar a Perge, da Panfília, retornou para Jerusalém (At 13.13).

Para quem foi escrito?

Acredita-se que foi escrito em Roma, entre 60 e 70 d.C. Ao produzir seu evangelho, Marcos visava apresentar a pessoa, a obra e os ensinamentos de Jesus aos cristãos em Roma.

Conteúdo

Marcos apresenta a pessoa de Cristo como "Servo de *Yahweh*" (Is 52.13; 53.11). O uso do título "Filho do Homem" ocorre quatorze vezes neste evangelho, e se interpreta na maioria dos casos de acordo com este conceito (8.31; 9.9.31; 10.33.45; 14.21.41). Entretanto, desde o início de seu evangelho, Marcos identifica o humilde Servo como sendo o próprio Filho de Deus, cujo ministério é autenticado por suas obras poderosas.

[1] MYER, Pearlman. Através da Bíblia livro por livro. 18ª ed., São Paulo: Editora Vida, 1996, p. 201.

LUCAS

Tema

O evangelho segundo Lucas apresenta-nos um relato preciso da vida de Cristo, homem perfeito e Salvador. Mateus apresentou Jesus como o Rei messiânico; Marcos, como o Servo sofredor; e Lucas, como o Homem perfeito, cheio de simpatia para com toda a humanidade, Salvador de todos os homens, sem distinção de qualquer espécie. Embora os evangelhos fossem destinados, em última análise, à totalidade da raça humana, parece que Mateus tinha em vista os judeus; Marcos, os romanos; e Lucas, os gregos.

Lucas escreveu especialmente para o povo grego, símbolo da cultura, da filosofia, da sabedoria e da educação, a fim de apresentar a gloriosa beleza e perfeição de Jesus, o Homem perfeito.

Autor

A autoria do terceiro evangelho tem sido atribuída a Lucas pela Igreja cristã. Lucas é o único autor sagrado do Novo Testamento e da Bíblia que não foi judeu. Era médico (Cl

4.14), companheiro inseparável do apóstolo Paulo, tanto na evangelização quanto nas prisões (Cl 4.14; Fm 24.2; 2Tm 4.11).

Para quem foi escrito?

É endereçado a um cristão particular chamado Teófilo (1.1-4). Não há duvida de que o relato era dirigido a um vasto círculo de leitores, incluindo os gentios e as pessoas em todas as partes.

JOÃO

Tema

O evangelho de João é um acervo de testemunhos que prova que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, conforme está declarado na referência 20.31: "Estes, porém, [atos do Cristo ressurgido] foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".

Autor

As tradições e correntes teológicas antigas têm atribuído ao apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, a autoria desse evangelho. De todos os apóstolos, foi João quem desfrutou de maior intimidade com o Mestre. Pertenceu ao círculo íntimo que consistia no próprio João, Pedro e Tiago, que tiveram o direito exclusivo de estar presentes nas grandes crises do ministério de Jesus, tais como a transfiguração e a agonia no Getsêmani. Foi João quem se inclinou sobre

o peito de seu Mestre durante a ceia da Páscoa; foi ele que, quando os outros discípulos tinham fugido, acompanhou seu Senhor ao julgamento (18.15). De todos os apóstolos, foi ele o único que esteve ao pé da cruz para receber a mensagem do Senhor antes de expiar (19.25-27). Essa intimidade e comunhão com o Senhor, juntamente com o meio século de experiências, como pastor e evangelista, qualificaram-no muito bem para escrever este evangelho, que contém as doutrinas mais espirituais e sublimes concernentes à pessoa de Cristo.

Para quem foi escrito?

Para os novos cristãos e os não cristãos. O evangelho de João foi escrito muitos anos depois dos outros evangelhos, provavelmente entre 80 e 90 d.C. João, a testemunha ocular, escolheu oito milagres de Jesus (sinais ou prodígios, como o escritor os chama), para revelar a natureza humana e divina e, também, a missão vivificante de Cristo. Vejamos esses sinais:

a) A transformação da água em vinho (2.1-11);
b) A cura do filho de um oficial do rei (4.46-54);
c) A cura do homem coxo, no tanque de Betesda (5.1-9);
d) A alimentação de mais de cinco mil pessoas pela multiplicação de alguns pães e peixes (6.1-14);
e) A caminhada de Jesus sobre as águas (6.16-21);

f) A restauração da vista de um homem cego (9.1-41);
g) A ressurreição de Lázaro (11.1-44);
h) A surpreendente pesca, após a ressurreição de Cristo (21.1-14).

ATOS DOS APÓSTOLOS

Tema

O livro de Atos dos Apóstolos fornece um relato preciso do nascimento e desenvolvimento da Igreja cristã e da proclamação do evangelho ao mundo então conhecido, de acordo com o mandamento de Cristo e pelo poder de seu Espírito (1.8).

Pode-se afirmar que esse livro é o relato do ministério de Cristo continuado por seus servos. Em Atos, seguimos a rota em que o evangelho foi anunciado: de Jerusalém a Samaria, da Palestina à Ásia Menor e da Grécia até Roma. Portanto, um dos assuntos principais do livro é a propagação do evangelho entre os gentios.

Autor

O autor de Atos dos apóstolos não se identifica pelo nome. Atos e o terceiro evangelho, certamente, nasceram da mesma pena. O grego *koiné*, utilizado em Lucas e Atos, quase clássico, demonstra que esses dois livros foram escritos por um

único autor. A dedicatória comum e, também, os interesses e a unidade de linguagem e estilo eliminam toda e qualquer dúvida. Tradicionalmente, Lucas, o médico e companheiro do apóstolo Paulo, é visto como autor do evangelho e de Atos.

Para quem foi escrito?

Particularmente, a certo Teófilo (Lc 1.3; At 1.1). Teófilo parece ter sido uma pessoa distinta, devido ao tratamento que Lucas lhe dá: "excelentíssimo", atribuído alhures aos governadores romanos da Judeia (At 23.26; 24.3; 26.25).

ROMANOS

Tema

Essa carta é uma resposta completa, lógica e reveladora à grande pergunta dos séculos: "Como o homem pode ser justificado para com Deus?" (Jó 9.2). Nessa epístola, o homem encontra justificação, única e exclusivamente, na misericórdia de Deus, em Cristo, que é oferecida no evangelho e recebida pela fé.

Paulo explica o que *fé* significa e como podemos alcançar a justiça de Cristo mediante essa mesma fé. Myer Pearlman resumiu o tema de Romanos da seguinte maneira: "A justificação dos pecadores, a santificação dos justificados, pela fé e pelo poder de Deus".[14]

Autor

Paulo estava em Corinto, no fim de sua terceira viagem missionária. Ali, encontrou uma irmã cristã, chamada Febe, de Cencreia, subúrbio de Corinto, que estava de viagem marcada para Roma (16.1,2), e Paulo aproveitou a oportunidade

para enviar, por meio dela, uma carta à igreja naquele lugar, falando de sua futura visita e dando aos romanos uma declaração das verdades que lhe tinham sido reveladas.

Quando foi escrita?

Na última visita de Paulo a Corinto, provavelmente na primavera de 57 d.C., ou, talvez, tenha sido no inverno de 57-58 d.C. (2Co 13.1; At 20.1,2).

[14]MYER, Pearlman. *Através da Bíblia livro por livro*, 18ª ed., São Paulo: Editora Vida, 1996, p. 253.

1Coríntios

Tema

Essa primeira epístola aos crentes de Corinto foi escrita com o propósito de corrigir as desordens que estavam ocorrendo naquela igreja, e também estabelecer aos fiéis um modelo de conduta cristã. Sem a presença de Paulo, a igreja de Corinto caiu em divisões e desordem. Então, a carta serviu para identificar os problemas no seio da igreja, ao mesmo tempo em que ofereceu soluções, ensinando aos crentes como deveriam viver em e para Cristo em uma sociedade corrupta.

Autor

Foi Paulo, cuja primeira visita do apóstolo a Corinto foi o período em que se verificou tratar-se de sua segunda viagem missionária. Enquanto Paulo estava em Éfeso, cerca de

440 km a Leste, do outro lado do mar Egeu, ouviu falar de desordens na igreja de Corinto por meio de uma delegação vinda daquela cidade. Ao que parece, Paulo já havia escrito uma epístola (agora perdida), instruindo os corintos em sua atitude para com os membros da igreja que tinham cometido pecados (5.9).

Na presente carta, Paulo responde a várias questões levantadas pela delegação. Um grave problema doutrinário dizia respeito à ressurreição. Outros problemas da comunidade eram: imoralidade, ações judiciais entre irmãos, falta de entendimento de certas questões práticas, como: casamento, adoração pública, celebração da Ceia do Senhor e uso dos dons espirituais.

Quando foi escrita?

Paulo demorou dezoito meses em Corinto, na sua primeira visita, viajando depois, por mar, até Éfeso; visitou Jerusalém e Antioquia, percorreu os lugares da Ásia Menor onde, anteriormente, tinha realizado um trabalho missionário, voltando, então, a Éfeso, onde demorou dois anos (At 18.11,23; 19.1).

Foi de Éfeso que Paulo escreveu a primeira carta aos irmãos de Corinto, talvez, um ano após sua chegada ali, em 55 d.C.

2CORÍNTIOS

Tema

Afirmar o ministério de Paulo, defender sua autoridade como apóstolo e refutar os falsos mestres em Corinto.

De todas as epístolas de Paulo, esta segunda carta aos crentes de Corinto é a mais pessoal. Trata-se de uma revelação de seu coração, dos seus sentimentos mais íntimos e dos seus motivos mais profundos. Esta exposição não foi uma tarefa fácil para o apóstolo, mas, uma tarefa bem desagradável. A presença de mestres falsos em Corinto colocava em dúvida a condição de Paulo como apóstolo e sua autoridade como líder. Ele, então, escreveu a segunda carta para defender sua posição e denunciar aqueles que estavam distorcendo a verdade.

Deve ter sido difícil para Paulo escrever a segunda carta, porque teve de listar suas credenciais como apóstolo. Ao fa-

zer essa defesa, foi obrigado a relatar experiências a respeito das quais ele preferia se calar por ser um humilde servo de Cristo, mas sabia que era necessário.

Para quem foi escrita?

Depois de escrever uma carta (que não chegou até nós), na qual repreendeu os coríntios um pouco severamente, enviou a segunda carta pelas mãos de Tito (2.3,4, 9; 7.5-16). Isto deixou o apóstolo muito preocupado e ansioso por saber, logo que possível, como os coríntios tinham reagido a tal reprovação. Tito teria de voltar pela Macedônia; Paulo deixou Éfeso e foi a Trôade, no intuito de encontrar Tito o mais breve possível (2.13). Desapontado em sua expectativa, Paulo foi à Macedônia, onde encontrou Tito, que lhe deu as novas de que aquela carta tivera efeito benéfico e que os coríntios haviam reconhecido plenamente o ministério apostólico de Paulo. Entretanto, havia uma pequena minoria que recusara a sua autoridade. Para consolar e animar os primeiros, e admoestar os últimos, Paulo escreveu a sua segunda carta.

Onde foi escrita?

Provavelmente, na Macedônia, durante a terceira viagem missionária do apóstolo Paulo.

GÁLATAS

Tema

Algum tempo depois de Paulo ter partido da Galácia, surgiram alguns mestres judeus insistindo em que os gentios deveriam observar a lei de Moisés. Essa questão foi resolvida no concílio de Jerusalém (Atos 15). Na ocasião, os pais da Igreja entenderam que os gentios eram justificados pela fé sem as obras da lei. Entretanto, esta decisão não convenceu o partido judaizante, que continuava insistindo em que, apesar de os gentios serem salvos pela fé, esta seria aperfeiçoada pela obediência à lei de Moisés.

Tem-se tornado evidente que a principal preocupação do apóstolo era que os gálatas não perdessem sua confiança no único e verdadeiro evangelho. É significativo observar quantas vezes a palavra evangelho aparece nesta pequena epístola, ora como substantivo, ora como elemento componente de um verbo (1.6,7, 8, 9, 11, 16,23; 2.2, 5, 7,14; 3.8; 4.13). A essência ou conteúdo deste evangelho é também afirmado e

reafirmado da seguinte forma: "Que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo" (2.16; cf. tb. 2.21; 3.9, 11; 4.2-6; 5.2-6; 6.14-16).

Esta epístola tem sido chamada de "o grito de guerra da Reforma", "a grande autora da liberdade religiosa", "a declaração da independência do cristão".[15]

Entre outros

Por que foi escrita?

Para refutar os mestres judaizantes (que ensinavam que os crentes gentios deveriam obedecer à lei judaica para serem salvos) e conclamar os cristãos à fé e à liberdade em Cristo.

Quando foi escrita?

Há uma grande diversidade de opiniões sobre este assunto. Alguns aceitam como data o encerramento da primeira viagem missionária (cerca de 50 d.C.) e como lugar de composição, Antioquia. Há, também, aqueles, no outro extremo, que dizem que foi na prisão romana, em 60 d.C. e depois.

Advogados da teoria da Galácia do Norte aceitam uma data um tanto quanto tardia, pois o apóstolo não teria entrado naquelas áreas até a sua segunda viagem missionária. Segundo esta teoria, Paulo teria visitado a Galácia do Norte durante a sua terceira viagem missionária, em Éfeso.

Por outro lado, a teoria da Galácia do Sul adota uma data

mais recuada, alegando que Paulo havia trabalhado na Galácia do Sul antes mesmo de qualquer grupo de igrejas. Portanto, a carta teria sido escrita na segunda viagem à cidade de Corinto, antes da chagada de Timóteo e Silas.[16]

EFÉSIOS

Tema

Devido à profundidade e sublimidade de sua doutrina, a carta aos Efésios é um dos documentos religiosos mais elevados que já foram produzidos. Tem sido apresentada por teólogos e estudiosos do Novo Testamento como a "Epístola do terceiro céu", escrita pelo apóstolo Paulo, por conter as mais significantes e profundas declarações sobre os eternos propósitos de Deus para com os homens.[17]

Não foi escrita para combater heresias ou enfrentar qualquer problema específico. Pelo contrário. Trata-se de uma carta de encorajamento, na qual Paulo descreve a natureza e a estrutura da Igreja e desafia os crentes a agirem como representantes do Corpo de Cristo na terra. Além disso, encerra as mais claras revelações divinas sobre a natureza e o destino da Igreja (cap.1, 3,5). Esta Igreja, pelos séculos vindouros, irá exibir, ante o Universo, a plenitude da vida divina, vivendo a vida de Deus, imitando o caráter de Deus, usando a armadura, lutando nas batalhas, perdoando como Deus perdoa, educando como Deus educa.

Tudo isto para que se cumpra a obra mais ampla pela qual Cristo há de ser o centro do Universo.

Por que foi escrita?

Seu principal propósito era fortalecer a fé dos crentes de Éfeso (ampliando seus horizontes, apertando ainda mais os laços de fraternidade que já os uniam) e explicar a natureza e o propósito da Igreja, o Corpo visível de Cristo na terra.

Quando foi escrita?

Essa é uma das quatro cartas que o apóstolo Paulo escreveu durante seu encarceramento em Roma (59-62 d.C.). Com exceção de Filipenses, as demais epístolas foram escritas na mesma ocasião e enviadas pelo mesmo mensageiro, conforme os textos de Tíquico 6.21, Colossenses 4.7-9 e Filemom 10-12.

---

1 CABRAL, Elienai. Comentário Bíblico: Efésios, 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.7.

FILIPENSES

Tema

Antigamente, a cidade de Filipos era chamada de Crenides ("pequenas fontes"). Foi somente em 350 a.C. que, em homenagem a Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande, passou a ser denominada de Filipos. Por volta do ano 168 a.C., a cidade passou ao domínio romano, quando a província da Macedônia foi subjugada. Em 42 a.C., tornou-se colônia romana (At 16.12).

A história da fundação da igreja nessa cidade é relatada em Atos 16. Trata-se da primeira igreja fundada pelo apóstolo Paulo na Europa, no período de sua segunda viagem missionária, por volta do ano 51 d.C.

Segundo Pearlman, a epístola aos Filipenses foi chamada de "o mais doce dos escritos de Paulo" e de a "mais formosa de todas as cartas de Paulo", na qual o apóstolo expõe o seu próprio coração e na qual, em cada sentença, brilha um amor mais terno do que o de uma mulher".[18]

Embora Paulo estivesse escrevendo da prisão, a alegria é o tema predominante nesta carta. Para encorajá-los na fé, Paulo mostra como viver uma vida cristã feliz, porque a verda-

deira alegria só pode vir do conhecimento pessoal de Cristo e da dependência de sua força.

Por que foi escrita?

Os fiéis da igreja filipense haviam enviado a Paulo uma oferta que deveria ser entregue por Epafrodito (4.18), que quase perdeu a vida na viagem. Mas, após o restabelecimento de Epafrodito (2.25-30; 4.18), Paulo o enviou a Filipos com esta epístola de agradecimento e exortação à igreja sobre as condições notificadas por Epafrodito ao apóstolo Paulo.

Quando foi escrita?

A autoria do apóstolo Paulo é incontestável. E estava preso quando escreveu, conforme lemos em Filipenses 1.7,12. Sabe-se que Paulo sofreu aprisionamento em Jerusalém, em Cesareia, em Roma e, na opinião de alguns, em Éfeso. As cidades de Roma, Cesareia e Éfeso têm sido, todas elas, sugeridas como lugares de onde Paulo poderia ter escrito essa epístola.

Se, porventura, a epístola aos Filipenses foi escrita em Éfeso, então, teríamos de datá-la entre os anos 53 e 54 d.C., o que significaria que foi produzida antes da primeira epístola aos Coríntios. Por outro lado, se Paulo escreveu em Cesareia, então, sua data teria sido entre os anos 56 e 58 d.C. Mas, se a escreveu em Roma, então, deve ser datada depois do ano 59 d.C., quando Paulo chegou, pela primeira vez, a Roma. Desde tempos antigos, tornou-se costume supor que todas as "epístolas da prisão" foram escritas em Roma, lugar

onde Paulo passou seu mais prolongado e famoso período de encarceramento. Vale ressaltar que esta questão não se reveste de importância capital.

COLOSSENSES

Tema

O motivo que levou Paulo a escrever essa carta foi a introdução de doutrinas errôneas na igreja. Paulo nunca tinha visitado Colossos. Evidentemente, a igreja havia sido fundada por Epafras e outros cristãos que se converteram durante as viagens missionárias do apóstolo. A igreja, porém, havia sofrido a infiltração de um relativismo religioso por conta de alguns crentes que tentavam combinar elementos do paganismo e da filosofia secular com a doutrina cristã. Escrevendo da prisão, Paulo combateu esses falsos ensinos.

A heresia resultante desse amálgama de doutrinas, mais tarde, se tornou conhecida como gnosticismo, pois enfatizava o conhecimento especial (*gnosis*, em grego) e negava a Cristo a condição de Deus e Salvador. Os gnósticos vangloriavam-se de possuírem uma sabedoria muito mais profunda do que aquela revelada nas Escrituras Sagradas, uma sabedoria que era propriedade de alguns favorecidos.

Por que foi escrita?

Os colossenses, tendo ouvido falar da prisão de Paulo, enviaram Epafras, o seu ministro, para informar ao apóstolo sobre a situação (1.7-8). Por meio de Epafras, Paulo ficou sabendo que falsos mestres procuravam acrescentar à fé cristã uma doutrina que nada mais era do que uma mistura de judaísmo e filosofia pagã. Para combater esse erro, Paulo escreveu a epístola, quando estava encarcerado em Roma.

Quando foi escrita?

Enviada por Tíquico, o mesmo mensageiro que levou as epístolas aos Efésios e a Filemom, foi escrita mais ou menos no mesmo tempo em foi produzida a carta aos Efésios.

1TESSALONICENSES

Tema

Após receber informações da perseguição que aqueles irmãos estavam enfrentando na nova igreja que os missionários haviam deixado em Tessalônica, Paulo escreveu aos tessalonicenses esclarecendo os diversos assuntos sobre os quais eles desejavam esclarecimentos suplementares, especialmente em relação ao ensino da volta de Cristo. Alguns membros da congregação tinham falecido desde que Paulo havia deixado a cidade, e os fiéis estavam ansiosos para saber se aqueles irmãos, como consequência, sofreriam alguma desvantagem no regresso de Jesus, em comparação àqueles que ainda estivessem vivos. Entendemos que o texto da referência 4.17 é a porção central dessa epístola: "Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor".

Por que foi escrita?

Com o propósito de salientar a necessidade de encorajar os crentes em face das perseguições (3.1-5), além de eliminar dúvidas levantadas, principalmente, a respeito da segunda vinda do Senhor.

Onde foi escrita?

Na cidade de Corinto, pouco depois de Paulo partir de Tessalônica, em sua segunda viagem missionária.

2TESSALONICENSES

Tema

Chegou aos ouvidos do apóstolo Paulo, pelos próprios homens que entregaram a primeira carta, que a perseguição aos cristãos em Tessalônica havia aumentado, devido ao fato de alguns terem interpretado mal o seu ensino a respeito da segunda vinda de Cristo. Ao pregar que Jesus poderia voltar a qualquer momento, fez que alguns parassem de trabalhar e passassem apenas a esperar, procurando, no ensino de Paulo, justificativas para sua ociosidade.

Por que foi escrita?

O propósito de Paulo nesta epístola é semelhante ao da primeira, tendo as seguintes finalidades:

1) Animar os novos convertidos durante um novo surto de perseguições (1.4).
2) Corrigir o mal-entendido sobre a volta do Senhor, infor-

mando que certos eventos precisam ocorrer antes da segunda vinda (2.1-12).

3) Para censurar aqueles que se comportavam desordenadamente (3.6), exortando-os a dar bom testemunho cristão e a trabalhar cada um pelo seu sustento.

Quando foi escrita?

Pouco tempo depois da primeira epístola. Provavelmente, foi escrita na cidade de Corinto.[19]

[19]HENDRIKSEN, William. 1 e 2Tessalonicenses. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 25.

1Timóteo

Tema

Desde o século 18, as três cartas do apóstolo Paulo, escritas para dois cooperadores dele mais jovens, são chamadas de epístolas pastorais. Estamos nos referindo às cartas de 1 e 2Timóteo e Tito.

A epístola que agora estamos estudando foi escrita a Timóteo, assíduo companheiro de viagens e amigo íntimo de Paulo. O apóstolo havia enviado Timóteo à igreja em Éfeso para deter o falso ensino que ali havia surgido (1.3,4). Timóteo, provavelmente, serviu por algum tempo como líder na igreja de Éfeso. Paulo desejava visitá-lo (3.14,15; 4.13), mas, enquanto isso, escreveu essa carta para dar a Timóteo instruções práticas sobre o ministério.

Por que foi escrita?

Para encorajar e instruir Timóteo sobre seu ministério e sua vida pessoal, e para lhe dar autoridade perante a igreja,

a fim de desempenhar uma dificílima tarefa: denunciar os ensinos dos falsos mestres.

Quando foi escrita?

Em 64 d.C. aproximadamente, sendo enviada, talvez, da Macedônia ou de Filipos.

2TIMÓTEO

Tema

Depois de ter deixado Tito em Creta, Paulo navegou rumo ao Norte com a intenção de ir a Nicópolis passando por Trôade e Macedônia (Tt 3.12). Trófimo, seu companheiro, adoeceu durante a viagem e ficou em Mileto (4.20). Navegando para Trôade, o apóstolo permaneceu na casa de um homem chamado Carpo. Naquele tempo, se levantou a perseguição contra os cristãos, instigada pelo imperador Nero, que os acusou de terem incendiado Roma. Paulo, o líder reconhecido dos cristãos, foi preso, provavelmente em Trôade, e a sua prisão deve ter sido tão repentina que algumas coisas que lhe pertenciam ficaram na casa de Carpo (4.13). Ao chegar a Roma, o apóstolo foi encerrado. Sabendo que seu ministério chegara ao fim, e que sua morte se aproximava (4.6-8,18), começou a escrever seus pensamentos finais a seu "filho" Timóteo, rogando-lhe que o visitasse o mais depressa

possível (4.9, 21). Paulo necessitava muito do seu filho na fé, porque os da Ásia, que deviam apoiá-lo, abandonaram-no.

Por que foi escrita?

Timóteo é retratado como um jovem muito novo, enfermiço, tímido, carente de espírito enérgico. Assim sendo, o apóstolo o exorta incisivamente a defender o evangelho, a pregar a Palavra de Deus, a perseverar na tribulação e a cumprir sua missão, o que somente seria possível pela ajuda do "Espírito Santo que habita em nós" (1.14).

Quando foi escrita?

Aproximadamente, entre os anos 66 e 67 d.C., antes de sua iminente execução por ordem do imperador Nero, em Roma, uns 35 anos depois da sua conversão a Cristo.

TITO

Tema

De acordo com essa carta, que leva o seu nome, Tito fora deixado na ilha de Creta (a sudoeste da Ásia Menor, no mar Mediterrâneo), depois que Paulo e ele haviam evangelizado aquele lugar. Algum tempo depois, Paulo escreveu esta carta a Tito, encarregando-o de colocar em ordem aquilo que ainda não tinha sido realizado. Ou seja, a nomeação de presbíteros nas várias igrejas da ilha (1.5).

Nesta carta, o apóstolo Paulo informa sobre seus planos para enviar Ártemas ou Tíquico para substituir Tito, o que aconteceria em breve (3.12).

Por que foi escrita?

Paulo instrui Tito sobre como organizar e liderar as igrejas. Paulo começa com uma saudação e uma introdução mais longa do que as habituais, esboçando a progressão da liderança: o ministério de Paulo (1.1-3), as responsabilidades

de Tito (1.4,5) e os líderes que Tito designaria e treinaria (1.5). O apóstolo, então, lista qualificações pastorais (1.6-9) e contrasta os presbíteros fiéis com os falsos líderes e mestres (1.10-16).

Em seguida, Paulo enfatiza a importância das boas obras na vida do cristão, dizendo a Tito como se relacionar com pessoas de variadas faixas etárias na igreja (2.2-6). Exorta, ainda, Tito a ser um bom exemplo de crente maduro, praticando boas obras (2.7-8), a ensinar com coragem e convicção (2.9-15), a estar pronto a fazer tudo o que é bom (3.1) e a praticar boas obras (3.8), a fim de ser produtivo (3.14).

Quando foi escrita?

Em 64 d.C., sendo enviada, provavelmente, da Macedônia ou, talvez, de Filipos, na mesma época em que a primeira epístola a Timóteo foi escrita.

FILEMOM

Tema

Paulo escreveu esta carta, provavelmente, durante sua primeira prisão em Roma (At 28.16-31). A epístola a Filemom é um pedido pessoal do apóstolo Paulo em favor de um escravo chamado Onésimo que pertencia, legalmente, a Filemom, membro da igreja colossense e amigo de Paulo. O escravo havia roubado o seu dono e fugido para Roma, onde conheceu o apóstolo Paulo, e lá respondeu às boas-novas e converteu-se à fé em Cristo (1.10). Paulo escreve esta epístola rogando a Filemom, como irmão na fé cristã (v. 8, 9, 20,21), para receber Onésimo de volta, não como escravo, mas como irmão em Cristo (v. 15,16), se oferecendo para restituir o dano causado (v. 18).

Por que foi escrita?

Segundo a lei romana, um escravo fugitivo era passível de pena de morte. Diante desse fato, Paulo escreve essa epístola

com o intuito de interceder a favor de Onésimo, escravo e fugitivo. A intercessão de Paulo por ele ilustra o que Cristo fez por nós. Assim como Paulo intercedeu por um escravo, Cristo também intercedeu por nós, que éramos escravos do pecado. Da mesma forma que Onésimo foi reconciliado com Filemom, somos reconciliados com Deus por meio de Cristo. Assim como Paulo se ofereceu para pagar as dívidas de um escravo, Cristo pagou a nossa dívida de pecado. Como Onésimo, devemos nos voltar para Deus, nosso Mestre, e servi-lo.

Quando foi escrita?

Essa é uma das quatro cartas que o apóstolo Paulo escreveu durante seu encarceramento em Roma. Esta epístola, direcionada a Filemom, foi enviada pelo mesmo mensageiro que levou as epístolas aos Colossenses e aos Efésios: Tíquico, sendo escrita, mais ou menos, no mesmo tempo da epístola aos Efésios (5962 d.C.).[20]

[20] HALLEY, H.H. Manual Bíblico de Halley. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 677.

HEBREUS

Tema

Hebreus é um documento magistral, escrito tanto para judeus crentes como para os que estavam avaliando Jesus ou lutando com esta nova fé. Não há nenhum livro da Santa Escritura que tão claramente fale do sacerdócio de Cristo, tão sublimemente exalte a virtude e a dignidade daquele único e genuíno sacrifício que Jesus Cristo ofereceu por meio de sua morte, que tão ricamente trate do uso das cerimônias tanto quanto de sua remoção e, numa palavra, tão plenamente explique que Cristo é o cumprimento da lei.

A mensagem deste livro é que Jesus é o melhor, o supremo e o suficiente Salvador. O autor procura demonstrar cuidadosamente a verdadeira identidade de Jesus Cristo, sendo superior aos anjos (1.4-6), aos líderes religiosos (3.1; 4.13) e a qualquer sacerdote (4.14; 7.28). O cristianismo ultrapassa o judaísmo por ter uma aliança melhor (8.1-13), um santuário melhor (9.1-10) e um sacrifício suficiente pelos pecados

(9.11; 10.18). Tendo estabelecido a superioridade do cristianismo, o escritor parte para as implicações práticas de seguir a Cristo. Os leitores são exortados a apegar-se à sua nova fé, a encorajar uns aos outros e a aguardar ansiosamente a volta de Cristo (10.19-25). São advertidos das consequências de rejeitar o sacrifício de Cristo (10.26-31) e lembrados das recompensas da fidelidade (10.32-39). Então, o autor explica como viver pela fé, citando exemplos de homens e mulheres fiéis na história de Israel (11.1-40), encorajando-os e exortando-os quanto ao cotidiano cristão (12.1-17).

Por que foi escrita?

O objetivo inicial é demonstrar aos judeus que Jesus, o filho de Maria, era o Cristo, o Redentor que lhes fora prometido nas Escrituras.

Quando foi escrita?

Provavelmente, antes da destruição do templo em Jerusalém, no ano 70 d.C.

TIAGO

Tema

Aqui se inicia uma série de epístolas denominadas "universais", que são diferentes das epístolas de Paulo, porque não são endereçadas a nenhuma igreja em particular, mas aos crentes em geral, exceto 2 e 3João. O escritor foi Tiago, que era meio-irmão de Jesus (Gl 1.19) e líder da Igreja em Jerusalém (At 12.17; 15.13). Tiago começa sua carta esboçando algumas características gerais da vida cristã (1.1-27). A seguir, exorta os cristãos a agirem de forma honesta na sociedade (2.1-13); adverte solenemente contra a pecaminosidade de uma língua desenfreada (3.1-12); e distingue dois tipos de sabedoria: a terrena e a divina. Tiago encerra ressaltando a paciência (5.7-11), exortando-os a orar uns pelos outros (5.13-18) e, por fim, a permanecerem fiéis a Deus (5.19,20).

Em toda esta epístola, destaca-se a relação entre a fé genuína e a vida piedosa. A fé verdadeira é provada (1.2-16), é ativa (1.19-27), ama o próximo (2.1-13), manifesta-se pelas boas obras (2.14-

26), domina a língua (3.1-12), deseja a sabedoria de Deus (3.13-18), confia em Deus (4.13-17), é paciente (5.7-12) e diligente em oração (5.13-20).

Por que foi escrita?

Para encorajar os cristãos judeus que tinham sido espalhados por todo o Mediterrâneo por causa das várias provações e perseguições; expor as práticas hipócritas e ensinar o correto comportamento cristão.

Quando foi escrita?

Segundo consta, essa epístola é o mais antigo de todos os documentos do Novo Testamento. Não há precisão quanto à data em que foi escrita. Alguns dizem que foi em 48 d.C. (Bíblia de Estudos Pentecostal). Outros, mais radicais, dizem que foi em 40 d.C. Ainda para outros, foi escrita perto do fim da vida de Tiago, provavelmente no ano 60 d.C.

1Pedro

Tema

Ao longo do Império Romano, os cristãos estavam sendo torturados e mortos por causa de sua fé, e a igreja de Jerusalém estava sendo dispersa. Pedro conhecia bem a perseguição. Espancado e preso, ele havia sido frequentemente ameaçado. Viu seus companheiros cristãos morrerem e a igreja ser dispersa. Todavia, ele conhecia Cristo e nada poderia abalar sua confiança em seu Senhor. Então, escreve aos judeus expulsos de Jerusalém e espalhados por toda a Ásia Menor, e a todos os cristãos, encorajando-os a permanecer firmes diante dos sofrimentos pelo fato de serem chamados de cristãos.

Por que foi escrita?

Para encorajar a igreja dispersa que sofria pela fé, oferecendo-lhe conforto e esperança, exortando-a a ser leal a Cristo, tal como fazem todos os demais documentos do Novo Testamento.

Quando foi escrita?

Pedro escreveu na Babilônia (5.13). Várias identificações do local têm sido sugeridas, entre elas (a) um posto militar no Egito, (b) pode referir-se literalmente à cidade de Babilônia, na Mesopotâmia, e (c) pode ser uma expressão figurada referente a Roma. As tradições apóiam esta última alternativa, antes do irromper da perseguição ordenada por Nero, quando o apóstolo Pedro sofreu martírio, sendo crucificado de cabeça para baixo, no máximo até 68 d.C.

2PEDRO

Tema

Enquanto a primeira epístola de Pedro trata do perigo externo: as perseguições, a segunda adverte do perigo interno: a falsa doutrina. Anteriormente,Pedro havia escrito com a finalidade de confortar e encorajar os crentes em meio ao sofrimento e à perseguição. Agora, três anos mais tarde, nesta carta, que continha suas últimas palavras, o apóstolo escreveu para advertir os cristãos de um ataque interno: as heresias.

Por que foi escrita?

Pedro sabia que seu tempo estava próximo (1.13,14). Por essa razão, escreveu sobre o que estava por vir, advertindo os cristãos do que aconteceria após a sua partida, especialmente da presença dos falsos mestres. Ele mesmo declara o seu propósito, explicando o motivo que o levou a escrever (3.1-18): lembrá-los das palavras dos profetas e dos apóstolos que pre-

disseram a vinda de falsos mestres, dar razão da demora da volta de Cristo (3.1-13) e encorajá-los, a fim de que estejam atentos às heresias e a crescerem na fé genuína (3.14-18).

Quando foi escrita?

Aproximadamente, no ano 67 d.C., três anos após a sua primeira carta ter sido escrita. Possivelmente, foi produzida em Roma.

1JOÃO

Tema

Falsos profetas haviam entrado no seio da igreja, negando a encarnação de Cristo. Ensinavam que a matéria era essencialmente ruim e o espírito, essencialmente bom,[21] de forma que Deus nunca poderia habitar em um corpo material de carne e sangue. Portanto, o corpo humano que Jesus possuía não era real, apenas aparente. João se refere a esses ensinamentos como enganosos (2.26; 3.7) e a seus mestres como "falsos profetas" (4.1), "mentirosos" (2.22) e "anticristos" (2.18,22; 4.3). O apóstolo escreveu para corrigir os sérios erros cometidos por aqueles irmãos, apresentando Deus como "luz", simbolizando pureza e santidade absolutas (1.5-7), além de explicar como os cristãos podem andar na luz e ter comunhão com Deus (1.8-10) por meio de seu Filho, Jesus, que é "o verdadeiro Deus e a vida eterna" (5.20).

Por que foi escrita?

Como testemunha ocular de Jesus Cristo, ele escreveu com o propósito de reafirmar a confiança dos cristãos em sua fé e refutar as heresias dos falsos mestres.

Quando foi escrita?

Provavelmente, entre os anos 85 e 90 d.C., de Éfeso.

21Cf. p. 22, que fala sobre docetismo.

2JOÃO

Tema

O apóstolo João escreve essa carta para uma senhora cristã e sua família com o intuito de instruí-los quanto ao tratamento para com os falsos mestres: a não lhes dar hospitalidade. Aqueles que implantavam falsos ensinos eram um problema perigoso para a igreja, pois atacavam os fundamentos do cristianismo. A palavra verdade é empregada cinco vezes nos quatro primeiros versículos: "Aos quais amo na verdade" (v.1); "Todos os que têm conhecido a verdade" (v.1); "A verdade que permanece em nós" (v.2); "A graça, a misericórdia e a paz [...] estarão conosco em verdade e em amor"; (v.3) e "Andando na verdade" (v.4).

Para quem foi escrita?

Para aquela família e para a igreja em geral, a fim de enfatizar os aspectos básicos de seguir a Cristo: verdade e amor, e advertir contra os falsos mestres itinerantes.

Quando foi escrita?

Provavelmente, entre os anos 85 e 90 d.C., de Éfeso.

3JOÃO

Tema

Esta carta é endereçada a um fiel cristão chamado Gaio (v.1), talvez, tenha se convertido pela pregação de Paulo (1Co 1.14; Rm 16.23), em cuja casa uma igreja se reunia. Na carta anterior, o apóstolo João proibiu a hospitalidade para com os falsos mestres; aqui, ele estimula a hospitalidade. Uma das palavras proferidas pelo apóstolo João é "verdade", que a emprega mais de vinte vezes no evangelho, nove em 1João, cinco em 2 João e cinco agora, nesta última e brevíssima carta. Vejamos: amar em verdade (v.1), fidelidade à verdade, andar na verdade (v.3), cooperar em favor da verdade (v.8), testemunho da verdade (v.12).

Por que foi escrita?

Para estimular Gaio em sua generosidade e repreender Diótrefes por sua arrogância, além de anunciar sua intenção de, em breve, ir visitá-lo (v.14).

Quando foi escrita?

Assim como as outras duas, essa, provavelmente, também deve ter sido escrita entre os anos 85 e 90 d.C., de Éfeso.

JUDAS

Tema

O seu autor tem sido identificado como sendo "Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago" (v.1). Seis homens aparecem nas Escrituras com este nome: Judas Iscariotes, escolhido por Jesus para ser apóstolo (Mt 10.4); o irmão de Jesus (Mt 13.55); o apóstolo, filho de Tiago, também chamado de Tadeu (Mt 10.3; Lc 6.16); um cristão de Damasco, em cuja casa Paulo se hospedou, após sua conversão (At 9.11); um cristão que se destacou na igreja de Jerusalém, também chamado de Barsabás (At 15.22-32) e, por fim, Judas, o Galileu, um revolucionário (At 5.37).

A Igreja primitiva tem identificado Judas como sendo o meio-irmão de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). Assim como seus outros irmãos, Judas também não creu em Jesus. Ele só passou a crer em Jesus após o Senhor ter ressuscitado (Mc 3.21,31; At 1.14).

Judas mostra urgência em seu propósito de advertir os cris-

tãos contra os falsos mestres, conclamando os servos de Cristo a "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (v.3).

Por que foi escrita?

Seu propósito era fazer com que reconhecessem o perigo dos falsos ensinos e protegessem a si próprios e aos outros crentes. Exorta seus leitores a crescerem no conhecimento da verdade cristã (v. 20), para que tenham um testemunho firme da verdade (v.3) e para que procurem resgatar aqueles cuja fé estava hesitante (v. 22,23).

Quando foi escrita?

Não é pacífica a doutrina em relação à data em que esta carta foi escrita. Para alguns, foi escrita antes de 2 Pedro, portanto, antes do ano 65 d.C. Para outros, depois de 2 Pedro, como muitos estudiosos acreditam, por volta do ano 80 d.C.

APOCALIPSE

Tema

Este último livro da Bíblia encerra toda a revelação de Deus e narra o fim de todas as coisas. De maneira muito clara e detalhada, encontramos nesse livro o registro do fim da história da humanidade e do destino de cada pessoa. Tudo isso está em um livro fechado com sete selos, os quais ninguém pode abrir, a não ser o Cordeiro de Deus "que foi morto, desde a fundação do mundo" (13.8).

O apóstolo João inicia este livro expondo como recebeu a revelação da parte de Deus (1.1-20). Em seguida, registra mensagem especificas de Jesus às sete igrejas que estavam na Ásia (2.1-29; 3.1-22). De repente, o cenário se transforma, e imagens dramáticas e majestosas irrompem perante os olhos de João. Essa série de visões retrata o futuro ressurgimento do mal culminando com a manifestação do anticristo (13.1-18). Em seguida, João faz a narração detalhada do triunfo do Rei dos reis (19.16), das bodas do Cordeiro (19.7), do juízo

final e da chegada da Nova Jerusalém vinda do céu (21.2), findando com a promessa da volta de Cristo (22.6-21).

Uma chave para se entender o livro de Apocalipse é o estudo do livro de Daniel. O Apocalipse faz referências aos escritos de Daniel mais que qualquer outro livro das Sagradas Escrituras, portanto, o estudo do livro de Daniel (módulo 3), providenciou o fundamento necessário para a análise que agora iniciaremos.

Por que foi escrita?

Para mostrar que o Senhor não permitirá que o mal prevaleça, mas que o reino de Deus será instituído na terra. Um dia, a ira de Deus pelos pecados será plena e completamente liberada sobre a face da terra, porém, aqueles que não rejeitaram a Cristo escaparão do castigo de Deus sobre os ingratos e desobedientes.

Quando foi escrita?

Assim com a epístola de Judas, não é pacífica a doutrina em relação à data em que esse livro foi escrito, variando desde os dias do imperador Cláudio (41-54 d.C.) até os dias de Trajano (98-112 d.C.). Entretanto, a corrente predominante é a que prefere pensar em 95 d.C., já no fim do governo de Domiciano (81-96 d.C.).

Referências

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

Bíblia de Referência Thompson. São Paulo: Editora Vida, 1990.

BOYD, Frank M. *Comentário Bíblico: Gálatas, Filipenses, 1 e 2Tessalonicenses e Hebreus.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

CABRAL, Elienai. *Comentário bíblico: Efésios.* 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CALVINO, João. *As pastorais.* São Paulo: Edições Parakletos, 1998.

CALVINO, João. *Gálatas.* São Paulo: Edições Parakletos, 1998.

CALVINO, João. *Hebreus.* São Paulo: Edições Parakletos, 1997.

CALVINO, João. *Romanos.* São Paulo: Edições Parakletos, 2001.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado.* Vol. 4, 5,6. 9ª ed. São Paulo: Candeia, 1995.

DAVIDSON, F. O Novo Comentário da Bíblia. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FEE, Gordon D. 1 e 2Timóteo, Tito. São Paulo: Editora Vida, 1994.

HALLEY, H. H. Manual Bíblico de Halley. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HENDRIKSEN, William. *1 e 2 Tessalonicenses*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

HENDRIKSEN, William. *Gálatas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

MICHAELS, J. Ramsey. *João*. São Paulo: Editora Vida, 1994.

PEARLAMN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. 18ª ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

TOGNINI, Enéas e BENTES, João Marques. *Janelas para o Novo Testamento*. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.

WILLIANS, David J. *Atos*. São Paulo: Editora Vida, 1996.

"Ó PROFUNDIDADE DAS RIQUEZAS..."

"Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu"
(Rm 1.21)

Nesse grande texto do apóstolo Paulo, está uma importante lição sobre o estudo de Deus, ou seja, sobre o estudo teológico. Com esse aprendizado, passamos a conhecer o SENHOR, para glorificá-lo como Deus, o Deus que Ele é!
Não estudamos para sermos os melhores. Não estudamos para vencermos debates doutrinários! O próprio Deus nos capacitou com intelecto para que tivéssemos a capacidade de sondá-lo e conhecê-lo!
E é justamente nesse sentido que apresentamos a ENCICLOPÉDIA ESTUDOS DE TEOLOGIA. Uma referência que faltava aos estudantes cristãos. Preocupados em conhecer melhor o Senhor!
Com conteúdo considerado essencial para o entendimento das mais diversas doutrinas bíblicas, esta é a única obra do gênero que contempla as principais matérias estudadas em salas de aulas dos principais cursos de teologia do Brasil e no exterior.
Todas as disciplinas foram desenvolvidas com dialética própria ao cristão interessado em compreender melhor o Senhor Deus e a sua Palavra.
Agora, você, amado, tem condições de sair das "águas rasas" e mergulhar em "águas profundas", e, até mesmo, gritar como Paulo: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33,34).

— Os editores, inverno de 2013

Editora Semeie

ISBN 978-8-566804-00-3

9 788566 804003